Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Maria Izolda de Oliveira Barreto

Egressos da Fazenda da Esperança de Manaus: Recaída, por que?

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Ilda Lopes Rodrigues da Silva

Rio de Janeiro, Março de 2011

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Maria Izolda de Oliveira Barreto

Egressos da Fazenda da Esperança de Manaus: Recaída, por que?

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Ilda Lopes Rodrigues da Silva
Orientador
Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profa. Sueli Bulhões da Silva
Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Prof. Jorge Adelino Rodrigues da Silva
UFRJ

Profa. Mônica Herz
Vice-Decana de Pós-Graduação do
Centro de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 04 de março de 2011

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Maria Izolda de Oliveira Barreto

Graduou-se em Serviço Social pela UFAM (Universidade Federal do Amazonas), em 1983. Terminou o Curso de MBA em Gestão de Instituições de Ensino Superior, em 2007, no Centro Universitário do Norte - UNINORTE. Exerceu o cargo de Diretora de Ensino de Graduação do Uninorte no período de 2004-2010 e atualmente é Diretora Administrativa Adjunta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Ficha Catalográfica

Barreto, Maria Izolda de Oliveira

Egressos da Fazenda da Esperança de Manaus: recaída, por quê? / Maria Izolda de Oliveira Barreto; orientadora: Ilda Lopes Rodrigues da Silva. – 2011.

217 f. : il. (color.); 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2011 .

Inclui bibliografia.

1. Serviço social – Teses. 2. Drogadição. 3. Família. 4. Tratamento. 5. Recaída. 6. Fazenda da Esperança. I. Silva, Ilda Lopes Rodrigues da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

CDD: 361

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

A Deus em primeiro lugar, pelo dom da vida e por guiar e iluminar o meu caminho, me dar forças para continuar e lutar sempre.
Aos meus familiares pelo incentivo e amor incondicional em todas as etapas da minha vida.
Ao meu marido, Delman de Carvalho Perez, pela amizade, carinho, companheirismo, paciência, apoio e amor nos momentos mais difíceis da construção deste trabalho.

Agradecimentos

À Professora Drª. Ilda Lopes Rodrigues da Silva, pesquisadora e orientadora, que com seus ensinamentos e paciência contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Professor e amigo Waldery Areosa Ferreira que me incentivou a participar deste mestrado e me encorajou em momentos de desânimo.

Ao Centro Universitário do Norte – UNINORTE, por ter oportunizado a participação no curso de mestrado.

À PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao Padre Anderson Joaquim de Carvalho Fontes, coordenador da Fazenda da Esperança de Manaus, que permitiu o acesso aos documentos necessários, disponibilizou espaços, tempo, participou da marcação das entrevistas, enfim, contribuiu de todas as formas para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos funcionários da Fazenda da Esperança de Manaus, Péricles e Cláudia, que não mediram esforços para atender as minhas solicitações.

Ao Padre Cesar Santos, ao Nelson Giovanelli e à Iraci Leite pela disponibilização do vasto material sobre a Fazenda da Esperança e a Família da Esperança e que em muito contribuíram para que a trajetória da Obra fosse fielmente retratada.

Aos participantes desta pesquisa, que colaboraram e me permitiram, de forma tão íntima, participar de suas vidas refletindo sobre suas vivências e, com isso, tornando possível a realização deste trabalho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

À Mariluce Santiago, colega de trabalho, pela valiosa colaboração para a conclusão deste trabalho.

As minhas amigas: Leny Louzada, Ana Garrido, Mary Ane, Darci Neves, Genilza Batista, Lenilze Areosa, Tânia Santos, Ana Flávia Moraes, Mara Rúbia, que compartilharam comigo das angústias inevitáveis desse processo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Resumo

Barreto, Maria Izolda de Oliveira. Silva, Ilda Lopes Rodrigues da. **Egressos da Fazenda da Esperança de Manaus: Recaída, por quê?** Rio de Janeiro, 2011. 217p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa parte de uma experiência prévia construída na unidade masculina da Fazenda da Esperança – FE de Manaus, comunidade terapêutica que trabalha na recuperação de dependentes de substâncias psicoativas. Foi com base nessa experiência que se buscou o entendimento de questões que se tornaram relevantes por interferir diretamente na vida dos egressos da FE e dos seus familiares: a recaída. O objetivo deste trabalho foi compreender os motivos que levam o egresso da Fazenda da Esperança a retornar ao uso abusivo de drogas. Para o desenvolvimento do estudo utilizou-se a pesquisa de natureza qualitativa através da qual foram lidos os prontuários dos egressos do período 2005-2008 e realizadas entrevistas semi-estruturadas com egressos e membros das suas respectivas famílias. O material coletado subsidiou a elaboração do perfil do egresso entrevistado e de sua família, como também permitiu conhecer a trajetória do mesmo desde a sua internação até seu retorno à família, posterior recaída e a volta à sobriedade. Participaram do estudo: cinco egressos e seis familiares. Os resultados da pesquisa referem: que não houve a implicação direta da família no processo de recaída do seu adicto; que a recaída fez parte do processo de recuperação e que para alguns adictos ela se fez necessária; que a recaída dos entrevistados foi ocasionada pela falta de cuidados que a sobriedade requer; que há um confronto da vida que vivenciaram na FE com a vida que encontram na sociedade; que a família é a maior referência para o seu adicto e que a sua participação em todas as etapas do processo de recuperação do seu parente é fundamental e imprescindível.

Palavras-chave

Drogadição, Família, Tratamento, Recaída, Fazenda da Esperança.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Abstract

Barreto, Maria Izolda de Oliveira. Silva, Ilda Lopes Rodrigues da (Advisor). **Ex residents from Fazenda da Esperança in Manaus: Why the relapse?** Rio de Janeiro, 2011. 217p. MSc. Dissertation - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research starts from on previous experience built in male ward of Fazenda da Esperança - FE Manaus, therapeutic community that works in recovery from substance dependents. It was based on this experience that has sought the understanding of issues that became relevant to directly interfere in the lives of ex residents from Fazenda da Esperança and their relatives: the relapse. The aim of this study was to understand the reasons why the ex residents from Fazenda da Esperança return to drug abuse. To the study development it was used the qualitative research of which were read through the ex residents records from 2005 to 2008 and researches semi-structured were done with the ex residents and members of their families. The collected material supported the elaboration of the interviewed ex residents profile and their families, but also helped to identify his trajectory, since the admission until his return to the family, subsequent relapse and return to sobriety. Five former students and six families took part of the study. The result of the study relates: there was no family's implication in the process of relapse of his addict, that the relapse takes part of the recovering process and that for some addicts it is necessary, that the relapse of the interviewed was caused by lack of care that requires sobriety, there is a confrontation of life is lived in faith to life in society, the family is the major reference for addict and her participation in all stages of the relative's recovering process is fundamental and essential.

Keywords

Drug addits, Family, Trestment, Relapse, Fazenda da Esperança.

Sumário

1. Introdução 14

2. Família 19
2.1 Drogadição e relações familiares 29
2.2 Participação da família no tratamento e pós, prevenção e recaída 43

3. Drogadição 52
3.1 Drogadicto e a dependência 55
3.2 Avanços do narcotráfico 64

4. A Fazenda da Esperança 82
4.1 Filosofia e tratamento 91
4.2 A Fazenda de Manaus 107

5. Egresso, recaídas e sobriedade 119
5.1 Perfil do egresso 121
5.2 Permanência/Saída da Fazenda da Esperança 144
5.3 Familiar do egresso: recaída e sobriedade 171

6. Considerações Finais 189

7. Referências Bibliográficas 195

8. Anexos 209

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Lista de Tabelas

Tabela 1- Alunos que já sofreram algum episódio de embriaguez 71

Tabela 2- Alunos que usaram drogas ilícitas alguma vez 71

Tabela 3- Ingressantes, desistentes e concluintes dos internos da FE no período 2005-2008 126

Tabela 4- Faixa-Etária dos adictos que entraram na FE no período 2005-2008 129-130

Tabela 5- Drogas mais usadas pelos adictos que passaram pela FE no período 2005-2008 131-132

Tabela 6- Motivos alegados pelos egressos da FE para ingressarem no mundo das drogas no período 2005-2008 136

Tabela 7- Escolaridade dos egressos da FE 2005-2008 137

Tabela 8- Faixa-Etária do início de uso das drogas dos egressos da FE no período 2005-2008 138

Tabela 9- Problemas com a polícia e/ou justiça dos egressos da FE de Manaus no período de 2005-2008 140

Tabela 10- Faixa-Etária dos adictos que entraram na FE no período 2005 - 2008 e completaram o ano 141

Tabela 11- Drogas mais usadas pelos egressos da FE – período: 2005-2008 142

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Lista de Quadros

Quadro 1: Fazendas Masculinas no Brasil: 39 85

Quadro 2: Fazendas Masculinas no Exterior: 15 86

Quadro 3: Fazendas Femininas no Brasil: 14 86

Quadro 4: Fazendas Femininas no Exterior: 06 87

Quadro 5: Totais de Unidades de Prestação de Serviços da FE 87

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Lista de Abreviaturas e de Siglas

AA – Alcoólicos Anônimos

ADI – Abordagem Direta do Inconsciente

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CDH – Conselho de Desenvolvimento Humano

CNAS – Conselho Nacional de Assistência Social

CONFE – Conselho de Assessoramento da Fazenda da Esperança de Manaus

ES – Ex-internos da Fazenda da Esperança

FE – Fazenda da Esperança

GEV – Grupo Esperança Viva

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituíção de Ensino Superior

OFM – Ordem dos frades menores

ONU – Organização das Nações Unidas

PENSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

PROERD – Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência

PSB – Serviço de Proteção Básica

RDC – Resolução de Diretoria Colegiada da ANVISA

SEAS – Secretaria de Estado de Ação Social

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino

SEJEL – Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer

SEJUS – Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos

SEMASC – Secretaria Municipal de Ação Social e Cidadania

SENAD – Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas

SEPROR - Secretaria de Estado de Produção Agropecuária

SESI – Serviço Social da Indústria

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus

UNINORTE – Centro Universitário do Norte

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

UNODOC – Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes

UPS – Unidade de Prestação de Serviços da Fazenda da Esperança

USP – Universidade de São Paulo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

O verdadeiro significado das coisas se encontra na capacidade de dizer as mesmas coisas com outras palavras.

Charles Chaplin

1.
Introdução

O ano de 2010 foi marcado, nos seus últimos meses, por imagens projetadas pela mídia em que se assistia a uma verdadeira guerra contra o narcotráfico e bandidos nas favelas do Rio de Janeiro. Apreensivos, estarrecidos e aliviados, assistimos a retomada dos bairros/favelas da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão, há muitos anos dominados pelos narcotraficantes e servindo como front da criminalidade.

Em meio a esse quadro, há de se estabelecer a relação entre o exposto acima e o Relatório Mundial sobre Drogas (2010), apresentado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC), que estima que entre 155 e 250 milhões de pessoas no mundo – o que representa de 3,5% a 5,7% da população de idade entre 15 e 64 anos já fizeram uso de drogas ilícitas pelo menos uma vez ao longo de 2009. A prevalência pelos derivados da cannabis (maconha e haxixe) ainda é mais alarmante: de 129 a 190 milhões de usuários.

O Relatório revela que o cultivo/ produção de opiáceos e cocaína está em declínio e particularmente o consumo de cocaína tem diminuído significativamente nos Estados Unidos nos últimos anos, entretanto, tem mostrado sinais de aumento nos países em desenvolvimento. Há uma evidente preocupação quanto ao aumento dos estimulantes do tipo anfetaminas e quanto ao abuso de medicamentos sob prescrição médica em todo o mundo que é estimado em algo entre 30 a 40 milhões de usuários para as anfetaminas, número, que segundo o Relatório, em breve será ultrapassado pela soma de usuários de opiáceos e de cocaína. Cabe ressaltar que na América do Sul, o Brasil está entre os dois países que apresentaram a maior prevalência de uso de opiáceos.

Os dados são preocupantes e como ressalta a Dra. Rozinez Aparecida Lourenço, sabemos que as drogas existem desde o começo da humanidade, mas falta compreensão para entender porque a humanidade se droga, mesmo sabendo que são inúmeros os motivos que levam o homem a se refugiar na droga em algum momento de sua vida (Lourenço, 2001).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Outras indicações presentes no Relatório indicam que o Brasil continua sendo usado para o armazenamento e escoamento das drogas produzidas pelos países produtores vizinhos, seja através do tráfego aéreo ou terrestre. Além disso, há indícios de que o Brasil fez parte da expansão da fabricação de MDMA (ecstasy), constatado pelos laboratórios clandestinos desmantelados pelas autoridades brasileiras em 2008 e 2009. No caso do Estado do Amazonas, a proximidade com os países produtores facilita a circulação das drogas pelo Estado, principalmente nos municípios limítrofes do Alto Solimões, onde a presença do narcotráfico é notória, seja pela presença física dos traficantes, pela quantidade de drogas circulando e, principalmente, pelo movimento bancário, que em nada condiz com a realidade dos municípios.

Todo esse quadro fez com que o Secretário-Geral do UNODC, Ban Ki-Moon, expressasse sua preocupação com o tema, por ocasião do lançamento do Relatório em tela no Dia Internacional contra o Tráfico e o Abuso de Drogas em 26 de junho de 2010, através de sua mensagem:

> Ao nos preparar para a Cúpula das Nações Unidas sobre as Metas de Desenvolvimento do Milênio, em setembro, devemos reconhecer o grande obstáculo para o desenvolvimento representado pelo tráfico e o abuso de drogas ilícitas. Como destaca o tema deste ano, é hora de "pensar a saúde - e não as drogas". O abuso de drogas é um grande desafio para a saúde. (...)As drogas representam uma ameaça ao meio ambiente. O cultivo de coca destrói vastas áreas de floresta tropical nos Andes - os pulmões do nosso planeta - assim como parques nacionais. Os produtos químicos usados para fazer cocaína poluem os córregos. (...) O comércio de drogas ilícitas também prejudica a governança, as instituições e a coesão social.

Esses dados nos remetem a uma realidade que abrange grande parte da sociedade brasileira que, de acordo com os números, é dependente de alguma droga lícita ou ilícita. É justamente esse público, os dependentes de substâncias psicoativas, mais precisamente os egressos da unidade masculina da Fazenda da Esperança de Manaus, que se constitui o foco do nosso trabalho, da nossa pesquisa.

Voltando ao Relatório Mundial sobre Drogas 2010 – UNODC, ele expõe uma grave falta de locais para tratamento dos usuários de drogas em todo o mundo, principalmente para pessoas e países pobres que não tem como pagar pelo tratamento e estima que em 2008, apenas cerca de um quinto dos usuários receberam tratamento, o que refere que cerca de 20 milhões de adictos ficaram sem receber a atenção adequada. Consta no Relatório a necessidade de haver um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

acesso universal ao tratamento para as drogas, considerando ser a saúde a peça-chave no controle das drogas e considerando que a dependência é um problema de saúde tratável.

Nesse contexto entra a Obra Social Nossa Senhora da Glória – Fazenda da Esperança-FE, de Manaus, que integra esses poucos locais de tratamento para acolher os adictos e tratá-los. Há 27 anos desenvolvendo este trabalho de recuperação no modelo de comunidade terapêutica a FE conta hoje com 74 unidades de atendimento espalhadas pelo mundo todo, sendo 53 no Brasil e 21 no exterior, através das quais atende dependentes, que permanecem por 12 meses internados participando de um programa de recuperação, cuja filosofia é sustentada pelo tripé: *espiritualidade, trabalho e convivência.*

A primeira unidade amazonense da FE, intitulada "Dom Gino Malvestio", foi inaugurada em 29 de julho de 2001 para atender o público masculino, e quatro anos depois chegou na região a unidade feminina, denominada "Irmã Cleuza Rody Coelho", sendo inaugurada em 06 de março de 2005.

A pesquisa que constitui o cerne deste trabalho e que aqui será descrita, parte da nossa experiência prévia vivenciada na unidade masculina da FE desde sua implantação, inicialmente como voluntária e, posteriormente, como assistente social. Através dessa prática foi possível perceber uma questão relativa ao pós tratamento e que se tornou relevante por interferir diretamente na vida dos egressos e dos seus familiares: a recaída.

Receber o adicto na Obra, na grande maioria, fisicamente debilitado, totalmente desprovido de valores, amor-próprio e esperança; acompanhá-lo durante toda a sua trajetória na FE, vivenciando cotidianamente as suas lutas, vontade de desistir, resistência, etc.; e vê-lo sair, após doze meses: fisicamente recuperado; com outros valores, amor-próprio e auto-estima visivelmente resgatado; cheio de autoconfiança e de planos para recomeçar uma nova vida de reinserção junto à família e à sociedade; com a convicção de que a droga não faz mais parte de sua vida e que, portanto, estaria apto a superar com êxito qualquer obstáculo; cheio de ansiedade e expectativa para se apresentar à família como o novo homem que aprendeu a ser; e, depois tomar conhecimento que ele recaiu, causava perplexidade, frustração e questionamentos múltiplos, do tipo: o que aconteceu com esse adicto ao retornar para casa? O que contribuiu para abandonar

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

seus planos e voltar às drogas novamente? Quais os motivos que precipitaram o abandono da sobriedade? Qual a relação da família nesse processo de recaída?

Na busca da investigação para essas questões, optamos por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa usando os documentos existentes na Obra referentes ao período de 2005 a 2008 e realizamos dez entrevistas, sendo cinco com seus egressos e outras cinco com seus respectivos familiares.

A escolha pelo período referido deveu-se a dois fatores: por ser o período em que atuamos mais diretamente no acompanhamento dos adictos e por ser o período em que demos início ao uso dos novos prontuários.

Para dar conta do questionamento apresentado ligado aos motivos que levam o adicto, egresso da FE de Manaus - à recaída, tomamos como referência básica teórica os temas da Família e da Drogadição, que constituíram dois capítulos desta dissertação.

Prosseguindo, expomos os resultados do estudo realizado no campo, descrevendo-os no último capítulo que aborda o perfil do egresso e sua relação com seu familiar; a caracterização da sua permanência na instituição; e por fim os motivos revelados que consideram significativos para a(s) recaída(s) pós tratamento.

Foi importante ouvir os egressos e seus respectivos familiares para compreender o processo que culminou com a recaída e quão forte é a relação e a influência da família na vida de seus adictos, e como é imprescindível a sua participação em todas as etapas de sua recuperação, corroborando a leitura de Petrini (2004) de que “a família constitui o maior recurso social e humano disponível”.

Assim, esperamos que o esforço empreendido neste estudo, contribua modestamente com novos elementos de reflexão, que repercutam na Obra junto às diferentes equipes de profissionais, de voluntários e especialmente nos adictos, oferecendo condições de serem sujeitos de uma nova vida.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

2.
Família

Este capítulo apresenta uma revisão teórica sobre família, cuja finalidade é propor a descrição e o melhor entendimento do argumento da pesquisa proposta, tendo em vista a relação entre o adicto e sua família.

Assim:

> FAMÍLIA desperta em todos nós lembranças, emoções, saudades, expectativas quase sempre contraditórias, intensas e, principalmente, inegáveis. Família é algo universal e, por enquanto, eterno; não foi descoberta outra formação humana capaz de substituí-la (Souza, 1997, p.20).

A abordagem sobre a família deve-se aos seus valores como representante da base da estrutura social, e a sua importância, enquanto unidade de pertencimento e de proteção do indivíduo, seu ponto de referência, de apoio, seu norte.

A origem etimológica do termo família, segundo Osório (1996), deriva do vocábulo *famulus* cujo significado é servo ou escravo, sugerindo que, primitivamente, a família era considerada um conjunto de escravos ou criados de uma mesma pessoa, de onde viria, também, a natureza possessiva das relações familiares desde os povos primitivos. Nesse contexto, a mulher devia obedecer ao seu marido como seu amo e senhor e os filhos pertenciam a seus pais.

Os conceitos de família encontrados na Wikipédia que se referem tanto ao direito clássico romano como na cultura ocidental, definem a família se constituindo num agrupamento dos cônjuges e de seus filhos, baseada no casamento e no vínculo consanguíneo. Mas, ao longo do tempo, a instituição chamada família foi se transformando devido as inúmeras mudanças de ordem econômica, religiosa, sócio-cultural pelas quais passou e seu quadro conceitual, naturalmente, não é mais o mesmo, embora sua importância, sua essência, continue com a mesma relevância, ou seja,

> a família constitui o primeiro, o mais fundante e o mais importante grupo social de toda a pessoa, bem como o seu quadro de referência, estabelecido através das relações e identificações que a criança criou durante o desenvolvimento (Vara, 1996, p.8).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

A relevância da família é corroborada por diversos autores que a vêem como parte da história dos seres humanos, portanto, repleta de significados de toda ordem, principalmente os afetivos, como declaram Gomes & Pereira (2004, p. 358):

> família remete a lembranças, emoções, sentimentos, identidade, amor, ódio, enfim, um significado único para cada indivíduo, que, como ser biopsicossocial, está inserido no seu meio ambiente, integrando a cultura e o seu grupo social de pertença, o que leva a se estudar a família de modo contextualizado, considerando a subjetividade de cada ser. Cada pessoa tem sua própria representação de família – da família real e da família sonhada, da sua família e da do outro –, representação esta ligada a concepções e opiniões, sentimentos e emoções, expectativas correspondidas ou não correspondidas. A família não é algo concreto, mas algo que se constrói a partir de elementos da realidade.

Ainda assim, mesmo evoluindo historicamente, mesmo se reconstruindo segundo as épocas, independente da forma como se reestrutura, a família continua sendo "a condição para a humanização e socialização das pessoas e fundamentos da sociedade, constante e universal em todas as culturas" (PETRINI, 2003, p. 54). Para Kaloustian & Ferrari (1994) a família é "o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros", considerando seu papel decisivo na formação moral, cultural e ética de seus membros, assim como sua influência na formação do caráter e personalidade dos mesmos (Gomes & Pereira, 2004).

A família, na visão de Sarti (1996), é o núcleo de sobrevivência material e espiritual dos pobres, se constituindo na sua identidade enquanto ser social. Corroborando com esta visão, Petrini (2003) afirma que a família possibilita criar critérios de conduta, sentimento de pertença, afetividade, estabelecimento de valores morais, de sentimentos de solidariedade, oportunidade para superação de conflitos, enfretamentos, limites e desenvolvimento de suas potencialidades, dentre outros, por se constituir no maior recurso social e humano disponível. Permite, ainda, que seus integrantes passem a ser vistos não mais como indivíduos isolados, mas como pessoas, membros de uma comunidade familiar (IBID).

Este sentimento de pertença e a necessidade de possuir vínculos são inerentes ao ser humano e a família oferece a primeira oportunidade de concretização do indivíduo se sentir aceito, pertencendo a um grupo e certamente esse sentimento vivenciado vai lhe permitir que, na trajetória de sua vida, se insira e participe de outros grupos. Petrini (2004, p.87) destaca, ainda, que:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> a família permanece, sob as mais diversas formas de culturas, no tempo e no espaço, uma forma de relação social constitutiva da espécie humana, visto que responde às necessidades humanas e sociais relevantes, nos mais diversos aspectos, quer para a identidade simbólica do indivíduo, que lhe proporciona experiências no nível psicológico e o diferencia do animal, quer ao oferecer experiências humanas básicas que perduram no tempo: paternidade, maternidade, filiação, fraternidade, relacionamento entre as gerações e a realidade da morte. Em suma, a família é um requisito e fator de humanização e oferece à pessoa possibilidades de reflexão e significado dos processos que a envolvem: gestação, nascimento, amor, trabalho, doença, envelhecimento, festa; um sentido mais profundo para além das circunstâncias dadas. A família também favorece o desenvolvimento da sociedade, uma vez que responde a demandas cotidianas de seus membros, sem o que a sociedade provavelmente entraria em colapso: acolhimento, experiência de gratuidade, proteção, integração, transmissão da cultura e valores.

A história da família mostra o processo de transformação que esta foi sofrendo ao longo dos séculos e que deu origem aos diversos tipos de denominação que foram estabelecidos pelos estudiosos, como: consangüínea, monogâmica, monoparental, patriarcal, uniparental, nuclear e outras tantas. No entanto, todas as denominações parecem convergir para um mesmo significado ou sentimento, conforme conclui Souza (1997, p.23),

> o sentimento de família engloba todas as emoções inerentes à pessoa: identidade, pertença, aceitação, rejeição, amor, carinho, raiva, medo, ódio. Certamente é esta fusão de opostos que torna a família tão complexa e sua compreensão um desafio interminável.

Inicialmente, vamos nos deter na família patriarcal por ser nossa referência em termos de modelo vigente ainda na sociedade brasileira no século XIX. Tal modelo, também chamado de família burguesa, era baseado nos princípios da autoridade, do poder do pai - *pater familiae* - sobre a mãe, sobre os filhos e sobre os agregados, com controle rigoroso da vida de todos os membros da extensa família. Esse poder era pertinente ao chefe de família, assim como sua responsabilidade na sustentação da casa e sua autoridade incontestável fundamentava-se no poder econômico. O modelo patriarcal é definido por Teruya (2000, p.67) como:

> um extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao qual se incorporavam parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubinas e bastardos; todos abrigados sob o mesmo domínio, na casa-grande ou na senzala, sob a autoridade do patriarca, dono de todas as funções sociais (proteção, justiça etc.). Neste momento, o indivíduo só teria valor enquanto pertencente a um grupo familiar, e seu *status* proviria de virtudes coletivas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Para Poster (1979), este tipo de família possuía papéis bem definidos entre seus membros, ou seja, ao pai cumpria suprir as necessidades materiais da casa, e a mãe era responsável por sua administração e cuidar da educação dos filhos, de forma que a combinação destes papéis buscava suprir as necessidades físicas e emocionais de todos, com o intuito de manter a solidez dos seus vínculos afetivos.

Ou seja, a família se constituía numa base sólida, era fonte de segurança e estabilidade, gerava afetividade, impunha limites, valores e crenças, assegurava a continuidade das relações, suprindo, enfim, todas as necessidades básicas dos seus membros, sendo considerada, portanto, como o primeiro e mais importante grupo social de todo o ser humano. Para Szymanski (2002, p.12),

> as trocas afetivas na família imprimem marcas que as pessoas carregam a vida toda, definindo direções no modo de ser com os outros afetivamente e no modo de agir com as pessoas. Esse ser com os outros, aprendido com as pessoas significativas, prolonga-se por muitos anos e frequentemente projeta-se nas famílias que se formam posteriormente.

A partir da segunda metade do século XX, segundo Singly (2008), iniciou-se o processo de transformação da família brasileira, com a mulher ingressando no mercado de trabalho para contribuir com a manutenção da casa. No início, a participação feminina nesse mercado, apesar de significativa, foi direcionada para funções de um nível de trabalho condizente com a mão-de-obra não qualificada, quadro esse só alterado a partir de 1930, quando se intensificou a presença da mulher nos cursos superiores.

Assim, a família autoritária/patriarcal passou por um processo de transformações ao longo dos anos, e seu desenvolvimento foi sendo influenciado por fatores culturais, sociais, religiosos, políticos e econômicos, que modelaram as novas configurações familiares que foram surgindo, baseadas nas modificações e valores da nova sociedade que foi se formando. Engels (2000) destaca que:

> a única coisa que se pode responder é que a família deve progredir na medida em que progride a sociedade, que deve modificar-se na medida em que a sociedade se modifique como sucedeu até agora. A família é produto do sistema social e refletirá o estado de cultura desse sistema.

O novo modelo de organização familiar ou a família moderna, fruto do processo de industrialização, da urbanização e das mudanças da sociedade, tem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

como base o amor romântico, responsável pela escolha do cônjuge e pelo amor da mãe pelos filhos. Segundo Orth (2005, p.102) “nessa esfera sentimental, o lar é o espaço que permite a expressão do afeto, da emoção e onde se intensifica as relações familiares”.

No entanto, por essa nova configuração familiar, Roudinesco (2003) reflete sobre as inúmeras rupturas e recomposições conjugais que induzem ao enfraquecimento da figura paterna e a feminilização do corpo social.

Apoiado em Durkheim, Simmel, Weber, Max e Cooley, e tomando por base a própria cidade, os pesquisadores da Escola de Chicago chegaram à conclusão de que o impacto do urbanismo era o responsável pela destruição dos tradicionais padrões familiares, pela incompatibilidade da nova sociedade industrializada, com a estrutura patriarcal (Teruya, 2008).

O novo modelo, baseado numa relação mais igualitária, denominado de “família nuclear urbana”, provocou um choque entre os modelos patriarcal e urbano, gerando inúmeros conflitos, incertezas e inseguranças no grupo familiar, que não sabia como lidar com todas essas transformações oriundas da sociedade industrializada e urbanizada.

A estrutura da *família patriarcal* – baseada no poder unilateral do pai e na sua responsabilidade de sustentação econômica dos seus familiares – não se identificava mais com a sociedade industrializada e urbanizada, sendo substituída pela *família nuclear urbana,* cujas características se encaixavam no novo padrão societário (Teruya, 2008).

Ainda na visão de Teruya (2008), na constituição dessa nova família que surgia, os casais não precisavam ser ligados legalmente, podiam ser chefiadas por mulheres, e o grau de parentesco deixava de ser importante, assim como a solidariedade entre seus membros. A relevância desse modelo era a independência econômica e a participação efetiva de todos no suprimento de suas necessidades, indo de encontro aos anseios da sociedade industrial. O protagonismo da mãe nessa família recomposta ou monoparental é evidente e seu crescimento é relevante.

No entanto, com o passar do tempo, percebeu-se que a *família nuclear urbana,* de T. Parsons, também não se configurou como um modelo adequado, haja vista que continua a busca incessante para encontrar um novo modelo que atenda as exigências da vida afetiva, sexual, e que transmita os valores necessários

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

à estabilidade do indivíduo e da sociedade, prevalecendo entre seus membros à cooperação, a reciprocidade e a solidariedade (Teruya, 2008).

Além do tratamento da família como um conjunto de relações sociais baseadas em elos de sangue, adoção e aliança socialmente reconhecidos, o conceito de família também pode ser discutido do ponto de vista das condições materiais de vida. Neste sentido, Marsiglia (2002, p.181) destaca que "constitui uma unidade doméstica ocupada com a manutenção da vida do grupo familiar – no passado, como unidade de produção; no presente, como unidade de renda e consumo".

Ou seja, a família contemporânea ou o modo atual de viver em família, é fruto de todo um processo de transformações na composição familiar e da sociedade, portanto, as novas formas como estão sendo constituídas as novas relações humanas, assim como a forma como as pessoas estão cuidando de suas vidas familiares, não podem ser vistas isoladamente, visto que são frutos das ocorrências mundiais que afetam a dinâmica familiar como um todo e a cada família de acordo com sua composição, história e pertencimento social (Szymanski, 2002).

Para Gueiros (2002), os traços da família patriarcal continuaram persistindo na família moderna até o século XX, contando inclusive, com o respaldo na legislação brasileira, que somente em 1988 com a Constituição Cidadã foi alterada, dando ao homem e à mulher direitos e deveres iguais na sociedade conjugal. Contudo, o que se percebe é que, independentemente de todo o processo de transformação pela qual passou, a família continua sendo,

> uma construção social que varia segundo as épocas, permanecendo, no entanto, aquilo que se chama de "sentimento de família" (Amaral, 2001), que se forma a partir de um emaranhado de emoções e ações pessoais, familiares e culturais, compondo o universo do mundo familiar. Esse universo do mundo familiar é único para cada família, mas circula na sociedade nas interações com o meio social em que vivem (Gomes & Pereira, 2004, p. 358).

Para Szymanski (2002), há séculos a humanidade já vivencia, mesmo extra-oficialmente, esse grande número de possibilidades que faz com que as pessoas optem por conviver num mesmo espaço, cuidando-se mutuamente e sendo compreendidas como família. A autora cita nove tipos de composição familiar que podem ser consideradas como tal:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

1) família nuclear, incluindo duas gerações, com filhos biológicos;

2) famílias extensas, incluindo três ou quatro gerações;

3) famílias adotivas temporárias (Foster);

4) famílias adotivas, que podem ser bi-raciais ou multiculturais;

5) casais;

6) famílias monoparentais, chefiadas por pai ou mãe;

7) casais homossexuais com ou sem crianças;

8) famílias reconstituídas depois de divórcio;

9) várias pessoas vivendo juntas, sem laços legais, mas com forte compromisso mútuo.

Algumas das formas acima citadas são comprovadas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD de 2005, realizada pelo IBGE, cujo resultado aponta os novos tipos de agregação familiar encontrados, que são os mais ecléticos possíveis e mostra seus agrupamentos, que vão desde a forma tradicional (casal com filhos) à forma monoparental (chefiadas por homens ou mulheres, sem cônjuge e com filhos); formada por casais sem filhos e com parentes; pessoas sem grau de parentesco; homossexuais etc. Assim, Minuchin & Fischman (1990) destacam a família como:

> um grupo natural que através dos tempos tem desenvolvido padrões de interação. Estes padrões constituem a estrutura familiar, que por sua vez governa o funcionamento dos membros da família, delineando sua gama de comportamento e facilitando sua interação. Uma forma viável de estrutura familiar é necessária para desempenhar suas tarefas essenciais e dar apoio para a individuação ao mesmo tempo em que provê um sentido de pertença.

As novas configurações familiares se tornam cada vez mais perceptíveis no cotidiano dos grandes centros urbanos, onde encontram mais chances de se constituírem sob um olhar menos crítico e mais dentro de um padrão de relativa aceitabilidade, mesmo que causada pela impossibilidade de negar sua existência, posto que participam, de forma crescente, da vida contemporânea (Gueiros, 2002).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Além disso, são nessas metrópoles que essas novas famílias conseguem se organizar para lutarem pela conquista de seus direitos no âmbito da Justiça, mesmo que seja na base da pressão e apoiada por grupos organizados.

É notório que a família prescinde cada vez mais do apoio do Estado que deposita nela uma sobrecarga a qual ela não tem condições de absorver, considerando as precárias condições sócio-econômicas em que vive a maioria delas. Há um agravamento maior quando esse grupo familiar não é reconhecido social e legalmente, pois ainda terá que acrescentar aos seus enfrentamentos, o preconceito expresso ou camuflado com que se depara cotidianamente, além de prescindir de amparo legal e de recursos previdenciários justamente por essa ilegalidade (Gueiros, 2002). Outra questão discutida por Gueiros (2002, p.119) é:

> a necessidade de se incluir a família em programas sociais que lhe permitam condições básicas de inserção social e de cidadania para que possa cumprir o papel que lhe é social e legalmente atribuído. Cabe salientar que a família é responsável pelo cuidado de seus membros, devendo assisti-los, criá-los e educá-los, de acordo com o que está determinado no Capítulo VII, artigos 227 e 229 da Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988, e nos artigos 19 e 22 do ECA (Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990).

Um novo tipo de família vem sendo focada por alguns pesquisadores e sobre a qual falaremos seguir: as famílias multiproblemáticas pobres. Essas famílias tinham na sua origem o fato de serem necessariamente associadas aos "grupos de baixo estatuto social e pobres, incapazes de suprir as necessidades mais básicas da família e seus elementos" (Pires; Matos *et all*, 2004, p.7). A sua identificação se faz pelos sintomas que elas representam, pela gravidade dos mesmos e pelo longo período de duração desses sintomas, cujas tendências apontam para o caos e desorganização familiar (Pires *et all*, 2004).

Contudo, a partir do aprofundamento das investigações posteriores, se conclui que este tipo de família não necessariamente precisa estar associada à pobreza e ao seu status social, pois suas características estruturais e funcionais se encontram em qualquer nível social, cultural e econômico, apesar de sua observância maior ser mesmo na camada mais pobre da população.

As características dessas famílias são pautadas pela violência, incesto, abuso sexual, exploração de menores e outros problemas de forte intensidade e cuja existência persiste por um longo período. Cabe ressaltar que os sintomas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

apresentados não podem ser esporádicos, individuais ou situacionais, mesmo que igualmente graves, mas precisam estar inseridos numa família desorganizada e caótica (Pires *et al*, 2004).

Para Roudinesco (2003) "a família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalcadas".

Pires *et al* (2004) apresenta os termos usados pelos estudiosos e que apontam as características das famílias multiproblemáticas, conforme a seguir:

a) *Famílias desmembradas* (Minuchin *et al.*, 1967): são pontuadas pela grande distância entre seus membros e por limites difusos e excessivamente permeáveis;

b) *Famílias isoladas* (Powell & Monohan, 1969): são retraídas socialmente por não terem obtido apoio nos seus momentos mais difíceis da vida familiar;

c) *Famílias excluídas* (Thierney, 1976): são marcadas pela separação em relação aos contextos parental, institucional e social;

d) *Famílias suborganizadas* (Aponte, 1976): possuem lacunas nos graus de constância e diferenciação da organização estrutural do sistema familiar;

e) *Famílias associais* (Voiland, 1989): possuem comportamentos sociais desviantes;

f) *Famílias multiparentais* (Fulmer, 1989): degrada-se por se dispersar em várias figuras. O pai ou elemento masculino, vai sendo substituído na proporção em que a mãe vai mudando de parceiro, e a figura materna pode ser desempenhada alternadamente pela própria mãe e/ou pela avó, tia, vizinha, agregada familiar, professora, etc.;

g) *Famílias auto-suficientes* (Imber-Black, 1988): os seus agregados que precisam de ajuda externa são taxados de incompetentes;

h) *Famílias multiassistidas* (Minuchin & Montalvo, 1969): recorrem frequentemente aos múltiplos técnicos e serviços comunitários, quer sejam públicos ou privados;

i) *Famílias diluídas* (Colapinto, 1995): enjeitam o uso dos recursos próprios e transferem suas funções familiares para os serviços sociais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Na seqüência, os autores discutem os sintomas que distinguem as famílias multiproblemáticas:

- São geralmente constituídas por vários filhos, frutos de diversas ligações e quase sempre esporádicas;
- É escassa a capacidade de enfrentamento das crises entre os seus membros, assim como da resolução dos seus problemas;
- A falta de apoio mútuo e padrões de alianças enviesados induzem negativamente na afetividade dos membros da família (Minuchun, 1974);
- A comunicação familiar é caótica, movida pela pobreza emocional e falta de discernimento e clareza das mensagens, que são mascaradas e indiretas;
- A organização familiar é desagregada, dispersa e centrífuga, ou seja, é notória a falta de delimitação dos espaços, a precariedade e o abandono (Cancrini, Gregorio & Nocerino, 1997);
- É raro seus elementos serem detentores de uma carreira profissional;
- São consumidores desenfreados de serviços sociais;
- Vivem, em sua grande maioria, de subsídios sociais e ajudas institucionais ou comunitárias, às vezes acrescidas de atividades ilegais não declaradas;
- Os pais, embora amando os filhos, se mostram incompetentes na execução de suas tarefas básicas, por não saberem agir diferente, posto que seus modelos de referência foram inconsistentes;
- A mobilidade geográfica é constante;
- São instáveis devido às sucessivas rupturas e reconciliações amorosas;
- A centralidade das mulheres como chefes de família, que tem sua raiz, segundo Fulmer (1989), na sua responsabilidade;
- A vivência do ciclo de vida de forma acelerada;
- Sucessivas crises sérias e perdas abruptas de seus membros por razões várias como: morte, prisão, uso e abuso de drogas, dentre outras.

Considerando-se todo o exposto, se confirma a inconsistência e/ou limitação dos serviços de apoio direcionados a estas famílias e suas especificidades, que precisam urgentemente de uma política intervencionista direcionada

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

adequadamente às suas singularidades, para que seus problemas não se eternizem e seus efeitos não continuem atingindo gravemente à sociedade, como vem ocorrendo. Orth (2005, p.98) contribui com a discussão, afirmando:

> uma família é um tipo especial de sistema, com estrutura, padrões e propriedades que organizam a estabilidade e a mudança. É também, uma pequena sociedade humana, cujos membros têm contato direto, laços emocionais e uma história compartilhada. Portanto, é de fundamental importância compreender este fenômeno tão complexo devido a sua multifatoriedade. Hoje é possível afirmar que não existe um modelo único e generalizado de família no Brasil, e tampouco é possível descrever um perfil único da dinâmica e estrutura das famílias de dependentes de drogas.

Assim, considerando os diversos pontos de vista, pode-se afirmar que não existe um modelo único e generalizado de família no Brasil. Esta conclusão é importante para a sequência do trabalho, quando se abordar o perfil e estrutura das famílias de dependentes de drogas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

2.1.
Drogadição e relações familiares

Ao se constituir no maior recurso social e humano disponível (Petrini, 2003), a família é naturalmente a instituição que mais sofre as conseqüências quando tem um de seus membros envolvidos com a drogadição, seja em que aspecto for.

A drogadição se tornou uma das heranças mais letais herdadas pela família contemporânea e que traz a marca registrada do capitalismo. Essa herança passou a se constituir, na sociedade, em fator gerador da desorganização social, familiar e individual.

Esta assertiva, apesar de forte, encontra respaldo em autores como Martins (1993), Kaloustian & Ferrari (1994), Sarti (1996), Petrini (2003), Gomes (2003), Morais (2001), para os quais a desagregação familiar é conseqüência da injustiça social que dificulta o convívio saudável da família, que se torna vulnerável quando não consegue cumprir de forma satisfatória com as suas funções mais básicas de sustentabilidade dos seus membros. Com isso, ela se torna vulnerável e

fragiliza a manutenção dos seus vínculos, o que reflete diretamente nos filhos que se vêem privados dos seus direitos mais básicos e fundamentais. Em consonância com esta abordagem, Carvalho & Iamamoto (1983, p.77) aborda que:

> a questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão.

A insistência em estabelecer este vínculo é a mesma que aponta a drogadição como uma das expressões da questão social, tendo em vista que a maioria dos fatores motivadores da indução do indivíduo ao consumo de drogas, assim como o processo de exclusão que sofre após se tornar dependente, tem a ver com a contradição entre o proletariado e a burguesia e com a luta de classes que emana dessa contradição, ou seja, os donos do poder criam um círculo vicioso com a busca incessante pelo lucro que leva ao acúmulo de capital e à concentração de renda, à custa da exploração da mão de obra do proletariado, gerando a desigualdade social com todas as suas mazelas. Na visão de Krug (2004, p.60),

> o crescimento da pobreza absoluta c/ todas as suas mazelas: doenças físicas e mentais, alcoolismo, violência, criminalidade, etc.(...) É a globalização do mal-estar em que o desemprego, a exclusão social e a instabilidade estão presentes no cotidiano, mascarados por uma violência crescente por não ter havido uma substituição ou plano válido para tal.

Além disso, inclui-se ainda: o declínio das condições de vida da população; o desemprego; a falta de acesso aos bens materiais; o isolamento geográfico; o *ter* em detrimento do *ser;* e, por fim, criando uma condição limítrofe entre a vida e a morte para uma sociedade cada vez mais cética, indiferente, que não acredita mais na sua capacidade de transformação (Escorel, 1999). Contribuindo com esta visão, Bauman (1999, p.81), salienta que:

> a equação ‘pobreza=fome’ esconde são muitos outros aspectos complexos da pobreza – ‘horríveis condições de vida e moradia, doença, analfabetismo, agressão, famílias destruídas, enfraquecimento dos laços sociais, ausência de futuro e de produtividade’. O tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram homens e mulheres.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Yazbek (2001) enfatiza que essas expressões são as seqüelas que permeiam a vida das classes subalternas destituídas de poder, trabalho e informação até os dias de hoje e se identificam com as causas mais citadas pelos adictos para justificar seu ingresso no mundo das drogas e que são percebidas como formas de responder às suas buscas, angústias e frustrações impostas, quer seja pela sociedade capitalista, quer seja pela família, pela mídia, etc., como: a influência dos "amigos"; a ausência da família; a curiosidade; a influência do espaço geográfico onde reside; a solidão; o excesso de liberdade; a falta de limites; como antídoto para superação de suas fraquezas pessoais (medo, timidez, complexo de inferioridade, baixa auto-estima); como forma de acesso a determinados grupos que supostamente lhe proporcionarão segurança e poder (galeras e/ou); como fuga de uma realidade que não sabe lidar (desemprego, término de uma relação amorosa, etc.), como forma de acesso a bens de consumo que sua família não pode lhe proporcionar; ou, ao contrário, por ter em excesso bens materiais, não os valorizar e sentir necessidade de sair em busca de novas experiências e novas sensações, o que causa uma predisposição a experimentar sensações intensas e a buscar novidades, estabelecendo uma ponte significativa com o uso da droga (Formiga, 2009).

Para Costa (2006, p.56), um dos tipos de exclusão social é causado por comportamentos autodestrutivos, quando:

> algumas pessoas encontram-se em situação de exclusão social ou de auto-exclusão, em conseqüência do comportamento auto-destrutivos. Trata-se de comportamentos relacionados com a toxicodependência, o alcoolismo, a prostituição, etc. Também aqui, não raro, estas causas imediatas têm por detrás problemas de pobreza. Alguns destes comportamentos também aparecem associados à situação de 'sem-abrigo', e tanto podem ser causas como conseqüências dessa situação.

São várias as vinculações dessas causas com os efeitos da sociedade capitalista, que privou a maior parte da população do direito a uma vida digna, começando pela família que sofreu várias transformações em sua estruturação, fazendo com que a mãe deixasse o lar, cujo cuidado e a educação dos filhos menores era sua responsabilidade básica, para ingressar no mercado de trabalho, não para se autodeterminar, mas para dividir com o homem a sobrevivência da família. Essa ausência é hoje responsável pela falta de atenção que tanto os jovens se ressentem e que os fragiliza a ponto de se tornarem vulneráveis frente à

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

influência dos ditos “amigos” e dos traficantes de drogas. Na visão de Charbonneau (1983),

> existe uma relação direta entre a imersão do jovem na droga e a qualidade da vida familiar que se vive. Não hesito em dizer que se o nosso tempo é o tempo da droga é porque a qualidade da vida familiar se diluiu. Vivemos um momento de desagregação da família, e desta desagregação surge como conseqüência direta a imersão dos jovens na droga, sendo a droga meramente circunstancial.

Outra vinculação com o capitalismo é apontada por Morais (2001), quando ressalta que as raízes de muitos males contemporâneos se encontram na evolução do industrialismo que ao adotar a perversa fórmula: homem=produção=dinheiro (H=Pr=$), sinalizou que a vida humana estaria drasticamente transformada em mercadoria. O autor questiona se essa não seria a origem do desprezo pela vida e da conseqüente violência e uso de drogas. Para manter o foco na discussão, destaca:

> o presente século não brotou no nada. Ele é fruto de uma evolução histórica; foi esculpido pelos aspectos equivocados da modernidade, bem como pelos seus lados bons. No entanto, o que temos hoje é uma sociedade doente que busca se envenenar com as drogas mercadejadas pela clandestinidade (Morais, 2001, p. 20).

Corroborando com este posicionamento, Gomes & Pereira (2004), também afirmam que um país só tem pobreza quando não tem recursos, ou quando tem e são mal distribuídos, caso específico do Brasil. Como ressalta Barros *et al apud* Gomes & Pereira (2004), o Brasil não é um país pobre, mas extremamente injusto e desigual e essa desigualdade e a má distribuição de renda afeta não apenas as famílias, mas toda a sociedade. A situação se torna mais grave devido ao retraimento do Estado no que concerne às políticas públicas, depositando na família a sobrecarga de ter que responder por esta deficiência, o que ela não consegue suportar devido à condição de vulnerabilidade socioeconômica em que se encontra. Assim, os laços familiares tornam-se fragmentados em razão da miserabilidade a que estão sujeitas as famílias. Santos (2000, p. 68), ressalta, ainda, que:

> o abuso de drogas e a dependência química são sintomas da crise familiar, social e individual, decorrente do modo de organização das sociedades industrializadas que, centradas no consumo, concebem o uso de drogas como oportunidade para obter

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> prazer, permitir a evasão imediata do sofrimento ou, ainda, como forma de contestação e transgressão às normas vigentes.

Naturalmente, essa luta desigual e desumana pela sobrevivência gera perda e/ou rompimento dos vínculos familiares, ocasionando desânimo, falta de perspectiva, baixa auto-estima e, principalmente, provoca o afastamento da criança/ adolescente/ jovem/ adulto do convívio familiar, tornando-o vulnerável para ser a próxima vítima da drogadição. Segundo Freitas (2002, p.42-43),

> na origem de qualquer drogadição estão a falta de amor e o abandono, a verdadeira origem dessa grave patologia. A utilização da droga, seja de que espécie for, é sempre um sintoma que denuncia um grave comprometimento com a possibilidade de se lidar com a frustração. (...) Essa vida insuportável é aliviada através da utilização de uma droga, possivelmente como vê ou via seus pais fazerem, muitas vezes de forma socialmente bem aceita, através de um *Lexotan*, um *whisky* para relaxar, etc.

A desagregação familiar, cujas origens foram tratadas nos parágrafos anteriores, assim como a falta de limites, as condutas inapropriadas e contraditórias, a qualidade de vida, o desamor, são algumas das causas apontadas pelos estudiosos como sendo os vetores principais do ingresso dos jovens no universo da drogadição.

Para Meirelles (2008), o aumento assustador da quantidade de jovens mergulhados no universo das drogas, deve-se, principalmente, à perda de valores morais e à sustentação de valores transcendentais absorvidos pela sociedade, nas quais esses jovens se sentem sem apoio, sem saber como enfrentar os desafios evolutivos da vida e terminam recorrendo às drogas onde encontram alívio, mesmo que ilusório e temporário, para responder as suas dificuldades emocionais, espirituais, psíquicas e sociais.

A desestruturação social vivenciada pela sociedade na contemporaneidade, é apenas o reflexo da perda de valores morais e educacionais que atingiu os pais desta geração, e os tornou inseguros e permissivos diante de uma sociedade assustadoramente e absolutamente transformada. Meirelles (2008b, p.12) ressalta que:

> por detrás deste triste quadro, geralmente se encontra toda uma trajetória de falta de atenção e diálogo entre as diferentes gerações, substituição de valores morais por bens de consumo, desorientação quanto ao verdadeiro sentido da vida, sentimentos pouco desenvolvidos de fé

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> e religiosidade, que poderiam funcionar como os elementos de apoio que os jovens necessitam, diante dos desafios que a vida lhes impõe.

Por todo o contexto exposto, seria muito simplório e leviano imputar apenas aos pais a responsabilidade pelo ingresso do seu membro familiar na drogadição, posto as condições que lhe foram impostas pelo Estado, pelo mercado e pelo capital. Como diz Petrini (2003), a eficácia da vida familiar depende das condições que lhes são oferecidas para sua sustentação e manutenção de seus vínculos e quando a família passa a prescindir do cumprimento satisfatório de amparar seus membros, criam-se as situações de vulnerabilidade.

> O ser humano é complexo e contraditório, ambivalente em seus sentimentos e condutas, capaz de construir e de destruir. Em condições sociais de escassez, de privação e de falta de perspectivas, as possibilidades de amar, de construir e de respeitar o outro ficam bastante ameaçadas. Na medida em que a vida à qual está submetido não o trata enquanto homem, suas respostas tendem à rudeza da sua mera defesa da sobrevivência (Vicente, 1994).

Naturalmente, nem todos os egressos oriundos dessas situações de vulnerabilidade vão recorrer às drogas como forma de solucionar seus conflitos familiares, existem os que se submetem as mesmas adversidades com resiliência, sem tornar-se uma vítima. A resiliência, segundo Rutter (1993) "é um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam ao indivíduo uma vida 'sadia', num ambiente 'insano'".

No entanto, não se pode deixar de perceber que nos casos de drogadição, existe uma vinculação do problema com a família: "a família está, sem dúvidas, intimamente implicada em todo o processo de formação e manutenção do toxicodependente" (Barbosa, 2007, p. 13).

Apesar de vários autores confirmarem essa implicação, que é notória, a sua complexidade é tamanha, que ainda não se conseguiu traçar um perfil real para a família do adicto. Como diz Miermont (1987), encontram-se muitos pontos comuns nas constelações familiares dos toxicodependentes, mas ainda não existe um perfil familiar e patognômico da toxicomania.

> As investigações epidemiológicas levadas a cabo sobre as famílias dos toxicômanos, assim como os estudos conduzidos a partir das práticas psicoterapeutas, mostram que não existe modelo específico nem nenhum modelo de situação relacional familiar que possam ser definidos como modelos próprios de toxicomania. (Bergeret, 1990).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Imputamos a dificuldade no estabelecimento desse perfil à própria falta de indefinição dos estudiosos ao papel real da família, no que se refere à drogadição. Na literatura pesquisada, destacam-se autores que percebem a família como fator de proteção e outros que a percebem como fator de risco. Gomide (2004) diz que é no seio da família que se adquire os valores morais e os padrões de conduta que vão permear a vida dos jovens e fortalecê-los para conviver em outros ambientes e em situações de risco sem se deixar influenciar.

> Quem tem a família dentro de si não precisa ficar grudado nela. Ele leva para a escola e para a sociedade essa segurança. O sentimento de pertencer dá ao ser humano o sentido de existência individual e social. Ele é tão importante que a pessoa que o tem forte dentro de si não cede a nenhuma droga, pois introjeta os valores estabelecidos pelo grupo (Tiba, 2007, p. 265).

Segundo Nurco & Lerner (1996), existe um reconhecimento do quanto as experiências familiares durante a infância e a adolescência influenciam no comportamento delinqüente do adolescente e do adulto, assim como na sua relação com o uso e abuso de drogas. Também Bahls e Ingbermann (2005) apontam que crianças privadas de experiências positivas e consistentes no contexto familiar são as mais carentes em termos de experiências reforçadoras ao atingirem idade escolar, o que pode funcionar como fator de risco em relação ao uso de drogas na adolescência. Para Kaplan *et al* (1998), os adolescentes que sofreram a violência de serem abusados fisicamente têm muito mais chance de desenvolver dependência química.

Para Schenker & Minayo (2003) e Toscano Jr. (2001), a qualidade dos fortes vínculos familiares, o relacionamento positivo, o estabelecimento de regras e limites claros e coerentes, o monitoramento e a supervisão, o apoio, a negociação e a comunicação, convencionalismo e equilíbrio são considerados como fatores que protegem o adolescente do uso de drogas, pois quanto mais fortes forem tais fatores, menor será, por exemplo, a influência do grupo de usuários sobre o indivíduo. Para Tiba (2007, p. 258), “o vínculo familiar, que dá ao jovem a sensação de que pertence a seu grupo, também alimenta a auto-estima, protegendo-o contra a “embriaguez relacional”.

Possa & Durman (2007) apresentam um posicionamento contrário, ou seja, a falta de limites e de disciplina, o mimo em excesso, um ambiente familiar instável e intolerante, a incompreensão e o desamor funcionam ao contrário e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

favorecem a baixo auto-estima, a insegurança, dificultando o enfrentamento das dificuldades e a superação das pressões impostas pelo sociedade neoliberal em que vivemos, além de facilitar ao indivíduo o ingresso no mundo das drogas.

> Os seres humanos tornam-se mais fortes e protegidos quando sentem que realmente pertencem a um grupo. O primeiro grupo da vida é a família. Quando uma criança não se sente pertencente à família, a sua auto-estima cai a níveis insuportáveis, a ponto de procurar quem a 'adote' (Tiba, 2007, p.264).

Recio (1999) associa a conduta dos pais ao consumo de drogas pelos filhos. Diz que os pais que não consomem drogas, que criam uma relação de afetividade com os filhos e que cultivam família bem estruturada socialmente e emocionalmente, tem uma probabilidade maior de não ter os seus filhos envolvidos com drogas. Mesma leitura de Dieguez (2000) que confirma que a qualidade de vida familiar é que estabelece o comportamento do jovem frente às substâncias psicoativas e completa que o lar marcado pela falta de apoio mútuo, de afeto, de espaço para expressão de sentimentos, de interesses coletivos, de segurança, é o lar do drogadito. Na visão de Tiba,

> onde reina a ignorância sobram preconceitos e condutas inadequadas. E, no meio da confusão, as drogas seguem assediando e seduzindo, corroendo relações, atrapalhando ou, pior, abreviando vidas, enquanto empurram os jovens, lenta ou rapidamente, em direção ao abismo (Tiba, 2007, p.264).

Matos (2008) e Seadi (2007) mostram que a família tanto pode funcionar como fator de proteção quanto ao uso de drogas, como pode se constituir num fator de risco ou como causa dos problemas dos filhos, de acordo com seus problemas relacionais e a estrutura familiar. Isso devido a influência direta que a família tem sobre os seus jovens em processo de desenvolvimento, fornecendo modelos, estabelecendo padrões de conduta e incutindo valores que vão refletir diretamente na formação de sua personalidade (Avi & Santos, 2000).

Talvez por isso autores como Kaufman (1989) e Rezende (1997) destacam ser comum encontrar na família dos drogadictos outros membros que também apresentam comportamentos aditivos, como compulsão por trabalho, comida, jogo, sexo, drogas lícitas e ilícitas, etc.

Os modelos comportamentais apresentados pelos pais e outros familiares próximos são de suma importância devido o poder que exercem sobre os filhos em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

processo de formação, que vêem na assimilação desses padrões a única forma de se identificar com o seu mundo familiar. Isso se confirma quando Berger & Luckmann (1985) afirmam que durante o processo de socialização primária a criança interioriza os papéis e as atitudes das pessoas significativas e os tornam seus. No mesmo processo, assume o mundo deles, não como somente uma das possibilidades de mundo; interioriza "como sendo *o* mundo, o único mundo existente e concebível (ibid, p. 67)".

Torna-se evidente, portanto, que a comunicação familiar é fundamental, uma vez que funciona como um dos meios para que a relação entre pais e filhos seja satisfatória (Prata & Santos, 2006). Comunicação essa, cuja qualidade não está baseada na quantidade de tempo que os pais disponibilizam para os filhos, mas sim na qualidade das relações estabelecidas entre os dois no tempo em que dispõem para ficar juntos. A presença dos pais no cotidiano dos seus filhos adolescentes é essencial para que percebam que são importantes para os pais, que estes se preocupam com eles, que existe uma identidade familiar, um conjunto e uma união de família que ele, adolescente, vai poder contar para o enfrentamento de seus problemas em conjunto (Drummond & Drummond Filho, 1998). Como afirma Tiba (2007, p.256), "é preciso que o jovem tenha valores internos fortemente ancorados para não se submeter aos valores da turma".

Não se pode esquecer que a dependência de drogas é uma forma de lidar com os problemas dessa fase da vida, principalmente se o adolescente não possui uma estrutura familiar na qual se sente apoiado, acolhido e bem orientado. Por isso, como bem ressaltam Schenker & Minayo (2003), a família tem um papel tanto de co-autora no surgimento do abuso de drogas na adolescência quanto de instituição protetora para a saúde dos adolescentes.

Por outro lado, não podemos deixar de perceber que existe um cenário contraditório entre o "papel ideal" a ser desempenhado pela família e o "papel real" que ela consegue vivenciar pela falta de chances de optar por um tipo de vida com condições apropriadas de reverter esse processo. O retraimento do Estado e a ausência de políticas de proteção social impõem à família uma sobrecarga que ela não tem como absorver e sequer suportar, posto a luta desigual e desumana que precisa enfrentar cotidianamente pela sua sobrevivência.

Dentre os enfrentamentos que a família se depara se encontra a drogadição, que se constitui na contemporaneidade, como um fenômeno de impacto social

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

cada vez mais crescente. Como diz Thomaz & Roig (1998, p.72), “muito embora o uso de drogas psicoativas pelo homem remonte a tempos antigos, é inegável que estamos vivendo um surto epidêmico de drogadição sem precedentes”, portanto, essa realidade que antes se tinha conhecimento apenas através da mídia, pode passar a fazer parte do seu contexto familiar a qualquer momento e essa inserção no contexto familiar é extremamente danoso pelas rupturas que provoca, e quando isso acontece, a família inteira é impactada e passa a sofrer pelos horrores provocados pela dependência química.

> Para a maioria dos pais, o filho é correto, um anjo. Protegem-no de tudo e contra todos, às vezes, demonstram a extrema fé de que seu filho nunca mente. Quando descobrem que o filho experimentou alguma droga, o *anjo cai*, começam a temer pelo futuro do jovem, e o desespero toma conta de todos. Sim, os filhos eram *anjos* e *caíram*, levando consigo toda a família ao sofrimento (Tiba, 2007, p.81).

Logicamente estes *anjos* não caíram de uma vez, eles foram caindo aos poucos através de toda uma trajetória de transgressões que foram cometendo antes nos lugares que faziam parte do seu cotidiano, como: escola, meio social, condomínio, clube, família, etc., mas que não foram percebidas pelos pais que, na maioria das vezes, preferem não enxergar. Essa confiança cega que depositam nos filhos, é justamente o fator gerador da conivência que dá força ao filho para seguir transgredindo rumo as experiências mal sucedidas, ao vício, à mentira, à negação (ibid, p.83).

Para as famílias que possuem estrutura geradora de patologias, segundo Freitas (2002), é muito comum que o fenômeno das drogas não seja percebido com facilidade e a negação persiste até que o quadro se agrave e a realidade faz com que percebam que estão inclusos na problemática da drogadição.

Independentemente das razões, a família apresenta dificuldades em querer enxergar as inúmeras pistas que são deixadas pelos seus parentes no âmbito familiar e que sinalizam o uso de drogas e essa percepção se constata tanto através da literatura sobre o assunto, quanto pela experiência vivenciada nos atendimentos realizados na Fazenda da Esperança de Manaus, onde a negação, tanto da família como do drogadicto era uma constante. As datas apontadas pelas famílias como do início do uso de drogas pelos seus parentes nunca coincidia com as declaradas pelos próprios adictos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Aliás, era comum ouvir de alguns que no entendimento deles a família sabia, quer pela sua mudança de comportamento, quer por outros fatores (sumiço de objetos, dinheiro), mas que preferiam não saber, só admitindo diante de evidências incontestáveis.

> O filho adicto dificilmente confessa aos pais que está se drogando, inversamente ele nega sempre, mesmo quando os pais detectam alguns sinais, acham drogas nas suas coisas ou coisa assim e o questionam, e os pais, que preferem não se defrontar com essa cruel realidade, preferem acreditar que os filhos não mentiriam para eles e vão seguindo em frente, fingindo que acreditam, até que se deparam com a realidade, quando o filho é preso, quando a polícia bate a sua porta, quando se depara com o filho drogado, quando começam a sumir dinheiro e objeto dentro de casa, quando o filho é acometido de surto de violência e tantas outras situações incontestáveis (Tiba, 2007, p. 83).

A negação das evidências pode ser o sentimento de total impotência de como agir, de não saber o que fazer para resolver o problema, assim, para evitar o conflito e o confronto com uma realidade que não sabe como lidar, transfere o problema, fingindo que ele não existe, até que ele se apresente de forma irreversível a sua frente. Nesse momento a família entra literalmente em crise, em pânico, pois não tendo mais como negar, começa a ver seu mundo desmoronar e sem ter como impedir.

> No entanto, não se pode deixar de levar em consideração que o uso de substâncias psicoativas, em determinados casos, pode estar relacionado a uma ausência de estrutura familiar, evidenciando que a toxicomania não está restrita apenas ao campo individual, mas se refere a um sintoma familiar (Costa, 1989).

Introjetar que seu ente querido está realmente usando drogas é um processo muito difícil e doloroso, pois incorporada a essa descoberta, vem todo um histórico de enganações, mentiras, manipulações, que são fatalmente promotoras da quebra de confiança que se pensava existir e, obviamente, o grau de sofrimento e frustração é sempre compatível ao grau de confiança que antes existia entre ambos. O sofrimento, assim como a desconfiança, passa a fazer parte do cotidiano dessa família, gerando um clima insustentável com o cabo-de-guerra que se instala entre o núcleo parental e seu ente fraterno. De um lado, temos a família querendo controlar o seu parente por 24 horas e do outro lado, temos o ente familiar reagindo, se rebelando, agredindo, sem aceitar as desconfianças que ele mesmo criou e, no imediatismo próprio dos jovens, não consegue entender que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

para resgatá-la necessitará de tempo, mudança de postura e a paciência necessária para entender que confiança não se impõe, se conquista (Tiba, 2007, p. 83).

Começam, então, o jogo de culpa entre os familiares, as dúvidas, as acusações, a imputação de culpa aos amigos, ao meio social, à escola, ou seja, aos fatores externos à família, numa tentativa desesperada de não admitir que a origem do problema possa estar na própria família e em suas relações internas.

Os sentimentos mais comuns encontrados nas famílias dos dependentes são: raiva, ressentimento, descrédito, dor, impotência, medo do futuro, falência, desintegração, solidão diante do resto da sociedade, culpa e vergonha pelo estado em que se encontram (Matos *et al*, 2008).

De qualquer forma, todo o contexto familiar é atingido pela drogadicção e sofre com isso, pois o que antes não se admitia agora salta aos olhos e todo o núcleo passa a se deparar com uma realidade que é contrária ao que sonharam e que é cruel de vivenciar, principalmente por ser protagonizada pela pessoa que amam e para a qual projetaram planos absolutamente contrários ao que passam a assistir. Os problemas começam a brotar de todos os lados, as mudanças comportamentais do seu adicto se tornam maiores a cada dia, a mentira torna-se parte do seu cotidiano, assim como as falsas promessas, os descompromissos, a manipulação, a irresponsabilidade, as perdas financeiras, a insegurança emocional, enfim, todas as mazelas inerentes à convivência com um adicto (Bretas & Muniz, 2009).

Apesar de todo esse enfrentamento, a família ainda se sente constrangida em admitir externamente o envolvimento de seu ente com a drogadicção e tenta esconder, pois é conhecedora da discriminação que é imputada pela sociedade aos dependentes químicos, que nunca são vistos como doentes, mas como marginais. Tal estigma é confirmado por Fender, que diz: “em geral, o dependente químico é estigmatizado pela sociedade e desvalorizado como pessoa, a família sente-se constrangida, tenta esconder a drogadição do familiar e culpa os amigos” (Fender, 1996).

Nesse contexto, a família começa a adoecer junto com o seu adicto e se tornar co-dependente, tendo que enfrentar diariamente muitas lutas internas e externas para conseguir conviver com a nova realidade que se apresenta. Ela passa a ter duas opções nesse enfrentamento, ou aproveita o momento para refletir sobre toda a construção da sua história: alianças, regras, papéis, funções

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

delegações, co-dependências, etc., e se une na busca de ajuda para enfrentar suas dificuldades e ajudar seu adicto (Penso, 2000), ou opta por continuar negando a existência do problema, fugindo do enfrentamento e termina por se esfacelar, além de continuar contribuindo para a manutenção de seu drogadicto.

> Ou melhor, as práticas educativas e os estilos de criação utilizados pelas famílias podem comunicar normas desviantes para seus filhos, estimulando-os, desta forma, a irem buscar as drogas como fonte de prazer. Sabe-se que, no universo familiar, são vislumbrados diversos fatores que desencadeiam o uso de substâncias psicoativas, dentre elas a desestruturação, o desequilíbrio do núcleo familiar e os pais como modelos no que diz respeito ao uso de drogas e álcool (Schenker & Minayo, 2003).

Na verdade, qualquer que seja a reação da família ao se descobrir envolvida no universo da drogadição, essa não deixará de interferir nas relações familiares, que com os abalos sofridos ante a nova realidade, tendem a se afastar afetivamente e a dificultar ainda mais o diálogo e a comunicação entre os seus membros, em atentar que às vezes:

> os pais adotam um modelo de vida repleto de mensagens contraditórias, fazendo pactos perversos, pelos quais crescer, ser independente, respeitar os limites não são coisas necessárias à vida. Os pactos perversos família-eleito levam costumeiramente o adolescente a não valorizar a sua própria vida, a facilitar a morte, numa procura de um último limite que pode ter um percurso que o leva a freqüentar uma destas três instituições: a cadeia, o hospital e até o cemitério. Forma inconsciente de encontrar um limite que não foi dado pela função parental (Freitas, 2002, p. 47).

Por outro lado, o adicto também sofre muito com esse enfrentamento, pois não tendo mais como esconder a sua dependência, passa a assistir o sofrimento da família e a se sentir fracassado por ser o gerador desse sofrimento, mas sem forças para libertá-la desse sofrimento. Sofre também quando se vê praticando atos que antes considerava ilícitos e a ser obrigado a enfrentar as suas conseqüências; quando perde a sua fonte de sustentabilidade (se possuía); quando é discriminado; e, finalmente, quando se torna um “excluído social” com todas as suas mazelas. Essa ruptura com quase todos os vínculos que antes o sustentavam, geram sentimentos de “não pertencimento” e de “nulidade” que anulam o sentido da vida.

Algumas famílias, por não saberem como agir, direcionam toda sua raiva e frustração para o adicto e o agridem com palavras e outras atitudes, deixando-o ainda mais culpado pelas angústias e desequilíbrio familiar, esquecendo que:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> a droga funciona como uma solução para a angústia, como um chamado e também como uma denúncia de que há algo que não exerce a sua função; algo que não funciona. E este algo que não funciona é precisamente a função paterna (BULLACCIO, 1992).

Outras famílias fazem questão de não encarar a doença como sendo um fato presente na família, mas restrita apenas ao adicto, a quem discriminam e maltratam por isso. Há as que buscam uma fórmula mágica que tire o indivíduo da droga e elimine a tensão familiar e internam seus filhos, achando que ao término do tratamento vão estar curados e não precisarão mais conviver com a doença, esquecendo que ela não tem cura, conforme destaca Olievenstein: "todos querem uma resposta rápida para o desafio das drogas. Quando procuram um tratamento, a idéia predominante é internar o usuário por algum tempo e só buscá-lo quando esteja bom" **(**Olievenstein, 1977).

As famílias que optam pela internação passam por uma nova fase, a de depositarem todas as suas expectativas de cura para o tratamento, sem nem sempre atinarem que a sua participação neste processo é fundamental para o seu sucesso ou fracasso. Afinal, se ela for geradora da patologia e não se tratar junto com o seu drogadicto, quando ele retornar para casa e encontrar a mesma realidade que facilitou ou mesmo promoveu o seu ingresso na drogadição, ele dificilmente conseguirá se manter sóbrio.

> É bastante comum encontrar no âmbito familiar pai que faz uso abusivo do álcool, mãe que utiliza medicamentos controlados de maneira abusiva, irregular, em suma, familiares que já apresentam, em suas histórias de vida, o uso de drogas (Fernandes, 2005).

É consenso entre autores como Tavares et al (2008), Matos (2008), Seadi (2007) e Schwerz (2007), Orth (2005), Mazuca et al (2000), que a família é um dos fatores mais importantes em qualquer dos métodos aplicados no tratamento dos adictos, portanto, ela deve ser envolvida em qualquer que seja o processo por que passa o adicto: aderência, triagem, tratamento/recuperação e manutenção da sobriedade, para que o resultado tenha mais chances de ser satisfatório.

Percebe-se certa contradição em todo o contexto, pois se constata que a família que é apontada como responsável pelo ingresso do seu parente na drogadição, mesmo com as ressalvas imputadas ao capitalismo neoliberal, é a mesma que também é indicada como a melhor contribuição para a sua recuperação, reinserção social e manutenção na sobriedade. Isso comprova a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

assertiva de Petrini (2004, p. 12) de que "a família constitui o maior recurso social e humano disponível".

Conclui-se, portanto, que as conseqüências da drogadição nas relações familiares são graves, nefastas, mas passíveis de minimização desde que se unam todos em torno desse propósito. Naturalmente nesse “todo” estão embutidos não apenas o núcleo familiar, pois este não tem como amparar, conduzir e reconduzir seu adicto socialmente, sozinho, vai precisar de ajuda do poder público, a quem cabe também essa responsabilidade, e da sociedade, que pode contribuir acolhendo-o sem discriminá-lo e facilitando no seu processo de reinserção social.

2.2.
Participação da família no tratamento e pós, prevenção e recaída

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Tão forte é a relação e a influência da família na vida de seus membros que mesmo adentrando no mundo das drogas e se afastando fisicamente da família, ela continua sendo o seu esteio e o seu elo com o mundo que abandonou, mas que ainda sonha em reaver. Essa afirmativa se confirma quando se constata que na grande maioria das vezes, ao tomar a decisão de deixar as drogas, o adicto vai procurar a ajuda da família para se internar e/ou se tratar. Ao tomar essa atitude, sinaliza para a família que é nela que ele confia e busca a segurança que precisa para apoiá-lo num momento delicado e decisivo de sua vida.

O entendimento de quanto o apoio e a participação da família no tratamento do adicto e no seu retorno para casa pós-tratamento são vetores condicionantes para o sucesso de ambos é o que se pretende mostrar a partir dos resultados das pesquisas e dos artigos selecionados.

Schwerz (2007) investiga o modelo de tratamento da internação domiciliar do dependente químico, que é posto em prática pelo Sistema Único de Saúde – SUS, para analisar a possibilidade de fortalecimento da família enquanto rede de apoio ao dependente químico, bem como seu potencial na prevenção de recaída ou na redução de danos.

Sua pesquisa identificou que trabalhar em uma perspectiva de rede de apoio à família significa trabalhar para que os vínculos da família e sua rede sejam reconectados, na construção do fortalecimento da autonomia dos sujeitos a partir do reconhecimento de sua rede de pertencimento, na tentativa de auxiliar as pessoas a contatarem com aqueles que fazem parte da sua história.

Apresenta como resultado da pesquisa que a intervenção com a família se constitui como vantagem desse modelo de tratamento por propiciar esclarecimento da questão da dependência química a todos, desmistificando julgamentos morais e auxiliando em situações de risco para a recaída, bem como sentimentos de acolhida e compreensão entre os membros da família**.** Alerta para os riscos de não sobrecarregar a família enquanto cuidadora, perspectiva já utilizada no âmbito das políticas públicas.

Na visão dos familiares eles tendem a reconhecer, sim, sua importância no tratamento, contudo apontam para a necessidade do reconhecimento dos seus limites no processo de cuidar e de suas tensões advindas da presença de um ente portador de transtorno mental na família (Vasconcelos, 2000 apud Schwerz, 2007). Nos depoimentos dos adictos se constata a aprovação quando declaram que: “a vantagem foi ter a família perto de si, recebendo maior apoio e também se sentiu amada”; “esta foi a primeira vez que sua família participou de um tratamento seu, onde foi possível para ele dizer como se sentia e também, ouvir a família dizer como se sentiam em relação a ele”; “muitas cobranças que a gente se fazia, acabaram”.

> [...] os mecanismos de defesa e resistência da família para assumir o uso ou dependência, leva tempo e quando se consegue o envolvimento do afeto e a disposição desta para lidar com a doença, o resultado tem sido muito mais satisfatório que o acompanhamento individual [...] (Cunha, 2000, p.103).

Em outra pesquisa sobre a terapia familiar e a dependência química, Seadi (2007) investiga sobre os fatores familiares que repercutem ou não na adesão ao tratamento e mais uma vez os resultados mostraram que há associação entre a participação dos familiares e uma maior adesão ao tratamento.

A terapia multifamiliar é uma técnica particularmente útil e aplicável para abusadores e suas famílias, mas seu sucesso é mais eficaz quando aplicado em ambientes onde a família se encontra mais disponível e acessível. É um tratamento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

que oportuniza as famílias o apoio mútuo quando expressam a dor que experimentam por ter um adicto na família.

Há estudos que confirmam que os drogadictos mantêm contato regular com sua família e indicam que ambos (adicto e família) são importantes um para o outro. Apontam a eficácia que a família e a rede social têm demonstrado no que se refere à motivação para o tratamento e para a recuperação do dependente químico (Landau, 2004). Mais uma vez concluem que o engajamento da família no tratamento pode contribuir sobremaneira para um melhor envolvimento, permanência, adesão e efetividade na manutenção dos objetivos (Diamond & Josephson, 2005 apud Seadi, 2007).

Orth (2005) destaca a impossibilidade de tratar somente o indivíduo adicto, sem incluir o sistema familiar no tratamento, de forma que todos os membros da família são, na realidade, vítimas de um jogo infindo, onde o sintoma da droga só irá perpetuar os efeitos. Não se trata, no entanto, de culpar os pais, pois isto significaria isolar-se numa casualidade linear (Sternschuss, 1996).

> Os resultados deste estudo evidenciam a necessidade indispensável de um trabalho de instrumentalização da família para poder lidar com a situação da drogadição, auxiliando-a a resgatar relações familiares que sustentem o desenvolvimento de ações que promovam a saúde e por conseqüência, a qualidade de vida das mesmas (Orth, 2005, p. 16).

Além disso, sugere que a família seja sistematicamente inserida em todos os estágios de tratamento do adicto, para que a família tenha os instrumentos necessários para construir um novo olhar sobre a função da droga no sistema familiar. Uma abordagem interessante feita pela autora em sua conclusão é quando coloca que:

> O científico não é somente o estudar, o coletar, analisar, conhecer correlacionar e discutir os dados obtidos referentes ao tema pesquisado, colaborando com o conhecimento para o meio acadêmico, subsidiando novas ações, dentre outros, mas também, poder ampliar e dirigir o olhar com mais compaixão, respeito, harmonia, amor, para com os indivíduos pesquisados, auxiliando-os num processo de mudança, transformando assim, o fio do sofrimento, da ansiedade, da angústia e da paralisação, existente no cotidiano destes, para a reconstrução relacional baseada nas emoções positivas e com isso, possibilitar a transformação das faces destas famílias. Por fim, acredito que a ciência está a serviço da humanidade, aliada com o afeto (Orth, 2005, p. 22).

Em outra pesquisa, Matos (2008) investiga sobre dependência química e sua relação com a família do dependente, utilizando a técnica do Grupo Focal e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

comparando o comportamento dos familiares antes e após a passagem por um Grupo de Orientação Familiar em dependência química. Para a autora ficou evidente o quanto a participação em um grupo como esse, com caráter informativo e educativo, pode contribuir com a família no que concerne aos esclarecimentos sobre dependência química com relação às seguintes variáveis: sentimentos, conceitos, motivos e condutas familiares.

As famílias, ao participarem do grupo, tinham expectativas de compreender, entender e enxergar o dependente como um doente e adquirir habilidades para ajudar nas recaídas. Aliás, foi detectado que a maior aflição da família diz respeito à recaída e que a família não tem a exata noção da sua influência no processo de recuperação do dependente químico e do quanto a sua participação no processo de recuperação reduziria o índice de reincidência ao uso de drogas.

Após a passagem pelo grupo, as famílias se sentiram acolhidas e demonstraram que suas expectativas foram correspondidas com relação às suas demandas, pois passaram a entender a dependência química como doença e adquiriram mais habilidades para lidar com o ente dependente.

Outra evidência apontada pela autora foi com relação à forma como a família deve ser vista e tratada nesse processo de recuperação do dependente químico, para que possa ser verdadeiramente protetora e não provocadora do uso, contribuindo para a melhora das relações familiares. Segundo ela, esse tratamento é uma necessidade, considerando que a família, ao se deparar com esse problema também adoece e precisa desse apoio, que passa a ser vital para que tenha condições de lidar com a situação e contribuir com a reestruturação do seu adicto.

A conclusão da pesquisa sustenta que a família deve ser vista e tratada como peça- chave no processo de recuperação do adicto pelo grau de importância de sua contribuição na melhoria das relações familiares e na sua influência junto ao adicto, motivando-o a aderir a um programa de recuperação.

Mazuca & Sardinha (2000), já havia obtido resultado semelhante ao de Matos (2008) ao pesquisar sobre qual o papel que a família do alcoólico desempenha no processo de recuperação e manutenção da abstinência, tendo como foco um grupo de A.A. (tratamento ao alcoólico) e um grupo do Al-Anon (tratamento à família). Em sua conclusão confirma o importante papel exercido pela família na recuperação e manutenção de estado de abstinência do adicto, assim como a necessidade de que o tratamento seja extensivo à família, que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

denomina como rede de relações significativas e influenciáveis, por entender que só desta forma se atingirá a neutralidade necessária para se trabalhar a capacidade de tolerância e compreensão de cada um.

Por parte dos adictos entrevistados, também eles acreditam que se tiverem o apoio e a compreensão da família, terão como conviver melhor com a realidade da doença.

Mazuca & Sardinha (2000), assim como Matos (2008), consideram a hipótese de que se a família estivesse mais presente no processo de recuperação e ressocialização do seu adicto, talvez evitassem a recaída.

Não se pode perder o foco de que a dependência química é um tipo de transtorno crônico e que, pela sua própria natureza, tem grande tendência a lapsos e recaídas e, por este motivo, enfrentar e aprender com as recaídas constitui um aspecto extremamente importante na recuperação do alcoólico (Knapp, 1993; Kalina, 1999). Portanto, é de suma importância entender que o sucesso da abstinência do adicto vai depender, em grande parte, do quanto favorável e compreensivo for o ambiente em que o mesmo estiver inserido (Steiglass, 1997 apud Mazuca & Sardinha, 2000).

Outra abordagem sobre o assunto foi pesquisada por Possa & Durman (2007), que não associaram a família ao processo de ressocialização de usuários de substâncias lícitas e ilícitas, mas focaram o referido processo ao trabalho de uma organização não-governamental, priorizando não os laços afetivos familiares, mas os aspectos sociais e econômicos. Procuraram abordar a vivência e a convivência na atualidade, de pessoas moradoras em uma organização não-governamental, no sentido de conhecer como vislumbram seu retorno à família/sociedade.

Um ponto importante da pesquisa, diz respeito à fase mais complexa do processo terapêutico, que segundo as autoras, é quando o indivíduo se sente bem e se encontra em condições de regressar ao convívio social, por ter que enfrentar as realidades das quais fugiu, no mundo ilusório das drogas. Começa, então, seu maior desafio, o de aprender ou recuperar sua capacidade de viver sem drogas, de buscar sua transformação pessoal, de mudar suas atitudes, desenvolver sua crença individual e espiritual, de retomar o vínculo afetivo com seus familiares, e ainda, de retornar ao trabalho para ter autonomia de sua subsistência, valorização pessoal e profissional e poder sair da situação e posição na qual se encontra.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

É uma sobrecarga de responsabilidades muito grande, para quem já detém o perfil de fugir do enfrentamento dos problemas, portanto, como reforçam as autoras, cabe à equipe interdisciplinar instrumentalizá-lo para que consiga tolerar essa situação; uma vez que o próprio indivíduo pode se deparar com a droga em qualquer circunstância, ou casualidade, e a incapacidade em tolerar o limite, que é dizer não à droga, se torna a causa mais comum de recaídas (Kalina, 2001). Afinal, como reforça Tiba (2007, p.86), "o vício adormece dentro da pessoa e a qualquer momento pode despertar. Uma vez despertado, ele retorna como se nem tivesse adormecido". Na seqüência, acrescenta ainda: "só há um modo de ter certeza absoluta de que uma pessoa não irá cair no vício: não pondo a droga dentro do organismo. Ela desequilibra a química cerebral e provoca um prazer que reforça o consumo" (ibid, p.99).

As autoras concluem, reforçando a importância de que esse trabalho seja desenvolvido com seriedade e responsabilidade, buscando sensibilizar e conscientizar a sociedade para a promoção de mudanças de hábitos e atitudes com vistas a estabelecerem olhares diferentes para o problema da dependência química. Acrescentam suas esperanças de que os profissionais de saúde passem a compreender e considerar o adicto como loucos por afeto, oportunidade, aceitação, inclusão social e liberdade.

Apesar de não vincular o processo de ressocialização dos adictos pesquisados à família, fica evidente a sua importância, mesmo não sendo citada, pois se percebe em muitos momentos a sua presença fortemente embutida tanto com relação à opção dos dependentes em se desfazer dos vínculos e morar na rua, quanto no seu processo de ressocialização.

Uma nova abordagem sobre drogadição foi efetuada por Campos & Ferreira (2007) ao pesquisar sobre a importância da legitimação social da (re)construção da identidade de um alcoolista, buscando compreender as dificuldades encontradas por um alcoolista em abstinência no processo de reconstrução de sua identidade, a partir de suas interações sociais.

Novamente, mesmo sem citar explicitamente a família, percebe-se que ela se encontra altamente envolvida em todas as etapas da história do alcoolista pesquisado, e mais uma vez sua importância se faz notar, como na pesquisa de Possa & Durman (2007), tanto na influência que exerceu no ingresso de seu ente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

ao consumo de bebidas alcoólicas, quanto na indução à recaída, mesmo sem pretendê-lo.

O fato de ter, desde sua infância, um padrão legitimado de consumo de álcool em toda a sua socialização primária, assim como permissão para o consumo de bebidas alcoólicas desde muito cedo, levou o adicto a ter como modelo de comportamento, os rituais de aperitivo que seus pais e demais familiares executavam nos domingos. O adicto encontrou no consumo de álcool a forma de ter um sentido de pertencimento e de se identificar com seu mundo familiar (Berger & Luckmann, 1985).

Outra evidência importante mostra as dificuldades que um adicto pode encontrar na sua busca de modificar uma identidade pressuposta, principalmente pelos rótulos sociais que lhe foram impostos. A pesquisa aponta para a importância da legitimação social na recuperação do adicto e na reconstrução de sua identidade, posto que o adicto precisa ter a legitimação de sua identidade re-construída por um grupo social para que a reconheça como verdadeira e não como fictícia.

Outro dado significativo e que também coincide com as pesquisas de Matos (2008), Orth (2005) e Mazuca & Sardinha (2000), ressalta a importância de se incluir a família no tratamento para a recuperação do drogadicto, posto que se tornam co-dependentes. Em suas conclusões, reforçam que se um grupo social tem capacidade de induzir à recaída, pode usar dessa mesma capacidade para contribuir com a manutenção da sobriedade, o que não ocorreu com o adicto pesquisado devido o fato de que não só ele estava doente e precisando de ajuda, mas sua família também.

Em mais uma pesquisa sobre a dependência química e o papel da família na reabilitação e ressocialização de jovens dependentes a partir de estudos sobre a atuação do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas – GREA, realizada por Tavares *et alli* (2008), os resultados apontam na mesma direção das pesquisas de Matos (2008), Mazuca & Sardinha (2000), Orth (2005), Seadi (2007) e Schwerz (2007): a família é um dos fatores mais importantes em qualquer dos métodos aplicados no tratamento dos adictos, portanto, ela deve ser envolvida em qualquer que seja o processo por que passa o adicto: aderência, triagem, tratamento/recuperação e manutenção da sobriedade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

É de suma importância o entendimento de que por mais eficazes e eficientes que sejam os métodos de reabilitação e ressocialização, se não houver envolvimento da família, as chances de recuperação do dependente químico são menores.

Naturalmente, a família necessita ser orientada, conforme já citado em outros resultados acima, quanto ao problema do seu familiar, de como lidar com ele, quais as formas de ajudá-lo nas várias fases de seu resgate, principalmente em situações de maior dificuldade e risco, como nas recaídas, para que tenha embasamento e segurança na condução de suas interferências, e obtenha o êxito desejado.

Outras contribuições importantes estão postas nos artigos de Costa (2000) e Souza, *et alli* (2008), que falam do difícil retorno do adicto ao convívio social, após completar seu ciclo de tratamento. Elas também entendem que a família tem papel fundamental na vida de um indivíduo por ver nela sua base, seu porto seguro.

No entanto, mesmo se dispondo a ajudar, a família muitas vezes entra em pânico quando chega a hora de receber seu adicto de volta para casa, por puro medo e a desconfiança de passar de novo por tudo o que sofreram com a dependência do filho. Todavia, é justamente nesse momento que o adicto, também inseguro com o desafio de precisar retornar ao meio sócio-familiar, vai precisar do total apoio da família para enfrentar os obstáculos que terá pela frente nesse difícil processo de ressocialização. Obstáculos esses, que vão desde o preconceito que sofrem, por parte da sociedade, que os percebem como marginais, ao descrédito na sua recuperação, o que inibe as suas possíveis chances de se inserirem no mercado de trabalho e socialmente.

Para as autoras, fica claro que o reinício das relações familiares, escolares e profissionais, se constitui em fator decisivo para o retorno ou não do adicto ao uso abusivo de drogas. Dessa forma, se essa reinserção não for bem trabalhada, enfrentada e assumida por todos (profissionais, egressos, amigos e familiares) os envolvidos nesse processo, dificilmente o adicto terá forças para se manter sóbrio e perderá a oportunidade de mostrar que ele é capaz de reescrever sua história.

O entendimento apreendido com estas leituras é o mesmo de alguns dos autores pesquisados, ou seja, de que o tema ainda precede de investigações mais profundas que apontem pistas, caminhos, que possibilitem detectar o tratamento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

apropriado para o adicto, levando em conta as suas diferenças individuais, para que os mesmos possam se prevenir das recaídas e se manter em abstinência.

A importância da participação da família nos processos de recuperação, reinserção/ressocialização e prevenção à recaída, foi unanimidade em toda a literatura pesquisada, assim como da necessidade de que essa seja literalmente engajada no tratamento no seu ente adicto, qualquer que seja o método do tratamento, para que o resultado tenha mais chances de ser satisfatório.

Esse entendimento de que não apenas o adicto, mas também sua família precisa ser preparada tanto para a sua saída, como para a sua reinserção no meio social, precisa ser assimilado por todos que trabalham no tratamento de recuperação de adictos: clínicas, ambulatórios, comunidades terapêuticas, etc.. Afinal, somos sabedores que ao sair, o adicto provavelmente vai se deparar com a mesma realidade que tinha antes do tratamento e isso já se constitui um problema, pois em alguns tratamentos mais prolongados, eles resgatam valores antigos, auto-estima, assimilam novos comportamentos, e ao retornarem para a família, que continua a mesma e não se preparou para a sua chegada, o choque é inevitável.

Isso nos traz a compreensão da importância que as instituições de tratamento têm, na medida em que se constituem a ponte de intermediação entre a família e o adicto, desde o processo de internação até o seu desligamento. Daí a importância de que faça parte dessa intermediação e do processo de recuperação, a preparação de ambos: adicto e família, pela equipe técnica da instituição, para restabelecer e/ou fortalecer os vínculos familiares, de forma que o reencontro de ambos no contexto familiar seja menos traumático. Afinal, como ressalta Costa (2000), sabemos que o lar do adicto, em sua grande maioria, não é harmonioso, estruturado e menos ainda sem problemas, pois traz contradições inerentes à realidade social, econômica, cultural e política, portanto, para conseguir vivenciar essas contradições sem maiores problemas, o adicto precisa sair do tratamento fortalecido. A seguir passamos a trabalhar um pouco mais o tema drogadição.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

3.
Drogadição

> Tóxicos. Um dos muitos caminhos para a autodestruição humana. Jamais previsto por qualquer profeta. Nunca imaginado pelo primeiro homem que, após mascar a folha de certa planta, comunicou ao seu companheiro o prazer que ela lhe dera. Um caminho para o auto-extermínio ignorado pelo cientista que, no silêncio do laboratório, descobriu a droga que poderia aliviar ou sanar este ou aquele mal. Tais descobertas, a do homem que adentrara a mata, e a que resultou da pesquisa do cientista, tornaram-se um meio para o encontro com os deuses. E, depois, para um longo, desgraçado concubinato com o demônio (Moura, 1978).

Drogadição, segundo o dicionário Aurélio, significa adição a drogas. Sua etimologia tem a seguinte explicação: "Adicto, do latim addictu, é um adjetivo, que significa: afeiçoado, apegado, dependente, em medicina é quem não consegue abandonar um hábito nocivo, mormente de álcool e drogas, por motivos fisiológicos ou psicológicos". É o termo mais adequado para referir quer a dependência, quer a farmacodependência, quer a toxicomania.[1] Etimologicamente, a palavra *adicto* significa escravo. Na época da República romana, o termo *addictum*, se empregado como adjetivo designava o homem que se convertia em escravo em troca de uma dívida a qual não dispunha de recursos para pagá-la, ou seja, era aquele indivíduo que não sabia conservar o que lhe conferia identidade e ao perdê-la adotava outra, imprópria, como a de escravo, que a seu ver era a única alternativa viável de pagar sua dívida.

Traçando um paralelo do passado com o presente, o termo continua bem apropriado, considerando que o homem contemporâneo, ao aderir à drogadição e se tornar um dependente, opta também por se tornar um escravo. Serrat (2001, p.150) descreve: "um povo escravo da droga é facilmente dominado e perde, junto com a sua dignidade, a capacidade de lutar por seus direitos e de construir o seu futuro".

Segundo Orth (2005, p.06) "a história do uso de substâncias psicoativas pelo homem se confunde com a própria história da humanidade", pois desde os primórdios fazia parte do cotidiano do homem numa relação contínua que era

[1] WIKIPÉDIA – A ENCICLOPÉDIA LIVRE. Disponível em: < http://*www.wikipedia.org*>. Acesso em: 18 set. 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

ligada à praticamente todas as áreas de sua existência: ciência; medicina; religião; cultura e lazer (Seibel & Toscano, 2004).

Essa relação é confirmada por outros autores como Sielski (1999) que confirma a utilização ancestral das plantas pelo homem, quer seja nos rituais religiosos para provocar diferentes tipos de sensações e percepções que, segundo as crenças, aproximavam o homem do paraíso; ou para fins terapêuticos, mesmo que de forma totalmente empírica, tateando na proporção de sua aplicação, pois de acordo com essa proporção, a planta poderia ser terapêutica ou letal (Seibel & Toscano, 2004).

Com a fundação do cristianismo, segundo Sielski (1999), houve uma mudança drástica entre o uso das plantas e a religião, pois o novo código cristão passou a relacionar esse uso com os prazeres da carne que deveriam ser veementemente combatidos. Assim, as drogas passaram a ser condenadas tanto para uso religioso, como para uso medicinal, posto que seu uso amenizava o sofrimento que era entendido como uma forma de se aproximar de Deus (Orth, 2005)

> Esta temática, objeto de interesse em termos de atuação profissional e estudo, acompanha a história da humanidade desde a Antiguidade. A droga provocou diferentes impactos no decorrer dos tempos. Passou lentamente de um uso ritualístico, com finalidade de transcendência na Antiguidade, para o consumo contemporâneo de busca de prazer, alívio imediato de desconforto físico, psíquico ou de pressão social, estando presente em todas as classes sociais (orth, 2005, p.10).

Ao adentrar no universo da droga, há que se ter o cuidado para não confundir com os inúmeros conceitos encontrados sobre o termo e, principalmente, para diferenciar a situação do uso e da dependência. Existe a droga classificada pela farmacopédia brasileira, cujo conceito é bastante generalista e que diz respeito aos remédios ingeridos por todos, mas que difere da droga de abuso, que segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS "é a substância que age nos mecanismos de gratificação do cérebro, provocando efeitos estimulantes, euforizantes e/ou tranqüilizantes" (Midio, 1992), e que são suscetíveis, portanto, à dependência.

Genericamente, as drogas psicotrópicas podem ser classificadas como: *estimulantes* – as que aceleram a função cerebral (anfetaminas, cafeína e cocaína); *depressoras* – as que reduzem a velocidade da função cerebral (inalantes,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

barbitúricos, opiáceos, hipnóticos não barbitúricos, ansiolíticos e o álcool); *modificadoras* – as que alteram o funcionamento cerebral (alucinógenos sintéticos (ecstasy, LSD), as naturais (maconha, indólicos, etc.), os anticolinérgicos e outras substâncias). Dentre as citadas, há aquelas que causam somente dependência psíquica (cocaína, maconha, os alucinógenos), e as que causam tanto a dependência psíquica quanto a física (barbitúricos, álcool, opiáceos (morfina, ópio, codeína, etc.), dentre outras (Lanaro, 2001, p. 47-48).

As drogas de abuso mais conhecidas são: álcool etílico; maconha; opiáceos (ópio e seus derivados: heroína, morfina, a codeína e a papaverina); cocaína (nas suas diversas formas de uso: pó, pasta base e a pedra de crack); inalantes (cola de sapateiro, lança-perfume, "loló" (lança-perfume caseiro feito com clorofórmio, éter e álcool de cereais), removedor de esmalte, diluente de corretivo, solventes, éter e clorofórmio); benzodiazepínicos: diazepam (tranqüilizante), nitrazepam e temazepam (hipnótico); alucinógenos: bannisteriopsis caapi (conhecido como ayahuasca), LSD, anfetaminas alucinógenas (MDMA: ecstasy, também conhecido como: êxtase, XTC, Adam, Pílula do Amor, Love ou MDM; e MDEA: Eva, Ice ou Crystal: metanfetamina (anfetamina pura em forma de pó branco que lembra gelo), Speed: metanfetamina (chamada cocaína dos pobres, é a adquirida em forma de pó branco) e cogumelos alucinógenos (fungos); medicamentos anticolinérgicos: Ciclopentolato e Triexafenidil (Cazenave, 2001, p. 63-73).

Os efeitos mais comuns causados pela ingestão dessas substâncias no organismo são: prazer acentuado; excitação; exaltação; manifestação de felicidade interior; êxtase; falta de apetite; insônia; anorexia; maior eficiência muscular; taquicardia; hipertensão arterial; ansiedade; alteração do estado de ânimo; sensações de irrealidade; alterações de percepção; alucinações; estado de pânico; alterações de humor; dilatação pupilar; náuseas e vômitos; dores musculares; delírios; alterações de memória; vertigem; depressão (Lanaro, 2001, p. 49-54); paranóias; euforia; agitação; interação social acentuada; quadro confusional; obstipação intestinal; boca seca; incoordenação motora; tranquilização; amnésia; confusão mental; tontura; alterações visuais (Cazenave, 2001, p.63-73); olhos avermelhados; voz pastosa; calafrios no verão; suor no inverno; andar cambaleante; reações retardadas; coriza constante; hemorragia nasal e gengival; fadiga; fraqueza muscular; dentre outros (Lourenço, 2001, p.143-144).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Naturalmente esses efeitos vão depender sempre do tipo e quantidade das substâncias consumidas. Cabe ressaltar que o uso crônico dessas substâncias pode conduzir o indivíduo a estados de confusão e episódios psicóticos que podem levá-lo ao suicídio e ainda, desenvolver alucinações e idéias delirantes paranóicas que o levam a tornar-se perigoso.

Nos casos de ingestão excessiva, chamada de *overdose*, o óbito pode advir como conseqüência, após convulsões e estado de falência cardíaca e do centro respiratório encefálico (Lanaro, 2001). O reconhecimento da dependência química como doença pela Organização Mundial de Saúde – OMS - se deve, justamente, pela alteração que provoca no organismo do ser humano causando-lhes prejuízos, por vezes incontornáveis, na suas dimensões mais básicas: biológicas, psíquicas, espiritual e social.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

3.1.
Drogadicto e a dependência

Para autores da área da psiquiatria como Kalina (1999) e Fichtner (1999), a adesão às drogas, e a conseqüente dependência, está vinculada à fragilização do ego do drogadicto, assim como à sua dificuldade de lutar contra o sofrimento, a frustração, a ansiedade, a angústia, a depressão, a dor, a perda, a incapacidade de adaptar-se à realidade, o abandono, etc, faz com que perceba as drogas como a única alternativa viável para o enfrentamento dessa realidade, pois ela funciona como fator neutralizador de seus sofrimentos.

Em grande parte dos casos, o dependente é uma pessoa que desenvolveu sua personalidade frágil, sem recursos internos adequados para o enfrentamento dos acontecimentos que marcaram sua vida, devido às frustrações sofridas, principalmente no que se refere a macro e microabandonos, geralmente ocorridos em sua primeira infância, instância maior da geração de problemas. Sem condições de suportar as restrições e negações por muito tempo, a criança que tem essas características termina por se transformar numa pessoa impulsiva, que passa a tomar decisões que logo se arrepende e abandona, saindo em seguida em busca

de outras opções que logo esquece, numa seqüência improdutiva e constante, como forma de tentar alcançar a segurança que almeja, mas não possui (Kalina, 1999, p. 36).

> A procura da identidade, da liberdade, da criatividade, do prazer, por meio de práticas adictivas, nunca leva à obtenção desses objetivos, entretanto, os seres humanos vão entrando pelos diferentes caminhos das adicções, embora o final seja irrefutavelmente conhecido: a morte (ibid, 2001, p. 84).

Essa busca incessante gera uma tensão que se deriva da falta de resolução para os problemas da vida e que culminam em ansiedades insuportáveis, que para esse tipo de personalidade, necessitam de compensações acessórias, ou seja, as drogas, por acreditar que através delas irá adquirir o estado de equilíbrio e tranqüilidade que precisa para acalmar sua tensão. O autor reforça ainda que, "ao recorrer à automedicação, mediante substâncias 'neuropsicobiotóxicas e sociais', para poder viver a ilusão de superar debilidades ou fraquezas humanas, ao invés de liberar-se ou tornar-se independente, torna-se *dependente de drogas* e, assim, jamais resolverá nada" (ibid, 2001, p. 16).

É justamente nesse momento, ao perceber na química a "via régia" para um mundo mágico, que ele cai na "drogaescravidão" e na organização de um projeto de morte, abandonando seu projeto de vida, que só vai conseguir resgatar, recriar quando conseguir reconhecer que precisa renunciar ao mundo da fantasia e deixar de se esconder atrás dos efeitos da drogadição e optar pela sua recuperação (Fichtner *apud* Kalina, 1999, p. 9).

> O adicto é um ser destinado a não-ser, e que, em sua tentativa de ser, entra no caminho da droga, ou seja, do não-ser. Trágico mal-entendido, que cedo ou tarde se paga com a vida e, se não chegam à morte, *vivem um viver-morrendo* com diferentes *conseqüências* neuropsicobiológicas e sociais. (Kalina, 2001, p.17).

É importante ressaltar que nem todo usuário evoluirá para a dependência, pois a atitude do indivíduo frente à droga é bastante variável, até porque as reações das pessoas frente às situações que criam a necessidade de estimulação ou sedação não são as mesmas. Há casos em que ela procura a droga num momento de angústia, mas quando essa se extingue, ele deixa de consumi-la, sem estabelecer um vínculo com a mesma. Existem àqueles que só consomem quando a droga está disponível, quando o ambiente é favorável, mas não a procuram, além

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

disso, o que não afeta sua vida social, mas têm outros que o uso contínuo da droga termina por levá-lo ao quadro de dependência, quando a droga passa a se constituir o seu foco principal.

> Mais seguro do que correr para neutralizar os prejuízos é antecipar-se ao uso das drogas investindo na sua prevenção. Mesmo porque as drogas estão entre nós. Houve um tempo em que se escutava falar de alguém distante envolvido com elas. Hoje, todo mundo conhece alguém, às vezes da própria família, que seguiu essa perigosa trilha (Tiba, 2007, p. 260).

Como diz Fleming (1995): "o toxicodependente é, por assim dizer, o produto mais bem acabado de uma sociedade aonde progressivamente o valor dos laços afetivos se vai perdendo e que elegeu o químico e o consumo como valores de felicidade".

Vejam-se alguns traços do perfil do drogadicto que podem ser observados: nega ou minimiza o consumo das drogas; admite o uso, mas diz saber seu limite e afirma poder parar quando quiser; não assume a responsabilidade da dependência; joga sempre os prejuízos da droga para um futuro bem distante de forma a não atingi-lo; projeta na droga o poder de suprir todas as suas necessidades; usa a droga com a finalidade de eliminar a ansiedade da espera, a angústia da frustração, a dependência afetiva, o pânico; substitui a reflexão pela ação impulsiva; usa a droga para a satisfação imediata de seus desejos; busca o isolamento e apresenta mal-estar na relação com as pessoas; demonstra baixa auto-estima e baixa tolerância a estados de tensão; é inseguro, passivo e impotente para sofrer, não suporta a dor; é hipersensível e possui alto grau de irritabilidade; é depressivo e às vezes tímido; não tem ambição; não tem controle; é geralmente compulsivo; não tem confiança em si; perde o interesse por valores da vida pessoal e pelas atividades de lazer; tem dificuldade de relacionamento social e familiar; e tem disfunção sexual, dentre outros (Lourenço, 2001, p. 145-147).

> Então, podemos dizer que o adicto vive permanentemente um *mal-entendido*, e, além disso, por norma é *mal-entendido*, e, o que é ainda mais trágico, racionaliza sua patologia em termos de uma ideologia de vida, ou melhor, de morte, ou seja, assume um delírio (...). Para eles, a "química" é algo similar à busca da "pedra filosofal", para os alquimistas, com a importante diferença que os adictos oferecem a si mesmos para desempenhar o papel de "cobaias" para suas pesquisas (Kalina, 2001, p. 16).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Até pouco tempo atrás a dependência era considerada como falha de caráter ou desvio de personalidade, numa visão moralista, o que representou um grande obstáculo na consideração do uso de drogas como um problema de saúde, mas as pesquisas foram revelando que a raiz do problema é outra. As descobertas mostram por que determinadas substancias têm o poder de propiciar momentos tão intensos e fugazes de felicidade artificial que viciam. Como diz Tiba, "a explicação está na química cerebral. As drogas competem com os neurotransmissores, produzindo sensações tão agradáveis e recompensadoras que o dependente tende a procurá-las novamente e cada vez mais, não se importando com o preço a pagar" (Tiba, 2007, p. 259).

O mesmo autor destaca estudos que apontam a existência de pessoas que possuem deficiência na produção ou na liberação de dopamina (o neurotransmissor produzido pelo cérebro para transmitir a sensação de prazer) e que essas pessoas, dada a essa deficiência, se tornam mais predispostas ao vício, busca de drogas ou de emoções mais fortes. Essa afirmativa esclarece o porquê alguns indivíduos saem de um vício e entram em outro, numa circulação infinda.

Tiba (2007) afirma que apenas o início do uso de drogas depende, na maioria das vezes, da vontade do indivíduo, porque depois do uso inicial, quem passa a ter o comando é a química dos neurotransmissores, pois seu natural equilíbrio fisiológico foi desregulado, acarretando modificações neurológicas, psíquicas, psicológicas e biológicas no organismo. Para ele, dependente é um doente químico, por isso precisa de tratamento. Kalina faz a seguinte observação:

> Não conhecemos nenhum adicto que não considere que maneja a droga, exceto nos breves lapsos de tempo em que está sóbrio, mas é uma verdade que isso lhe produz ou evidencia o sentimento de impotência, o qual lhe é impossível de tolerar, voltando a drogar-se (Kalina, 2001, p.32).

Portanto, mesmo que não cheguem a se tornar dependentes, os usuários de substâncias psicoativas apresentam um comportamento doentio, ou no mínimo, incoerente, pois apesar de saberem das implicações dessas substâncias, insistem em fazer uso delas. É imprescindível, portanto, que sejam tratados, para não se constituírem em mais uma perda generalizada para todos os que se relacionam com esses usuários, em quaisquer níveis em que ocorram esses vínculos: na *família*, cujos efeitos já escrevemos amplamente no capítulo um; na *escola*, que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

sofre a perda do seu aluno; na *empresa,* que precisa arcar com o ônus da queda de produtividade do funcionário; da *sociedade,* que perde a colaboração desse cidadão e ainda sofre com os efeitos de suas ações quando drogado, como: acidentes de trânsito, violência urbana, morte prematura, assassinato, etc.; do *Estado,* que precisa arcar com os gastos com tratamento médico/ hospitalar, além de precisar reparar ou tentar minimizar os efeitos danosos provocados pelos drogadictos na sociedade (Tiba, 2007).

Atualmente, a drogadição vem sendo considerada uma doença recidivante e crônica, caracterizada pela busca e consumo compulsivo de drogas e foi incluída na versão atual da Classificação Internacional das Doenças (CID) como a síndrome de dependência do álcool - que substitui o termo alcoolismo - e de todas as substâncias psicoativas em uma mesma categoria, a de Transtornos Mentais de Comportamento decorrentes do uso de substâncias (Castelões, 2002). No mesmo CID essa síndrome é definida como:

> um conjunto de fenômenos fisiológicos ou comportamentais e cognitivos, no qual o uso de uma substância, ou de uma classe de substâncias, alcança uma prioridade muito maior para um determinado indivíduo que outros comportamentos que antes tinham maior valor. Uma característica descritiva central da síndrome de dependência é o desejo de consumir drogas psicoativas, álcool ou tabaco. Pode haver evidência de que o retorno ao uso da substância, após um período de abstinência, leva a um reaparecimento mais rápido de outros aspectos da síndrome do que o que ocorre com indivíduos não dependentes (ibid, p.23).

Assim a drogadição pode ser considerada como uma doença recidivante, devido à raridade de a abstinência ocorrer pelo resto da vida, após um primeiro tratamento. A recorrência das recaídas é tão contundente que passa a ser regra, não exceção. Por essa razão é considerada e deve ser tratada como uma doença crônica - caracterizada pela busca e uso compulsivo de substâncias psicoativas quando o indivíduo perde parcial ou totalmente a capacidade de controlar o uso da droga e esta passa a controlar a sua rotina de vida -, cujos resultados são controláveis, mas nunca definitivos.

> A causa mais comum de recaídas na droga origina-se em sua incapacidade de tolerar o limite que significa: *não* ao álcool. A "cervejinha", assim no diminutivo para tirar-lhe importância, é o desencadeante mais freqüente entre os jovens, e o "vinhozinho" ou a "champanhezinha" ou "uisquinho", entre os adultos, porque, reiteramos, é-lhes impossível entender que o limite estrito, quanto ao "*não*" ao álcool, não se baseia em que o consideremos pacientes alcoolistas, senão que o álcool reativa a necessidade da droga, em especial o consumo de cocaína (Kalina, 2001, p. 25).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

É de suma importância destacar que, apesar da necessidade de tratamento do adicto, este dificilmente irá, espontaneamente, procurá-lo, pois tem como tendência o escamoteamento do seu vício. Nas raras ocasiões em que busca, por iniciativa própria, o tratamento, não o faz por estar convencido de sua dependência, mas, geralmente, por problemas e prejuízos que se acumularam ao longo de sua vida de consumo, do tipo: complicações médicas, ocupacionais, interpessoais, legais, financeiras, etc.

Mesmo aderindo ao tratamento, é importante focar a inexistência da cura, posto tratar-se de uma doença, como já dito, crônica, porém controlável. Muitos são os casos dos adictos que conseguem permanecer sóbrios, mas é proeminente a dificuldade dessa manutenção da sobriedade, pois prescinde de um controle permanente e, principalmente, do entendimento dos seus limites e restrições quanto ao uso de quaisquer substâncias psicoativas, sejam quais forem.

É imprescindível que o adicto internalize que o uso de qualquer substância, mesmo a que não se constitua o foco da sua dependência, vai evocar as memórias do consumo da droga da qual era usuário, desencadeando “fissuras” intensas e a conseqüente diminuição a sua resistência ao consumo. Para conseguir se manter sóbrio, precisará mudar o seu estilo de vida, o que inclui, dentre outras coisas: afastar-se dos antigos companheiros de consumo; dos ambientes antes freqüentados e que serviam de palco para seu consumo; de locais onde o uso e consumo das substâncias psicoativas (proibidas ou não) sejam seu foco principal; etc. Por outro lado, precisará adotar novas posturas, que visam facilitar a sua sintonia com a família, com a sociedade e com o mundo (Leite, 2009).

O entendimento da drogadição como resposta às vicissitudes e às hostilidades biopsicossociais somada à percepção da sociedade contemporânea como tecnológica e globalizada (cujas atividades de lazer se resumem aos Shoppings Centers, cujo relacionamento e comunicação entre as pessoas se efetivam cada vez mais via internet, onde as pessoas são mais valorizadas pelo “ter” do que pelo “ser”, onde se percebe a “humanização” das coisas e a “coisificação” do ser humano, quando os valores afetivos, humanos e éticos são substituídos pelo outros completamente deturpados, e quando as necessidades emocionais básicas são trocadas pelo consumismo), nos trás o entendimento das causas da expansão exacerbada do consumo de drogas (Fichtner apud Kalina, 1999).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Vivemos em uma etapa da história da humanidade na qual, apesar de termos consciência da historicidade de nossas vidas, por motivos ideológicos – os socioeconômicos e políticos – vivemos um *presentismo* quase absoluto, que, ademais, soma seus efeitos negativos ao presentismo próprio dos adictos (Kalina, 2001, p. 26).

Na década de 1990, a maioria absoluta dos drogadictos detidos com drogas pertencia à classe social de baixa renda e eram desempregados. Atualmente, a realidade é outra e a expansão das drogas não é mais atribuída apenas aos desempregados, mas também aos abastados socialmente, à classe média alta e aos universitários, conforme notícias divulgadas em revistas, jornais, livros e televisões.

Um fator importante a ser ressaltado, é que esse envolvimento da classe alta e média alta com o narcotráfico não é apenas como usuário, mas em alguns casos como parte integrante do tráfico e como delinqüentes.

> As pessoas são estimuladas a pagar para serem escravas – lembrando da relação etimológica escravidão/adicção – e o negócio da venda de drogas, tanto as legais como as que ainda se mantêm como ilegais, floresce e se dissemina pelo mundo, quase sem levar em conta as conseqüências imediatas e mediatas de tais práticas, tanto para os indivíduos quanto para a condição humana e a sociedade em geral (Kalina, 2001, p. 159).

É com perplexidade e horror que vimos assistindo não somente os nossos jovens, mas toda a sociedade sucumbirem às transformações e inversões dos valores até então apreendidos e assumidos como esteio e/ou pedras fundamentais à formação ética, moral espiritual e social do ser humano em sua totalidade. Com isso, nos deparamos com nossos jovens vivendo confusamente, achando normal se anestesiar e se drogar como condição *sine qua non* para poder "participar" de um determinado grupo, ser "reconhecido" por outros, ter "identidade", para "ser" como os demais e não para "ser" ele próprio (Kalina, 2001, p. 159).

> Enquanto a ciência em êxtase contempla a si própria, exultante com seus adornos tecnológicos, a sociedade da qual faz parte, em sua cruel omissão, deixa avançar sobre seus frutos, seus jovens, uma epidemia feroz. Lamentavelmente, nunca a drogadição teve tanto êxito como nestes últimos tempos. Então, há uma epidemia, cujo agente destrói, muito antes que a vivência possa transformar potencial e experiência em sabedoria, o órgão necessário para tal transformação. Epidemia que nos deixa sem sabedoria e sem potencialidades para enfrentá-la, antecipando surdamente "décadas sem cérebro". (Thomaz & Roig, 1998, p. 15).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Constata-se a interferência da drogadição em todas as áreas, inclusive no mercado de trabalho. A relação trabalho versus uso de drogas remonta à Revolução Industrial, no século XVIII, quando os funcionários passaram a recorrer a bebidas alcoólicas para conseguir suportar as condições adversas de trabalho causadas pela falta de legislações que impedissem os desmandos ditados pela produção.

Nos tempos atuais, com toda a legislação pertinente, os desmandos continuam sob outras formas e o homem continua se sentindo ameaçado pelas forças poderosas do capital e trabalho, se considerando totalmente desamparado, sem conseguir se unir aos colegas, por considerá-los um competidor em potencial, e se sentido só perante um mundo que o ameaça. Naturalmente essa situação termina por gerar sentimentos de frustração, angústia, impotência, insegurança e solidão, que nem sempre conseguem enfrentar sem o uso de substâncias psicoativas.

Não se pode negar a forte vinculação que existe entre o drogadicto e o mercado de trabalho e, principalmente a forte influência que exerce na vida do mesmo, tanto quando se faz presente, quanto ausente. Há que se destacar, no entanto, que essa é uma relação um tanto contraditória pelas diversas formas com que influencia a vida da pessoa. Por exemplo, o alto nível de pressão e carga horária pesada; os picos muito altos de volume de trabalho e stress; fácil acesso a substâncias como opiáceos e calmantes; invisibilidade do trabalho; pressão quanto a horários e metas; condições climáticas adversas; isolamento social; trabalho noturno etc.; aparecem como facilitadores ao uso de drogas, ou seja, o próprio trabalho, pelas suas exigências exacerbadas, induz ao uso de substâncias que, no entender do drogadicto, vão ajudá-lo na fuga e/ou enfrentamento do problema, minimizar o seu estresse, e favorecer sua permanência no emprego.

Por outro lado, o desemprego; a dificuldade de encontrar trabalho e, principalmente, de mantê-lo; a falta de progresso na carreira, devido à instabilidade inerente ao tóxico-dependente; a precariedade do emprego; e os problemas financeiros advindos dos baixos rendimentos e que culminam com o endividamento; são também considerados fatores que induzem o ingresso no vício ou levam à recaída.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Os indivíduos não percebem mais nenhum futuro plausível em nenhum modo de vida integrado à dinâmica social e perdem o sentido da vida. Desesperançados e sentindo-se inúteis, procuram compensações para seus azares ou defeitos na bebida (Escorel, 1999, p. 57)

A empresa, por sua vez, também sofre as conseqüências do consumo de drogas seja pelo absenteísmo; por acidente de trabalho; desperdício de material; falta de concentração do funcionário; diminuição de produtividade; licenças médicas freqüentes; ocorrências disciplinares; aposentadoria precoce; dentre outros. Os prejuízos financeiros, segundo cálculos do Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID), são na ordem de US$ 19 bilhões somente no Brasil (Molivi, 2009). No ano de 2000, o Serviço Social da Indústria – SESI, partindo da constatação das conseqüências negativas que o abuso de drogas causava à indústria e da existência de uma grande demanda desse uso, resolveu elaborar o "Levantamento sobre Uso de Drogas entre Trabalhadores da Indústria", que foi conduzido em 34 empresas, distribuídas em treze Estados, sendo: quatro da região Norte, quatro da Região Nordeste, duas da região Sudeste, duas da região Sul e uma da região Centro-Oeste. Foram pesquisados 2.654 trabalhadores, sendo 74,2% do gênero masculino (SESI, 2009).

O resultado do levantamento constatou que 20% dos trabalhadores confirmaram fazer uso excessivo de álcool de forma regular em intervalos bastante curtos, e 10,5% de drogas ilícitas. Houve a percepção de que existe uma forte associação do hábito de fumar e o uso de álcool e outras drogas, e ainda, que um alto percentual (84%) de trabalhadores disse concordar em se submeter a testes para a detecção de drogas na empresa. Além disso, mais de 70% dos trabalhadores se manifestaram favoráveis ao recebimento de orientações sobre o uso de álcool, cigarro e outras drogas, e um percentual um pouco menor (65,9%) concordaria que essas informações também fossem repassadas pela empresa aos seus familiares (ibid).

O levantamento conduzido pelo SESI confirma o que já era de conhecimento de todos, mas agora, diante dos fatos, não há mais como se esconder, a realidade precisa ser enfrentada por todos: empregador, empregado, familiares, sociedade e Estado.

Por outro lado, nos dias atuais, não cabe mais a alegação, por parte da empresa, de que esta não deve se envolver na vida particular do empregado, pois

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

este envolvimento já existe e é irreversível, considerando que a abrangência do trabalho sai dos muros da empresa e invade a vida particular do empregado de tal forma, que não há mais como dissociar um do outro, e ainda, que da dialética de ambos resulta o bem-estar do indivíduo (Rehfeldt, 1989). Com a compreensão de que a dependência química é uma doença e não um desvio de comportamento, os empregadores passaram a investir na recuperação dos funcionários e na prevenção do problema, desenvolvendo estratégias e implantando programas preventivos, motivados pelas conseqüências negativas que o uso abusivo de drogas traz à saúde do trabalhador e, consequentemente, à produção.

> Sempre que o homem pode desenvolver-se, e isto também na empresa, sua motivação é mais elevada, e ele permanece saudável e produtivo. E sempre que seu desenvolvimento fica prejudicado por obstáculos e frustrações, sua motivação cai, e as probabilidades de adoecer ou fazer uso de algumas drogas aumentam (Amthauer, 1979 *apud* Rehfeldt, 1989, p. 15)

No Brasil, vem crescendo nos últimos anos o número de empresas que estão investindo em campanhas, pesquisas, testes de detecção, programas de prevenção e de recuperação, etc., todos voltados para reduzir o número de trabalhadores dependentes de drogas, mas na verdade é um trabalho constatadamente embrionário e impulsionado pela legislação vigente no país que termina por inibir a omissão das empresas com relação ao problema.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

3.2.
Avanços do narcotráfico

A drogadição continua se constituindo num grave-problema que é perverso, letal, com índices de proliferação alarmantes e cujos efeitos danosos à pessoa e à sociedade são incontestáveis.

A estimativa, divulgada pelo Centro de Informação da ONU em Portugal (2003), de que 200 milhões de pessoas consomem drogas ilícitas em todo o mundo – dentre as quais cerca de 25 milhões poderiam ser consideradas como “usuárias problemáticas de drogas” -, são dados deveras alarmantes, posto que os

efeitos desse consumo provocam danos incalculáveis e conseqüências nefastas, seja pelo crescimento vertiginoso da violência e do banditismo, ou pela martirização dos consumidores e de suas famílias, ou ainda, pela geração de problemas na área da saúde, social e econômica (Annan, 2009).

Problemas esses que afetam a estabilidade das estruturas e ameaçam valores políticos, sociais, econômicos e culturais e infligem prejuízos consideráveis aos países no que se refere: aos gastos com tratamento médico/hospitalar, ao aumento dos índices de acidente de trânsito, de trabalho; ao crescimento da violência urbana, da taxa de homicídio e crimes violentos; à desagregação familiar; à diminuição da expectativa de vida; e, ainda, à queda de produtividade dos trabalhadores (Serrat, 2001). Afetam, ainda, homens e mulheres de todos os grupos sociais e étnicos, de todas as classes sociais, de todas as faixas etárias e níveis de escolaridade etc., inclusive bebês que podem já nascer trazendo como herança a dependência química de seus progenitores.

A constatação dos prejuízos causados pela proliferação da droga foi tão assustadora, que se tornou objeto de mobilização mundial culminando com a criação de políticas e programas de prevenção e com a intensificação do patrulhamento ao tráfico. Além disso, a proporção atingida por seus efeitos foi tão impactante na sociedade que passaram a interferir no cotidiano das populações, quer seja pela degradação do ser humano, desestruturação da família, inversão de valores, desvalorização da vida, e prejuízos econômicos, dentre outros. Efeitos esses difíceis de serem revertidos e controlados, considerando que o narcotráfico serve a interesses de terceiros, como o crime organizado e à perversa distribuição de renda.

Com isso as substâncias entorpecentes foram eleitas pela opinião pública como o mal do século, e a sua proliferação alcançaram patamares assustadores justamente pela facilidade com que são encontradas, e seu comércio, considerando os lucros absurdos que alcança, faz parte de um mercado perverso cujo grupo que o comanda é chamado, por um seleto grupo de pesquisadores, de “economia delinqüencial”. É notório que para esse grupo, cabe a lógica do sistema capitalista que é pautada na garantia do lucro a qualquer preço, mesmo que seja à custa da miséria, da doença e da fome de muitos seres humanos ou da destruição da Natureza. Para esses, a droga é a alternativa econômica mais viável para os países do Terceiro Mundo (ibid, p. 13). Até pouco tempo atrás eram duas as drogas que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

causavam maior impacto econômico e social no planeta: cocaína e heroína. Elas eram as que mais matavam seus usuários e as responsáveis pela maior movimentação de dinheiro na produção e tráfico. Cabe ressaltar que o tráfico dessas substâncias se constitui numa verdadeira cadeia industrial que envolve desde os agricultores pobres, passando por inúmeros empregos diretos (pessoas que atuam nos laboratórios clandestinos, transportadores e revendedores), e indiretos (encarregados da lavagem de dinheiro e dos sistemas de corrupção).

De acordo com o relatório mundial sobre drogas do Escritório das Nações Unidas sobre Controle de Drogas e Crime, as drogas ilícitas mais usadas no mundo são a maconha (com cerca de 160 milhões de usuários), os estimulantes tipo anfetamina (com cerca de 34 milhões de usuários), os opióides (com cerca de 16 milhões de usuários) e a cocaína (com cerca de 14 milhões de usuários).

O mesmo relatório aponta que o consumo das drogas ilegais no mundo não é uniforme, posto que as preferências diferem de acordo com os continentes: os opiáceos (ópio, heroína, etc.) são os preferidos da Europa e Ásia, enquanto na América a demanda maior é para a cocaína e na África, a maconha (SENAD, 2010).

No que se refere às drogas ilícitas, temos o consumo do álcool e de produtos do tabaco cuja legalidade possibilita a ampliação de seu uso e de seus danos. Os dados levantados pelo UNODC (2008), apontam que 25% da população mundial é afetada pelos produtos de tabaco, cerca de 5 milhões de mortes são atribuídas ao seu uso. Em se tratando do consumo do álcool, se estima que quase 2 bilhões de pessoas fazem uso no mundo todo e a este uso é atribuída 3,8% das mortes e 4,6% de doenças no mundo todo. Esses dados refletem o porquê da eleição das substâncias entorpecentes como o mal do século, pois os números apontados são deveras estarrecedores. Afinal, quando se introjeta que 200 milhões de pessoas elegeram as substâncias psicoativas como suporte para o enfrentamento de suas mazelas; como ideologia de vida, ou de morte, como diz Kalina (2001), optando sadicamente por um suicídio a curto ou longo prazo, ou por viver-morrendo em consequência do envenenamento a que é submetido ao adentrar na escravidão das drogas, não temos dúvida que temos realmente um mega problema.

Isso explica as razões que levaram os Estados Unidos a estarem à frente da *war on drugs* (guerra às drogas) desde o final dos anos 70, na tentativa de conter

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

a produção e a comercialização de drogas (Zaluar, 2009), e a declararem o narcotráfico como inimigo número um dos norte-americanos na década de 90 (Steiman, 2009). Zaluar (2009) ressalta que ainda assim o referido país continua aparecendo nas estatísticas como o país com maior diversidade de drogas em circulação.

A abordagem do narcotráfico focada pela mídia diz respeito apenas à questão delinquencial, quando, na verdade, esse viés é apenas a sua face mais simplista e que escamoteia o fato de se constituir num dos eixos mais importantes da América Latina com os Estados Unidos, com implicações que envolvem questões estratégicas e de segurança nacional e coletiva, cujo entendimento se traduz "como um problema econômico, social e político transnacionalizado que desequilibra o Estado e a sociedade latino-americana" (Chavez Alvarez, 1989).

Zaluar afirma que as preocupações e os debates também ocorrem nos organismos internacionais, e cita que:

> Segundo o Conselho Social e Econômico das Nações Unidas (dados de 1994), o crime organizado transnacional, com capacidade de expandir suas atividades ao ponto de ameaçar a segurança e a economia dos países, particularmente aqueles em transição e desenvolvimento, representa atualmente o maior perigo que os governos precisam enfrentar para assegurar sua estabilidade e segurança (Zaluar, 2007, p.45).

A produção mundial dessas drogas vem alcançando patamares tão altos ao longo dos anos, que para ser escoada precisa ser consumida por um público consumidor que também cresce a cada dia, que está espalhado pelo mundo inteiro e que movimenta somas impressionantes de dinheiro. Naturalmente, a circulação de tão grande quantia gera lucros exorbitantes para o narcotráfico, ressaltando, no entanto, que para os humildes plantadores, responsáveis pelo início do processo, cabe uma ínfima parte de todo esse lucro, ficando a maior parte com os grandes traficantes, obviamente.

Esse mercado ilegal é responsável, dentre outras coisas, pelo aumento da criminalidade em seus vários aspectos (formação de quadrilhas de transportadores e de distribuidores; crescimento da marginalidade e conseqüente violência, etc.); perda da produtividade gerando prejuízos econômicos; elevação dos gastos com tratamento de dependentes; lavagem de dinheiro; todos causando conseqüências nefastas à sociedade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

O processo de lavagem de dinheiro, que torna o dinheiro ‘sujo’, obtido ilegalmente, em ‘limpo’, ou seja, à condição de legítimo, tem suas origens mascaradas e constitui um problema em si mesmo por encobrir, tanto os lucros obtidos com o comércio ilícito de drogas quanto à evasão de capitais, a sonegação fiscal, a corrupção, o contrabando e todas as atividades ilícitas. Esse processo só se efetiva por contar com a parceria do sistema bancário e financeiro, que possibilita, através de suas transações mirabolantes e deslocamentos geográficos, a transformação do dinheiro sujo em limpo (Machado, 2009). A droga ganhou as ruas de tal forma, que hoje, todas as faixas etárias e todas as classes sociais conhecem o tema, lêem e se interessam sobre o assunto, assistem as programações oferecidas pela mídia, assim como participam de palestras e conferências para debater o assunto, numa notória demonstração de sua preocupação com relação ao assunto e à luta desigual travada pelo narcotráfico - com todo seu dinheiro e poder - contra a estupidez humana que se deixa seduzir pelo prazer efêmero das drogas (Kalina, 1999).

> A grande intoxicação da humanidade será a das drogas proibidas (maconha, cocaína, crack, ecstasy, heroína e outras), que infelizmente não cedem só à proibição. E trazem, de carona, as drogas legais, para rechear ainda mais o grande bolo químico (Sielski, 1999).

No Brasil a estrutura do narcotráfico surgiu vinculada ao contrabando, à evasão de riquezas nacionais e à corrupção governamental, sendo alimentada pela contravenção, pelo crime organizado, e pela conhecida corrupção encontrada em vários e expressivos segmentos da sociedade. Posteriormente, o país foi inserido nos esquemas de lavagem de dinheiro, cujo processo passa pelo sistema de compensação bancária com contas em diversos países, contando com a ajuda do jogo do bicho, loterias, etc. É um processo considerando tão seguro pelos traficantes, que sequer temem o rastreamento de suas contas pela polícia. Além disso, a globalização e a tecnologia vieram facilitar ainda mais esse esquema, colocando à disposição do crime organizado tudo aquilo que ele precisa de forma bem mais rápida e oferecendo ainda, multiplicidade na forma da ação (Procópio, 1999).

O alastramento do narcotráfico (comercialização, produção e consumo) no Brasil, debita-se em parte, segundo o autor, aos inúmeros erros da política antidrogas desenvolvida pelo Estado brasileiro. Outro facilitador é o quantitativo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

de consumidores que transforma o Brasil em uma das mais atrativas praças do mercado mundial e, além disso, o fato de possuir também uma elite rica, numerosa, que não tem receio de gastar, e outra parte da população que não exita em assaltar, matar para comprar a droga, sem nenhum receio, confiante na impunidade da justiça (ibid). A vizinhança do Brasil com os principais produtores de cocaína, assim com a infra-estrutura de transporte e comunicação existente no país, acrescida de número insuficiente de soldados, de aviões e de barcos para o efetivo patrulhamento da sua ampla região fronteiriça, também conferiu ao mesmo uma posição privilegiada nos negócios de entorpecentes (ibid).

Segundo Steiman (1995) é recente a descoberta da importância do Brasil na economia da droga, pois até pouco tempo atrás ele sequer constava nos mapas da distribuição do narcotráfico na América do Sul. Tal assertiva se confirma pelo fato do governo brasileiro não ter sido sequer convidado para participar nem da Cúpula Antidrogas de Cartagena em 1990 na Colômbia, e nem da Cúpula de San Antonio, no Texas, em 1992, eventos promovidos para debater o referido tema.

No entanto, a inclusão do Brasil na rota do tráfico não é recente e desde sua incorporação já havia sido efetivada pelo Cartel de Medellin, inicialmente como caminho alternativo, mas atualmente sua atuação está vinculada em todas as atividades da droga como: produção; estocagem; trânsito (rota); exportação; além de ser um dos maiores fornecedores de produtos químicos necessários à fabricação da cocaína, e ocupar o segundo lugar na lista mundial de lavagem de dinheiro do narcotráfico da América do Sul.

Completando este quadro, consta no Relatório Anual do Departamento de Estado dos Estados Unidos que o Brasil ocupa o primeiro lugar numa lista de 40 países onde os cartéis colombianos da droga estenderam seus negócios (Steiman, 1995).

Dois fatores concorrem negativamente para o sucesso de quaisquer estratégias aplicadas no combate à drogadição: a demanda, que não apenas permanece como aumenta a cada dia; e os lucros exacerbados que se originam da produção e consequentemente desse comércio altamente letal.

Os resultados apresentados por pesquisas em nível nacional, trazem em seu bojo parte do cenário da demanda brasileira de usuários de substâncias psicoativas, como veremos a seguir.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

No Brasil, conforme o “II Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país", desenvolvido pela Secretaria Nacional de Política sobre Drogas – SENAD em parceria com a Universidade Federal de São Paulo e que envolveu as 108 maiores cidades do País com 200 mil habitantes, constatou-se que 2,8% da população de faixa etária entre 12 e 65 anos já fez uso *na vida* (uso experimental, ou seja, “pelo menos uma vez na vida”) de qualquer droga psicotrópica (exceto álcool e tabaco), o que corresponde a quase 12 milhões de pessoas. Em contraponto, as prevalências de uso *na vida* de tabaco e álcool foram relatadas por 44 e 74,6% das pessoas entrevistadas, o que significou a maior prevalência de uso (*na vida*, *no ano* e *no mês*) dentre todas as substâncias psicoativas, motivada, segundo Carlini et al., 2007, pelo caráter legal do álcool e dos produtos de tabaco (SENAD, 2009). Dentre as substâncias psicotrópicas, as de maior prevalência apontadas para uso *na vida* foram a maconha (relatada por 8,8% dos entrevistados), solventes (6,1%), benzodiazepínicos (5,6%), orexígenos (4,1%), estimulantes (3,2%) e cocaína (2,9%). Com relação ao tabaco (uso *na vida)*, o percentual foi de 44%, com maior prevalência na população masculina (50,5% dos homens e 39,2% das mulheres).

No que se refere à idade, a maior prevalência do uso *na vida* da maconha (17%) e solventes (10,8%) ficou para a faixa etária de 18 a 24 anos; para a faixa etária entre 25 e 34 anos a maior prevalência para uso *na vida* foram a cocaína com 5,2% e estimulantes/anorexígenos com 4%. Segundo Carlini et al (2002), ao se comparar os resultados obtidos com o levantamento realizado em 2005, constata-se que houve aumento do relato de uso de maconha, solventes, cocaína, estimulantes, benzodiazepínicos, alucinógenos, crack, anabolizantes e barbitúricos no País, o que confirma que o uso e abuso de substâncias psicoativas já se tornou um problema de saúde pública de grande relevância para o Estado, para a sociedade e para as universidades (ibid).

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PENSE, realizada pelo IBGE em 2009, tendo como alvo os estudantes da 9ª série de Ensino Básico das escolas públicas e particulares do país, apresenta importantes informações sobre as condições de vida do estudante, em investigação inédita no IBGE sobre o tema, obtida numa forma de coleta de informações, que deu privacidade aos informantes para responderem questões sobre família, saúde, violência, uso de álcool e drogas e comportamento sexual.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

No concernente ao uso e abuso de substâncias psicoativas, os resultados apresentados com relação à *experimentação precoce de bebida alcoólica* apontaram que 71,4% dos escolares já experimentaram bebida alcoólica alguma vez, sendo que a maior freqüência de uso ficou com as escolares do sexo feminino (73,1%) seguida de um percentual também elevado de 69,5% para os do sexo masculino. Em termos de escolas, as privadas atingiram o maior percentual com 75,77%, enquanto a pública ficou com 70,3% (IBGE, 2009)

No item *consumo atual de bebida alcoólica pelos escolares,* avaliado pelo consumo feito nos últimos 30 dias, o percentual foi de 27,3%, e desses 22,1% responderam já terem se embriagado. Quanto a forma de aquisições da bebida, 36,6% afirmaram que foi através de festas; 19,3% em lojas, supermercados, bar; 15,8% com amigos; e 12,6% na própria casa. Sobre as escolas, 22,8% dos escolares que beberam até ficar embriagados, pertencem à rede pública e 19,4% à rede privada (ibid). No caso do *uso de drogas ilícitas alguma vez,* como: maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança perfume, ecstasy, 8,7% afirmaram já terem usado uma dessas drogas. A freqüência maior do uso foi dos escolares do sexo masculino com 10,6%, ficando as escolares do sexo feminino com 6,9% (ibid).

Reportando-nos à Manaus, capital do Estado do Amazonas e que é o nosso foco principal, temos os seguintes dados apurados na citada pesquisa:

Tabela 1- Alunos que já sofreram algum episódio de embriaguez (%):

Feminino	Masculino	Tipo de Escola		Total
		Pública	Privada	
14,8	18,5	16,1	19,6	16,5

Fonte: IBGE, 2009.

Tabela 2- Alunos que usaram drogas ilícitas alguma vez (%):

Feminino	Masculino	Tipo de Escola		Manaus
		Pública	**Privada**	
5,6	9,5	7,5	7,1	7,5

Fonte: IBGE, 2009.

O I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras, realizado pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD, em parceria com a Universidade Paulista –

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

USP, com os universitários brasileiros que hoje somam mais de 5,8 milhões distribuídos em 2.252 Instituições de Ensino Superior – IES - realizou um levantamento nacional sobre a prevalência (*na vida, nos últimos 12 meses,* e *no mês),* opiniões e padrão do uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras, dentre outros dados, na busca de que esse estudo permita a implantação de novas políticas públicas de controle e atendimento pelo sistema de saúde pública, considerando que só identificando e interferindo nesses fatores, será possível diminuir a regularização e as consequências que o uso de substâncias psicoativas tem impingido aos jovens.

Esses danos têm diminuído a expectativa de vida dos universitários, uma vez que os predispõem a: a) acidentes automobilísticos (especialmente por beber e dirigir e pegar carona com motorista alcoolizado), b) episódios de violência interpessoal, c) comportamento sexual de risco (especialmente pelo aumento do número de parceiros sexuais e uso inconsistente de preservativos quando sob o efeito de álcool e outras substâncias psicoativas), além de causar, d) prejuízos acadêmicos, e) distúrbios do sono, f) mudanças do hábito alimentar, g) prejuízo do desempenho atlético, entre outros efeitos (Murphy et al.,2005; Pillon et al., 2005; Stempliuk et al., 2005; Silva et al., 2006, apud Senad, 2010).

Os dados apresentados pelo I Levantamento surpreendem, quando apontam que quase 49% dos universitários pesquisados já experimentaram alguma droga ilícita pelo menos uma vez *na vida* e 80% dos entrevistados, que se declararam menores de 18 anos, afirmaram já ter consumido algum tipo de bebida alcoólica.

> O Brasil possui hoje 2.252 Instituições de Ensino Superior, totalizando mais de 5,8 milhões de estudantes universitários. A entrada na universidade, muitas vezes, inaugura um período de maior autonomia, possibilitando novas experiências, mas também, para muitos, se constitui em um momento de maior vulnerabilidade, tornando-os mais suscetíveis ao uso de drogas e suas conseqüências (Duarte, 2010).

Outro dado que surpreendeu foi constatar que o consumo de álcool, tabaco e outras drogas é menos freqüente entre os universitários do que da população em geral. O levantamento foi feito em 100 IES públicas e privadas de 27 capitais brasileiras, com participação de quase 18 mil universitários e os resultados apontados indicam:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

- 49% dos universitários pesquisados já experimentaram alguma droga ilícita pelo menos uma vez na vida, sendo que pouco mais de um terço deles (35,8%) nos últimos 12 meses e cerca de um quarto (25,9%) nos últimos 30 dias;

- Do grupo dos universitários que se declararam menores de 18 anos, 80% dos entrevistados afirmaram já ter consumido algum tipo de bebida alcoólica;

- 86% dos universitários já fizeram uso *na vida* de álcool e 47% de produtos de tabaco;

Em relação ao uso *na vida*, as drogas relatadas com maior frequência foram: álcool (86,2%), tabaco (46,7%), maconha (26,1%), inalantes e solventes (20,4%), anfetamínicos (13,8%), tranqüilizantes (12,4%), cloridrato de cocaína (7,7%), alucinógenos (7,6%) e ecstasy (7,5%);

- 22% dos universitários estão sob risco de desenvolver dependência de álcool e 8% de maconha;

- 36% dos universitários beberam em binge[2] nos últimos 12 meses e 25% nos últimos 30 dias. As drogas mais frequententemente consumidas nos últimos 30 dias, as foram: álcool (60,5%), tabaco (21,6%), maconha (9,1%), anfetamínicos (8,7%), tranquilizantes (5,8%), inalantes (2,9%) e alucinógenos (2,8%);

- Cerca de 40% dos universitários usaram duas ou mais drogas nos últimos 12 meses e 43% relataram já ter feito uso múltiplo e simultâneo de drogas na vida. Desses 43%, 47,8% alegaram como motivação do uso "simplesmente porque gostavam ou porque lhes possibilitava esquecer os problemas da vida". As substâncias mais frequentemente usadas foram: álcool (72,0%), tabaco (27,8%), maconha (13,8%), anfetamínicos (10,5%), tranquilizantes (8,4%), inalantes (6,5%) e alucinógenos (4,5%);

- 18% dirigiram sob efeito de álcool e 27% pegaram carona com motorista alcoolizado;

- A prevalência de abuso de álcool foi maior entre os universitários que na população geral. Já a dependência foi encontrada com maior prevalência para a população geral;

---

[2] Padrão binge drinking é definido pelo National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism - NIAAA, como o consumo de cinco ou mais doses alcoólicas por homens ou de quatro ou mais doses por mulheres dentro do período de duas horas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

- O uso de substâncias ilícitas (geral) é maior entre os universitários das regiões Sul e Sudeste, de instituições privadas, da área de Humanas, do período noturno e por universitários com idade acima dos 35 anos. Não foi observada a interferência de gênero sobre o uso geral de drogas;

- O risco de desenvolver abuso/dependência para maconha é maior entre os homens e de anfetamínicos e tranquilizantes entre as mulheres;

- Entre os homens, para o uso *na vida*, as drogas relatadas com maior frequência foram: maconha (34,5%), inalantes (25,5%), cloridrato de cocaína (11,3%) e alucinógenos/ ecstasy (ambos com 11%) e entre as mulheres, as drogas relatadas com maior frequência foram: maconha (19,9%), anfetamínicos (18,1%), inalantes (16,6%) e tranquilizantes (14,7%) (SENAD, 2010). O médico Arthur Guerra, um dos responsáveis pelo PENSE, declara:

> O uso de drogas e suas conseqüências adversas é um tema de relevante preocupação mundial, dado o número de usuários existentes e seu impacto sobre os indivíduos e a sociedade. Em especial, os estudantes universitários compreendem uma importante parcela desse universo, uma vez que apresentam um consumo de drogas mais intenso e freqüente do que outras parcelas da população em geral (Guerra, 2010).

Outros dados importantes apontados pela pesquisa apontam que a frequência do uso de substâncias ilícitas é maior entre as IES da rede privada – para todas as medidas de uso - e que apenas 11,2% dos universitários nunca fizeram uso de álcool ou de outras substâncias psicotrópicas na vida.

A análise preliminar dos dados coletados nesse levantamento aponta que grande parcela dos universitários brasileiros está suscetível ao uso múltiplo de drogas, portanto, correndo sérios riscos de desenvolverem problemas de todas as ordens e em todos os níveis de sua vida, o que traduz a necessidade de maiores estudos e pesquisas que levem a tomada de ações concretas para reverter este quadro (ibid).

Atualmente, outra droga vem assustando de forma impactante o nosso país: o *crack*, forma não salgada da cocaína, composto de uma mistura de cloridrato de cocaína (cocaína em pó), bicarbonato de sódio ou amônia e água destilada, resultando em pequenos grãos que são fumados em cachimbos improvisados, quando o usuário queima a pedra de crack em cachimbo e aspira a fumaça (Ciência Viva, 2009). Seu nome tem origem no som de estalo que emite ao ser queimado e também é usado misturado a cigarros de maconha, chamados de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

piticos. É de fácil acesso, sem cheiro, de efeito imediato e aprisiona pacientes e seus familiares com muita facilidade, pois seu efeito é cinco a sete vezes mais potente que a cocaína, além de provocar dependência, principalmente psicológica, desde a primeira pedra (ibid). Seu preço a baixo custo não passa de ilusão, pois a droga leva de oito a 12 segundos para chegar ao cérebro onde começa a produzir efeitos como: intensa euforia e autoconfiança, forte aceleração dos batimentos cardíacos (taquicardia), aumento da pressão arterial, dilatação das pupilas, suor intenso, tremor muscular e excitação acentuada, sensações de aparente bem-estar, aumento da capacidade física e mental, indiferença à dor e ao cansaço. Mas essa sensação prazerosa persiste por cinco a 10 minutos apenas e em seguida dá lugar aos sintomas de abstinência como: desgaste físico, prostração e depressão profunda, que provocam a necessidade imperativa de voltar a repetir o processo na faixa de 20 a 30 vezes por dia, o que torna o vício muito caro, devido a grande quantidade do consumo. Essa fissura tem um enorme poder sobre o usuário, capaz de desestruturar a personalidade dele de tal forma, como relata Tiba: "se o dinheiro acabar, o usuário não tem o mínimo escrúpulo em roubar ou se prostituir para conseguir dinheiro. Quer dizer, o desejo pelo *crack* acaba com todos os valores morais e éticos" (Tiba, 2007, p.51).

A chegada do *crack* no Brasil ocorreu na década de 90 e durante muito tempo ficou restrito aos indigentes do centro de São Paulo, mas atualmente seu uso está presente em todos os territórios e em todas as classes sociais (Soares & Rogar, 2009) e seu efeito social é o mais devastador, entre as drogas normalmente encontradas no Brasil. Para o farmacologista Dr. F. Varella de Carvalho "todo usuário de crack é um candidato à morte", por sua ação fulminante sobre o sistema nervoso central e cardíaco, e pelas irreversíveis lesões cerebrais que pode causar (Ciência Viva, 2009). O efeito letal do *crack* é tão grande, que no início do seu surgimento, comenta-se que as próprias quadrilhas de traficantes não permitiam a entrada da droga no Rio de Janeiro, pois nem a eles interessava o comércio, devido ao efeito devastador que provocava no seu consumidor, matando-o num curtíssimo espaço de tempo. Mas nem eles conseguiram evitar a epidemia que hoje se constata nas próprias favelas cariocas, onde a pedra se tornou o entorpecente mais comercializado.

Recentemente, o assassinato de uma jovem no Rio deu origem a várias reportagens na mídia e em uma delas, escrita por Soares & Rogar (2009) na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Revista VEJA, eles expõem o drama do crack e alertam para a tragédia social que seu uso tem provocado na sociedade. Ressaltam que o crack brutaliza e põe em risco não só o seu usuário, mas quem convive com ele (Soares & Rogar, 2009).

No Estado do Amazonas, o problema da drogadição é agravado também pela sua posição geográfica, considerando que é um dos estados brasileiros que faz fronteira com a Colômbia e o Peru, que como já dito, são países considerados como os maiores e mais fortes produtores de drogas do mundo. Essa proximidade naturalmente favorece a entrada e o trânsito das drogas no Estado, além de promover o baixo-custo das mesmas nos municípios da região de fronteira, que respondem por um alto índice de dependentes, em razão da facilidade de acesso às mesmas.

O principal eixo do tráfico na América do Sul na atualidade é a fronteira do Brasil com o Peru, tendo como epicentro dos negócios o município de Tabatinga no Estado do Amazonas e o município de Cruzeiro do Sul no Acre. Também em outros municípios localizados no isolamento geográfico do Estado do Amazonas é notória a presença da economia da droga (Procópio, 2009). Em alguns municípios e comunidades fronteiriças do Estado do Amazonas, localizados na região do Alto Solimões, como São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Vila Bitencourt (Comunidade sob supervisão do Exército brasileiro), Tonantins, Amaturá, dentre outros, a presença da droga já é uma constante, mas nos dois primeiros e, em alguns povoados situados ao longo do rio Japurá, se constatam a presença marcante dos colombianos, que transformaram essas localidades em verdadeiros armazéns de produtos químicos e de pasta-base. Outras comunidades da mesma região como Tabatinga, Ypiranga (Comunidade sob supervisão do Exército brasileiro) e Benjamin Constant, são igualmente utilizadas pelo cartel colombiano e tidas como de suma importância na geografia das drogas (ibid). Nesse mesmo processo de integração amazônica pelas vias do crime organizado, outros municípios acreanos e amazonenses que ficam ao longo do rio Juruá, servem também como via de transporte de drogas nas suas mais variadas formas. Segundo o referido autor, que vivenciou uma longa experiência de pesquisa na região, é comum se encontrar grupos de até trinta pessoas transportando cerca de 20 quilos de pasta-base nas costas, cada um, nas regiões serranas, quando o fluxo fluvial é interrompido.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Nos povoados vizinhos à comunidade Palmeira do Javari (Comunidade sob supervisão do Exército brasileiro), os troncos de madeiras nobres como o mogno são usados para transportar drogas – as drogas são amarradas nos troncos, que são jogados nas correntezas do rio -, o que para Procópio (1999, p. 184) é uma confirmação de sua tese que liga o narcotráfico ao contrabando e à evasão de riquezas nacionais. É incontestável também, que os rios amazônicos são o cerne em termos de transporte para o escoamento das drogas, principalmente da pasta-base de cocaína, cujos pontos de distribuição na região são constantes e móveis, ou seja, são ativados e desativados da noite para o dia num piscar de olhos.

Manaus, a capital do Estado do Amazonas, também faz parte do imbricado processo do tráfico na região amazônica e a implantação da Zona Franca contribuiu sobremaneira para o fortalecimento desse processo, posto que a expansão do seu comércio proporcionou a junção do contrabando de mercadorias com a exportação de cocaína e heroína para a Europa Ocidental, tendo como ponto de entrada a França, a Espanha e a Itália. Assim, a Zona Franca passou a abastecer os cartéis não apenas com recursos humanos, mas também com infra-estrutura física, através da qual houve a facilitação do enraizamento e alastramento por todo o país (ibid). É proeminente que toda a trajetória do narcotráfico tanto na região quanto no referido Estado só tornou-se possível porque a metodologia utilizada pelos narcotraficantes surtiu efeito na arte de corromper e cooptar adeptos (pescadores, caboclos, etc.) para corroborarem com o seu comércio ilegal, cujas facilidades financeiras iludem, camuflam e invertem o significado da escala de valores morais e éticos.

Assim, os lucros do tráfico vão se multiplicando em cadeia, contando com a participação de todos os que lucram com o comércio ilegal: traficantes, contrabandistas, garimpeiros e guerrilheiros (ibid). Há constatações irrefutáveis do avanço na lavagem desse dinheiro, na própria região, conforme dito acima, e ainda, de que o dinheiro já legitimado tem influído na evolução da economia da região (Machado, 1977). O município de Eirunepé, localizado no sudoeste do Estado do Amazonas, no vale do rio Juruá cuja população total (urbana e rural) tinha, em 1991, cerca de 20.000 habitantes, apresentava cheques compensados nas três agência bancárias, que compreendiam um movimento de mais de um milhão de dólares, com uma média mensal de cem mil dólares, valores impensáveis para uma economia baseada no comércio fluvial do rio Juruá e com uma arrecadação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

de impostos federais (incluindo imposto de renda física e jurídica) totalmente incoerente com o valor movimentado (ibid). Isso sem contar que não se percebia nesse município nenhum indício de crescimento econômico advindo do narcotráfico.

No oeste do Estado do Amazonas, no alto do rio Solimões, está localizado o município de Tefé, com população total de 60.000 habitantes, que apresentou em 1995, segundo Machado (1997), um movimento também totalmente incondizente com sua receita e equivalente a um município produtor de soja no Estado do Mato Grosso, chamado Claudia.

No entanto, em contraponto com Eirunepé, a cidade de Tefé faz parte de um grupo de cidades cuja economia contou com o incentivo dos lucros indiretos do tráfico, ocasionando certo desenvolvimento econômico, sem que esteja clara a origem do capital. Ressalte-se que o município em tela é um dos pontos mais conhecidos e antigo de trânsito no comércio de cocaína no vale do Amazonas (ibid). Em termos de produção, temos o epadu, também conhecido como ipadu[3], cultivado pelos índios que habitam a região denominada "Cabeça de Cachorro", localizada no alto vale do rio Negro e Solimões, em áreas próximas das plantações de epadu das regiões amazônica dos países fronteiriços: Colômbia e Peru (Steiman, 2009). Com o envolvimento cada vez mais crescente do Brasil nas atividades da economia do narcotráfico, seus municípios fronteiriços se tornam viscerais para a rota do escoamento das drogas. Em 1989 havia a estimativa que mais da metade da cocaína que entrava no Brasil, proveniente do Perú e da Colômbia, era transportada através do rio Amazonas (Steiman, 1995). Se as drogas fossem em forma de pasta-base da cocaína, se utilizava as cidades de Letícia (Colômbia) e Tabatinga ou Benjamin Constant (Amazonas-Brasil) como porto de entrada, seguindo pelos municípios de Tefé e Coari, conhecidos centros de processamento, chegando até Manaus como plataforma de exportação. Se não fossem em forma de pasta-base, entravam pelos mesmos municípios, mas já seguiam direto para Manaus. Este corredor, na atualidade, apesar de continuar ativado, foi substituído em termos de importância e quantidade de escoamento, pelos Estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em direção à São Paulo,

[3] Ipadu ou epadu, arbusto da família das eritroxiláceas (Erythroxylum cataractum), que tem as mesmas propriedades da coca, embora menos intensas, sendo cultivadas pelos índios do alto Amazonas (Novo Dicionário Aurélio, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1986).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

devido a crescente repressão (Novaes, 2010). Steiman (1995) aponta outra rota também utilizando o Brasil e o Estado do Amazonas para o escoamento da droga:

> A droga proveniente da Colômbia ou da região denominada "Cabeça de Cachorro", alcança Manaus, via alto rio Negro, e São Gabriel da Cachoeira (AM). Pode vir sob a forma de pó, pronto para a comercialização, ou pasta-base de cocaína, para ser refinada nas imediações de Manaus (Steiman, 1995, p.15).

Tal afirmativa foi recentemente constatada quando a mídia estampou em suas manchetes do dia 18/11/10, a morte de dois policiais federais, ocorrida na madrugada do dia 17/11/2010, em conflito com traficantes entre os municípios de Anamã e Anori, próximo de Codajás, a 240 km de Manaus. Os policiais abordaram a embarcação que estaria transportando cocaína e foram recebidos à bala, o que ocasionou o óbito. Um terceiro policial ficou ferido, e foi internado no Hospital e Pronto Socorro João Lúcio Machado, na Zona Leste de Manaus. O superintendente da Polícia Federal no Amazonas, delegado Sérgio Fontes, acredita que os traficantes que mataram dois agentes federais, em confronto no interior do Estado, usavam fuzis AK 47 e Galil, este, de fabricação israelense (A Critica, 2010). Confirma-se, também, que a geografia do Estado do Amazonas, cujos rios se constituem no principal, e, às vezes, único meio de transporte da Capital Manaus com os demais municípios, deixando muitos deles literalmente isolados, e cuja densidade populacional da zona rural é baixíssima, causando um isolamento dos ribeirinhos; termina por se constituir num terreno geograficamente maravilhoso para o processamento e para o escoamento das drogas. As áreas pouco desmatadas – o que dificulta a sua localização, os inúmeros afluentes dos rios (muitos com pouquíssimo fluxo), a baixa densidade populacional ribeirinha, a dificuldade de acesso, favorece a implantação de laboratórios de refino da droga, a disseminação da mesma e aumenta consideravelmente o quantitativo de viciados.

Assim, tudo indica que realmente temos um mega problema e as várias abordagens efetuadas neste capítulo confirmam a gravidade do problema tratado – drogadição - nas suas principais faces: a demanda crescente do uso e abuso dessas substâncias; e sua economia, que também se fortalece numa velocidade assustadora. Temos, portanto, um cenário de forças cujos 30 anos de luta para combatê-lo não estão conseguindo os resultados esperados, dada sua força, sustentada por poderes e interesses paralelos que, fortalecidos por uma sociedade

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

enfraquecida pela perversa distribuição de renda e por um mundo totalmente voltado para o individualismo, está sucumbindo a essa transformação de valores completamente antagônicos aos que tínhamos como base e que davam sentido à condição humana.

No caso brasileiro, o avanço do narcotráfico vem ocorrendo não apenas pela falta de uma política de combate mais consistente por parte do Estado, que atrasou décadas para discutir e tratar o assunto, mas principalmente porque o quantitativo de consumidores transforma o Brasil em uma das mais atrativas praças do mercado mundial (Procópio, 1999, p.71). As políticas públicas existentes no país relacionadas à drogadição ainda são muito insipientes, como mostra o trabalho de prevenção nas escolas que continua sendo trabalhado por pessoas com boa vontade, mas sem preparo técnico para a tratativa de um assunto tão peculiar.

Na busca de soluções para o problema, o Brasil importou em 1992, o programa norte-americano *Drug Abuse Resisence Education* – D.A.R.E., criado pela professora Ruth Rich, do Distrito Escolar de Los Angeles/ EUA, em conjunto com o Departamento de Polícia daquela localidade em 1993 e hoje presente nos 50 Estados Americanos e em mais de 60 países, dentre eles o Brasil, e que na adaptação brasileira foi batizado de Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD.

O Programa conta com três currículos: PROERD para 4ª série/5º ano do ensino básico; PROERD para 6ª série/7º ano do ensino básico; e PROERD para Pais/Responsáveis. Possui metodologia própria que é desenvolvida com material didático próprio, como o Livro do Estudante, o Livro dos Pais e o Manual do Instrutor, que auxiliam os alunos e Policiais PROERD no desenvolvimento das lições. A aplicação do programa consiste em uma ação conjunta entre as Policias Militares, Escolas e Famílias, no sentido de prevenir o abuso de drogas e a violência entre estudantes, bem como ajudá-los a reconhecer as pressões e as influências diárias que contribuem ao uso de drogas e à prática de violência, desenvolvendo habilidades para resisti-las.

No Amazonas o PROERD foi implantado em 2002 e de imediato estabeleceu diversas parcerias, dentre elas com as Secretarias de Educação (Estado e Município), assim como com as escolas particulares, posto que sua atuação primordial acontece nas escolas. Posteriormente sua ação foi estendida aos municípios de Presidente Figueiredo, Iranduba e Manacapuru até 2006, mas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

planejam ampliar sua atuação para mais municípios. Segundo informações contidas no site da Secretaria de Estado de Segurança Pública – SSP, o PROERD Amazonas atendeu, em quatro anos de implantação, 110 mil alunos em todo o Estado.

No que se refere às políticas de recuperação, também o que se encontra é muito pouco ante a grandiosidade do problema. A erradicação dessa terrível praga - que impede o crescimento saudável dos nossos jovens destrói a estrutura familiar, cria a instituição do medo, da violência, corrompe valores e impossibilita o estabelecimento de uma sociedade pacífica, justa e harmoniosa -, precisa ser trabalhada de forma mais arrojada, considerando que a demanda a ser atendida cresce numa velocidade assustadora. Feita esta exposição sobre a drogadição e a sua contextualização de presença no Brasil, em especial na região amazônica, no próximo capítulo passamos a apresentar a pesquisa que desenvolvemos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

4.
A Fazenda da Esperança

A Fazenda da Esperança é uma comunidade terapêutica que foi criada em 1983, há 27 anos, em Guaratinguetá/SP, a partir da tentativa de Nelson Giovanelli de colocar em prática a frase do Evangelho: “Fiz-me fraco com os fracos a fim de ganhar os fracos”, compreendida a partir da luz recebida do Carisma da Unidade do Movimento Focolares, fundado por Chiara Lubich na Itália, no final da Segunda Guerra, cuja relevância se constitui no amor mútuo e na presença de Jesus.

Esta origem teve inspiração no trabalho desenvolvido pelo padre franciscano alemão Frei Hans Stapel que chegou a Guaratinguetá, em 1979, para ser o novo pároco da Igreja Nossa Senhora da Glória e chamou a atenção por propor aos paroquianos vivenciarem a prática do Evangelho. Nelson Giovanelli, um jovem que participava da paróquia, resolveu aceitar a proposta e pô-la em prática com um grupo também de jovens que se drogavam numa esquina pelo qual passava diariamente ao retornar do trabalho.

Procurou então se aproximar do grupo demonstrando interesse pelo artesanato que um deles produzia e conseguiu adquirir a confiança de alguns jovens e se tornar confidente dos mesmos. Num determinado dia do mês de junho de 1983, um deles pediu ajuda para sair das drogas. Alguns meses depois já como grupo, alugaram uma casa e passaram a morar todos juntos, adotando um estilo de vida baseado no Evangelho que incluía viver do próprio trabalho e compartilhar seus pertences e renda. Surgia, então, a primeira iniciativa de acolhimento a seis jovens, como alternativa para reconduzi-los ao resgate dos valores fundamentais à condição humana, afetados pelas drogas.

Cinco anos depois, duas voluntárias (Iraci Leite e Lucilene Rosendo) abdicaram de suas vidas pessoais e deram vida à parte feminina da Obra, ou seja, à primeira unidade feminina da Fazenda da Esperança, com a mesma missão das unidades masculinas: “recuperar a dignidade humana, buscando ser uma resposta aos problemas sociais e contribuindo para que se realize o desejo de Jesus: “que todos sejam um” (Programa FE, 2010).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

A Fazenda da Esperança é uma comunidade terapêutica de recuperandos dos mais variados tipos de dependência, que sem fazer uso de medicamento, recupera os jovens utilizando o método terapêutico que tem como base a *convivência*, o *trabalho* e a *espiritualidade*.

Em termos legais, a Obra Social Nossa Senhora da Glória – Fazenda da Esperança é uma associação civil de direito privado, sem fins econômicos e tem sua finalidade descrita no Art. 2º de seu Estatuto Social, conforme segue:

"I – Prestar serviço sócio - assistenciais de proteção social básica e de proteção social especial a pessoas em situação de risco e exclusão sociais marginalizados (dependentes químicos, alcoólatras, presidiários, portadores do vírus HIV, mulheres grávidas, crianças e adolescentes desamparados) ou qualquer outro grupo que necessite de apoio para recuperar sua dignidade humana "contribuindo para que se realize a fraternidade entre os homens".

II – Dedicar-se à orientação e divulgação dos seus métodos e experiências à sociedade em geral, com o objetivo de prevenção desses problemas sociais;

III – Desenvolver projetos educativos, culturais e científicos.

Como consta no seu estatuto no parágrafo único do Art. 1º, a associação poderá constituir unidades de prestação de serviços UPS, em qualquer parte do território Nacional, através de ata de reunião da Diretoria Geral (ibid)

Em atendimento às normas do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, e à Resolução 109, de 11/11/2009 do Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS, que aprovou a Tipificação Nacional de Serviços Sócio Assistenciais, a FE desenvolve os seguintes serviços:

I – Serviços de Proteção Social Básica – PSB;

II - Serviço de Proteção Especial de Média Complexidade; e

III - Serviço de Proteção Social Especial de Alta Complexidade (ibid).

Apesar de ser mais conhecida pelo foco de seu trabalho de recuperação de dependentes de substâncias psicoativas, a Obra desenvolve outros tipos de prestação de serviços abaixo elencados, que mesmo diversificados, convergem sempre para o cerne de sua missão que é amar concretamente e gratuitamente aos mais necessitados, vislumbrando a recuperação da dignidade humana, em atendimento ao desejo de Jesus "Que todos sejam um":

- Projeto de moradia para famílias carentes (Guaratinguetá/São Paulo, 1982; Coroatá/Maranhão, 1992).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

- Creches (Guaratinguetá, 1984; Coroatá, 1992): desenvolvem atividades sócioeducativas para crianças, adolescentes e mães em risco social.

- Reciclagem de lixo inorgânico (Guaratinguetá, 1982) emprega 40 famílias e custeia uma parte das despesas das creches.

- Posto médico e odontológico (Guaratinguetá, 1982).

- Casa de apoio Menino Jesus (Guaratinguetá, 2005; Coroatá, 1992): acolhe crianças de rua e vítimas de maus tratos.

- Casa de apoio Sol Nascente (Guaratinguetá, 1994; Fortaleza, 2002; Lagoinha, interior de São Paulo, 2005): para portadores do vírus HIV em fase terminal.

- Casa de apoio Sol Nascente - Lar das Crianças (Guaratinguetá, 1992; Fortaleza, 2002): abriga crianças órfãs ou portadoras do vírus HIV. Os menores, ultimamente, são adotados pela Família da Esperança.

- Casa Dom Bosco (Guaratinguetá, 2004): acolhe pessoas de rua, adultas de ambos os sexos, em regime residencial e de albergue.

- Arte Esperança (Guaratinguetá, 1996): através da arte os recuperandos descobrem suas capacidades e potencialidades, conhecendo a si mesmo e o mundo.

- Bazar Retorno à Vida (Aparecida, 1992) realiza atividade de prevenção de uso de drogas e comercializa os artesanatos dos jovens internos.

- Livraria Tabebuias (Guaratinguetá, 2002): vende livros de formação, espiritualidade e de prevenção do uso de drogas (Zanom, 2010).

Atualmente (fevereiro de 2011) a Obra conta com 53 unidades no Brasil e 21 no exterior distribuídas conforme os quadros 1 a 5 apresentam:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Quadro 1- Fazendas Masculinas no Brasil: 39

REGIÃO	UNIDADE	CIDADE	ESTADO
NORTE	1	Sena Madureira	AC
	2	Cruzeiro do Sul	AC
	3	Manaus	AM
	4	Abaetetuba	PA
	5	Bragança	PA
	6	Boa Vista	RR
	7	Lajeado	TO
	8	Porto Nacional	TO

REGIÃO	UNIDADE	CIDADE	ESTADO
NORDESTE	1	Marechal Deodoro	AL
	2	Poço das Trincheiras	AL
	3	Feira de Santana	BA
	4	Jequié	BA
	5	Sobral	CE
	6	Pacatuba	CE
	7	Balsas	MA
	8	Coroatá	MA
	9	Alhandra	PB
	10	São Joaquim do Monte	PE
	11	Garanhuns	PE
	12	Campo Maior	PI
	13	Serra do Mel	RN
	14	Gararu	SE
	15	Lagarto	SE
SUL	1	Ibiporã	PR
	2	Toledo	PR
	3	Braga	RS
	4	Casca	RS
	5	Garuva	SC
SUDESTE	1	Guarará	MG
	2	Itabira	MG
	3	Três Marias	MG
	4	Coromandel	MG
	5	Rio Brilhante	MS
	6	Alta Floresta	MT
	7	Macaé	RJ
	8	Teresópolis	RJ
	9	Iguape	SP
	10	Guaratinguetá Pedrinhas	SP
	11	Guaratinguetá Centro Masculino	SP

Fonte: BARRETO, Egressos da Fazenda da Esperança de Manaus: Recaída, por que?. Fevereiro, 2011.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Quadro 2- Fazendas Masculinas no Exterior: 15

PAÍSES	UNIDADE	CIDADE
ALEMANHA	1	Gut Neuhof
	2	Bickenried
	3	Moemter
RÚSSIA	1	Romskoi
MÉXICO	1	Los Pozos
GUATEMALA	1	São Miguel Chicá
ARGENTINA	1	Las Canteras
	2	La Rioja
	3	Quilmes
PARAGUAI	1	La Paloma
URUGUAI	1	Cerro Chato
COLÔMBIA	1	Quimbaya
FILIPINAS	1	Masbate
	2	Naga
AFRICA	1	Dombe

Fonte: BARRETO, Egressos da Fazenda da Esperança de Manaus: Recaída, por que?. Fevereiro, 2011.

QUADRO 3- Fazendas Femininas no Brasil: 14

UNIDADE	CIDADE	ESTADO
1	Manaus	AM
2	Jequié	BA
3	Alegre	ES
4	Coroatá	MA
5	Teófilo Otoni	MG
6	Campo Grande	MS
7	Garanhuns	PE
8	Mandirituba	PR
9	Guapimirim	RJ
10	Passo Fundo	RS
11	Florianópolis	SC
12	Lagarto	SE
13	Guaratinguetá	SP
14	Palmas	TO

Fonte: BARRETO, Egressos da Fazenda da Esperança de Manaus: Recaída, por que?. Fevereiro, 2011.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Quadro 4- Fazendas Femininas no Exterior: 06

PAÍSES	UNIDADE	CIDADES
MOÇAMBIQUE	1	Dombe
PARAGUAI	2	Encarnación
ALEMANHA	3	Riewend
GUATEMALA	4	Salamá
FILIPINAS	5	Masbate
ARGENTINA	6	Quilino

Fonte: BARRETO, Egressos da Fazenda da Esperança de Manaus: Recaída, por que?. Fevereiro, 2011.

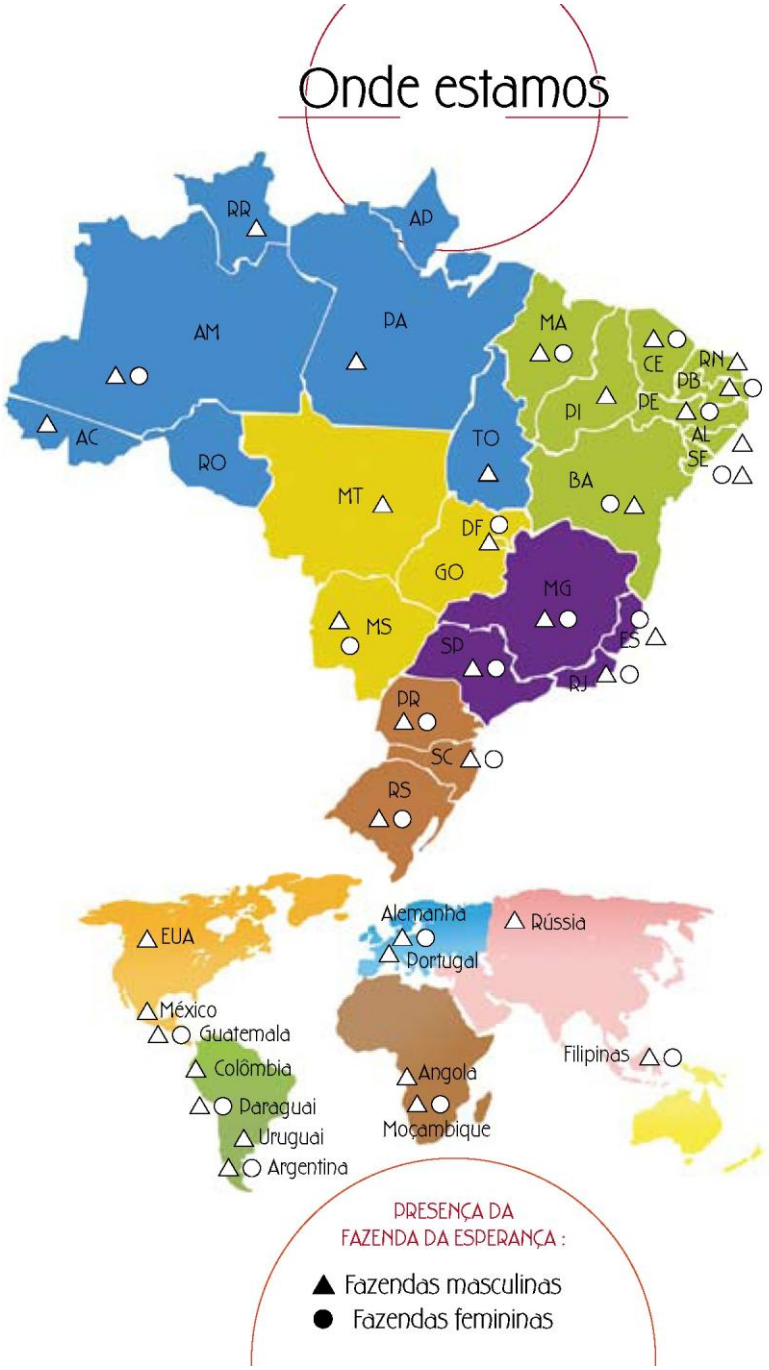
Quadro 5- Totais de Unidades de Prestação de Serviços da FE

UNIDADES	MASCULINA	FEMININA	TOTAL
BRASIL	39	14	53
EXTERIOR	15	6	21
TOTAL GERAL			**74**

Fonte**:** BARRETO, Egressos da Fazenda da Esperança de Manaus: Recaída, por que?. Fevereiro, 2011.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Figura 1- Mapa da Presença da Fazenda Esperança no País e no mundo



Fonte: Fazenda da Esperança: Guaratinguetá/ SP, 2011.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Lendo a descrição do computo geral das unidades da FE distribuídas pelo Brasil e no exterior, podemos perceber a relevância e abrangência alcançadas pela experiência do trabalho da Obra no âmbito social.

Como já dito, a Fazenda da Esperança não é uma clínica, mas uma comunidade terapêutica, cujo conceito, segundo a RDC 101 (ANVISA, 2001) diz:

> são unidades que tem por função ofertar um ambiente protegido, técnica e eticamente orientados, que forneça suporte e tratamento aos usuários abusivos e/ou dependentes de substancia psicoativas, durante período estabelecido de acordo com programa terapêutico adaptado às necessidades de cada caso. É um lugar cujo principal instrumento terapêutico é a convivência entre os pares. Oferece uma rede de ajuda no processo de recuperação das pessoas, resgatando a cidadania, buscando encontrar novas possibilidades de reabilitação física e psicológica e de reinserção social (RDC nº 101 – ANVISA, 2001).

A proposta da FE, com base na sua experiência de 27 anos, se consolida no resgate da dignidade humana – perdida pelo uso e abuso de drogas – com vistas ao nascimento de um "homem novo", que supera as dificuldades trazidas pelo vício, o egoísmo, os fatores diversos que o levaram à droga e se prepara para o enfrentamento dos desafios de uma vida nova. Como dito por Zanom (2008),

> assim surge a Fazenda da Esperança, uma obra que, ressaltando a pureza dos corações um dia presente em todos, busca mostrar aos tóxicodependentes e aos alcoólatras suas respectivas dignidades dando uma esperança ao desespero daqueles que se refugiaram no vício (Zanom, 2008, p. 23).

A Obra Social Nossa Senhora da Glória – Fazenda da Esperança, é dirigida espiritualmente no sentido comunitário pela "Família da Esperança", ou melhor, pela Associação de Fiéis Família da Esperança, criada em 24 de maio de 1997 e reconhecida como Associação Privada Diocesana de Fiéis no dia 24 de dezembro de 1999 pelo Cardeal Aloísio Lorscheider, na arquidiocese de Aparecida. Nascia, assim, a Família da Esperança para acolher os voluntários que doam suas vidas na FE, às famílias e os ES[4], que mesmo após a conclusão do tratamento, permanecem desenvolvendo trabalhos voluntários seja no GEV ou se doando para a FE e, cujo objetivo, segundo Santos (2010) "era a santificação de seus membros, que vivendo a espiritualidade franciscana e focolarina, seriam um sinal de Deus para a humanidade excluída". Ele completa:

[4] Na FE os ex-internos são chamados de ES, as duas iniciais de ESPERANÇA.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> A Família da Esperança não é uma congregação. Ou um instituto secular. Nós também não somos um movimento espiritual, como os carismáticos, ou o Focolare. O que somos está mais de acordo com as novas comunidades de leigos, ligadas à Congregação para os Leigos. É algo novo dentro da Igreja, onde os casados, os solteiros, os jovens, mas também irmãs religiosas e padres podem ligar-se numa mesma comunidade que quer atender, no nosso caso, aos jovens dependentes (Santos, 2009, p. 216).

Todos os membros dessa comunidade estão ligados, de alguma forma, à FE, e ao entrarem para a Família da Esperança assumem os objetivos do seu estatuto, dentre os quais o de viver a Palavra de Jesus "Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes" (Mateus 25,40), acolhendo e promovendo os marginalizados do nosso tempo, na pessoa do dependente químico (Santos, 2009).

A Família da Esperança e, conseqüentemente a Fazenda da Esperança, possuem um carisma próprio, denominado de carisma da *Esperança*, fruto de outros dois grandes carismas: o da *pobreza* (herdado do franciscanismo) e o da *unidade* (herdado de Chiara Lubich, fundadora do Movimento Focolares). A *pobreza* é encarada como comunhão de bens, ou seja, colocar tudo em comum com os irmãos e partilhar o que sobrar com outras comunidades que estejam em dificuldades. A *unidade* ou "viver em unidade", se expressa através do clima de família que se gera nas Fazendas, fruto de um esforço diário de amar o irmão como ele é, independente de raça, sexo ou religião.

Assim, o carisma da Esperança busca levar as pessoas a redescobrirem a esperança e se tornarem elas mesmas testemunhas dessa esperança para todos os que dela precisarem, como muito bem expressa Dom Claudio Hummes na seguinte assertiva:

> Nos dias atuais, a questão da droga e da dependência química cada vez mais se difunde e se torna um problema tão grande entre aquelas pessoas que não tiveram a experiência do amor, para que os tirasse desse caminho. É essa experiência de amor que vocês querem, de novo, devolver a essas pessoas para que encontrem forças de construir uma vida, que vale a pena. Amém" (Hummes, 2010).

No dia 24 de maio de 2010, junto ao Pontifício Conselho para os Leigos, em Roma, a Família da Esperança recebeu – através de um de seus fundadores, Frei Hans Stapel – das mãos do Cardeal Stanislaw Rylko, o reconhecimento pontifício de que é uma comunidade para toda a Igreja, um carisma para todos os povos, que tem como objetivo "trazer aos desesperados a esperança, e santificar aqueles que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

escolherem a Deus e viverem por Ele onde estiverem, através da vivência concreta do evangelho, mantendo viva a presença do Ressuscitado no mundo" (SANTOS, 2010).

Tal ato foi presenciado por cerca de 300 membros da citada Família que saíram de lá, segundo Pe. César Alberto dos Santos,

> confirmados em sua vocação, bem ao gosto dos tempos de hoje, como uma comunidade nova, filha de um carisma antigo e de um carisma novo, de leigos, que tem por fundadores, um religioso e outros três leigos, para todas as vocações da Igreja, como uma resposta de Deus a um apelo dos tempos atuais (Santos, 2010).

A Família da Esperança promove encontros anuais para reunir os seus adeptos de todos os Estados, e nessa ocasião eles renovam seus laços e reforçam seus objetivos de continuarem se doando em prol do resgate do adicto, mas independentemente desses encontros nacionais, os grupos locais realizam encontros, participam das reuniões do GEV[5], de retiros espirituais, participam das missões para abertura de novas unidades da FE, dentre outras atividades inerentes à Família da Esperança.

Apesar de sua pouca visibilidade, é importante ressaltar que essa comunidade é que fornece todo o suporte para o trabalho de recuperação que iniciou numa esquina de Guaratinguetá e se espalhou pelo mundo (ibid).

> Pode-se dizer, usando a imagem do corpo e da alma, que a Fazenda da Esperança é um corpo cuja alma é a Família da Esperança. Quem anima e leva para a frente às Fazendas são aqueles que constituem a Família da Esperança (Santos, 2009, p. 218).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

4.1.
Filosofia e tratamento

Na 4ª Edição do livro *Onde a esperança tem nome*, uma das primeiras publicações sobre a Obra lançada na Alemanha em 1996 e traduzida e lançada no

[5] Os GEV (Grupo esperança Viva) são grupos de apoio àqueles que já passaram pela recuperação, às famílias dos que estão em recuperação, e também a qualquer pessoa que tenha o desejo de viver a experiência da Fazenda da Esperança.

Brasil em 1999 pela Editora Cidade Nova (Klasvogt & Stapel, 1999), a denominação da FE já evidencia sua filosofia:

> Trata-se de uma comunidade "terapêutica" com um timbre original. Na verdade, a "terapia" não se fundamenta em procedimentos médicos-psicológicos ou outros semelhantes. Na Fazenda da Esperança, deparamos com uma experiência de vida fundamentada no Evangelho, com resultados surpreendentes: pessoas consideradas à margem da sociedade reencontram sua dignidade, seu valor, sua auto-estima, e que se tornam novamente capazes de relacionar-se, de amar, de recomeçar... abrindo-se aos seus semelhantes e, sobretudo, à dimensão espiritual (Klasvogt & Stapel, 1999).

Tal assertiva aponta para o tripé que sustenta a filosofia dessa comunidade terapêutica: *espiritualidade, trabalho e vida em comunidade*, mais precisamente, a vida na FE se traduz em viver o Evangelho em comunidade e o trabalho.

O público alvo atendido pela Obra é composto por jovens, adolescentes e adultos dependentes de álcool e droga, de ambos os sexos, na faixa etária de 15 a 55 anos. As características sócio-econômicas de origem do público alvo do programa de recuperação, variam desde o totalmente desamparado, que já não possui nada a não ser a própria roupa do corpo, e nenhum laço familiar ou relacionamento de apoio, até àqueles que provêm de uma família relativamente bem estruturada e de situação econômica regular, porém, ao se dirigirem às unidades de recuperação, todos já atingiram tal estágio de degradação que culturalmente encontram-se equiparados na miséria extrema do isolamento social, mesmo em relação aos familiares (Programa FE, 2010).

O programa de tratamento tem a duração de um ano, independentemente do estágio de dependência ou grau de adicção, mas vem ao encontro do jovem como um caminho a ser percorrido e uma meta a ser alcançada. Muitos nunca concluíram nada em sua vida, estudo, projetos, ou qualquer tarefa, por simples que fosse. Precisam aprender a estabelecer metas e persegui-las. Ao concluírem o processo nas Fazendas, recebem um certificado simbólico e emocionam-se porque têm a certeza de que enfim alcançaram sua meta e são capazes de perseguir outras possibilidades em suas vidas (ibid).

A Fazenda procura adaptar seus horários, para que haja durante o dia, momentos de espiritualidade, lazer, convivência fraterna e atividades em geral. Abaixo a descrição da programação cotidiana da instituição:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Horários:

06:00 h – Despertar

06:30 h – Reza do Terço e Meditação Matinais

07:00 h - Café da Manhã: Aproveitar o tempo disponível entre o café da manhã e o início das atividades para a harmonia do ambiente do repouso (limpar o banheiro e o quarto e forrar a cama).

08:00 h – Início das Atividades: Cada um deve dirigir-se ao setor designado pelo coordenador, devendo permanecer até as 11:45 h

12:00 h – Almoço

13:00 h – Retorno das Atividades: Segue até as 16:45 h

17:00 h – Café da Tarde

17:15 h – Atividade física desportiva variada

18:30 h – Celebração Eucarística

19:30 h – Jantar

20:30 h – Comunhão de Almas ou Troca de Experiência

22:00 h – Recolhimento.

É importante ressaltar que essas atividades de rotina são alteradas de acordo com as necessidades do recuperando, como os atendimentos médico-odontológico, psicológico, individual, em grupo, etc.

Conforme já dito, o estilo de vida proposto pela FE se baseia no *trabalho,* na *convivência* e na *espiritualidade,* fatores esses fundamentais para o processo de recuperação do adicto.

O *trabalho,* um dos itens importantes nessa caminhada, é fonte de reabilitação e capacitação para a auto-sustentabilidade da Fazenda e oportuniza a descoberta de novos valores e sentido para a vida de seus integrantes. Além disso, a FE precisa gerar recursos para a manutenção dos próprios internos e o adicto se vê como protagonista de sua própria recuperação, posto que o *seu* trabalho é fonte da auto-sustentação buscada pela FE, o que reacende nele o senso de responsabilidade, de organização e de auto-estima, pela sua inclusão nesse processo de ser co-responsável pelo seu sustento. A laborterapia é um método psicoterápico extremamente eficaz em todos os processos de reabilitação social e o desempenho das tarefas também proporcionam a desintoxicação natural pela sudorese, trabalhar em grupo, dividir as tarefas e responsabilidades, exercitar a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

própria liberdade, aceitar os limites, respeitar a liberdade do outro, praticar a disciplina, a descoberta de novas habilidades, o resgate da autoconfiança, dentre outros.

A *convivência* é uma experiência de viver em família, mas praticando o amor e, segundo Zanom (2008), "é um constante sair de si para encontrar o outro, é um movimento de transformação do «eu» ao «nós» onde se passa do interesse individual à busca do bem comum". Através desse estilo de vida familiar, pautado no respeito ao outro, na responsabilidade e solidariedade, o adicto tem a oportunidade de mudar seus hábitos e atitudes, assim como sua mentalidade, dando início a uma nova forma de vida onde assume o compromisso de conviver em harmonia, como partícipe de uma grande família e como co-responsável pelo bem-estar dessa família. Dessa forma, num clima de amor e confiança, com o sentimento de ser compreendido e valorizado, recupera sua auto-estima.

A *espiritualidade* reafirmada na Boa Nova do Evangelho é colocada em prática pelo interno, no seu cotidiano, suscitando novos sentimentos e valores e os fortalecendo para superar as provações e progredirem no caminho da descoberta de si, do outro, e de uma nova vida, onde a evidência é fincada no diálogo, na abertura e confiança na capacidade de transformação das pessoas. Todas as atividades são concebidas na proposta de criar uma comunidade de pessoas voltada para a recuperação de seus participantes. A vivência da palavra de Deus vem acompanhada da partilha das experiências vivenciadas pelos adictos e nessa máxima ressaltam a experiência da escuta e lhes dá a oportunidade de vislumbrarem uma realidade diversa da que conheciam. As experiências de partilha, de comunhão, de superação e de perdão são freqüentes e vão moldando um novo estilo de vida em que a alegria é fruto imediato e duradouro. Dessa forma, a formação humana, social, moral e espiritual do jovem vão acontecendo por meio da correção fraterna, comunhão de vida, atitudes de amor, dedicação, misericórdia e fé (ibid).

É proeminente que a FE, mesmo sendo uma comunidade terapêutica de cunho católica, não faz restrição de crenças em seu atendimento e nem adota a imposição de credo ou doutrina aos seus internos, mas a participação destes na vida espiritual é regra básica no seu programa de recuperação. Portanto, independentemente de que credo professe, o adicto deve participar das orações comuns, meditações diárias, celebrações diversas e o que houver nessa área, ou

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

seja, todos são convidados a abrirem o coração a Deus e uns para os outros, e aos que não professam a fé católica é recomendado a sua presença de forma silente e respeitosa.

Além dos três pilares que fundamentam a metodologia do programa de recuperação da FE, há ainda, outras atividades desenvolvidas em seu estilo de vida como: o contato com a natureza através do cultivo de plantas e a criação de animais (coelhos, galinhas, porcos, patos, vacas, abelhas), horticultura, jardinagem e plantações; cultura, esporte e lazer – todos os dias os internos tem na sua rotina diária, horas destinadas para essas atividades (futebol, vôlei, natação, musculação, etc.); e ao desenvolver essas atividades adquire espírito esportivo, aprendem a competir de forma sadia, a respeitar as regras dos jogos, liberam energia, contém a agressividade, dentre outros fatores.

A instituição também privilegia a arte e a cultura com o objetivo de levar o interno a descobrir o belo dentro de si mesmo e expressá-lo nas diversas formas da arte, através da promoção de cursos de pintura, palestras e eventos literários, grupos de dança, música e teatro, etc.

Outros serviços disponibilizados e que fazem parte da rotina dos internos é o acompanhamento individualizado, que ocorre através de colóquios com os (as) coordenadores (as) e com os (as) responsáveis; criando abertura para o diálogo, onde aprendem a expressar-se com liberdade e fazem o exercício da capacidade de ouvir e avaliar. Os coordenadores das casas (dois por casa), são os adictos com mais tempo de caminhada e que são trabalhados para o exercício de liderança passando por um processo de formação que dura cerca de 30 dias. Dessa forma, é desenvolvido no adicto um senso maior de responsabilidade que é o de coordenar outros grupos, da forma como foi orientado ao chegar à Fazenda, tendo a oportunidade de receber os novos internos e transmitir aos mesmos sua própria experiência e conseguindo amadurecer e se fortalecer com essa vivência.

Os “padrinhos” ou “madrinhas” como são chamados os responsáveis de uma casa, é um voluntário que, tendo ou não vivido a experiência das drogas, decidiu por renunciar suas próprias conquistas econômicas ou sociais para dedicar-se integralmente à missão de estar no meio dos jovens e ajudá-los no processo de recuperação. Essa renúncia, por si, já atrai a confiança e quebra possíveis barreiras, pois eles sentem que antes de tudo, são importantes para

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

alguém que não está ali por salário ou qualquer outra benesse, mas porque, livremente escolheu ouvi-los e acolhê-los (ibid).

Há o atendimento médico, psicológico e odontológico para os casos em que se constata a necessidades desses encaminhamentos.

O procedimento de ingresso do adicto na FE é praticamente o mesmo em todas as suas unidades no Brasil e no mundo: ele escreve uma carta de próprio punho relatando seu problema e solicitando ajuda para largar o vício e encaminha para a FE. Com isso, ele reconhece a sua dependência e exerce a liberdade de busca tratamento por entender que precisa de ajuda, se tornando protagonista de sua recuperação. A FE responde também através de uma carta, onde informa o que é o programa, sua duração, o que precisa levar de enxoval, quais os procedimentos que o candidato deve se submeter para ingressar no programa como: consulta médica, consulta odontológica, exames médicos, dentre outros.

Munida de todos os exames e atestados necessários, a família do candidato à Fazenda fica aguardando ser chamada, mas enquanto espera é convidada a participar da reunião do Grupo Esperança Viva, que acontece todo terceiro domingo do mês e onde se reúnem os egressos da FE, seus familiares e os familiares dos que se encontram internados na mesma, para conhecer um pouco do programa de recuperação ao qual seu ente familiar vai ingressar.

Ao ser chamado para participar da triagem, o adicto vai acompanhado geralmente pela família ou alguém que a representa e já leva todos os pertences para ingressar no programa. Nessa ocasião a família e o adicto passam por entrevistas conduzidas por membros da equipe técnica da FE (assistente social e psicólogas), onde seu prontuário é preenchido e todas as informações sobre o programa são repassadas a eles, e o adicto é consultado sobre sua real opção de ingressar na programação de recuperação. Após a anuência de todos – adicto e família – há a assinatura do contrato e em seguida acontece à despedida entre eles, que passa a ser conduzido pelo padrinho e coordenador da casa de triagem, onde vai permanecer por cerca de um mês.

> É preciso lembrar que a livre decisão é uma característica do processo, desta forma, dá-se ao recuperando na liberdade dizer «sim» ou «não» a esta proposta. Vale salientar que o recuperando possui liberdade para interromper o programa, em qualquer momento, cabendo aos responsáveis e coordenadores, orientar e aconselhar, mas em nenhum momento obrigá-lo a mudar de decisão (Zanom, 2008, p.24).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Após esse contato inicial com a família, essa é orientada a participar dos encontros mensais do Grupo Esperança Viva – GEV para: conhecer mais sobre a Obra; saber sobre a nova vida que seu ente familiar passou a vivenciar durante sua internação; se fortalecer, através do compartilhamento de seu problema com as demais família dos internos e dos egressos; se preparar paralelamente para o momento de sua saída; apoiar o adicto na sua permanência no programa, pois ao saber da participação de sua família no GEV, ele se sente encorajado a permanecer na luta para abandonar o vício.

> Além de acompanhar os jovens em recuperação, a Fazenda da Esperança também dá atenção a seus familiares, igualmente necessitados de apoio para começar uma vida nova. Desde 1993, eles se reúnem em pequenos grupos para se ajudarem mutuamente e participarem, na medida do possível, da mesma experiência espiritual dos jovens (Santos & Brúschke, 2007, p.54).

Cabe ressaltar que nos três primeiros meses de internação o contato do interno com a família só ocorre através de carta e até mesmo o seu acompanhamento, a família o faz através de contatos com os padrinhos. A instituição entende que o rompimento definitivo com a realidade vivida anteriormente é essencial para que o jovem esteja livre para novas descobertas e possa buscar dentro de si as respostas que tanto almeja.

Nesse período, a FE também oferece reuniões em forma de retiro, para levar esperança concreta aos pais e desenvolver com eles um trabalho similar ao que seu ente familiar está vivenciando na FE no que se refere à espiritualidade, ou seja, a aquisição de um novo estilo de vida baseada na descoberta da vivência do Evangelho. Além disso, eles tomam ciência de como está sendo a caminhada do seu parente e também tiram todas as dúvidas que vão surgindo através das cartas que recebem dos mesmos.

A partir do quarto mês o recuperando passa a receber a visita da família mensalmente, sempre no primeiro domingo do mês, intitulado o “Dia da Visita”. Nesse dia de encontro do recuperando com sua família eles assistem a missa juntos, almoçam e o interno tem a oportunidade de compartilhar com seus familiares como está vivenciando essa experiência de uma nova vida longe do vício. Nessas visitas é oportunizado aos adictos restaurar os laços rompidos ou fragilizados pela dependência, criando um novo tipo de relacionamento já como fruto de sua vivência. Também à família é oferecido um momento de se reunirem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

durante parte da visita, para meditarem sobre a Palavra de Vida mensal (prática do Movimento Focolares e utilizada pela FE que segue o mesmo carisma) e fazerem uma comunhão das experiências vividas.

É importante destacar que esse momento da visita, quando devidamente aproveitado pela família e recuperando, é de suma importância para o seu tratamento, pois como diz o Padre César ao contar a história da FE:

> Com o trabalho de recuperação, logo se entendeu que a participação ativa dos pais na mudança de vida do filho era determinante e a condição mesma para uma libertação efetiva dos vícios. Os pais tornaram-se igualmente dependentes junto com os filhos, naquilo que a psicologia chama de co-dependência (Santos, 2009, p. 178).

Durante os oito meses restantes do programa de recuperação as visitas ocorrem seguindo o mesmo padrão e, paralelamente, no terceiro domingo do mês acontece às reuniões do GEV, que também devem contar com a participação das famílias e se constituem em momentos de oportunidade para que elas se fortaleçam, apóiem o tratamento do seu parente, compartilhem e troquem experiências com as outras famílias participantes e se preparem para o retorno de seu parente para casa.

Os três primeiros meses são os mais difíceis para os recuperandos, pois além da fase da abstinência, eles não recebem visitas e só se comunicam com seus familiares e amigos através de cartas. Por outro lado, viver em comunidade exige despir-se de preconceitos e, principalmente, de individualismos, o que não condiz com a realidade da sociedade da qual ele é egresso, mas com o passar do tempo, percebe-se que a desconfiança dá lugar à fraternidade e à criação de novos laços que nesse período de internação fortalecem os vínculos entre eles, e os ajudam a superar as dificuldades encontradas e os desafios diversos que vão surgindo no novo tipo de vida que vão assimilando.

O grande diferencial dessa comunidade terapêutica em relação às outras comunidades e/ou clínicas de desintoxicação, é que essa não se preocupa apenas em desintoxicar o físico, mas busca tratar tudo o que leva àquela pessoa a buscar a droga. Além disso, também busca desenvolver a espiritualidade do adicto, - resgatar seus valores enquanto cidadão, mostrar que é possível conviver com o diferente e amá-lo, que é possível compartilhar, viver em harmonia e fazer as coisas em unidade, ou seja, que é possível sair de si e pensar nos outros e,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

principalmente, que é preciso se amar e se fortalecer sempre em algo maior, Deus, que é a fonte de todas as necessidades, independentemente da religião que se escolha encontrá-lo e segui-lo. Daí a justificativa do programa de recuperação durar doze meses.

Ao acreditar no resgate dos adictos e na libertação dos vícios através da vivência do Evangelho, ou seja, do aprendizado de uma nova vida, não significa que ela não aceite que a drogadição é uma doença recidivante e crônica, o que ela afirma e busca nos doze meses de duração do programa, é mostrar ao adicto que ele pode retornar à vida optando por esse novo tipo de vida que ele está conhecendo através da rotina que vivencia na FE, e na qual ele não precisa fazer uso da droga como fuga ou como muleta.

A instituição entende que a recuperação acontece como conseqüência do que os AA[6] chamam de despertar espiritual e a FE denomina de: encontro do adicto com Cristo; encontro com Deus-Amor; viver a Palavra; fazer a vontade de Deus; ter Jesus no meio; viver em unidade, dentre outros.

Ao adotar esse novo estilo de vida baseado na vida em comunidade, no trabalho e na espiritualidade, ele estará fazendo a experiência de viver a Palavra e sem perceber estará despertando a sua espiritualidade e redescobrindo Deus, a Igreja, o Evangelho, um novo sentido para a sua vida, e ao mesmo tempo, resgatando a vontade de viver, que para muitos já estava perdida.

Para Santos & Brúschke "O 'método terapêutico', melhor dizendo, o processo de libertação das drogas nas Fazendas da Esperança fundamenta-se na prática do Evangelho. É essa a sua raiz espiritual" (SANTOS & BRÚSCHKE, 2007, p. 137) e Zanom (2008) completa:

> Como Deus se utiliza de instrumentos humanos para poder restituir a própria dignidade humana a alguns que em meio às próprias decisões se desesperaram. Assim surge a Fazenda da Esperança, uma obra que, ressaltando a pureza dos corações um dia presente em todos, busca mostrar aos tóxicodependentes e aos alcoólatras suas respectivas dignidades dando uma esperança ao desespero daqueles que se refugiaram no vício (Zanom, 2008, p.56).

Apesar de acreditar e buscar a recuperação da dependência química, a FE não alimenta o sonho e esperança de muitos pais desesperados que esperam a cura

[6] Grupo de auto-ajuda para alcoólicos, fundado nos EUA, denominado Alcoólicos Anônimos (AA).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

e a recuperação de seus filhos, e sequer promete que ele vai se recuperar, o que ela pode fazer e faz, é apontar um novo caminho que se constrói na medida em que mãe/pai e filho e/ou passem a trilhá-lo descobrindo a verdadeira esperança pois, como diz Santos:

> A Fazenda da Esperança, para fazer jus ao seu nome, precisa oferecer um caminho para chegar a Deus, capaz de não somente libertar de todos os vícios, mas de dar sentido para toda a vida, dar perspectivas grandes de futuro, dar força para enfrentar todos os desafios da vida, do mundo, da sociedade difícil em que vivemos hoje. Não seria isso uma grande esperança, a verdadeira esperança?"(Santos, 2009, p. 234).

O caminho apontado pela FE e vivenciado pelo dependente nos doze meses em que permanece internado, tem a finalidade de prepará-lo para o seu retorno à família e à sociedade e que lá possa continuar vivendo o mesmo estilo de vida que aprendeu na FE, permanecendo sóbrio. Nem todos conseguem manter seu novo estilo de vida na sociedade e nem colocar em prática os planos estabelecidos para o seu recomeço como o "homem novo" que aprendeu a ser e para esses a recaída é possível, além de ressuscitar o "homem velho" que o levou ao tratamento, e com muito mais força.

Um dos fundadores da FE, Frei Hans Stapel, ao ser questionado qual a sua maior preocupação e sua maior alegria diante de do crescimento rápido da Obra, respondeu:

> Minha maior alegria é a recuperação de cada jovem, quando chega à Fazenda da Esperança cheio de frustrações e desamor, estragado pela droga, a família em prantos... e, mediante o amor, torna-se 'homem novo'! Fico triste quando percebo que alguns, embora descubram o caminho do amor, não conseguem abandonar o egoísmo do sexo, das drogas e do consumismo, preferindo ficar preso às garras do mundo. Fico triste também por não podermos acolher a todos que nos procuram por falta de estrutura nossa. É por isso que vou pelo mundo inteiro pedindo ajuda para poder acolher a todos (Stapel apud Santos & Brúschke, 2007, p. 39).

A Instituição entende sim, que a drogadição é uma doença crônica, mas como dito anteriormente, acredita também na libertação do vício através do encontro do adicto com Deus e da adoção de um novo estilo de vida, fundamentada no tripé da espiritualidade, convivência e trabalho. Por ser uma doença recidivante, a Instituição entende também que a recaída, por muitas vezes, se torna presente e até considera que para alguns, faz parte do processo de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

recuperação, pois muitos dos seus egressos, inclusive o número um da FE[7], precisou recair intensamente para depois retornar e se doar à Obra, se tornando um dos muitos voluntários, hoje com família constituída dentro da própria FE e um dos mais antigos membros da Família da Esperança.

A recaída entendida como parte do processo de recuperação (Álvarez, 2010), ocorre de forma imediata e intensa, mas para àqueles que conseguiram realmente absorver o carisma da FE, os laços construídos não se dissolvem facilmente e com isso, ao retornarem às drogas eles terminam por compreender, valorizar e querer de volta o novo estilo de vida que aprenderam a ter. Há o retorno à FE, à freqüência às reuniões do GEV para se fortalecer e assim perseverar em seus propósitos, testemunhando concretamente em seu ambiente de trabalho, lazer, etc. que é possível libertar-se das drogas pelo Evangelho e demonstrando com sua vivência, que existe um novo estilo de vida capaz pelo qual se transformou e pode ajudar a transformar a sociedade, numa sociedade melhor, mas pacífica e sem drogas (Santos & Brúschke, 2007, p. 58).

A FE trabalha o retorno do adicto à sociedade paralelamente ao trabalho de recuperação através do resgate de seus valores e da proposta de laborterapia – que o insere no trabalho e ao mesmo tempo lhe proporciona novas habilidades, fazendo-o se sentir capaz de promover sua auto-sustentação. Além disso, os eventos realizados dentro das Fazendas, a visitação de grupos de escolas, de paróquias e os torneios esportivos organizados com a comunidade local, promovem uma integração com a comunidade que ajuda na recuperação do vínculo social dos recuperandos e os prepara para o retorno futuro ao convívio familiar e comunitário.

Muitas atividades são propostas também após o período de tratamento para auxiliar o jovem a acelerar o processo de reinserção na sociedade, apoiá-lo na manutenção da sobriedade e permitir que ele mesmo passe a dar sua contribuição como líder contra a dependência. Os contatos freqüentes por meio de visitas e permanência por períodos de férias ou de dificuldades pessoais dos jovens, a participação nos eventos da Fazenda e o acesso ao noticiário interno, proporcionam a manutenção do vínculo criado entre o jovem e a Fazenda durante o período de recuperação.

[7] Na Fazenda da Esperança, o primeiro recuperando, é chamado de número um.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Os GEV, que reúnem os ex-internos, familiares e voluntários, no intuito de auxiliar a manutenção da sobriedade conquistada e prevenir a recaída, promovem à re-inserção social, auxiliam na preparação dos que desejam internar-se e muitos conseguem abandonar o vício somente com a participação nas reuniões sem necessitar da internação. São 60 grupos espalhados pelo Brasil, com reuniões periódicas (de acordo com a demanda local podem ser mensais, quinzenais ou mesmo semanais) e acompanhamento direto dos responsáveis da Fazenda, na cidade próxima de onde residem os componentes do grupo (Programa FE, 2010).

No que se refere à prevenção, são muitas as ações desenvolvidas pela Obra, a começar pelos jovens que se recuperam e cujo exemplo de ter conseguido sair do fundo do poço, de ser um *homem novo* e construir uma nova vida, já difundem um parâmetro a ser seguido pelos que ainda estão no vício. Há também os testemunhos que dão, enquanto internos, para as visitas que recebem de escolas, comunidades e várias entidades civis e militares; os estagiários que recebe, oriundos de escolas e universidades; o acolhimento de jovens que querem praticar o voluntariado; a promoção de retiros para as famílias e voluntários; a cessão de seus espaços para retiros de grupos de jovens, de paroquianos, de sacerdotes, leigos, religiosos, etc.; a promoção de encontros; encontros e congressos para jovens e famílias, organizados pela Fazenda, com a participação dos recuperandos, visando à prevenção do uso da droga/álcool, através dos testemunhos dos jovens; palestras dos responsáveis, com testemunho dos jovens nas rádios, televisões, escolas, grupo de jovens, empresas e eventos sociais; dentre outros.

Além disso, possui programas específicos de largo alcance, geridos pela própria Diretoria Geral da Entidade, que atuam incisivamente na área de prevenção. São eles:

I. Multimídia Esperança – Tem por finalidades específicas: levar a todo o país a filosofia de um trabalho em prol da recuperação de pessoas dependentes do álcool e da droga, e a crença de que não existe "caso perdido", derrubando preconceitos e desânimo e despertar a esperança nos corações dos que sofrem por causa da dependência. Desenvolve ações no campo da mídia televisiva, com a edição e divulgação de programas que são televisionados por 9 (nove) emissoras em todo o país e realizando transmissões ao vivo dos eventos realizados nas diversas Fazendas; Edita ainda DVD´s, Livros, Agendas anuais, calendários, Cd's

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Musicais e diversos instrumentos de multiplicação das ações formativas e preventivas executadas na instituição e é ainda, o responsável pelo site oficial da Fazenda da Esperança: www.fazenda.org.br.

II. Esquina da Esperança - "lugar de dor se transforma em lugar de amor". A Fazenda da Esperança, inaugurou uma instalação na esquina do bairro do Pedregulho na cidade de Guaratinguetá, onde nasceu a metodologia de tratamento da comunidade terapêutica em 1983. Na esquina, onde se encontrava uma boca de fumo, local de encontro, de consumo e venda de drogas, hoje, funciona um museu de história da instituição, um ponto de atendimento ao público, um restaurante e lanchonete que vende os produtos da Fazenda da Esperança fruto do trabalho dos jovens recuperandos. Esta esquina se tornou ainda, num campo de treinamento das recuperandas em estágio final de recuperação que atuam como atendentes e fazem seus primeiros passos para uma reinserção na sociedade. Os recursos gerados nesse ponto de encontro são revertidos para a manutenção do Centro Feminino Mãe da Esperança em Guaratinguetá.

III. "Viver de Cara Limpa, uma escolha" - As dramáticas estatísticas do número crescente de jovens que entram para o mundo do álcool e das drogas e também os pesados custos sociais e econômicos da recuperação desses jovens reclamam iniciativas eficazes de prevenção ao uso de drogas. Ao mesmo tempo, a violência – inclusive o *bulliyng* –, igualmente crescente, mostra-se o reverso da medalha de um mesmo fenômeno social, para o qual muitas vezes os educadores se vêem despreparados e até mesmo desorientados. Na relação da Fazenda da Esperança com governos, educadores da rede pública e entidades congêneres, tem-se evidenciado a carência de material didático adequado para atender tal demanda. Em mais de duas décadas de experiência, a Fazenda da Esperança adquiriu reconhecida credibilidade e em 2008, lançou, como parceira das Editoras Cidade Nova e Salesiana, o projeto educativo *Viver de cara limpa (uma escolha),* composto por um livro-texto, de autoria de Jocyelma Santana e Ricardo Ribeirinha, e dois manuais organizados por Maria Clarice Salari. É inovador por reunir a teoria, experiência e vivência, o que muitas vezes falta em projetos acadêmicos, e depois, por explorar seus conteúdos transversalmente, sob vários enfoques – sociais, valorativos, literários etc. Por fim, por oferecer atividades a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

serem desenvolvidas junto à família do aluno – o ambiente familiar é um significativo fator desencadeador do uso da droga e da violência, mas também de esperança e de consciência cidadã.

Outro diferencial desta comunidade terapêutica diz respeito ao atendimento prestado por profissionais de diversas áreas, que colaboram com seus conhecimentos nas 74 unidades da FE espalhadas pelo mundo todo e que propiciam novos aspectos à recuperação. Dentre esses, a Obra atualmente oferece – tanto para os internos quanto para a sociedade de um modo geral – dois tipos de métodos na área da psiquiatria: a Abordagem Direta do Inconsciente (ADI) e o método psicanalítico da regressão, através dos quais o adicto e/ou têm a chance de enxergar os traumas e as razões emotivas que o levaram a se drogar e alcoolizar, causando sofrimento em sua vida e na de sua família. Hoje, a Fazenda da Esperança usufrui dessas terapias alternativas, a fim de propiciar uma recuperação de qualidade e para o futuro está aberta no sentido de incluir novos aspectos que não entrem em confronto com seus princípios fundamentais (ibid).

A trajetória da FE nesses 27 anos foi pautada pelo reconhecimento unânime do trabalho desenvolvido, sendo alvo de premiações constantes em todas as esferas, quer seja Municipal, Estadual ou Federal, culminando com a visita de maior importância recebida pela Obra, que foi a do Papa Bento XVI, na sede principal da FE em Guaratinguetá – SP, em 12 de maio de 2007. Neste dia, os olhos do mundo estavam voltados para as Pedrinha, onde cerca de 1500 internos de todas as Fazendas do Brasil e do mundo, juntamente com os egressos, os voluntários, a Família da Esperança e os convidados, se reuniram para receber a visita de Sua Santidade, que em seu discurso deixou patente o seu reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pela Obra e que motivou a decisão pela visita, conforme trecho abaixo:

> O Brasil possui uma estatística, das mais relevantes, no que diz respeito à dependência química de drogas e entorpecentes. E a América Latina não fica atrás. Por isso, digo aos que comercializam a droga, que pensem no mal que estão provocando a uma multidão de jovens e de adultos de todos os segmentos da sociedade: Deus vai-lhes exigir satisfações. A dignidade humana não pode ser espezinhada desta maneira. (...)
>
> Desejo manifestar o meu apreço por esta Obra, que tem como alicerce espiritual o carisma de São Francisco e a espiritualidade do Movimento dos Focolares. A reinserção na sociedade constitui, sem dúvida, uma prova da eficácia da iniciativa de vocês. Mas o que mais chama atenção, e confirma a validade do trabalho, são as conversões, o reencontro

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> com Deus e a participação ativa na vida da Igreja. Não basta curar o corpo, é preciso adornar a alma com os mais preciosos dons divinos conquistados através do Batismo. Vamos agradecer a Deus por ter querido colocar tantas almas no caminho de uma esperança renovada, com o auxílio do Sacramento do perdão e da celebração da Eucaristia (Papa Bento XVI, 2007 apud Santos, 2010, P. 229-230).

A visita do Papa Bento XVI proporcionou uma projeção mundial da FE e do trabalho desenvolvido pela FE, culminando com o reconhecimento pela Opus Prize Foundation and University of St Thomas, Minessota, USA, pelas ações humanitárias desenvolvidas.

Outros reconhecimentos são elencados a seguir em vários discursos efetuados por autoridades eclesiásticas que visitam ou acompanham a Obra. Na acolhida aos membros da Família da Esperança, o Cardeal Stanislaw Rylko, Presidente do Conselho para os Leigos, disse em seu discurso:

> que me lembra a visita que pude fazer justamente no berço da comunidade de vocês. Para mim, foi realmente uma experiência forte que demonstra como a caridade de Cristo muda as pessoas. Essas pessoas que são as mais pobres entre pobres, por causa da escravidão delas, e graças ao amor de Cristo que encontram na comunidade de vocês, reencontram Cristo, e reencontrando Cristo, reencontram a si mesmas. Vocês são realmente testemunhas de grandes milagres que o Senhor opera na comunidade de vocês. (...) O Senhor se torna presente por intermédio de vocês a muitas pessoas, especialmente jovens, escravos da toxicodependência e do álcool, fazendo-os sentirem-se também eles, objeto da predileção divina.
>
> Vocês se encarregam desses filhos de Deus, conscientes de que eles descubram a sua felicidade verdadeira e um sentido profundo da vida, é necessário ajudá-los a recuperar não somente a saúde do corpo, mas também a da alma, (Rylko, 2010).

Em outro depoimento do Frei José Rodriguez Carballo, ofm, ministro geral dos Franciscanos, ele diz:

> Paz e Bem! Agradeço a Deus esta oportunidade de partilhar com todos desta festa, a festa da Família da Esperança. Agradeço a Deus por haver conhecido a família da Esperança e ter reconhecido todo trabalho que a Família da Esperança faz em favor do homem, da pessoa humana (Carballo, 2010).

O Cardeal Primaz do Brasil, Dom Geraldo Magela, em sua homilia na Basílica de São Pedro, em Roma, também fez referência ao trabalho da FE, dizendo:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Estamos hoje aqui reunidos, para continuar nossa ação de graças pelo reconhecimento da Família da Esperança. A Família da Esperança segue seu caminho de ir ao encontro dos mais necessitados, sobretudo daqueles que, nós sabemos, são os dependentes de drogas, enfim, de tudo aquilo que possa tirar a criatura humana do seu caminho do encontro com o Senhor Deus. Família da Esperança é uma escola de santidade. Além do trabalho que é feito, que não se paga com nenhum dinheiro deste mundo, é um trabalho que se compara com o bem que se faz aos outros sem nada receber em troca (Magela, 2010).

A arquiteta Lilia Campelo, responsável pelo projeto de grande parte das casas da FE e pela Igreja-Tenda, erguida nas Pedrinhas, em Guaratinguetá/SP, para receber o Papa Bento XVI, faz um belíssimo depoimento:

> Para mim, o fundamental nesse trabalho é poder descobrir e falar para o mundo descrente que o ser humano é recuperável através do amor, que vivido no dia-a-dia das fazendas, nos faz descobrir que existe um Deus que nos ama profundamente. (...)
>
> Assim, ao encontrar frei Hans essa sensibilidade de entender que a arquitetura ajuda no processo de recuperação, entendendo o verdadeiro espírito da Arquitetura, como espaço para o homem, de acolhida e vida, eu estava me encontrando (Campelo apud Santos, 2010, p. 190).

Por último, elencamos o depoimento do Padre Ronaldo Bernardo de Lima, que em seu trabalho sobre a FE, declara:

> Crescia também em mim o desejo de viver daquele modo. Também eu gostaria de experimentar aquela alegria que brilhava nos olhos transformados de cada um que começava a ter uma vida nova a partir das experiências transformadoras proporcionadas pelo Evangelho.
>
> Àqueles que assumiram com responsabilidade, em sua liberdade, este novo modo de viver, em relação à vida que tinham anteriormente, esforçavam-se no trabalho, nas orações, nas atividades em grupo, mas, sobretudo em lançar-se em realizar aos outros colegas "atos de amor" que faziam toda a diferença. Não eram atos extraordinários, mas pequenos atos. Tantas vezes escondidos que se sentiam apenas os seus reflexos. Gestos como: lavar a roupa do outro, ficar em último lugar na fila do almoço, disponibilizar-se em lavar a louça ou o banheiro, doar uma roupa para alguém que chegou e não tem e tantos outros pequenos gestos que, realizados apenas pelo desejo de fazer o bem ao próximo, isto é, por amor, gera na pessoa amada também o desejo de amar (Lima, 2006).

O trabalho de recuperação dos que permaneceram os 12 meses na FE se conclui com o seu retorno à sociedade onde vivia, mas é importante esclarecer que nesse um ano em que ele permaneceu internado, foi dado a ele todo um referencial, ou seja, como diz Eduardo Augusto Zanom (2008), também em seu trabalho sobre a Fazenda:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> O referencial foi dado, a semente foi lançada, o recuperado sai da «Fazenda» plenamente consciente de sua dignidade de pessoa e com os valores autênticos da vida evangélica, retorna à sociedade pronto para viver sua cidadania: consciente em exigir seus direitos e preparado para cumprir seus deveres (Zanom, 2008, p. 65).

O que foi escrito até agora sobre a Obra e sobre a recaída, fortalece ainda mais o objetivo da pesquisa a ser realizada sobre o processo de recaída dos egressos da referida Instituição, pois as indagações sobre as causas da recaída permanecem. Porque uns conseguem e outros não? Onde está a falha? O que faz esses egressos preferirem retornar ao vício com todas as suas mazelas, mesmo tendo conhecimento de que é capaz de viver bem melhor sem ele? Porque optar por uma vida de sofrimento, por um suicídio lento, se já aprendeu que pode ser feliz e viver uma vida saudável?

Precisamos dar respostas a essas e outras perguntas, para que possamos contribuir com todos: adicto, familiares, Instituição, profissionais envolvidos, na busca da manutenção da sobriedade, não mais de alguns, mas de todos os egressos da FE, pois como diz o Pe. César Santos:

> Não queremos fazer propaganda enganosa! Num mundo em que o marketing vive de aparências e de muita fachada, e por isso enche a vida de negativismo, pessimismo e desesperança, não podemos fazer o mesmo! Ao contrário, ciente das coisas de Deus, oferecemos a todos uma esperança viva, verdadeira, grande. Isso é o que pudemos fazer nesses vinte e cinco anos de história, como filhos da esperança, embaixadores da esperança! (Santos, 2009, p. 236).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

4.2.
A Fazenda de Manaus

A Fazenda da Esperança “Dom Gino Malvestio”, unidade amazonense nasceu do sonho de Dom Gino Malvestio, bispo de Parintins, que ao conhecer a Obra, convidou Frei Hans em 1997, para visitá-lo, com o intuito de implantar uma unidade da Obra no referido município. Por ocasião dessa visita, Frei Hans também conheceu Dom Mário Pasqualotto, hoje bispo auxiliar da arquidiocese de Manaus, mas que na época atuava como pároco no município de Maués.

Fatidicamente, nesse mesmo ano, Dom Gino veio a falecer e a abertura da Fazenda não se concretizou. Com a morte do mentor da idéia, o Projeto não seguiu em frente, mas ficou no coração de Dom Mário Pasqualotto.

Em 2000, sabendo que a Campanha da Fraternidade de 2001 teria como tema o problema das drogas, "VIDA SIM, DROGAS NÃO!", Dom Mário, em unidade com o Arcebispo de Manaus, Dom Luiz Soares Vieira, pensaram em implantar a Fazenda como um gesto concreto de engajamento na referida Campanha, e para isso envidaram todos os esforços, contando com o envolvimento de toda a arquidiocese para a realização desse projeto.

Em busca do local apropriado para a instalação da Fazenda, recorreu-se ao Governo do Estado da época, que ao conhecer o trabalho desenvolvido pela Obra, doou a área onde funcionava a antiga Escola Fazenda, projeto do governo que atuava com os menores infratores e que se encontrava desativada. Foi autorizado ainda pelo mesmo governo, recursos para a recuperação dos prédios existentes, com o intuito de agilizar o funcionamento imediato dos trabalhos de recuperação da Fazenda da Esperança. Além disso, foi efetuado um Convênio, também com o Governo do Estado, através da SEDUC – Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino, para a compra de 200.000 exemplares do Livro "Tabebuias", que narra a história da Fazenda, e trás relatos de experiências de pessoas que se recuperaram na Obra, para serem distribuídos aos alunos da rede estadual de ensino da capital e do interior como forma de trabalhar a prevenção e divulgar o programa de recuperação que estava sendo iniciado em Manaus.

Assim, em 29 de julho de 2001, foi inaugurada a Fazenda da Esperança "Dom Gino Malvestio", que acolheu na sua primeira triagem, apenas 15 rapazes dos muitos que desejavam recuperar-se - devido ser essa a capacidade máxima de atendimento na ocasião - em detrimento de outros tantos que permaneceram na lista de espera, por absoluta falta de infra-estrutura física para recebê-los. Esse mesmo governo também celebrou convênio com a Obra através da Secretaria de Estado de Ação Social – SEAS para a construção das primeiras casas e uma praça no meio delas, assim como para equipar as mesmas com mobiliário e utensílios necessários para o seu funcionamento e a doação de um carro para tornar viável o deslocamento dos moradores da FE à cidade.

O governo seguinte deu continuidade ao convênio, o que possibilitou a conclusão das obras e firmou novos convênios através do Conselho de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Desenvolvimento Humano – CDH que doou o imóvel, a sua mobília e equipamento, além de um carro, para a implantação da unidade feminina em Manaus, que ocorreu no dia 06 de março de 2005, no mesmo ramal da unidade masculina.

Voltando à unidade masculina, que se constitui o foco desse trabalho, cabe ressaltar o seu crescimento nesses quase dez anos de implantação. Da primeira visita efetuada a essa obra em julho de 2001, antes de sua inauguração, quando levamos – através da Secretaria de Estado da Educação – SEDUC – vários alunos do Ensino Básico e Médio para ouvir os testemunhos dos ex-recuperandos que se faziam presentes na missão[8], quando só existia um casarão que estava sendo recuperado pelos missionários, para a infra-estrutura dos dias atuais, a mudança é significativa. A unidade masculina conta hoje, além do casarão antigo (hoje completamente reformado e ampliado), da área da piscina também reformada e do galpão onde funciona a fábrica de colorau, com: mais cinco casas construídas; três reformadas e ampliadas; uma igreja em acabamento; uma praça; um ginásio coberto; um posto médico; um consultório odontológico; uma padaria industrial; uma marcenaria; uma plantação de laranja; um bananal; uma horta; pocilgas (para criação de suínos); aprisco (para criação de ovelhas); aviários (para criação de frangos); tanques (para criação de peixes).

A FE implantada em 2001 e que só pôde atender 15 rapazes em sua primeira turma de recuperação, hoje atende 100 internos distribuídos em suas sete casas, realidade que ainda não atende à demanda, mas que, com certeza, interferiram e interferem de forma significativa para a minimização do problema. Naturalmente que esse crescimento só foi possível devido ao acolhimento da sociedade amazonense e dos governos federal, estadual e municipal, que mesmo com graus de intensidade diferentes, foram os mentores desse crescimento.

O Governo do Estado participou com as construções e reformas das casas, assim como seus mobiliários e equipamentos; os projetos de estrutura física e produtiva para possibilitar a auto-sustentação, como: construção de pocilgas, de

[8] Missão na FE se refere à experiência de juntar jovens ou pessoas que estiverem dispostas a se deslocarem para outra região para levar a experiência da Fazenda, principalmente por ocasião da fundação de uma nova Fazenda. Esses jovens são, na maioria, ex-internos da FE que aceitam o convite de pedir férias do seu trabalho e fazer parte da missão que dura cerca de 30 dias e que antecede a implantação de uma nova unidade. Eles participam pagando a sua própria passagem e passam esse período trabalhando na nova sede desenvolvendo atividades como: pintar, carpir, construir, limpar, etc., e, paralelamente , visitam as paróquias divulgando a implantação da nova unidade e dando seu testemunho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

aviários, de tanques para criação de peixes, plantação de bananas; a construção do ginásio coberto; as doações do consultório odontológico, do carro, de CD's com as músicas da FE; a compra dos livros Tabebuias; e participa até hoje com parte da subvenção que permite a manutenção dos internos, através dos seguintes órgãos: Conselho de Desenvolvimento Humano – CDH; Secretaria de Ação Social – SEAS; Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer – SEJEL; Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos – SEJUS; Secretaria de Estado de Produção Agropecuária – SEPROR e Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino – SEDUC.

A Prefeitura Municipal participou em alguns períodos e até 2009, com parte da subvenção para manutenção dos internos, através da Secretaria Municipal de Assistência Social – SEMASC. Ambas as instâncias recebem como contrapartida vagas para o encaminhamento de adictos para internação e devido tratamento.

O Governo Federal efetivou sua participação através da Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA, cujo convênio teve como objeto a construção de uma padaria e uma marcenaria. A padaria é responsável pela produção dos pães consumidos pelos internos e por biscoitos e pães que são vendidos nas paróquias e pelas famílias dos adictos, como forma de escoar os produtos destes e como participação concreta no seu tratamento. A marcenaria ainda não está funcionando.

Além da participação das esferas públicas, a FE de Manaus contou, como já dito, com o acolhimento da sociedade local que logo se uniu para colaborar com a Obra. Criaram-se grupos de voluntários, que no afã de colaborar promoveram chás beneficentes que eram, e continuam sendo, tão prestigiados pela sociedade que seus ingressos logo se esgotam. Esses mesmos grupos de voluntários também iam e vão para as portas das igrejas, em dias de eventos como novenas e missas que agregam um grande contingentes de fiéis, para venderem os produtos da FE. Desde a implantação da unidade amazonense, uma médica vai, juntamente com a freira que efetuou as primeiras triagens, semanalmente à sede da FE para atender os internos, ministrar palestras preventivas na área de saúde, incentivar a leitura, etc. Posteriormente, também uma odontóloga voluntária passou a ir atender os internos semanalmente.

Em determinado momento, esses grupos se uniram a convite de uma das mais antigas voluntárias da Obra, Sra. Iclé Baraúna Pinheiro, hoje já falecida, para

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

criar um Conselho de Assessoramento que se denominou Conselho de Assessoramento da Fazenda da Esperança – CONFE, fato inédito na história das Fazendas, com o intuito de colocar em prática o seu sonho de arregimentar todos os que já atuavam como voluntários da Obra, assim como os novos colaboradores, num grupo coeso, para trabalharem juntos num só objetivo: o de tornar a Fazenda amazonense auto-sustentável. Esse Conselho, composto por 21 membros que iam dos mais simples voluntários às pessoas altamente renomadas da nossa sociedade e tendo como presidente o magistrado Dr. Gildo Carvalho, tinha como pressuposto maior oportunizar a concretude dos objetivos a seguir: promover a articulação da Fazenda da Esperança com a sociedade civil organizada; favorecer a integração entre a Fazenda da Esperança e os órgãos públicos; assessorar a Fazenda da Esperança na captação de recursos através de seus programas e projetos; e estimular a parceria entre a Fazenda da Esperança e os órgãos da iniciativa privada.

Esse Conselho, dentre outras coisas, promoveu curso de pintura para os internos, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura, e que culminou com uma bela exposição dos quadros pintados pelos adictos participantes. Colaborou também, sobremaneira, com o andamento do projeto apresentado junto à SUFRAMA para a doação da padaria e marcenaria. Intermediou a doação de maquinários para a unidade feminina criar a grife Meninas de Manaus e deu muito mais visibilidade ao trabalho desenvolvido pela Obra.

A FE de Manaus também sempre contou com a parceria de várias empresas do parque industrial de Manaus, assim como do comércio e outros. A colaboração elencada é de suma importante para a sua manutenção, pois a nossa clientela é composta, com raríssimas exceções, de pessoas cujas famílias não possuem renda suficiente para mantê-los em clínicas particulares, o que impossibilita, portanto, contribuírem para a manutenção dos seus dependentes na nossa comunidade terapêutica. Muitos deles vêm do interior do Estado, de municípios distantes, inviabilizando qualquer ajuda da família até no escoamento dos produtos produzidos por eles, o que facilitaria no seu processo de reabilitação.

Como já dito, a Fazenda da Esperança adota como meta a política da auto-sustentação, mas as duas unidades amazonenses ainda não conseguiram atingir esse patamar, apesar dos esforços envidados ao longo dos seus períodos de funcionamento. No entanto, continuam lutando nessa direção e ambas as unidades

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

já contam com produtos produzidos pelos próprios internos, alguns para o próprio consumo e outros para vendas, visando contribuir para a manutenção do seu processo de recuperação. A unidade masculina produz pães, biscoitos, colorau, laranja, plantas ornamentais, frango, ovos, peixe. A unidade feminina produz confecções diversas para a grife "*Meninas de Manaus*", patenteada por elas e já começando a ficar conhecida em Manaus.

É importante que se dê o destaque necessário para o apoio dado pela sociedade amazonense para a FE, desde a sua implantação, pois essa peculiaridade faz das unidades amazonenses da Obra, umas das mais completas em termos de infra-estrutura, expansão, manutenção, atendimento e prestação de serviços, tudo fruto da solidariedade de todos os segmentos envolvidos.

Outra especificidade desta unidade, é que tem uma sala de aula montada pelo Centro Universitário do Norte – UNINORTE que em parceria com o Colégio do Norte trouxeram os Exames Supletivos para dentro da FE. Assim, nos dias de sábado o referido Colégio desloca um professor que durante um mês ministra aulas de determinada disciplina e em seguida os internos são submetidos ao exame supletivo daquela disciplina. No mês seguinte o processo se repete com outra disciplina e dessa forma, nos 12 meses de internação o recuperando tem como estudar e concluir o Ensino Médio.

Outro diferencial da FE de Manaus acontece na triagem que seleciona os novos internos, pois diferentemente da grande maioria das demais unidades da Obra, onde os adictos e suas famílias são recebidos pelos próprios padrinhos e responsáveis, na realidade amazonense essa mesma triagem – que inicialmente era realizada, por uma freira pedagoga, com experiência na área da psicologia, que recebia os adictos e suas famílias na sede da Arquidiocese de Manaus - posteriormente, passou a ser realizada na própria sede da FE com as entrevistas sendo conduzidas pela minha pessoa, enquanto assistente social inicialmente voluntária e depois cedida pela Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino – SEDUC, que também acompanhava a trajetória dos internos durante os doze meses do programa. Com a ampliação da Obra, esse acompanhamento por uma única pessoa foi ficando comprometido o que deu margem a se buscar novas alternativas.

Surgiu, então, há cerca de quatro anos atrás, a parceria com o Centro Universitário do Norte – UNINORTE, quando a FE passou a usufruir do Plantão

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Psicológico e da Escuta Emergencial, serviços disponibilizados aos recuperandos e operacionalizados por duas psicólogas e um grupo de estagiários que com o passar do tempo foram ampliando suas atividades na FE e passaram também a participar da triagem e de algumas das reuniões com os GEV. A partir de 2009, também o curso de serviço social da mesma instituição passou a atuar na Obra o que permitiu a ampliação do atendimento às famílias e aos internos.

Atualmente, tanto os candidatos a ingressarem no programa de recuperação, quanto suas famílias são atendidas por esses dois grupos, que em conjunto com seus estagiários elaboram as entrevistas que antecedem a entrada na FE.

O mesmo Centro Universitário desenvolve atividades na FE através dos cursos de farmácia, nutrição e odontologia.

A Festa de São Francisco para a Juventude ocorre anualmente em todas as UPS[9] da FE entre o final do mês de setembro e o início do mês de outubro e tem como objetivo, além de homenagear São Francisco - cujo carisma é adotado pela Obra, como já dito – o de trabalhar a espiritualidade e a prevenção às drogas junto aos jovens de nossa sociedade. Nessas ocasiões as FE recebem a sociedade local que chegam a sua sede de diversas formas: muitos em caravanas promovidas pelas suas paróquias ou comunidades leigas católicas; outros através dos ônibus colocados à disposição pela própria FE; outros em ônibus de linha; e outros através de seus próprios veículos. Na última festa, realizada em 26/09/2010, a UPS de Manaus recebeu cerca de 2500 visitantes, que passaram o dia na Fazenda participando de sua programação.

Essa programação consiste no desenvolvimento de um tema, que é escolhido anualmente – o deste ano foi “Firmar-se na Esperança“ -, mas é sempre vinculado à São Francisco. O tema é ministrado por um palestrante convidado e através dele se trabalha a espiritualidade e prevenção às drogas. A programação é dividida em duas partes: pela parte da manhã há o desenvolvimento do tema, seguido por apresentações culturais protagonizadas pelos próprios internos das duas UPS amazonenses (masculina e feminina) sempre voltadas para o tema e que são intercaladas por músicas dos CD’s da FE e/ou religiosas, entoadas pelo conjunto musical da própria unidade masculina, e pelos testemunhos dos internos, dos ex-recuperandos e das famílias desses egressos. Na parte da tarde, a FE cede

[9] UPS - Unidades de Prestação de Serviços da Fazenda da Esperança.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

espaço para as apresentações externas de vários grupos oriundos de paróquias, escolas, grupos de 3ª idade, etc., que se inscrevem para participar, e o encerramento da programação ocorre sempre com a celebração da Santa missa por volta das 16 horas.

Paralelamente à programação, são montadas várias barracas de alimentação e guloseimas - que vão desde o café da manhã até o almoço - e também as barracas com as vendas dos produtos das duas unidades da FE. Cabe ressaltar que os alimentos vendidos são todos doados, com exceção de parte das bebidas (água e refrigerante) que são compradas e revendidas. Assim a FE promove um grande evento de prevenção aberto à comunidade onde está inserida e paralelamente arrecada fundos para dar continuidade ao seu trabalho.

Outro evento promovido anualmente pela Obra com o intuito de socializar é a gincana cultural e esportiva entre os internos das UPS próximas, gerando entrosamento entre eles, além de oportunizar a prática da arte de competir trabalhando o espírito esportivo. Nas UPS isoladas, como é o caso das de Manaus, em que as demais unidades ficam muito distantes, a gincana é realizada entre as casas da própria FE.

A Fazenda de Manaus masculina também adota outro evento de competição anual entre as suas sete casas, que incentiva a decoração das mesmas para o Natal, e os internos não só aderem ao espírito do concurso, como surpreendem pelo espírito de união com que ornamentam suas casas e ainda, pela criatividade que brota no afã de querer fazer o melhor com os recursos que dispõem e que tem que ser próprios. Dessa forma, muitos que nunca viveram o espírito natalino e/ou que perderam ao ingressar no mundo das drogas, se vêem totalmente embutidos desse espírito e descobrindo ou redescobrindo o sentido real da festa de Natal.

Outra experiência significativa ocorre por ocasião da semana-santa, que é vivida intensamente por todos os internos através do acompanhamento de toda a programação que vai desde a missa do lava-pés, à via-sacra, adoração, e morte e ressurreição de Cristo. A encenação da via sacra, pelos próprios internos, é emocionante, pois além da interpretação em si, em cada estação um interno relaciona àquele momento vivido por Jesus à sua experiência e os relatos são muito fortes. A cada ano, a celebração vai se tornando melhor em termos de encenação e de público visitante que vem à FE para participar da via-sacra.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Eventos grandiosos já foram promovidos pela Obra e que reuniram todos os internos das UPS do Brasil e do mundo na unidade das Pedrinhas, em Guaratinguetá/SP. O primeiro ocorreu entre a passagem de 2003 para 2004, quando se reuniram cerca de 1200 internos para comemorar o Jubileu dos 20 anos da Obra. As caravanas começaram a chegar nas Pedrinhas nos últimos dias de 2003, incluindo a UPS de Manaus que chegou no dia 28/12/2003 com cerca de 80 pessoas, entre internos, padrinhos, coordenador e presidente local, e voluntários. A diferença da FE de Manaus é que seu deslocamento, diferentemente das demais UPS brasileiras, foi efetuada de avião o que encareceu sobremaneira a viagem e que demandou um longo e árduo trabalho de toda a equipe na venda de CD's com as músicas da FE, cuja gravação e CD foram doados pelo Governo do Estado. A venda contou com a participação da família dos internos, ex-recuperandos e voluntários que tinham cota a cumprir para ter como viajar.

Como voluntária, fizemos parte da caravana e cabe ressaltar que todo esforço valeu a pena, pois a experiência vivenciada por todos, mas principalmente pelos internos foi inesquecível.

Momentos de muita espiritualidade foram vividos por todos, inclusive com os sacramentos do batismo, primeira comunhão e crisma para inúmeros internos de todas as FE que se prepararam em suas unidades de origem para receberem esses sacramentos. A celebração contou com inúmeros sacerdotes e muitos bispos que participam da Obra e outros convidados, e para "aquela parcela da humanidade, que colheu os frutos amargos do nosso tempo, e caíram tristemente nos vícios, arrastando junto suas famílias e amigos" (Santos, 2010, p.34), era oportunizado vivenciar um encontro de intensa beleza e espiritualidade, preparado exclusivamente para eles, e que se traduzia num gesto concreto de amor que dificilmente será esquecido por quem participou.

Outro momento ímpar foi a passagem do ano, também após uma celebração eucarística repleta de emoção, quando cerca de 1200 recuperandos, juntamente com a Família da Esperança, voluntários e convidados puderam participar de uma festa comovente, sem qualquer tipo de drogas (lícitas e ilícitas), mas igualmente alegre, com fogos de artifícios e regada pela emoção dos abraços fraternos de todos, pela percepção dos semblantes iluminados de adolescentes, jovens e adultos, que perplexos percebiam que podiam participar, se alegrar e se emocionar num momento dessa magnitude e sóbrios, com a "cara limpa".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Outros eventos similares ocorreram ao longo do Jubileu, como a Missa celebrada e televisionada pela Canção Nova em frente à Igreja de Nossa Senhora da Glória em Guaratinguetá, paróquia dirigida por Frei Hans e que tinha como paroquianos Nelson Giovanelli e Iraci Leite, na época em que a Obra foi iniciada; a visita à esquina onde tudo começou; e a Missa celebrada na Basílica de Aparecida, dirigida pelo Cardeal Aloísio Lorscheider, com a participação também de todos os bispos e sacerdotes que participavam do Jubileu, para todos os internos e convidados.

Nos primeiros dias de 2004 foi realizada a gincana cultural e esportiva com a participação de todas as UPS, e que foi igualmente marcante pela integração percebida entre os membros das equipes, mesmo competindo entre si. Após a conclusão da gincana, houve o encerramento, com outra belíssima celebração e depois, todos retornaram para suas unidades de origem, menos a unidade amazonense, que novamente se diferenciou das demais, pois se preparou para realizar o sonho da grande maioria dos seus internos, que nunca haviam saído do Estado, nunca haviam viajado de avião e sonhavam em conhecer o Rio de Janeiro. Para conseguir esse intento, o coordenador e presidente locais conseguiram doações que proporcionaram ao grupo, passar um dia e meio no Rio, onde conheceram Copacabana, o Estádio Mário Filho, mais conhecido como Maracanã e tomaram banho no mar pela primeira vez, pernoitando num mosteiro e retornando à Manaus no dia seguinte logo cedo, e numa alegria que saltava aos olhos.

A segunda experiência similar ocorreu com a vinda do Papa Bento XVI ao Brasil e sua visita à FE das Pedrinhas, conforme já descrito anteriormente.

Três anos após essa visita, no período de 18 a 24 de outubro de 2010, ocorreu a terceira experiência promovida pela Obra, que reuniu mais de 2500 internos, a Família da Esperança, voluntários e convidados, também nas Pedrinhas, em Guaratinguetá/ SP, para comemorar a aprovação da Família da Esperança como Associação Privada Internacional de Fiéis. Para seus fundadores, este grande marco na história da Obra não poderia ficar restrita aos 300 membros da Família que puderam ir à Roma participar da entrega do decreto, pois, como afirmou um dos fundadores da FE, Frei Hans Stapel, ofm, “o reconhecimento pontifício é importante e significativo demais para ser reservado a poucos” (Stapel, 2010).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Para esse evento, novamente as unidades de Manaus compareceram com uma caravana de 130 pessoas e participaram efetivamente dos festejos que contaram com momentos de espiritualidade e com a gincana cultural e esportiva que sempre acontece nesses encontros.

Também anualmente a FE de Manaus oferece um jantar, entre os meses de novembro e dezembro, para todos os voluntários que, de alguma forma, contribuem com o trabalho da Obra, como forma de reconhecimento e agradecimento por suas colaborações.

Outro eventos também são promovidos pelas UPS ao longo do ano para angariar recursos para sua manutenção e/ou para atingir determinadas metas, e no caso de Manaus esses eventos já são conhecidos pela sociedade local que adere efetivamente aos mesmos, como: os cafés realizados nas próprias sedes das duas unidades, e os chás beneficentes promovidos por um grupo de voluntárias, que acontecem nos *buffets* ou clubes da cidade e cujos os convites colocados à venda são todos adquiridos.

É importante ressaltar que em todos os eventos citados, há sempre os testemunhos dos internos, dos ex-recuperandos e dos familiares destes, para que não se perca o foco principal de todo esse trabalho que é a prevenção às drogas e recuperação dos adictos.

Concluímos com a definição de Eduardo Zanom para a FE:

> Como definir a Fazenda da Esperança senão como uma obra de Deus? Realmente, «coisa de Deus, um coração de criança. Coisa de Deus é a Fazenda da Esperança». É uma obra de Deus e, sendo ainda mais concreto, trata-se de uma obra profética: simultaneamente denuncia através de uma vida coerente os erros de uma sociedade individualista e hedonista e, simultaneamente, anuncia a esperança às pessoas que estavam à margem desta mesma sociedade. Existe uma esperança, existe uma «Fazenda» onde os princípios Evangélicos são vividos no dia-a-dia na partilha das experiências, no respeito à dignidade de cada pessoa e à sua cidadania, no trabalho e na vivência da solidariedade na busca do bem comum. A esse lugar Deus quis chamar de «Fazenda da Esperança» (Zanom, 2008).

A implantação da Fazenda da Esperança[10] em Manaus oportunizou a vivência de parte dessa realidade e despertou o desejo de aprofundar o

[10] A Fazenda da Esperança é uma comunidade terapêutica que trabalha na recuperação de dependentes químicos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

conhecimento sobre o tema, com o intuito de vislumbrar formas de contribuir no combate ao problema.

A escolha pelo tema deveu-se à convivência com vítimas desse processo e da constatação dos estragos que a disseminação do tráfico e uso de drogas vêm causando à sociedade, à família, aos jovens e, contemporaneamente, às crianças.

O confronto com essas pessoas, totalmente vitimizadas, despojadas de sua dignidade, de amor próprio e qualquer resquício de sentimentos e/ou valores que possam ser agregados a sua condição de ser humano; a percepção da fragilização total da família que se constata impotente para lidar com essa situação e para livrar seu parente desse círculo vicioso, foram as molas propulsoras para adentrar nesse universo e aprofundar o conhecimento sobre o tema, buscando alternativas de contribuir de alguma forma para a minimização do drama dessas pessoas, para combater o problema, e para, de certa forma, ter a sensação de não estar virando às costas e/ou cruzando os braços diante de uma realidade que nos cerca, nos ameaça, nos amedronta.

O envolvimento com a referida Obra surgiu a partir da rica experiência vivenciada, inicialmente como voluntária e posteriormente atuando como assistente social cedida pela Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino – SEDUC, e através da qual pude acompanhar o dia-a-dia dos adictos que participaram do programa de recuperação durante os seus doze meses de duração.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

5.
Egresso, Recaídas e Sobriedade

A metodologia adotada para a elaboração do presente estudo foi a da pesquisa qualitativa, por ser recomendada para se trabalhar com dados subjetivos, por responder, segundo Minayo (1994), a questões muito particulares, e por permitir, segundo Goldenberg (2000), descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos, proporcionando, dessa forma, o melhor entendimento da realidade do adicto e de sua família, pós-internação na unidade masculina da Fazenda da Esperança de Manaus, AM, no que se refere aos motivos que o levam de volta ao vício. A postura qualitativa adotada em relação ao objetivo da investigação e as estratégias para obtenção das informações e sua análise, não impediu que trabalhássemos os números na interface com a subjetividade.

Ao selecionarmos o seguimento dos egressos, como sujeitos privilegiados para responder à inquietação primeira, proposta de compreensão dos motivos que afetaram a reincidência à drogadição, escolhemos os anos de 2005 a 2008 com uma abrangência de coleta de dados, considerando ser nesse o período que a Obra dispunha da documentação que interessava o estudo. Além disso, foi a partir desse material documental, que foi possível chegar a cinco egressos da Fazenda Esperança e seus respectivos familiares para efetivar o procedimento de entrevista semi-estruturada, garantidador do foco do interesse almejado, ao mesmo tempo, o sentido particular dos entrevistados.

Os critérios utilizados para a participação dos egressos foram a conclusão integral do programa de recuperação na unidade, no período eleito para o estudo e a adesão deles e de um de seus familiares à pesquisa.

Para atender aos objetivos visados foi considerado como membro familiar o parente consangüíneo ou aquela pessoa ligada por afeto, que acompanhou os doze meses de tratamento do adicto egresso: pai, mãe, avós, irmãos, tios e cônjuges.

A faixa etária dos egressos entrevistados variou entre 27 a 37 anos e dos familiares entre 30 a 82 anos, todos residindo em Manaus, sendo a maioria na zona urbana e apenas um na zona rural.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Para a operacionalização da coleta dos dados documentais foi seguido um esquema que possibilitou traçar o perfil sócio-demográfico dos entrevistados, como: idade, escolaridade, ocupação, estado civil, número de filhos, composição familiar, tipos de relacionamentos familiares, conduta anti-social, início do uso de drogas, motivos que o motivaram à aderir às drogas, evolução do uso, abuso e dependência, se teve problemas com a justiça, tempo de dependência ao ingressar na FE, problemas trazidos pela dependência química, e datas de entrada e saída da FE.

Para as entrevistas com os egressos e seus familiares foram elaborados roteiros distintos que contemplassem o reconhecimento do subjetivo, afetivo, valorativo e opinativo dos mesmos.

É bom sinalizar que esses procedimentos só ocorreram após aprovação do projeto de pesquisa ter sido aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e posterior permissão da unidade masculina da FE de Manaus ser concedida. Ainda na sede da FE selecionamos os cinco possíveis participantes da pesquisa e iniciamos os contatos com os mesmos, via telefone, para esclarecer sobre o trabalho a ser desenvolvido e efetuar o convite para a sua participação, informando que seria imprescindível também a participação de um membro familiar, que tivesse acompanhado a sua trajetória na FE. Após conversarmos com cada um, explicarmos o objetivo da pesquisa e aguardarmos a confirmação de um familiar, conseguimos agendar as entrevistas.

A primeira entrevista foi realizada com um egresso e na própria sede da unidade, posto que o mesmo estava passando uma semana lá compartilhando sua folga com os atuais internos. As demais entrevistas foram realizadas nas residências dos internos e familiares e/ou em seus ambientes de trabalho, sempre nos locais indicados por eles, que referiam que teriam mais confiança e segurança no espaço escolhido por eles. Assim aconteceu a primeira entrevista com o egresso e, posteriormente, com seu parente, mas cada um separado do outro. Cabe ressaltar que as entrevistas ocorreram todas no mês de novembro de 2010 em dias alternados e mesmo as duplas (egresso e familiar) nem sempre coincidiram de serem ouvidas no mesmo dia e local.

O primeiro contato com os participantes da pesquisa era sempre o de apresentação e esclarecimento a respeito do trabalho desenvolvido, quando lhe era apresentado o Termo de Consentimento Livre e esclarecido (Anexo) e solicitado a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

sua leitura e assinatura para que pudéssemos dar início à aplicação dos instrumentos da pesquisa.

O roteiro para as entrevistas era composto de duas partes: se iniciava com a coleta de alguns dados pessoais de ambos, egresso ou familiar e, posteriormente, se passava para a parte gravada. A primeira parte (dos dados pessoais) foi registrada manualmente e a segunda foi gravada e, posteriormente, transcrita. Cabe ressaltar que em muitas ocasiões a conversa sobre alguns dos itens do roteiro se prolongou mais que outros itens e isso variava de acordo com as colocações de cada participante. Além disso, em um caso específico da entrevista familiar, os parentes ouvidos foram mais de um (tia e avô), diferentemente dos demais egressos em que a participação coube apenas a um familiar.

No final de cada entrevista foi dada a oportunidade de todos acrescentarem o que achasse conveniente e todos fizeram uso da oportunidade oferecida. Após ouvi-los, as entrevistas se encerravam com os agradecimentos pela adesão, pelo tempo disponibilizado e pela colocação também da nossa disponibilidade para qualquer eventualidade com relação ao trabalho desenvolvido.

As entrevistas duraram em média sessenta minutos para os egressos e quarenta minutos para os familiares.

O agrupamento dos dados alcançados pela leitura dos documentos localizados na FE de Manaus, e dos resultados das transcrições das entrevistas realizadas, permitiu construir três grupos de análises de conteúdos expressos nas narrativas livres. Na sequência se apresentam como: Perfil do Egresso, Permanência na Fazenda da Esperança, e Familiar do Egresso: Recaídas e Sobriedades.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

5.1.
Perfil do Egresso

Começaremos a apresentação dos resultados do nosso estudo, por um breve resumo de cada um dos egressos entrevistados, para situá-los dentro do seu contexto e assim, termos melhor compreensão de suas vivências. A identificação

que daremos a eles será por número: Egresso 1, Egresso 2, Egresso 3, Egresso 4 e Egresso 5.

O Egresso 1, solteiro, com Ensino Médio completo, tinha 26 anos quando procurou a FE em 2007 para se libertar da dependência. Era lutador de Jiu Jitsu e com 18 anos, para fugir dos problemas familiares (o pai bebia muito e batia na mãe), buscou refúgio nas drogas. Iniciou com a maconha, posteriormente passou para a pasta base e evoluiu para a cocaína. Após o consumo se tornou agressivo, perdeu o emprego, passou a roubar dentro de casa e acabou todos os relacionamentos afetivos.

Durante a permanência na FE não apresentou problemas, era extrovertido, sociável e em suas horas vagas estava sempre se exercitando nos aparelhos de ginástica disponíveis na FE. Tinha muitos planos ao sair e um deles era de voltar a lutar Jiu Jitsu. Após recair, retornou para a fazenda em outras unidades do sul e sudeste onde passou mais um ano. Hoje, está com 30 anos, voltou a praticar Jiu Jitsu e a participar de torneios. Freqüenta a FE e o GEV. Ainda mora com os pais e irmãos, e tem um filho, que só vê nos finais de semana. Tem dificuldade de relacionamento com o pai e muita afinidade com a mãe e uma conduta que já o fez se desentender na rua, a ponto de brigar fisicamente.

O seu familiar que participou da entrevista e que identificaremos como Família 1 foi a sua mãe, que tem 58 anos e uma relação de dedicação grande com o filho. Participou efetivamente de todas as atividades oferecidas pela FE para os familiares e continuou participando mesmo no período em que ele permaneceu recaído. Aparentemente tem uma aparência frágil, mas conversando com ela e observando suas atitudes se percebe sua força interior e persistência, que foram fundamentais para o soerguimento de seu filho.

O Egresso 2 começou a usar drogas com 16 anos por curiosidade e influência dos colegas e só aceitou ajuda dos familiares para ingressar na FE com 23 anos. Seu vício era a cocaína e por causa dela começou a se desentender com a família, deixou de estudar, se isolou, teve problemas com a polícia por porte de drogas e chegou a roubar. Esteve a primeira vez na FE em 2005, por imposição da família e só conseguiu ficar por três dias, mas voltou em 2006, quando reconheceu que tinha problemas e aceitou ajuda para se internar.

Nos seus primeiros meses no programa teve muita dificuldade em aceitar as regras, reclamava muito e queria impor sua vontade, mas com o tempo e com o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

susto que passou com um problema de saúde vivenciado pela sua mãe (AVC), se voltou mais para as atividades religiosas, buscando se desenvolver espiritualmente. Ele tem hoje 27 anos, solteiro, autônomo, ensino médio incompleto, sem conduta anti-social e com bom relacionamento com os pais. Como entrou cedo no mundo das drogas, perdeu parte de sua juventude e, como diz, não teve tempo de namorar e se envolver afetivamente com outras pessoas. Quando saiu da FE se envolveu com mais de uma mulher, gerando dois filhos, sendo um nascido em janeiro de 2011 e o outro em fevereiro de 2011. Continua freqüentando o GEV e vai sempre à FE nos dias de visitas, além de participar de seus eventos.

A entrevistada de sua família foi sua mãe (que chamaremos de Família 2), uma pessoa carismática, hoje com 52 anos. Acompanhou a trajetória de seu filho na FE e seguiu todas as orientações que lhe foram repassadas por ocasião da internação do mesmo. Esteve presente em todas as atividades promovidas pela FE e pelo GEV o que continua fazendo até hoje, agora também como membro da Família da Esperança. Dessa forma, soube como agir com o seu filho por ocasião da sua recaída e como trazê-lo de volta à sobriedade.

O Egresso 3 é motorista de profissão e cursou até o 3º ano do Ensino Médio, mas não concluiu, porque a droga não deixou. Com 14 anos se deixou influenciar pelas más companhias e começou a fumar maconha, se tornando posteriormente, segundo ele, um “clínico geral” que na linguagem do vício significa usar tudo o que aparecesse (pasta, cocaína, etc.). Por causa do uso passou a ter conflitos familiares, deixou de estudar e também chegou a furtar chegando a responder processo por isso e esse foi o motivo de ter aceitado ajuda para se internar em 2004, com 25 anos, após 10 anos de uso.

Sua fase inicial na FE foi bem difícil, pois usava de sua capacidade intelectual para manipular os outros em benefício próprio. Teve alguns problemas com a mãe de seus filhos quando estava internado e isso interferiu na sua caminhada, mas conseguiu completar seu ano de tratamento. Era solteiro, mas já vivia com a atual esposa com quem já tinha dois filhos. Atualmente está com 31 anos, tem três filhos, casou em 2009 com a mãe deles. Possui ótimo relacionamento com os pais. Acumula o emprego de motorista com sua atuação como DJ que complementa a sua renda familiar. Está sempre participando de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

todas as atividades da FE e em 2010 passou a fazer parte da Família da Esperança, junto com a esposa.

A representante familiar do Egresso 3 foi a sua esposa, que identificaremos como Família 3. Ela atualmente está com 30 anos, tem quase dois anos de casada, mas seu relacionamento com o Egresso 3 é bem antigo e quando ele entrou na FE em 2004, já tinham dois filhos juntos, sendo que o terceiro nasceu depois. Durante a internação do seu marido ela participou das visitas mensais, junto com os pais dele, que também se fizeram presentes, principalmente o pai. Com relação às reuniões do GEV a participação foi pouca, o que causava grande desconforto nele, mesmo sem querer externar, apesar de todos os percalços, permaneceram juntos, mesmo quando ele envolveu-se com mulheres e mesmo nas recaídas com as drogas. Pela sua persistência e resistência, hoje está feliz com a realização de seus planos: o casamento, que ocorreu em 2009 na própria FE, a compra de uma casa e de um carro.

O Egresso 4 iniciou cedo sua trajetória nas drogas, com apenas 10 anos, passando da maconha para a pasta base. Imputa o seu início às drogas à influência dos colegas, mas também ao excesso de liberdade que tinha e à falta de orientação sobre o assunto. Perdeu a confiança da família, perdeu vários empregos e passou a roubar dentro e fora de casa, sendo seu vício o responsável pelo fim de três relacionamentos e abandono de seu curso de graduação em Marketing.

Chegou na Fazenda em 2007, com 33 anos, por orientação de seus familiares. Sua trajetória no programa se fortaleceu após atuar na peça, que anualmente é montada, da Festa de São Francisco para a Juventude. Ele também se envolveu com a equipe de acompanhamento das missas da FE. Quando completou seu tratamento de doze meses, quis ficar mais um ano se doando como voluntário e fazendo valer um ditado que muito se ouve na FE: *dando de graça o que de graça recebeu.*

Apesar da separação de seus pais convive bem com os dois, mora com suas irmãs solteiras, mas se dá muito bem com a irmã casada e o cunhado. Hoje com 37 anos, é motorista, está noivo e disposto a constituir uma nova família. Frequenta a FE mas não com a mesma assiduidade de antes e alega ser devido ao trabalho. Sua representante familiar na entrevista foi sua irmã casada, que tem 40 anos e mesmo não morando com ele nunca deixou de acompanhá-lo. Ela, o marido e as filhas, juntamente com as outras irmãs e a mãe acompanharam o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Egresso 5 durante todo o tratamento. A mãe, como mora em outro estado, vinha apenas nos dias de visita, mas as irmãs freqüentavam também os GEV e as outras atividades da FE, o que continuam a fazer até hoje. Essa irmã tem ligação muito forte com o irmão e quando ele não está bem é sempre à ela que ele recorre.

O Egresso 5 tem hoje 34 anos mas ingressou na FE em 2005 com 29 anos e após 15 anos de uso de drogas. Segundo ele, seu ingresso no vício começou quando tinha 14 anos, com a bebida, pois via seus tios beberem e começou a fazer uso também, e aos 16 anos, devido a pressão em casa (o pai bebia muito) e a influência dos colegas, passou a fumar maconha evoluindo depois para a cocaína e a pasta base. Por causa do vício perdeu o interesse pelos estudos e passou a ter problemas familiares e financeiros, chegando a ser preso por porte de drogas e por brigas, pois tem até hoje um temperamento muito impulsivo. Aliás, este sempre o acompanhou durante o tratamento na FE, sendo contido, quando manifestado, pelos seus colegas, coordenador da casa em que morava e/ou pelo padrinho.

Logo no início retornou para casa devido uma briga na instituição, mas depois voltou ao programa para completar seu tempo. Seus pais se separaram e ele foi criado pelos avôs e tios. Posteriormente sua avó faleceu, o abalando com essa perda. Não completou o ensino médio, é motorista, mas trabalha por conta própria. Atualmente vive com uma jovem ex-dependente com quem tem um filho, considerando-se pai dos dois enteados.

No caso específico do Egresso 5 participaram da entrevista sua tia (56 anos) e seu avô com 82 anos. Os dois acompanharam o referido egresso durante seu tempo de permanência na FE, participando principalmente das visitas. Eles sempre procuraram apoiar o sobrinho/ neto em todas as suas dificuldades, principalmente no que se refere a trabalho. O pequeno comércio que hoje ele tem e do qual sobrevive, assim como as vassouras que produz, são originários da contribuição do pai, que doou o terreno e o ajudou a construir a casa. Os tios e avô o incentivam até hoje.

Após este resumo, passaremos a analisar alguns fragmentos dos documentos da FE e discursos dos participantes das entrevistas.

A análise dos prontuários, cartas e fichas dos egressos da unidade no período de 2005 – 2008, teve como objetivo principal dar os traços significativos do Perfil do Egresso. Para isso, nos valemos de dados quantitativos reunidos em tabelas e fragmentos dos documentos disponíveis.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

As tabelas 3 a 5 foram trabalhadas com o universo de 501 frequentadores, do programa de recuperação da FE, no período estudado. As tabelas 6 a 11 mostram dados referentes aos 146 egressos que concluíram o programa de recuperação de doze meses.

Primeiramente procuramos identificar, através da Tabela 3, todos os adictos que entraram na FE de Manaus nos anos de 2005-2008 e os que não completaram o ciclo de doze meses do programa de recuperação, quer seja por desistência própria ou por desligamento por parte da FE, e finalmente os que concluíram.

Tabela 3- Ingressantes, Desistentes e Concluíntes dos Internos da FE no Período 2005-2008

ANO	INGRESSANTES	(%)	DESISTENTES				TOTAL DESISTENTES	(%)	CONCLUÍNTES	(%)
			DESISTENTES	(%)	DESLIGADOS	(%)				
2005	139	100	80	58	35	25	115	83	24	17
2006	125	100	85	68	12	10	97	78	28	22
2007	109	100	57	52	9	9	66	61	43	39
2008	128	100	68	53	9	7	77	60	51	40
TOTAL	**501**	**100**	290	58	65	13	**355**	**71**	**146**	**29**

Fonte: Dados fornecidos pela FE de Manaus - Unidade Masculina (2005-2008).

A Tabela 3 evidencia que dos adictos que procuraram a FE para tratamento no período referido, 71% não concluíram o programa, sendo 58% por desistência e 13% por desligamento,[11] restando apenas os 29% que conseguiram concluir o tratamento. É perceptível também, que houve um significativo decréscimo do quantitativo de desligados de 2005 para 2008 e de desistentes de 2007 para 2008. Consequentemente cresceu o número de concluintes ano a ano.

Há de se considerar que um índice de 71% de desistência é bem alto para quem escreve uma carta solicitando ajuda para se libertar das drogas e fica, na grande maioria das vezes, aguardando em lista de espera ser chamado para iniciar

[11] Desligamento: ocorre quando o adicto não se adapta às regras e normas da FE e quando começam a prejudicar o tratamento dos colegas, é convidado a deixar a FE e voltar para casa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

o tratamento da FE. Vejamos os trechos de algumas cartas escritas[12] pelos adictos à FE, em busca de vaga:

> Me chamo... tenho 19 anos e sou mais um vitima das drogas. Sou usuário há 2 anos, e praticamente, já perdi tudo que tenho, meu caráter, minha dignidade, tudo, tudo que vocês imaginarem. Família, emprego, moral. Direitos, tudo isso a Droga tirou de mim. A única coisa que me resta é a vida.
> (...) Esperança tenho muitas, esperança de uma vaga, esperança de mudar a minha vida, esperança de um dia voltar a viver. De um jovem que acredita na mudança (M. C. C., 2005).
>
> Meu nome é... tenho 34 anos sei que é difícil confessar. Sou dependente químico (álcool), sei que cheguei ao fundo do poço, e preciso sair com a ajuda da minha família e de Deus o qual eu acredito muito. Tenho vontade de deixar de bebe deixar de ser humilhado por quase todas as pessoas e mostrar que posso ser respeitado. (S. M. S., 2006).
>
> Me chamo... tenho 22 anos, e estou precisando de ajuda, para me livrar dos vícios e manias que tanto afligem minha vida (...) entrei nessa achando que seria fácil me livrar, porém, meu vício se tornou há alguns anos "prioridade máxima". Meus dias vem sendo pautados pela imperativa vontade de usar maconha, cocaína, cigarros, bebidas. (...)
> Usando essas substâncias alucinógenas diariamente foi-se minando minha auto-estima (...), e isso me motivou a fazer coisas que outrora eram impensáveis, corruptas e imundas aos meus olhos. Por isso já tentei parar uma dúzia de vezes sem sucesso, e a cada recaída, retorno com mais força. (...) quero parar e preciso parar, mas infelizmente sem ajuda sei que não vou conseguir (B. M. L., 2007)
>
> É com muita ansiedade que lhes escrevo (…) sou viciado em maconha e pasta base de cocaína e estou sofrendo com o vício. (…)
> Estou desesperado e com muito medo, sonho em ter uma vida normal sem drogas. Creio que posso me recuperar, pois a vontade vem do meu coração.
>
> Estou levando uma vida errada (…). Quem sabe se um dia eu volte a morar com as pessoas que eu amo: minha mãe (ela é pai e mãe), meus irmãos e meus avôs que me amam tanto, e mostrar para eles e para outras pessoas que me rodeiam que eu tenho a capacidade de ser uma pessoa melhor (A. T. N., 2008).

Estes depoimentos revelam, de um lado, um apelo desesperado de busca de saída de uma situação que incomoda e aponta como consequências, fragilidades (recaídas) e perdas (dignidades, família, emprego, moral), de outro lado revela "a esperança de mudar a vida". A expectativa de começar um novo processo de recuperação e a vontade de compartilhar com a família são anunciadas: "creio que posso me recuperar, pois a vontade vem do meu coração".

No período analisado, a desistência de permanência na FE é significativa, como vimos, mas ressalta-se que a mesma vem tendo contornos melhores no decorrer dos anos. Isso é animador e justifica a importância de ouvir quem não

[12] As cartas foram digitadas da mesma forma como foram escritas pelos adictos, sem nenhum conserto ortográfico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

conseguiu concluir seu tratamento para melhor avaliar o próprio dado da desistência.

Uma constatação que pode ser feita a partir da análise das cartas é que muitos são levados até a FE não por convencimento e sim por imposição familiar, um fato que deve ser considerado para entender o que acontece com o interno que, na primeira dificuldade na vivência do programa, chegue à desistência.

O trecho a seguir, retirado de carta escrita por um adicto, evidencia a força do convencimento da família e que ele estava indo para tentar minorar o sofrimento da família e para se tornar uma pessoa melhor para a família e sociedade e não pra ele mesmo. Não fala do próprio sofrimento e sim do da família:

> Cheguei a um ponto onde nada mais tem a menor graça, minha família está sofrendo por minha causa e pelos meus vícios. Não tenho a menor noção de como é aí, mas minha mãe e minha avó me disseram que vocês podem me ajudar, só espero que não seja muito monótono e que tenha bastante gente interessante além de vocês. Espero ficar melhor do que estou agora, para me tornar um cidadão importante para minha família e útil à sociedade (T. G. S. S., 2005).

Noutro fragmento, notamos que a iniciativa não partiu dele, mas da família:

> Sou o (...), tenho 27 anos. Hoje tive uma conversa com minha mãe, onde ela me falou sobre a importância da vida (...) Então ela me pediu que eu desse uma chance para a minha vida (...) E foi então que eu decidi dar uma chance a minha vida dando-me a oportunidade ser ajudado por esta instituição (J. G. L. J., 2007).

Nesta outra ele declara que vai lutar para aceitar o tratamento, ou seja, ele solicita o tratamento, mas já declara que não sabe se vai conseguir concluí-lo:

> Faz mais ou menos 20 anos que sou usuário de droga, e acho que já cheguei ao limite, tenho 41 anos e perdi grande parte da minha vida, totalmente dependente do vício, e ferindo e magoando a minha família. Gostaria de ser aceito (…) vou lutar para aceitar este tratamento e ficar curado (D. C. P., 2006).

Recordemos o que diz Kalina (2001) sobre o assunto:

> Em geral, o adicto não busca ajuda e são os outros que o trazem ao tratamento. Ele percebe que se curar, no sentido de mudar, é um péssimo negócio, pois significa enfrentar tudo aquilo do que ele fugiu, ao valer-se do mundo mágico e ilusório da droga, e, ademais, com

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> a complicação de que os outros exigem-lhe que se responsabilize pelas conseqüências de seus atos (Kalina, 2001, p. 19).

Ao convencer ou impor o tratamento ao seu adicto, a família age em reconhecimento à sua falta de conhecimento e impotência em lidar com o problema, principalmente quando o usuário não foca o tratamento. Por outro lado, se o adicto não estiver convencido de sua adicção e não quiser sair dela, dificilmente conseguirá enfrentar as dificuldades inerentes ao tratamento e certamente deixará o programa antes de seu término.

Além disso, esses que desistem fazem jus a impaciência inerente a eles, pois no afã de quererem ficar curados sem que precisem desenvolver nenhum esforço para isso e sem que haja qualquer tipo de mudança, de limites e de responsabilidades (Kalina, 2001), não conseguem passar os doze meses do programa e a sua impaciência não lhes permitem sequer passar o período de adaptação que, na FE, são os três meses iniciais. Na experiência da Obra, percebe-se que quem consegue permanecer até a primeira visita, tem mais condições de permanecer até o final tratamento. A Tabela 4 apresenta a distribuição dos adictos que entraram na FE no período de 2005-2008, por faixa etária.

Tabela 4- Faixa-Etária dos Adictos que Entraram na FE no Período 2005 – 2008

(N=501)

ANO	10 a 15 ANOS			16 a 20 ANOS			21 a 25 ANOS			26 a 30 ANOS		
	DESIS.	DESL.	CONC.	DESIS.	DESL.	CONC.	DESIS.	DESL.	CONC.	DESIS.	DESL.	CONC.
2005	4	-	2	15	8	3	28	14	6	8	6	1
2006	1	-	-	27	3	4	20	5	6	20	3	5
2007	-	-	1	14	3	8	13	3	12	10	3	7
2008	-	-	-	12	2	9	25	3	18	12	2	11
TOTAL	**5**	**0**	**3**	**68**	**16**	**24**	**86**	**25**	**42**	**50**	**14**	**24**
TOTAL GERAL	**8 (2%)**			**108 (22%)**			**153 (31%)**			**88 (16%)**		

ANO	31 a 35 ANOS			36 a 40 ANOS			41 a 45 ANOS			46 a 50 ANOS		
	DESIS.	DESL.	CONC.	DESIS.	DESL.	CONC.	DESIS.	DESL.	CONC.	DESIS.	DESL.	CONC.
2005	11	5	1	6	1	2	3	1	2	2	-	1
2006	5	-	6	7	-	2	2	-	3	1	1	1
2007	8	-	6	5	-	3	4	-	1	2	-	3
2008	7	1	3	3	1	4	6	-	3	1	-	3
TOTAL	**31**	**6**	**16**	**21**	**2**	**11**	**15**	**1**	**9**	**6**	**1**	**8**
TOTAL GERAL	**53 (11%)**			**34 (7%)**			**25 (5%)**			**15 (3%)**		

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

ANO	51 a 55 ANOS			56 a 60 ANOS			61 a 65 ANOS			65 a 70 ANOS		
	DESIS.	DESL.	CONC.	DESIS.	DESL.	CONC.	DESIS.	DESL.	CONC.	DESIS.	DESL.	CONC.
2005	1	-	4	1	-	2	-	-	-	1	-	-
2006	1	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-
2007	1	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-
2008	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	**5**	**0**	**6**	**1**	**0**	**4**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**
TOTOAL GERAL	**11 (2%)**			**5 (0,9%)**			**0**			**1 (0,01%)**		

Fonte: Dados fornecidos pela FE de Manaus (unidade masculina).

Obs.: É importante ressaltar que a Fazenda Masculina de Manaus não costuma aceitar menores de 18 anos, só o fazendo em casos de excepcionalidade, por isso, o quantitativo na faixa de 10 a 15 anos é ínfimo.

Verificamos por meio dos dados apresentados na Tabela 4 que a maior concentração de adictos que ingressaram na FE no período referido (53%), tinha entre 16 a 25 anos, ficando a maior prevalência (31%) na faixa de 21 a 25 anos, e isso para os três casos: desistentes, desligados e concluintes. Cabe, no entanto, uma ressalva para a faixa de idade entre 10 a 15 anos, cuja incidência mínima (2%), deve-se ao fato da unidade masculina de Manaus não aceitar a internação de menores de 18 anos, sendo esses poucos que aparecem, casos de excepcionalidade. Na faixa de 26 a 30 anos a prevalência ainda é alta (16%), passando a decrescer a partir dos 31 anos.

Cabe ressaltar que a Tabela 4 diz respeito à faixa de idade da época em que esses adictos procuraram à FE em busca de tratamento, mas que já eram dependentes e, na grande maioria, há muito tempo. Provavelmente, o momento em que procuraram ajuda tenha sido o da descoberta do seu uso pelos pais, que geralmente só descobrem quando os efeitos do vício se tornam visíveis. Dificilmente um jovem vai admitir para a família que está usando drogas e mesmo quando questionado pelos pais, vai negar sempre, só admitindo, "(...) quando não há mais como negar: quando foi pego pela polícia ("rodou"), aí chamará os pais; quando surpreendidos ainda sob o efeito da droga, etc." (Tiba, 2001, p.82).

Vejamos alguns trechos de cartas solicitando vaga à FE e que indicam a assertiva de que a procura de tratamento ocorre quando o vício se faz presente há algum tempo, em várias faixas de idade.

> Eu... hoje com 57 anos de idade, escrevo esta carta pois vejo que necessito de AJUDA. Sou alcoólatra, bebo incontrolavelmente desde os 18 anos, respectivamente. (...) Quase perco

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

meu bem mais preciosos, a vida. (B. J. S., 2005).

(...) Tinha 17 anos comecei a beber bebidas alcolicas e usar drogas hoje tenho 26 anos (...) tenho dois filhos lindos para criar (...) já perdi muito de um ano por cá e que comesei a fazer um balanço do que lucrei com essas mauditas drogas. (...) Perdi a minha mulher que mais amei na vida (...), carro, comercio, casa, tudo por causa das drogas já fiz minha mãe sofrer muito (J. S. L., 2007).

Meu nome é... e sou usuário de pasta à 9 anos. (…) minha vida se tornou um pesadelo cheia de tristeza, angústia. (…) eu não quero nada só quero ser um homem liberto e totalmente livre das drogas (…) (R. B. L., 2008).

Esses fragmentos serão melhor entendidos lendo-se a Tabela 8 que será apresentada posteriormente, mostrando que o ingresso no vício se deu muito tempo antes da procura pelo tratamento. Como diz Gikovate (2004):

O círculo vicioso da dependência e do vício se estabelece com o tempo, sem que a pessoa se aperceba. Porém, quando cogita sair dele, ela pensa, com razão, que será necessário passar por um dos maiores sofrimentos a que um ser humano pode ser submetido (Gikovate, 2004, p. 49).

A procura de ajuda pelo dependente é um passo muito importante, pois significa que ele parou de mentir para si mesmo, que reconhece que está no caminho errado e que precisa de ajuda para iniciar a difícil e penosa caminhada de volta (Gikovate, 2004). Na Tabela 5 apontamos as drogas mais usadas pelos adictos que passaram pela FE:

Tabela 5**:** Drogas mais Usadas Pelos AdictoS que Passaram Pela FE no Período 2005-2008

(N=501)

ANO	**MACONHA**			**PASTA**			**ÁLCOOL**			**CIGARRO**		
	DESIS.	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**
2005	44	23	6	56	29	8	44	22	14	50	21	
2006	33	5	14	62	7	16	42	4	19	43	7	10
2007	24	5	18	43	8	26	23	3	29	30	5	19
2008	29	6	18	47	9	23	28	4	20	33	4	11
TOTAL	**130**	**39**	**56**	**208**	**53**	**73**	**137**	**33**	**82**	**156**	**37**	**40**
	225 (45%)			**334 (67%)**			**252 (50%)**			**233 (47%)**		
ANO	**COLA**			**COCAÍNA**			**ECSTASY**			**SOLVENTE**		
	DESIS.	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**
2005	8	2	2	33	11	2	2	2		6	1	1
2006	6	2	2	29	6	10			2	3		1
2007			2	24	2	12	1			2		2

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

2008	1		1	23	4	19			1		1	
TOTAL	**15**	**4**	**7**	**109**	**23**	**43**	**3**	**2**	**3**	**11**	**2**	**4**
	26 (5%)			**175 (35%)**			**8 (2%)**			**17 (3%)**		
ANO	**LOLÓ/L. PERF.**			**LSD**			**CRACK**			**CALMANTE**		
	DESIS.	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**
2005	6	3					2	3				
2006	1	1	2			1		1				
2007	3			1			3					1
2008								1				
TOTAL	**10**	**4**	**2**	**1**	**0**	**1**	**5**	**5**	**0**	**0**	**0**	**1**
	16 (3%)			**2 (0,03%)**			**10 (2%)**			**1 (0,01%)**		
ANO	**MESCLADO**			**HAXIXE**			**PAPOULA**			**RUPINOL**		
	DESIS.	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**
2005							1	1			1	
2006												
2007			1									
2008						1						
TOTAL	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**1**	**1**	**1**	**0**	**0**	**1**	**0**
	1 (0,01%)			**1 (0,01%)**			**2 (0,03%)**			**1 (0,01%)**		
ANO	**CHÁ DE COGUMELO**			**HEROÍNA**								
	DESIS.	**DESL.**	**CONC.**	**DESIS.**	**DESL.**	**CONC.**						
2005	1	1										
2006												
2007				1								
2008												
TOTAL	**1**	**1**	**0**	**1**	**0**	**0**						
	2 (0,03%)			**1 (0,01%)**								

Fonte: Prontuário dos internos FE (2005-2008).

OBS.: Os percentuais de cada droga estão relacionados aos 501 adictos que passaram pela FE no período 2005-2008, considerando que um mesmo adicto faz uso de várias drogas ao mesmo tempo.

Ressaltamos que na Tabela 5 os números são mais altos por se repetirem, ou seja, se um adicto faz uso de várias drogas, será contado em todas elas. Constatamos, na referida tabela, que a droga mais consumida pelos egressos da FE de Manaus do período 2005-2008, foi a pasta base de cocaína (67%), droga ilícita. Ocupando o 2º e 3º lugares, temos duas drogas lícitas, o álcool com 50% e o cigarro com 47%, ficando o 4º lugar com outra droga ilícita, a maconha (45%), seguida pela cocaína (35%) em 5º lugar, também ilícita.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

As outras drogas citadas dão a impressão de que foram usadas esporadicamente, em festas, *haves,* como "novidade", com exceção da cola e solvente, que pelos registros das fichas, foi o pontapé inicial para muitos, assim como o cigarro, o álcool e a maconha.

Ainda com relação ao álcool, detectamos que dos 82 concluintes da FE do período referido e que indicaram entre suas drogas de uso o álcool, 39% apontaram o mesmo como fonte principal de sua dependênc*ia,* sendo 84% desses como fonte única e apenas 16% associam o uso de álcool a outras drogas como maconha, cocaína, pasta, etc., mas geralmente de forma eventual e sempre quando já se encontram alcoolizados.

Outra percepção diz respeito à faixa de idade dos alcoólicos que difere completamente da faixa de idade dos adictos consumidores das demais drogas cuja maior incidência ficou entre 16 a 25 anos. No caso dos alcoólicos, constatou-se que 50% tinham entre 46 a 60 anos, 34% de 31 a 45 anos e 16% entre 16 a 30 anos, cabendo a ressalva que essa faixa de idade se refere à procura por tratamento, não correspondendo, portanto, ao início do vício.

Outra curiosidade detectada refere-se ao *crack*, que de acordo com os dados, ainda era novidade e tinha poucos adeptos em Manaus, mas já mostrava seu poder de dependência, posto que nenhum dos dez usuários conseguiu concluir o tratamento, sendo que cinco desistiram e cinco foram desligados.

Com relação ao consumo de drogas, lembramos Kalina (2001) quando ressalta que os seres humanos vão entrando pelos diferentes caminhos da adicção em busca da liberdade, criatividade, prazer, identidade, embora jamais consigam a obtenção desses objetivos por meio das drogas e embora o final desse caminho seja irrefutavelmente conhecido: cadeia ou cemitério. Por outro lado, o mesmo Kalina alerta:

> As adicções converteram-se em um instrumento sinistro ou uma via régia, como se preferir denominá-las, para conseguir reinstalar a escravidão entre os seres humanos, com a quase incrível condição de que, além disso, devem pagar para entrar nela, acrescentando assim um outro elemento assombroso para dominar, mediante táticas de entorpecimento para as massas (Kalina, 2001, p. 158).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Para corroborar com o autor no que se refere à escravidão que a droga submete o ser humano, citamos trechos das cartas escritas pelos adictos à FE, quando solicitaram vagas:

> (...) tenho 19 anos e sou viciado em droga "mel". (...) Tudo começou aos 16 anos (…) em uma escola (…) Conheci alguns colegas de classe e eles me mostraram o mundo com outros olhos (…) Eu era muito louco já pensou se a minha mãe descobri de uma coisa dessa ela iria pira o cabeção ou talvez diria o que todas mães dos viciados dizem, onde foi que eu errei (…) nunca admitia que estava viciado para mim só quem fazia isso eram os fracos. (…) Essa droga para mim é algo que eu já não consigo mais resistir, já faz parte do meu corpo da minha mente e da minha vida. Eu sempre achei que poderia parar de fumar quando eu quissece mais eu estava errado já erra um escravo da droga não tenho mais controle sobre meu corpo (J. S. R., 2007).

> Meu nome é... tenho 23 anos e já fazem 8 anos que sou usuário de drogas. Eu não aguento mais ficar me enganando e enganando minha família, todos sofrem com esse meu problema, não quero mais ver o dia raiar com um baseado de mesclado na boca, com paranóia na minha cabeça, pensando que tem gente atrás de mim (…) Por causa da maldita droga já roubei, me prostitui, fui expulso de escolas. (…) Por esses motivos, e principalmente pelo meu amor próprio venho (…) pedir ajuda (W. P. M., 2007).

> Olá! (…) meu nome é... (…) com a ajuda de Deus em primeiro lugar e de vocês, tenho certeza que me libertarei da escravidão dos vícios nos quais estou preso, ao escrever esta carta estou preso também fisicamente em uma delegacia porque esses tais vícios que comandam minha vida me levaram a causar desordem e bagunças. (…) tenho apenas 18 anos, mas sinto-me um velho e fraco dominado pelos vícios aos quais me tornei dependente (P. R. M. B., 2008).

> (...) Por causa do alcool eu perdir os meu melhor empego.Tornei acabando tudo que tinha ganhado (...). O meu poder contrasta com a minha, fraqueza. Basta um copo de bebida para me derrotar e me humilhar. (...) Meu deus, ajudai-me e socorrei que, a minha bondade perdoe os meus fracassos. (...) Eu ainda sonho de ser como eu era Antes, estou querendo lutar por isso (...) E sonhar em ser feliz (A. G. F., 2007).

> Eu … (…) tenho 20 anos, e sou dependente químico desde os 16 anos (...). Perdi totalmente minha liberdade, pois me tornei escravo das drogas, não sinto mais ambição pelas coisas boas e normais da vida e o principal, não conseguia ser uma pessoa feliz e normal como as outras (…). Não posso e não quero mais continuar nessa vida cruel que eu mesmo busquei e de final muito triste. Por favor olhem por mim, (…), só quero voltar a ter uma vida normal como outros jovens por aí, voltar a ser feliz outra vez e dar alegria e muito orgulho à meus pais e outras pessoas que estão depositando mais um ato de confiança em mim, e no futuro bem próximo poder ajudar a servir como exemplo, para as pessoas que estão na mesma situação (M. R. D., 2008)..

Ainda segundo Kalina (2001) é preocupante a disseminação pelo mundo do negócio de venda das drogas (legais e ilegais), que não levam em consideração as conseqüências funestas imediatas e mediatas de tal comércio, "(...) tanto para os indivíduos quanto para a condição humana, em sua totalidade" (Kalina, 2001, p.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

159). Mas se considerarmos que esse comércio, em termos do volume de dinheiro que movimenta, ocupa o segundo lugar em importância nessa economia sinistra e ilegal, só perdendo para o armamentismo, entendemos tanto as razões da disseminação desse comércio, quanto à omissão quanto aos seus efeitos.

Os números mostram que as drogas lícitas funcionam como facilitadoras e indutoras às drogas ilícitas. Não podemos esquecer que essas drogas, ditas *lícitas, oficiais, legais* são também verdadeiras fontes de problemas no âmbito da saúde pública. O cigarro, comprovadamente, traz numerosos danos à saúde, principalmente na área da pneumologia, e o álcool e/ou bebida, na área da saúde mental. A bebida alcoólica, conforme já dito, está entrando na vida dos adolescentes cada vez mais cedo e geralmente com o consentimento dos pais que acham "engraçado" o filho exagerar na bebida e ficar "porre", pois isso caracteriza a sua masculinidade e crescimento.

O trecho da carta de um adicto que mostraremos logo evidencia o quão longe essas "brincadeiras" com bebidas podem chegar:

> Tenho 19 anos de vida, meu nome é … (…) Desde muito cedo eu aprendi que porta da rua abria as possibilidades ilusórias da qual satisfasiam minhas fantasias, desejo e curiosidades. Bebo minha dose de batida aos 6 anos em troca de alguns trocados, liberto sempre cativava as pessoas falando palavras erradas e arregalando meus olhos e fazendo todos rir. (…) comecei a fumar maconha, piscar, andar de skate, curtir madrugadas e até roubar (M. S. G., 2008).

Nas tabelas 3, 4 e 5 trabalhamos, é melhor repetir, com o universo de todos (501) os que passaram pela FE nos anos de 2005 a 2008, e detectamos que a maioria deles tinha entre 21 a 25 anos e consumiam mais a pasta base de cocaína. Desses desistiram 290 e foram desligados 65, o que totaliza 355 (71%), permanecendo apenas 146 (29%) que concluíram o tratamento.

As próximas tabelas mostram um perfil mais apurado desses 146 egressos. Na tabela 6 apontamos os motivos alegados pelos egressos para o seu ingresso no mundo das drogas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Tabela 6- Motivos Alegados pelos Egressos da FE para Ingressarem no Mundo das Drogas (2005-2008)

ANO	INFLUÊNCIA DE TERCEIROS	CURIOSIDADE	MOTIVOS PARTICULARES	NÃO INFORMADO	TOTAL
2005	-	1	1	22	24
2006	17	3	2	6	28
2007	29	5	7	2	43
2008	27	6	4	14	51
TOTAL	**73 (50%)**	**15 (10%)**	**14 (10%)**	**44 (30%)**	**146 (100%)**

Fonte: Prontuário dos Internos FE (2005-2008).

A Tabela 6mostra que 50% informaram que a motivação para o ingresso no mundo das drogas foi por influência de terceiros e apenas 10% por motivos particulares e 10% por curiosidade, enfatizando que essa curiosidade, em muitas vezes, também se refere a ver os colegas usando e ficar curioso, como se ouve em muitos relatos.

Os dados confirmam que a influência é uma das maiores portas de acesso ao mundo das drogas. Para Freitas (2002), essa influência é significativa, pois justo nessa fase de vulnerabilidade, confrontos e formação de novos grupos, nenhum jovem quer ser diferente do seu novo grupo, ao contrário, ele quer ser aceitos e fará qualquer coisa para isso, e se o grupo for adepto ao uso de drogas, certamente ele fará uso para não ser excluído. O contraditório é que na tentativa de se tornar independente da família, se torna dependente do grupo sem sequer perceber. É justamente nesta fase difícil de transição que fazer uso de coisas proibidas pode significar sinal de autonomia e independência.

Para os jovens, nesta fase, tornarem-se independentes dos pais e ser diferente deles significa autonomia com relação a eles, assim como ser entrosado com os colegas é fundamental, pois querem respeito e opinião favorável do grupo, portanto,

> Agir em concordância com a opinião da turma é tão importante quanto agir em oposição aos pontos de vista da família. Se a turma valoriza o cigarro e a bebida alcoólica, todos os seus membros devem apreciá-los. Se a droga eleita for a maconha, esta será a opção de todos os jovens da turma. Sim, porque nenhum deles vai querer ser diferente dos colegas (Gikovate, 2004, p. 34).

Para corroborar com o que dizem os autores, destacamos alguns trechos de cartas desses adictos, ao solicitar seu ingresso na FE:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> O meu início foi através de amigos que são usuários de drogas que me influenciaram primeiro com a maconha e depois com o haxixe e atualmente uso cocaína. (...) A droga já mexeu no meu caráter, que chegou no ponto de roubar das pessoas que amo para ter dinheiro para ir pra noitada (A. I. M. M., 2006).

> (...) Completamente envolvido pelo metal (rock) passei a (embora não percebendo) a me relacionar cada vez mais com más companias (...) Foi nessa época que comecei a me relacionar com drogas. (...) A tentativa de ser aceito, atrelado aos impulsos típicos dos adolescente fizeram com que eu enveredasse por esse caminho tortuoso. (...) (M. A. J. S., 2007).

> Eu entrei no mundo das drogas atravéz de um amigo meu (...) a minha mãe gostava muito dele, mais quando ela descobriu (...) ela mandou eu me afastar dele. Mais era tarde de mais eu já estava usando drogas também. Olha só como é a mau compania destroi a vida da gente. Eu comecei a usar drogas com 13 anos eu já tenho 19 anos e ainda estou nessa vida maldita sofrendo porque ninguém gosta de mim, quando eu chego perto de alguém essas pessoas se afastam de mim, eu fico muito triste e vou logo usar drogas, as únicas pessoas que ficam do meu lado é a minha família principalmente a minha mãe (N. S. B., 2007).

> Bom, sou o … tenho 21 anos (…) Aos 13 anos tive meu primeiro contato com as drogas (maconha) era passado o meu aniversário, minha vizinha desse que me daria um presente logo de cara pensei que era ela mesma, que eu teria na cama. Era deslumbrado por ela. Engano meu, mal sabia que estava a poucos minutos do meu primeiro contato com essa maldição que posteriormente faria parte da minha vida. (…) e o consumo sempre aumentando (…) conheci então drogas cada vez mais pesadas, primeiro a cocaína depois o mel (F. C. C. B. F., 2007).

Tabela 7- Grau de Escolaridade dos Egressos da FE 2005-2008

ANO	ANALF.	ENSINO BÁSICO		ENSINO MÉDIO		ENSINO SUPERIOR		NÃO INFORMADO	TOTAL
		COMP.	INCOMP.	COMP.	INCOMP.	COMP.	INCOMP.		
2005	1		12	2	5		2	2	**24**
2006			11	3	10		4	-	**28**
2007	1	2	17	9	5		5	4	**43**
2008		3	13	8	7		6	14	**51**
TOTAL	**2 (1%)**	**5 (4%)**	**53 (36%)**	**22 (15%)**	**27 (18%)**	**0**	**17 (12%)**	**20 (14%)**	**146 (100%)**

Fonte: Prontuário dos internos FE (2005-2008).

Na Tabela 7 temos o grau de escolaridade dos egressos, em que se evidencia as próprias afirmativas com relação aos efeitos danosos das drogas de perderem o interesse pelos estudos. Conforme dados da tabela, apenas 4% completaram o Ensino Básico e 15% o Ensino Médio, contra 35% que não completaram o básico, 18% que não completaram o médio e 12% que não completaram o ensino superior. Novamente apresentamos fragmentos de suas cartas que ilustram os dados da Tabela 5:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Desde os 12 anos que vivo envolvido com drogas, não tenho emprego, larguei meus estudos aos 18 anos, cursando o 1º ano do Ensino Médio, porque optei pela Droga (…) porque acha que nela vou encontrar solução para meus problemas (F. A. S. S., 2007).

> (…) as minhas dificuldades que são: (...) De ser preguisoso, de bebe de fuma cigarro. O meu maior problema é que eu não aprende a ler e nem escrever tenho dificuldade para aprender (F. S. B., 2005).

> (…) A minha vida começou a mudar atravez da bebida, todo final de semana eu estava em mesa de bar é perdi o controle sobre ela cheguei ao ponto de larga a faculdade e o emprego, voltei para Manaus e continuei na bebida e comecei a usar drogas, chamado a pasta básica. Cheguei a ponto (…) vendia a própria roupa (…) cheguei no limite, ao fundo do poço (A. O. S., 2007).

> (…) pois sozinho eu não consigo me livrar das drogas e é melhor perder um ano e ter a chance de criar meus filhos do que perdê-los para vida toda, pois nossa convivência já está ficando insuportável. Estou abandonando um sonho (…) que é minha faculdade de Pedagogia (…) para tentar realizar um sonho maior que é ser feliz com minha família e salvar meu casamento (J. B. E.).

> Gostaria muito de estudar mais não consigo, em vez de ir para o colegio, vou para as drogas, não consigo me controlar. A droga está fazendo com que eu me comporte de uma maneira desequilibrada, de modo a prejudicar a minha moral, a minha família, amigos e conhecidos. Desde os 15 anos que eu uso. Estou aflito, quero dar um basta nesta vida de miséria que estou vivendo. Quero acordar, e está bem comigo mesmo, sem dor na consciência, sentir o lado bom da vida. (W. A. C. L., 2007).

Outro dado investigado foi a faixa de idade do início de uso de drogas dos referidos egressos:

Tabela 8- Faixa-etária do Início de Uso das Drogas dos Egressos da FE do Período 2005-2008

ANO	6 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	21 a 25 anos	26 a 30 anos	31 a 35 anos	NÃO INFORMADO	TOTAL
2005		12	7	1		1	3	24
2006		12	11	3	1	1	-	28
2007		22	14	2	1	2	2	43
2008	3	15	15	4			14	51
TOTAL	**3 (2%)**	**61 (43%)**	**47 (32%)**	**10 (7%)**	**2 (1%)**	**4 (3%)**	**19 (13%)**	**146 (100%)**

Fonte: Prontuário dos egressos da FE de Manaus (2005-2008).

A Tabela 8 nos mostra que a faixa de idade mais vulnerável é mesmo dos 11 aos 15 anos, seguido dos 16 aos 20 anos e decrescendo a partir dos 21 anos. Os dados encontram respaldo em autores como Kalina (1999), quando afirma que a adolescência é a etapa mais suscetível ao desenvolvimento de uma drogadição,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

por ser esta a etapa da separação do grupo familiar, do embate como novos grupos e do enfrentamento do mundo externo, somando-se a isso a fragilidade do ego do adicto, que como explica o autor referido, carece da capacidade de tolerar as frustrações, a ansiedade, a agressividade e a espera.

Dessa forma, se ele não tiver um eu forte e uma base familiar sólida para este enfrentamento ele correrá o risco de recorrer a uma força extra para cumprir com esse desafio, e essa força extra pode ser a droga, que na sociedade atual possui fatores indutores ao longo das 24 horas de cada dia, que se cair em solo fértil, frutificarão certamente e com enorme facilidade, como completa o próprio Kalina:

> Em síntese, se nos colocamos diante das realidades que deve enfrentar o adolescente desta época, e se somarmos à já estressante tarefa de assimilar as mudanças próprias de seu crescimento, tanto corporais quanto psicossociais, torna-se ainda mais claro compreender porque os consideramos uma população de alto risco (KALINA, 1999, p. 193).

Essa vulnerabilidade, segundo Freitas (2002), pode levá-los não apenas a se tornar um consumidor contumaz de drogas, mas também a participar ativamente do comércio ilegal desses produtos. Afinal, ele é presa fácil desse tipo de apelo, pois ele quer ter sucesso e se mostrar como importante e crescido. Kalina (2001) acrescenta:

> Pensemos no ego do adolescente, que está conjunturalmente submetido a todo tipo de pressões internas e externas, que vive um presentismo lógico para sua idade, no que lhe ocorre quando o contexto sociofamiliar o acossa e pressiona à insuportabilidade. Sua predisposição a recorrer a essas drogas "neuropsicobiotóxicas e sociais", que lhe oferecem uma saída imediata, embora ilusória, torna-o um candidato ideal e, assim, o sabem os mercadores que, então, dirigem seu aparelho de propaganda para esse grupo com um objetivo seleto (Kalina, 2001, p. 27).

Os trechos das cartas mostram situações de vulnerabilidade:

> A minha vida nas drogas começou a se encaminhar quando meu pai acabou seu segundo casamento, quando isso aconteceu eu tinha 15 anos, não tinha nenhuma instrução para não cair no erro que caí, meu pai não conversava comigo nem sobre sexo, sendo assim eu era um adolescente sem personalidade que estava vulnerável as armadilhas dessa "selva". (L. H. C. O., 2006).

> (…) Foi na escola na 3ª série que eu comecei a experimentar os primeiros cigarros (…) foi mais pra provar que eu era o "cara" para meus amigos do que mesmo pela curiosidade (…). Sinceramente eu não tinha noção do que era usar droga, porque pra todos sempre no começo é uma "boa" (...), até os 15 anos quando eu experimentei a 1ª vez a pasta base de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> cocaína nisso eu já havia inalado várias outras substâncias (…) como também já ingeria bebidas alcoolicas e inclusive também cheirava cocaína. Já fiz de quase tudo pra usar menos matar ou assaltar, só que meus atos são sujos, minha intenção é malefica e meus pensamentos são maquiavelicos, meu carater foi tão modificado por causa das drogas que da minha boca não sai verdade e quando sai é com 2ª intenções. (…) As drogas tiraram minha paz, não sorriu, fizeram chorar quem eu mais amo, eu já roubei meu pai, minha mãe e meu irmão (…) tudo isso por causa de droga, esse cupim que corrói os pilares da sociedade (A. G. F., 2008).

> Me chamo … Tudo comesou quando conheci algumas pessoas erradas que já fasiam coisas erradas como usar drogas e bebidas, por esta com eles tive de usar também (…). Admito foi muito fraco por deixa me envolve com esse tipo pessoa, quando bebia e fuma droga ficava alterado quando acabava queria mais quando não tinha dinheiro fazia assalto, furtos. também já fui envolvido com galeras (…). (M. A. C., 2007).

> (...) Já que não entendo minhas reações de medo, quase de pânico, ao enfrentar situações (...). Fugir, é o que logo penso, e as vezes a bebida é a forma que encontro. Preciso entender (...) para voltar a ter uma vida normal (W. L. L. A., 2007).

Alba Zaluar oferece bons elementos de reflexão:

> (...). A curiosidade, a valorização do proibido e do risco, característicos da adolescência, assim como o desejo de se afirmar como alguém capaz de enfrentar a morte, faz do uso de drogas proibidas uma atração constante para os jovens, só superada pela informação, pelo diálogo e pela preocupação demonstrada pelos adultos (Zaluar, 2002).

Na Tabela 9 evidenciaremos a relação uso de drogas com os problemas com a justiça:

Tabela 9- Problemas com a Polícia e/ou Justiça dos Egressos da FE de Manaus (2005-2008)

ANO	RELACIONAMENTO COM A POLÍCIA/JUSTIÇA			NÃO INFORMADO	TOTAL
	SIM	SIM E RESP. PROCESSO	NÃO		
2005	2	5	16	1	24
2006	7	5	16	-	28
2007	11	1	28	3	43
2008	14	3	19	15	51
TOTAL	**34 (23%)**	**14 (10%)**	**79 (54%)**	**19 (13%)**	**146 (100%)**

Fonte: Prontuário dos egressos da FE de Manaus (2005-2008).

Dos internos que informaram sobre relacionamentos com a justiça, 33% tiveram problemas com a justiça e desses 10% responderam a processos pelos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

mais diversos motivos: assalto a mão armada, assassinato, tráfico, etc. Novamente destacamos trechos das cartas que evidenciam essa situação:

> Me chamo … tenho 21 anos (…) encontro-me em uma situação difícil, estou no fundo do poço, já fui preso três vezes, e na última vez que me prenderam, a polícia me humilhou bastante e em quanto estava na cadeia, refletir sobre (…) que queria encontrar um caminho diferente, e mudar de vida (F. A. S. S., 2007).

> (...) sou usuário de maconha desde os 13 anos e de pasta desde os 14 anos. Comecei a usar drogas por influência de alguns colegas (...) passei a roubar as coisas de casa (…) o tempo passou e eu comecei a roubar na rua, nas lojas, (...) eu estou preso a polícia me prendeu após comprar uma certa quantia de drogas (S. L. S., 2006).

> Alguns dias atrás chegei até a ser preso, por que precisei roubar para me drogar passei muita humilhação, e eu não quero essa vida paa mim, quero voltar a ser o "C..." de antes, aquele que as pessoas me veem com personalidade, caráter, dignidade, humildade e principalmente honestidade (C. W. A. C., 2006).

> Comecei usar droga com 12 anos (...) aos 14 comecei a roubar (...) fui preso várias vezes e as vezes passava fome (...) eu só queria ter uma vida normal (...) já não aguento ser humilhado por policiais e por visinhos minha familha (J. A. H., 2007).

> Meu nome é.. (…) começei a usar droga con meus dizeceis anos (…) fui perdendo o controle eu saia porai armado assautava outros (…) eu roubava muito e eu ia preso (…) só queria saber de fumar (A. F. S. F., 2007).

Tabela 10- Faixa-Etária dos Adictos que Entraram na FE no Período 2005 - 2008 e Completaram o Ano

ANO	10 a 15 ANOS	16 a 20 ANOS	21 a 25 ANOS	26 a 30 ANOS	31 a 35 ANOS	36 a 40 ANOS	41 a 45 ANOS	46 a 50 ANOS	51 a 55 ANOS	56 a 60 ANOS	TOTAL
2005	2	3	6	1	1	2	2	1	4	2	**24**
2006	-	4	6	5	6	2	3	1	1	-	**28**
2007	1	8	12	7	6	3	1	3	1	1	**43**
2008	-	9	18	11	3	4	3	3	-	-	**51**
TOTAL	**3 (2%)**	**24 (16%)**	**42 (29%)**	**24 (16%)**	**16 (11%)**	**11 (8%)**	**9 (6%)**	**8 (5%)**	**6 (4%)**	**3 (2%)**	**146**

Fonte: Prontuário dos Internos FE (2005-2008)

Outros dados levantados e que compõem o perfil sócio-demográfico dos egressos da unidade masculina da FE revelam: 83% informaram ter ocupação; 64% eram solteiros, 8% casados, 9% amasiados e 19% separados; e 48% tinham filhos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

A partir do estudo da documentação do período de 2005-2008, pode se resumir que: passaram pela FE 501 adictos, com idade variável de 14 a 70 anos, sendo a maior incidência na faixa dos 21 a 25 anos (31%) e dos 16 a 20 anos (22%), totalizando 53%.

A preferência do uso das drogas lícitas desses adictos encontrou maior prevalência no álcool com 252 adeptos, ou seja, 50% de adictos faziam uso de álcool e 233 (47%) de cigarro. No que se refere às drogas ilícitas, a maior prevalência ficou com a pasta base, que teve 334 usuários apontados, representando 67% do universo trabalhado, seguido da maconha com 225 adeptos (45%) e da cocaína com 175 adeptos (35%).

Tabela 11- Drogas mais usadas pelos Egressos da FE no Período: 2005-2008

ANO	MACONHA	PASTA	ÁLCOOL	CIGARRO	COLA	COCAÍNA	ECSTASY	SOLVENTE
2005	6	8	14		2	2		1
2006	14	16	19	10	2	10	2	1
2007	18	26	29	19	2	12		2
2008	18	23	20	11	1	19	1	
TOTAL	**56 (38%)**	**73 (50%)**	**82 (56%)**	**40 (27%)**	**7 (5%)**	**43 (29%)**	**3 (2%)**	**4 (3%)**

ANO	LOLÓ/ LANÇA PERFUME	LSD	CALMANTE/ COMPRIMIDOS	MESCLADO	HAXIXE
2005					
2006	2	1			
2007			1	1	
2008					1
TOTAL	**2 (1%)**	**1 (0,07%)**	**1 (0,07%)**	**1 (0,07%)**	**1 (0,07%)**

Fonte: Prontuário dos Internos FE (2005-2008).

O que se percebeu nas anotações pesquisadas e se consolidou através da vivência na própria FE é que algumas drogas são sempre apontadas como porta de entrada para o mundo das drogas: a bebida (álcool); o cigarro; a maconha; a cola; e o solvente. As duas primeiras, consideradas legais, são facilmente encontradas em todos os lugares, inclusive nas próprias residências, festas familiares, etc. e as demais, mesmo sendo ilegais, conseguem ser de fácil acesso. Outras drogas como: ecstasy, loló, LSD, crack, etc. foram citadas pelos adictos, mas era perceptível que seu uso, para esses usuários, ainda eram em caráter de eventualidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Em se tratando dos 146 (29%) adictos que concluíram o programa de recuperação na FE de Manaus, traçamos o perfil abaixo, de acordo com os dados coletados em suas fichas, prontuários e cartas:

1. *Faixa-etária quando procuraram à FE*: 64% tinham entre 14 a 30 anos; 30% entre 31 a 50 anos; e 5% entre 51 a 60 anos; ficando a maior prevalência (29%) na faixa de 21 a 25 anos (TABELA 10).
2. *Drogas mais consumidas:* A maior indicação de uso (56%) ficou com uma droga lícita, o álcool, sendo seguido pela pasta base (50%), maconha (38%) e a cocaína (29%), todas ilícitas, ficando o 5º lugar com o cigarro (droga lícita) com 27% de prevalência (TABELA 11).
3. *Motivação para o ingresso no mundo das drogas:* 50% apontaram a influência de terceiros; 10% curiosidade; 10% motivos particulares; e 30% não informaram (TABELA 6).
4. *Grau de escolaridade:* 1% era analfabeto; 4% completaram o ensino básico e 36% não concluíram; 27% concluíram o ensino médio e 18% não concluíram; dos 27% que concluíram o ensino médio, 12% ingressaram no ensino superior, mas não concluíram; e 14% não informaram (TABELA 7).
5. *Faixa-etária em que ingressaram no mundo das drogas:* 2% na faixa entre 6 a 10 anos, 42% na faixa entre 11 a 15 anos, seguidos de 32% na faixa entre 16 a 20 anos, ou seja, 76% iniciaram o uso de drogas entre 06 a 20 anos de idade, ficando os outros 24% assim distribuídos: 7% entre 21 a 25 anos; 1% entre 26 a 30 anos; 3% entre 31 a 35 anos e 13% não informaram (TABELA 8).
6. *Problemas com a justiça:* 33% declaram ter tido problemas coma justiça e desses, 10% responderam processo (TABELA 9).
7. *Ocupação:* 83% dos adictos informaram ter ocupação.
8. *Estado Civil:* 64% se declaram solteiros; 7% casados; 9% amasiados; 19 separados; e 1% viúvo.
9. *Filhos:* 48% informaram ter filhos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

5.2.
Permanência/Saída da Fazenda da Esperança

O principal objetivo das entrevistas, realizadas, com o egresso e sua família foi conhecer o cotidiano e a rotina dele, na FE de Manaus, durante sua permanência nela e no pós-tratamento, buscando compreender os motivos que levam alguns deles à(s) recaída(s) e identificar a relação entre o perfil do egresso e de sua família. Para isso, inicialmente apresentaremos as questões formuladas nas referidas entrevistas com o egresso e as respostas obtidas. Depois, no item seguinte, exporemos as dos familiares entrevistados.

Passemos logo ao material coletado e à discussão de seus resultados com os egressos:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Como souberam do trabalho desenvolvido pela FE

As respostas obtidas dos egressos entrevistados foram as mais diversas:

> Tinha um rapaz que tinha passado por aqui, e ele tinha tido ajuda de minha mãe, eu não aguentava mais estava no fundo do poço, queria ser um homem novo de novo, uma pessoa nova, voltar para a sociedade bem e eu procurei a Irmã e ela me indicou a Fazenda da Esperança (Egresso 1).

> Foi através do livro Tabebuia que existe da Fazenda da Esperança, (...), e o papai viu esse livro se interessou e trouxe deu uma lida nos 15 dias que ele ficou lá e ele trouxe esse livro e quando ele chegou aqui ele falou: lê esse livro. (...) (Egresso 2).

> Através de um rapaz que estava se formando, um seminarista, o meu pai foi até ele, comentou com ele sobre a minha pessoa, sobre as dificuldades que eu estava passando com ele em casa, e ele nos informou sobre a Fazenda da Esperança, (...). (Egresso 3).

> (...) foi através do meu tio que é amigo do Sr. X, e através da recuperação do fulano né, e, foi indicado que seria bom esse tratamento pra mim também, devido ao estágio que eu tava, bem avançado do consumo de drogas e tudo, (...) então, com essa ajuda do meu tio, da dona Y, e do seu Z, foi que eu consegui chegar na Fazenda (Egresso 4).

> Através do meu tio que era do movimento Folcolare e conhecia o Dom Mário (Egresso 5).

A percepção que tivemos nas várias formas citadas mostram que as famílias já tinham a consciência da dependência de seu ente familiar e foram em busca de alternativas para o seu tratamento, umas a pedido do próprio egresso e outras por conta própria, na tentativa de ajudá-los, conscientes da existência do problema e

da necessidade de contar com ajuda profissional para libertar seus familiares das drogas.

Como visto no item anterior, o adicto e/ou sua família buscam tratamento, não quando o seu parente iniciou a usar drogas, até porque dificilmente eles procuram a família para confessar que estão usando drogas, mas ao contrário, negam sempre, como afirmam os autores Tiba (2007) e Kalina(2001), só admitindo receber ajuda quando confrontados com a realidade e de forma inequívoca. Portanto, essa procura ocorre por parte do adicto, quando "está no fundo do poço" (Egressos 1 e 4), e por parte dos pais quando descobrem e começam a ter que administrar os efeitos maléficos do problema (Egressos 2, 3, 4 e 5).

Dificuldades e facilidades para se adaptar à FE

Todos citaram a *convivência* como a maior dificuldade de adaptação e pelo mesmo motivo: conviver com o diferente, ou seja, viver na mesma casa com catorze pessoas diferentes entre si, com hábitos e costumes divergentes, com culturas e experiências de vida opostas, faixas de idade diversas, tendo como ponto em comum apenas o vício. Vejamos:

> A minha dificuldade foi a abstinência e a convivência. Foi o mais difícil né, porque eu vim pra cá e não conhecia as pessoas, não sabia do comportamento delas. Eles vinham de uma criação diferente da minha, mas a minha recuperação era mais importante e eu continuei minha caminhada e eu fui até o final (Egresso 1).

> Tive muitas dificuldades né, acho que todas as pessoas pra se adaptar à Fazenda da Esperança, é porque é uma renúncia, tu entra na Fazenda da Esperança tu tem que renunciar ao mundo, tu tem que renunciar até tua família, tua própria adicção, é difícil a Fazenda da Esperança (...).

> Meu relacionamento com as pessoas assim, eu tive um rapaz assim... era o fulano, o convívio com outro ser humano é o mais difícil, a convivência na verdade, foi assim onde assim, eu tive muita dificuldade, porque é difícil né (...) (Egresso 2).

> (...) pra mim a maior dificuldade que eu tive acho que foi a convivência, pois a parte espiritual e o trabalho deu pra tirar de letra, mas a convivência com pessoas que você não conhece, com temperamentos diferentes, é difícil, (...) (Egresso 3).

> O Egresso 4 indicou "(...) então a maior dificuldade mesmo foi no princípio, questão da dependência mesmo, a necessidade do vício, mas que fui superando com, com a forma de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

tratamento lá, a questão da espiritualidade eu acho que isso me ajudou bastante a controlar essa questão da dependência (...)" (Egresso 4).

Quanto à convivência, especificamente, descreveu suas dificuldades:

É essa questão foi realmente mais complicada uma, porque eu sempre fui só, eu tenho o meu quarto, minha casa, minhas coisas, então a partir daí eu passei a conviver com as pessoas, então elas às vezes passavam o meus espaço, alugavam o meu espaço, essas coisas, fazendo coisas assim que eu não era acostumado dentro da minha casa né, então, realmente essa parte assim de dividir o quarto com outras pessoas foi muito difícil porque eu sempre tive o meu quarto, eu buscava muito me isolar dentro do meu quarto né na droga e tudo, então eu tinha aquele espaço meu, e já lá não, eu tinha que dividir com as outras pessoas, com os costumes deles né, cada um tem um jeito diferente, até a forma de higienização de cada um é totalmente diferente (Egresso 4).

A convivência né, com os nossos colegas (Egresso 5).

Ressaltamos que a *convivência* é um dos pilares do programa de recuperação da FE e tem como significado proporcionar a experiência de viver em família praticando o amor, ou seja, aceitando e amando o outro como ele é. Além disso, proporciona também, como diz Zanom (2008), o constante *sair de si* para *encontrar o outro* em movimentos que permitem a transformação dos interesses individuais, isto é "eu", para os interesses coletivos "nós", oportunizando nos adictos a aquisição dos valores perdidos e a recuperação de sua auto-estima.

Além da convivência, três citaram a abstinência (Egressos 1, 2 e 4) como segunda dificuldade, o que também é compreensivo, posto que dentre os cinco entrevistados, o que tinha o menor tempo de dependência, tinha oito anos e os demais entre 9 a 23 anos de uso. Naturalmente, quem usa drogas por todo esse período e pára subitamente e completamente de fazer uso, terá naturalmente dificuldades com a abstinência, mesmo no caso deles, que são todos usuários de cocaína nas suas diversas formas, e cuja dependência, segundo Lanaro (2001), não é física, mas psíquica. Ocorre que pelo tempo de uso essas substâncias podem provocar reações físicas após a supressão da cocaína, como depressão e letargia, que indicam uma certa dependência física (LANARO, 2001).

Atividades da FE mais importantes

O mesmo Egresso 1, que coloca a *convivência* como sua maior dificuldade de adaptação, também a coloca como a ação mais importante, o que fica

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

subtendido que o que foi considerado problema/dificuldade no início, após superação passou a se constituir em ponto positivo e de crescimento, inclusive, vejamos:

Espiritualidade, trabalho e a convivência (Egresso 1).

A convivência (Egresso 1)

Os Egressos 2, 3, 4 e 5 citaram o *trabalho*, mas dois deles (4 e 5) acrescentaram ao trabalho também a *espiritualidade.* Cabe ressaltar que as duas atividades também fazem parte dos pilares em que se sustenta a filosofia do programa de recuperação da FE.

Egresso 2: "Atividades assim, a Fazenda da Esperança é uma terapia na verdade né, mas assim, a ocupação do dia-a-dia, do seu trabalho, (...), a ocupação o dia todo é fundamental, tu não pensa muita coisa, muita besteira, tu não tem tempo pra pensar muita coisa, quando tu não ta no trabalho, tu ta rezando, quando tu não ta rezando no máximo, quando tu para, tu ta totalmente cansado, teu corpo não agüenta, todo dia assim tu ta trabalhando, trabalhando, trabalhando e o segredo é esse né tu tem que ficar fazendo alguma coisa pra não ficar pensando muita besteira na verdade".

Egresso 3: "A primeira atividade que mais me tocou foi quando eu tava na casa de triagem que antigamente chamavam de casarão e lá a gente tomava conta do jardim, da parte de jardinagem e a outra casa a outra fase que marcou muito foi a Casa São Mateus que já foi pra mexer na parte da plantação de urucu, de laranja, fábrica do colorau, essas duas fases que marcou bastante".

Egresso 4: "(...) então eu procurei trabalhar bastante né, que é a questão do trabalho, então você passa o dia trabalhando, procura sempre tá fazendo as coisas, se não for no trabalho, dentro da casa, faz alguma coisa, e... procurar também... (...)

Egresso 4: " O trabalho foi uma das mais importantes, mas a questão da espiritualidade também foi bem mais forte, (...) e essa parte da espiritualidade também me ajudou bastante né, eu procurava acordar cedo, fazer as minhas orações, independente do terço das outras coisas, eu tinha o meu momento mesmo, eu mesmo de espiritualidade minha, então isso também me ajudou bastante, (...)".

Egresso 5: "Acho que a espiritualidade né, a espiritualidade... e os trabalhos também, e apesar de todas as dificuldades de convivência a gente vai criando amizade com as outras pessoas".

Egresso 5: " A espiritualidade ajudou, bastante".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Egresso 5: "O trabalho acho que é necessário, a espiritualidade é o ponto principal, mas se você vai só pra missa, só falar sobre Jesus, um dia, eu acho que...".

> Egresso 5: "Não tem o que fazer, então o trabalho é muito importante, ocupa a mente, é só pra você também expelir toda àquela droga que tá toda acumulada".

No que se refere ao *trabalho*, este é parte essencial do tratamento, funcionando como laborterapia impedindo, segundo Landre (2001), a ociosidade e o que pode advir dela. Para a FE o trabalho proporciona ao adicto ser protagonista de sua própria recuperação, considerando que através do seu labor ele estará colaborando com a sua manutenção, com o seu sustento. Além disso, logo nos primeiros trinta dias, proporciona também a desintoxicação natural pela sudorese, favorecendo também o relacionamento com os colegas, o trabalho em equipe, a descoberta de novas habilidades e outras vantagens mais.

A *espiritualidade* é um ponto muito forte no programa de recuperação da FE e se percebe isso em todas as entrevistas, pois é notório que para a maioria, esse encontro/reencontro com Deus, proporcionado pela leitura diária e colocação em prática do Evangelho, faz brotar novos valores e sentimentos até então adormecidos e que são essenciais ao seu fortalecimento pessoal, e necessário na superação às dificuldades inerentes a sua caminhada nos doze meses de duração do programa e, principalmente, por ocasião do seu retorno para casa. As experiências vivenciadas vão proporcionando um novo estilo de vida pautado pela ética, pela moral, pelo amor ao próximo, pela partilha, pela superação, pelo perdão, dentre outros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Motivações para permanecer na FE por doze meses

O Egresso 3 elegeu apenas a sua força de vontade como único motivador para sua permanência na FE:

> A minha força de vontade de parar de usar drogas e ao mesmo tempo pagar uma pena por uma coisa que eu tinha feito por causa da droga, eu associei o útil ao agradável, uma porque eu não podia ficar na cidade, porque se não eu ia voltar a usar droga, ia voltar a correr o risco de ser preso de novo, então eu optei parar de usar droga e pagar a minha pena que eu tava cumprindo em liberdade lá dentro da Fazenda que seria um local pra mim mais seguro e um meio mais fácil de eu conseguir largar o vício (Egresso 3)

Os demais egressos, implícita ou explicitamente elegeram o amor que emana da forte espiritualidade encontrada na FE e que sentiram em sua chegada e permanência na Obra, registrados em suas entrevistas, como:

> Egresso 1: "A Fazenda me deu a minha vida de volta, se não fosse a Fazenda, hoje eu tava na cadeia ou tava no cemitério. A Fazenda me deu a minha vida de volta, só tenho a agradecer a Fazenda hoje por tudo que ela fez por mim e eu amo ela".

> Egresso 2: "a base, pra mim, foi assim o fundamental, as pessoas que me amaram, que estão lá, (...) esse amor assim recíproco, que eles estão lá sem ganhar nada, sem remuneração, só pelo amor de Deus, tão doando suas vidas, (...) ter isso na minha vida, foi fundamental, ter pessoas que me amassem até o fim da minha caminhada, (...), então esse amor, do próximo, de amar, foi isso que fez com que eu completasse a minha caminhada,(...)".

> Egresso 4: "O que mais contribuiu pra mim ficar lá, foi justamente essa questão de querer mudar... nessa questão de ser uma pessoa mais espiritualizada, (...) então eu via nesse mundo que eles viviam assim de espiritualidade, de comunidade católica, uma forma de viver bem diferente né, (...) eu queria isso pra mim, (...)".

> Egresso 5: "O que contribuiu muito foram alguns laços de amizade, tanto por amigo de caminhada como laço de amizade com os responsáveis, né, que ajudou bastante".

Apoio da família durante a internação

Todos confirmam o apoio irrestrito da família, com exceção do Egresso 3, que faz uma ressalva apenas com relação à ausência da esposa, mas confirma o apoio dos pais, e as demais entrevistas relatam esta ajuda com detalhes minuciosos, o que retrata a importância dela para eles:

> Egresso 1: "Sim, com certeza, total, apoio total".

> Egresso 2: "Pô o apoio da minha família, foi assim uma peça chave porque a minha família nunca deixou de me apoiar, de me mandar uma carta, (...)com vinte dias na Fazenda, minha mãe teve um problema de saúde, foi um AVC, eu não sabia o que tava acontecendo exatamente,(...) e decidi ir pro sacrário, (...)eu me ajoelhei assim aos pés do senhor. Senhor, sei que minha fé é pouca né, eu não tinha te conhecido antes e tal, mas eu quero te entregar aqui a minha mãe, eu não sei o que ta acontecendo com ela, eu só quero ver ela bem, a gente fica numa carência de família, e só era 20 dias que eu tava lá, mas parece que a minha fé foi... sei lá ultrapassou uma barreira que a gente mesmo não conhece muitas vezes e eu pedi de Deus que eu só queria ver minha mãe bem né, saber o que ela tava passando, e entreguei mesmo, Senhor eu não vou desistir, eu só quero a minha recuperação porque eu sei que a minha mãe vai ficar bem. Me dá minha cura e cura minha mãe, e, essa mesma situação que eu fiz aqui, minha mãe, fez lá no hospital, foi assim um negócio... uma troca, sem saber, quando a gente foi conversar assim na minha primeira visita, depois de três mês, ela veio me falar que ela fez essa mesma experiência, eu só quero ver meu filho bem, me dá minha recuperação e tudo, te entrego nas tuas mãos, foi tudo isso que eu fiz, me entreguei,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

(...)graças a Deus, a minha família sempre me apoiou muito né, eu nunca deixei de receber uma visita. Quando minha mãe foi pra São Paulo se operar, ela, deixou muitas cartas escritas, só pra botar as datas, porque faltou algumas coisas, umas providências que eu tinha pedido, ela deixou escrito que o carro tinha quebrado, que não tinha dado pra consertar o carro, que não tinha dado pra comprar as coisas, que tava passando por situações, mas foi tudo um plano de Deus na verdade, né, como é que ela ia pensar, deu tudo certo, sabia que tinha uma datas assim borradas, mas eu acreditei naquilo ali,(...)"

Egresso 3: "(...)mas eles nunca deixaram de mandar carta. Pelo lado do meu pai, da minha mãe, sempre foi assim posso dizer quase 100%, mas da esposa às vezes deixou um pouco a desejar, (...). Mas, ela nunca deixou de ir, sempre participou, minha esposa com meus filhos e a minha família por inteiro".

Egresso 4: "Totalmente, da minha família totalmente, principalmente da minha mãe, das minhas irmãs, né, em todos os domingos de visitas eles procuravam sempre estar lá".

Egresso 4:"Minha mãe vinha lá de Boa Vista, enfrentava a maior estrada, doze horas né, chegou a pegar carona uma vez pra vim, pra não perder a visita, (...).

Egresso 5: "Tive. Tive o apoio da minha família sim".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

O apoio e a participação da família durante o tratamento é imprescindível e sinônimo de eficácia no que se refere à recuperação do adicto (LANDAU, 2004). Esse engajamento familiar, para autores como Orth (2005), Seadi (2007), Schwerz (2007), Matos (2008), Mazuca et all (2000) e Costa (2000) é um dos fatores mais importantes em qualquer metodologia utilizada para o tratamento dos adictos, pela sua importância e significado na vida deles, que as tem como seu porto seguro, sua base, sua referência.

A FE trouxe algo de positivo à sua vida

Nas respostas dos egressos para essa questão, observamos que todas as suas colocações convergem para o atingimento da proposta da FE, que é o resgate da dignidade humana e de sua auto-estima, para que se tornem capazes de amar, de se relacionar com o outro, de recomeçar (Klasvogt & Stapel, 1996), culminando com o nascimento de um "homem novo" (Zanom, 2008).

Na experiência de acompanhamento desses jovens durante o tratamento, era visível o "renascer das cinzas" vivenciado por eles, que chegam na FE num "viver-morrendo" como diz Kalina (2001) em conseqüência do envenenamento efetuado pelas drogas, totalmente desamparados e num alto grau de degradação e

isolamento social a que se submetem pela escravidão das drogas, que o anula e o impede de sequer sonhar em construir um futuro (Serrat, 2001).

> Egresso 1: Sim, ela me fez voltar ao Egresso 1 que eu era antes, uma pessoa com caráter, fiel. Voltar a amar minha família que eu não amava mais, não gostava mais de ninguém, não gostava nem de mim mesmo e a Fazenda me fez, me ensinou a voltar ao Egresso 1 de antigamente, um homem novo.

> Egresso 1: Amar a pessoas que nem conheço, aprendi a amar, a recomeçar sempre com o irmão, a perdoar o irmão.

> Egresso 2: Ah! com certeza! A Fazenda da Esperança, eu digo sempre que é minha segunda família, ela trouxe a maior experiência da minha vida que foi Deus, uma experiência que eu não vivenciava, uma experiência que eu não tinha. (...) E, assim, tudo que a Fazenda da Esperança trouxe na minha vida, foi o maior presente que a Fazenda trouxe pra minha vida foi a minha espiritualidade, foi Deus pra minha vida né, porque o resto eu digo que é uma conseqüência, (...)

> Egresso 3: Sim, sim, trouxe sim. (...) antigamente eu era afastado da igreja, (...) eu ia só por ir né. E hoje em dia não, hoje em dia eu já frequento mais vezes, com a minha ida pra Fazenda eu consegui me colocar na sociedade de uma forma totalmente diferente de como era antigamente, (...) Em casa, minha convivência com meus pais mudou muito, hoje em dia eu consigo falar coisas com meus pais que eu não conseguia falar antigamente (...).

> Egresso 4: Bastante né, ela trouxe assim o que mais assim, eu tinha perdido, a confiança da minha família, o retorno das minhas irmãs ao convívio comigo, de a gente sentar e hoje poder conversar, trocar idéias, de ter o apoio delas em qualquer coisa que eu for fazer, e principalmente da minha mãe, do meu pai, hoje assim eu vejo que todo mundo vive bem mais feliz do que quando eu tava na droga.

> Egresso 4:Estou bem mais feliz, (...). A Fazenda da Esperança realmente como ela fala lá na entrada é um retorno à vida, então isso foi um retorno realmente à vida.

> Egresso 5: Trouxe. Muita coisa né, pela primeira vez assim eu tive o pensamento de ter algo na minha vida. Sempre trabalhei, mas nunca consegui nada. Conseguia mas destruía por causa da droga, mas uma das coisas que a Fazenda me trouxe foi tentar vencer na vida né, como pessoa. Eu sempre digo na reunião que eu sempre participava lá no grupo né que quando a gente quer ser uma pessoa melhor, não melhor que os outros, mas melhor como pessoa, e isso é o que trouxe pra mim.

Além da percepção do surgimento do “homem novo”, também é evidente que para alguns (Egressos 1, 2 e 3) a espiritualidade foi um ponto marcante em suas trajetórias na FE, como ressaltam em seus depoimentos em que falam de Deus, de amor, de perdão, de diálogo, de compreensão, de construção. Perpassam também por essas falas a convivência, que os ensinou a aceitar os outros como são e liberou-os para um diálogo melhor e mais aberto com seus próprios familiares,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

favorecido pela auto-confiança resgatada.

Saída da FE e o recomeçar uma nova vida longe das drogas

Para essa colocação, apenas o Egresso 1 disse não se sentir preparado, contra os outros quatro que se sentiram prontos para o recomeço, e desses apenas um se manifestou pronto, mas com receio. Posteriormente, os que afirmaram estar prontos completaram com diversas ressalvas que nos levam a deduzir que não estavam tão preparados como supunham.

> Egresso 1: 100% não. Sentia algo que tava faltando assim alguma coisa pra mim, mais um tempo pra mim voltar ir pro mundo, pra sociedade.

> Egresso 1: Muito medo de enfrentar meus pais de novo né?

> Egresso 1: Não, tinha que ficar mais um tempo na FE. Mas pela regra da Fazenda eu tive que ir lá pra fora, pra sociedade de novo.

O Egresso 2, apesar de se sentir seguro e sair cheio de novos propósitos, reconheceu que super valorizou a sua auto-confiança e isso acirrou o imediatismo inerente aos jovens, que o fez entrar em conflito com o mundo para o qual retornou conforme relata:

> Egresso 2: Eu me senti. Eu sempre tive né, cada um na Fazenda tem um propósito e quando a gente sai assim a gente se sente tocado por alguma conseqüência, ou pra se doar, ou pra sair. (...)a gente sai cheio parece um balão, grande assim parece um gigante (...) com vontade de conquistar as coisas, com vontade de ser, mas muitas vezes a gente tropeça, sabe a gente tem que ter muito discernimento sobre isso, que a gente viveu na adicção dez anos da nossa vida, e a gente quando sai da Fazenda a gente quer ter as coisas em uma semana a gente já quer ter um carro pra andar melhor, a gente quer ter as melhores roupas, quer ta passeando, e o mundo aqui fora não parou, a gente ficou dentro da Fazenda e o mundo continuou, (...).

Tal depoimento corrobora com o que diz Landre (2001) sobre a necessidade de conter o impulso irresistível que sentem alguns adictos (pós-tratamento), de reaverem imediatamente tudo o que perderam ou de quererem alcançar, também de imediato, novas posições sociais apenas porque concluíram seu período de tratamento porque consideram que zeraram seu débito com a família e com a sociedade. Segundo o autor referido, se esses sentimentos não forem trabalhados

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

podem incorrer em frustrações, que o deixará em situação de vulnerabilidade.

O Egresso 3 ao mesmo tempo que afirmava estar preparado também admitia já sair com vontade de beber, apesar que, para Landre (2001), nem sempre essa fissura significa recaída desde que o adicto tenha habilidade de interromper esse processo internalizando que o ato de ingerir bebida alcoólica, mesmo que o foco de seu vício sejam outras drogas, é totalmente inviável, posto que o álcool vai evocar as memórias da ingestão de drogas, reativar a necessidade do seu uso e diminuir sua resistência ao consumo (Kalina, 2001).

> Egresso 3: Eu senti mas, quando a gente sai, as vezes a gente sai com vontade de fazer alguma coisa. E, quando eu saí, eu ainda sentia vontade de beber. Mas ai com o tempo aqui fora na caminhada a gente vai vendo que usar um desses vícios ou beber ou fumar cigarro, retorna tudo de novo.

O Egresso 4 também afirma que se sentiu pronto, mas de acordo com o que foi dito pelo seu familiar na entrevista que será analisada posteriormente, ele optou por permanecer mais um ano na FE, como voluntário, não apenas para se doar mas também para se fortalecer. Em sua fala ele cita o confronto da experiência vivenciada na FE com o tipo de vida encontrado na sociedade. Para ele, só é possível viver fora da mesma maneira, se for dentro de um círculo de pessoas que já passaram ou vivem na FE.

Landre (2001) considera normal esse tipo de dificuldade posto o confronto do adicto com duas realidades distintas ao mesmo tempo. Para ele, esse é um motivo da necessidade do egresso participar de um grupo de apoio que possa contribuir com o processo de reinserção dele, como o GEV.

> Egresso 4: Assim, quando eu saí, eu até me sentia bem mais forte, bem mais espiritualizado, bem mais com uma energia bem forte né, mas com o tempo a gente vê assim que ... porque em nenhum lugar do mundo é que nem lá na Fazenda né, da Esperança, ali parece um casulo. (...) as coisas que a gente vive na Fazenda é muito diferente aqui fora né, aqui se você for falar as questões de amar, eu te amo, como eu cansei de falar lá dentro da Fazenda pros meus amigos, pô eu te amo, aqui fora é difícil você falar pra uma pessoa, ou pro outro amigo, dizer pô eu te amo e tal, eu sinto assim essa dificuldade de... Há essa diferença né, essa disparidade né, porque como a gente vive lá é muito diferente do que a gente vive aqui fora, é claro que a gente pode viver aqui fora da mesma maneira como a gente vive lá dentro desde que seja dentro do círculo das pessoas que já viveram na Fazenda, que vivem na Fazenda.

O Egresso 5 se considerava pronto, mas com receio do enfrentamento com a realidade fora do ambiente da Fazenda:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Egresso 5: Se eu me sentia pronto? Eu me sentia mas com aquele receio né. Eu me sentia pronto, mas com um certo medo né. Eu acho que isso acontece com qualquer pessoa que passa pelo problema de adicção e tá dentro de um processo interno e não sabe como vai ser fora né?

O receio declarado pelo Egresso 5 é inerente ao perfil do adicto, cuja fragilização do ego gera o medo do enfrentamento, sejam eles quais forem (Kalina e Fichtner, 1999).

Retorno ao convívio familiar – sentimentos e percepções

Todas as respostas dos egressos parecem convergir para um ponto só: o nascimento ou renascimento de um "novo homem" que eles, implícita ou explicitamente retratam em suas falas, assim como a euforia e alegria de mostrar para todos, mas principalmente para a família, suas transformações. Além disso, percebemos uma certa vontade/necessidade de quererem ser exemplos e tentarem aplicar o que aprenderam na FE, como forma de se desculparem por seus comportamentos enquanto estavam sob o domínio das drogas.

Gikovate (2004) explica esse comportamento de outra forma: para ele, essa visão um pouco deturpada e eufórica de suas posições pós-tratamento, é proveniente do sentimento de se considerarem fortes e com a sensação de superioridade "porque conseguiram ultrapassar os obstáculos da recuperação. Agora, sente-se superior porque foi capaz de se livrar delas". Ele conclui dizendo: "A verdade é que gostamos de nos sentir especiais (...)" (Gikovate, 2004, p. 85).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Egresso 1: A minha família me viu diferente, né? Viu que eu não era o mesmo Egresso 1, que a Fazenda já tinha me mudado 50% né. Eu não fazia nada na minha casa, eu voltei a lavar louça, lavar minha roupa, levar minha mãe, varrer uma casa, passar o pano, né. (...) Sim, tive dificuldade com o meu pai, eu queria mudar ele, mas eu não podia mudar ele, ele bebia e fumava, a gente esperava, mas a gente tinha que dar o meu exemplo para ele, pra ele ver: o meu filho conseguiu sair das drogas e porque eu não posso sair? (...)

> Egresso 2: Eu saí totalmente de uma atribulação, no auge da adicção, no auge da dependência química mesmo, eu voltei totalmente com novas conversas (...)a gente tem outras conversas, a gente fala mais manso, já ta falando diferente, ta falando de Deus, coisas que nem, tava longe da mente dele. (...) que as pessoas já começam a comentar, pó tu ta diferente, ta conversando melhor, não ta mais aquela pessoa agressiva. E, quando eu voltei pra casa foi o que aconteceu né, uma pessoa mais mansa, mais centrada no que queria, eu queria trabalhar, eu queria ter meu espaço na sociedade, eu queria andar de cabeça erguida. (...) Eu sempre gosto de falar do lado da minha família doutora, porque eles sempre me passaram toda a confiança pra mim entendeu? Então essa confiança, eles me

> deram toda a liberdade, nunca me prenderam, eu me senti super a vontade, não tive nenhuma repressão né, (...).

> Egresso 3: O meu retorno foi no momento assim relembrando um pouco o filho pródigo. Chegou na casa do pai aquela festa, e a gente espera uma coisa tão bonita da família e foi dessa forma que eu recebi, e com o tempo você tem que mostrar com práticas que você realmente mudou né, não é mais aquele Egresso 3 de antes vivia nas noitadas por ai, hoje em dia eu consegui coisas ter coisas na minha vida que eu não tinha antes, principalmente a família perto de mim.

> Egresso 5: (...) quando a gente sai da Fazenda a gente acha que vai mudar o mundo né. Mas aí a gente entra numa realidade que não é bem assim, mas o meu retorno pra casa foi bom, eu saí e com dois dias eu já tava trabalhando né.

As percepções do Egresso 4, além do exposto abaixo, foram acrescidas do seu estranhamento de estar, finalmente, vivenciando com sua família um clima de intimidade familiar nunca antes vivenciado por ele, devido sua experiência com as drogas ter iniciado aos dez anos de idade.

> Egresso 4: Às vezes eu sentia uma certa desconfiança, mas... eu até entendia, eu entendia as pessoas desconfiarem, porque realmente é uma coisa bem difícil né. Por tudo o que eles passaram né. Então quando eu voltei o primeiro dia pra casa assim parece que eu tava numa outra cidade, com outras pessoas, embora eu convivesse com eles todo dia de visita e tudo, mas quando eu retornei assim realmente parecia que eu tava vivendo em outra casa com outras famílias, porque minha vida sempre foi assim de drogas, então eu tinha que começar a viver diferente né. E como eu falei eu uso droga desde os 10 anos, então desde criança, então eu acho que a partir do momento que eu comecei a me entender eu já usava drogas, então agora mudar totalmente assim fica meio estranho, vendo eu chegar de cara limpa né, uma convivência verdadeira, né.

Subentende-se nos depoimentos acima, a importância e necessidade da validação familiar para os adictos nesse momento tão importante e ao mesmo tempo repleto de insegurança e medo, que é o seu retorno para casa. Essa necessidade encontra respaldo no fato da família se constituir em forte referência na vida do dependente e, que, portanto, vai precisar estabelecer com o seu parente uma relação afetiva que gere confiança nele e a certeza de poder contar com o seu apoio nos momentos difíceis que enfrentará no seu processo de reinserção (Landre, 2001).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Pontos considerados mais fortes na família para colaborar com o egresso

Os pontos citados pelos egressos foram os mais diversos, porém todos positivos e geradores de confiança e validação, como: alegria, acolhimento, retorno à convivência familiar, apoio, confiança, perseverança, amor, diálogo, dentre outros. Todos se sentiram amados e acolhidos, portanto, fortalecidos, o que nesse momento de enfrentamentos é fundamental.

> Egresso 1: O acolhimento foi diferente, foi muito bom o acolhimento, a recepção quando eu cheguei, fizeram uma festinha pra mim lá, né, muito choro também, mas não de tristeza, de alegria, pois eu tava voltando um homem novo.

> Egresso 2: (...) fora a confiança né, eu tive apoio, (...) foi uma parte fundamental pra minha recuperação, foi essa parte da minha família me apoiar, de ir pro grupo comigo, de dizer não eu to contigo eu vou, se tu não for eu vou assim mesmo, mais do que a gente mesmo muitas vezes né, as vezes a gente vacila, mas a nossa família, persevera, persevera, persevera, persevera na caminhada. Com certeza, minha família sempre esteve ligada comigo na Fazenda e no Esperança Viva, (...), o mundo ele consome a gente, e toda vez que eu falava assim não eu não vou não, a minha mãe dizia não a gente vai, não tem como tu não ir não, primeiro a gente vai pro Esperança Viva (...), tu vai primeiro pra visita na Fazenda, primeiro o compromisso com Deus, primeiro a espiritualidade, porque quando a gente larga das mãos do Senhor, porque é a gente que larga e não ele que larga da gente, a gente vacila, a gente recai, e foi isso assim.

> Egresso 3: Foi o amor dos meus pais por mim, tinha coisas que eu não conseguia ver antes, eu só conseguia ver o lado negativo, porque eles sempre estavam me brigando, me dizendo, me criticando, e eu não conseguia enxergar que aquilo era pro meu bem, e hoje em dia não, é tão natural, o que eu for fazer, mesmo que seja aqui na minha casa, ir lá perguntar deles se é correto, se é mais econômico o projeto, coisas que eu não fazia antes, (...).

> Egresso 4: A confiança né, a confiança que eles depositavam em mim independente de qualquer coisa, assim também a felicidade, a felicidade da minha mãe, a felicidade das minhas irmãs, dos meus cunhados, de todo mundo assim que me conhecia, até meus vizinhos que quando me viram, as pessoas que eu ia conversar, que falavam que tinham me visto na televisão, em outro lugar, há, tu passou pela Fazenda... (...) Então o ponto mais forte foi isso né: confiança e a felicidade em todos sentiram.

> Egresso 5: (...) Ah! me receberam bem né, Depois que eu voltei da Fazenda né? Me receberam bem né, toda aquela expectativa.(...) apesar da droga, eu sempre fui o sobrinho assim mais... o sobrinho mais querido, assim, eu acho né, porque eu tenho uma relação muito grande com meus tios né, de confiança até, tanto é que com dois dias eu fui trabalhar com a minha tia (...).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Voltamos mais uma vez à importância do apoio e participação das famílias no processo de reinserção do seu adicto, posto serem esses vetores condicionantes para o sucesso do tratamento do mesmo (Kalina, 1999).

Para Possa & Durman (2007), o retorno ao convívio social e os enfrentamentos inerentes a esse retorno se constitui na fase mais complexa do processo de recuperação, pelo desafio imposto ao adicto de aprender ou reaprender sua capacidade de viver sem drogas, de mudar suas atitudes, de retomar o vínculo afetivo com sua família, dentre outros, gerando uma sobrecarga enorme para quem tem como perfil fugir dos enfrentamentos, daí a importância da qualidade desse acolhimento familiar, sua manutenção e perseverança.

Adaptação fora da FE

As respostas dos Egressos 1 e 5 para esta questão perpassam pelas necessidades narcisistas que eles tem de significar algo no seu grupo e de estar sempre em evidência, motivações intensamente percebidas no comportamento do adicto (Kalina, 2001).

> Egresso 1: Senti muita falta da Fazenda. Muita falta.Tentei aplicar o que aprendera, mas eu não podia me misturar, eles tinham que ver o meu exemplo pra poder eles vir pedir ajuda de mim, saber como eu tava diferente, tava bonito, tava gordo, saudável, eles queriam saber como é que eu tava daquele jeito, ninguém mais acreditava em mim. Cheguei na Fazenda pesando 55 quilos eu cheguei, meu peso normal é 94 quilos, eu voltei com 94 quilos e duas pessoas me perguntaram o que tinha acontecido comigo e eu falei que eu tinha ido pra Fazenda Esperança me recuperar de drogas, né.

> Egresso 5: Minha adaptação aqui fora foi meio corrida, eu tive que de repente sair, com dois dias trabalhando sempre naquele ambiente, tentando mostrar... Que eu era um novo homem né e a minha família acreditava na minha recuperação, sempre acreditou, meu avô sempre acreditou na minha recuperação e foi bom, foi difícil pros outros, pras pessoas que estavam do lado de fora, mas com o tempo, antes de acontecer a recaída as pessoas observavam que tinha mudado alguma coisa, mesmo pouco mais tinha.

Num trecho do Egresso 1 a seguir, ele ressalta o preconceito que sofreu por parte de algumas pessoas, que desacreditam na sua recuperação.

> Egresso 1: Meu passado me condenava, eles não acreditavam em mim, ficavam pensando: ele vai pro hotel se trancar, tá fumando ainda, nunca ninguém acreditavam em mim, sempre tinha aquela desconfiança.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

O preconceito embute o descrédito na recuperação e funciona como um inibidor para o adicto nesse difícil processo de reinserção social. Para Landre (2001) o preconceito, assim como outros fatores, termina por desestimular o adicto, que perde a motivação e fica propenso a retornar aos antigos hábitos e pensamentos, o que lhe é totalmente prejudicial.

Os Egressos 2, 3 e 4 falam de suas tentativas de darem continuidade aqui fora ao mesmo tipo de vida que vivenciaram na FE, e da frustração, no caso do Egresso 3, quando tentava envolver a família nessa nova modalidade de vida e não conseguia.

> Egresso 2: (...). A minha adaptação foi boa porque eu comecei a acompanhar o Esperança Viva dentro da espiritualidade da Fazenda (...) porque eu me encontrei logo no Esperança Viva, eu encontrei o trabalho que eu gostava de fazer que era a visita, de ir atrás, que era de dar uma luz pra uma mãe, (...) viver tudo aquilo que a gente aprendeu dentro da Fazenda, porque se a gente não vive tudo aquilo que a gente aprende dentro da Fazenda com certeza absoluta a gente vai voltar pro mundo que a gente vivia né, e ninguém quer voltar pro mundo que vivia, então a gente começa a caminhar aqui fora fazendo o mesmo trabalho da família que é a convivência que você tinha dentro das casas, mesmo trabalho do grupo.

> Egresso 3: (...) e de repente tem uma outra situação que é totalmente diferente, você aprende um método de vida que quando você sai de lá você quer chegar na sua casa e colocar em prática e as vezes a família não colabora, porque a desculpa é não tenho tempo, não dá, sempre não tem tempo pra Deus. Então logo no início foi um pouco frustrante isso, eu fiquei um pouco chateado, só quem me acompanhava era meu pai, minha mãe não acompanhava, minha irmãs não me acompanhavam. Então com o tempo foi modelando, eu fui voltando, o corpo foi voltando um pouco o pensamento, um pouco a cidade, um pouco a Fazenda, um pouco a cidade, um pouco a Fazenda, que é como eu consigo viver hoje, eu associei as duas coisas: tentar viver no mundo sem ser do mundo.

> Egresso 4: É... uma das coisas eu tento de uma maneira viver o que eu vivi lá dentro da Fazenda, (...) A espiritualidade eu procuro acompanhar o ... eu faço parte do terço né, desse Nossa Senhora Auxiliadora, sempre que eu posso eu vou lá no Esperança Viva né participar da sopa né, ultimamente eu não tenho ido muito mas é por causa do meu trabalho, eu trabalho longe e de dia, quando eu volto, fica meio, as vezes não dá, (...) a questão da espiritualidade eu tive realmente uma dificuldade de manter, mas sempre que posso, eu procuro.

Nos dizeres dos Egressos 2 e 4, se destaca uma tentativa de manter o vínculo com a FE e com o seu modo de vida, seja nas participações nos GEV, nos trabalhos voluntários desenvolvidos através deles e/ou nos engajamentos a grupos de oração tentando se fortalecer para se manterem sóbrios.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Rotina do egresso na volta à sociedade

Das respostas obtidas, constata-se que dos cinco entrevistados, todos envidaram esforços em manter a rotina da FE fora de seu espaço, com exceção do Egresso 5 que confirmou ter desistido muito rápido de esboçar tentativas nesse sentido, segundo ele por força do trabalho, que iniciou dois dias após sua saída da FE.

> Egresso 1: Eu ia pra missa todo dia, de terça a domingo. Só que lá fora é diferente, o mundo lá fora é diferente, o mundo ele vai consumindo a gente devagarzinho de novo, quando a gente menos espera já tá envolvido nele de novo, se não tiver cumprindo as regras que aprendeu aqui dentro, rezar o terço, dormir cedo, acordar cedo, cai de novo no vício.

> Egresso 2: Então eu trabalhava o dia todo, chegava em casa eu rezava o terço com a minha mãe, meu pai né, com a minha sobrinha, de noite tava cansado queria deitar, quando tinha o Esperança Viva trabalhava até 7 horas, ia pro Esperança Viva, do Esperança Viva se tivesse alguma visita pra fazer, ia fazer a visita, deixava minha mãe em casa, ia fazer essa visita com algum outro ex, (...) a única coisa que mudou da Fazenda é que a gente não rezava o terço de manhã, rezava o terço de noite aqui em casa.

> Egresso 3: (...) Eu passei logo os dois meses primeiros fazendo as mesmas coisas que eu fazia na dentro da Fazenda. Acordava cedo, tomava o café, ia rezar o terço, principalmente antes de arrumar o emprego.(...)

> Egresso 4: A minha rotina era buscar cada vez mais a espiritualidade, sempre eu tava presente, sempre eu tava buscando, sempre eu tava rezando meu terço de manhã eu mesmo, quando eu não ia pro terço ou então quando eu não ia no Esperança Viva, eu buscava eu mesmo né rezar meu terço, buscar minha espiritualidade.

> Egresso 5: Minha rotina diária, como eu falei, voltei a trabalhar com a minha tia na área de bar, então eu saia pra trabalhar às duas horas da tarde, retornava pra casa a uma hora da manhã, duas horas, dormia, acordava só pra tomar banho e voltar ao trabalho né.

Os relatos seguintes dos egressos 1 e 3 mostram também a tentativa de continuar vivenciando a rotina na FE na sociedade não se estendeu por muito tempo, e o que apreendemos é que foram perdendo o foco na proporção em que se deixaram envolver pelo cotidiano do mundo. O Egresso 3, posteriormente, após recair e conseguir recomeçar, está conseguindo estabelecer um ponto de equilíbrio entre o trabalho e a espiritualidade, que segundo ele, é o que o mantém bem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Egresso 1: As pessoas né, fui me aproximando das pessoas que não devia, fui deixando de ir pra missa, fui deixando de ir pro terço, ia domingo mais tarde, eu não estava dormindo no meu horário, tava dormindo meia-noite, tava acordando tarde.

> Egresso 2: Aí depois que eu arrumei o emprego as coisas do mundo, querendo ou não, vão se infiltrando dentro da gente, as ocupações do dia a dia, que vai deixando que a gente deixe de lado aquilo que aprendeu dentro da instituição aos poucos, isso acontece muito quando a pessoa sai logo da Fazenda assim, porque ele tá curioso pra ver o que é que o mundo ainda tem a oferecer a ele, algo de diferente que na realidade não mudou nada o que mudou foi a gente, então a gente é que tem que se adaptar de novo a esse mundo que tá aqui fora. Então pra mim, a melhor forma foi essa, tentar conciliar as duas coisas, a religião e as coisas do mundo, senão eu não conseguiria estar bem hoje.

A continuidade da vivência da espiritualidade é fundamental para dar sentido à vida, dar força para enfrentar os desafios da difícil sociedade em que vivemos hoje (Santos, 2010). Para STAPEL (2007), se os que renasceram, descobriram o caminho do amor e tornaram-se "homens novos" não perseverarem nesse novo caminho, certamente sucumbirão ao egoísmo do sexo, das drogas e do consumismo, ficando presos, portanto, às provocações do mundo. Viana (2001) ressalta que:

> Quem primeiro mencionou as possibilidades de recuperação de alcoolismo pela via espiritual foi Carl Gustav Jung, em 1934, a um de seus pacientes alcoólatras, o americano Roland, banqueiro e ex-senador americano pelo estado de Connecticut. Roland se tratava com Jung desde 1931. Em 1934 Jung disse a Roland que sua única esperança seria uma experiência espiritual ou religiosa: conversão ou uma profunda mudança de personalidade (Viana, 2001, p. 205).

Prática do planejado para a nova vida

Alguns egressos responderam que sim, que conseguiram (Egressos 2 e 3) desenvolver o que tinham planejado; outros que não (1 e 4), mas confirmam que não perseguiram os seus objetivos. O primeiro porque, segundo ele, quis fazer tudo ao mesmo tempo e se atrapalhou, e o segundo porque começou a trabalhar e se acomodou. O Egresso 5 diz que conseguiu apenas em uma de suas propostas, mas que tentou.

> Egresso 1: Eu planejei tanta coisa, chegou lá fora não deu nada do que eu tava planejando, eu pensava numa coisa e deu outra. Porque eu não vivi o momento presente lá fora, eu queria fazer tudo de uma vez, e, não deu para ir tudo de uma vez, eu queria trabalhar, eu queria malhar, eu queria treinar, e tem que fazer um por um pra poder dar certo, tentei fazer tudo junto e eu me atrapalhei todo lá fora.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Egresso 2: (...) eu descobri que eu tenho que ter metas e objetivos na minha vida, porque meus planos sem metas e objetivos vai ser um plano frustrado né (...) então eu tinha esses planos né, e quando eu saí apareceu outros planos né,(...) Exatamente, alguns dos planos deu certo, alguns foram de outro jeito mas que todos os planos se encaminharam pra mesma situação pro bem, pro bem da minha família, pro bem assim para eu ter um pouquinho de tempo pra Fazenda,(...)

> Egresso 3: Sim, consegui. Um deles, é ter a casa que eu tenho hoje, ter o meu carro, ter a minha família toda perto de mim, meus filhos, minha esposa, meu pai, minha mãe, e, conseguir realizar um desejo da minha esposa, que ela disse que queria casar numa igreja, eu disse pra ela que não ia casar. Passei 10 anos enrolando ela, depois mais um na Fazenda, 11 anos, depois mais uns dois aqui fora, eu fui casar com 13 anos. Então foi uma coisa assim, um desejo muito grande tanto pra ela, quanto pra mim, conseguir realizar meu casamento com ela dentro da instituição que eu me recuperei.

> Egresso 4: Não, não coloquei em práticas muitos planos não né, eu busquei algumas coisas que não deram muito certo, mas que eu acho que eu esperava muito, e criei uma expectativa muito grande e não corri atrás dessas coisas, dessas expectativas, desses sonhos, não busquei realmente por em prática as coisas que eu tinha que fazer realmente, devido ao trabalho, você começa a trabalhar... você já, parece que já preencheu alguma coisa, meu trabalho principalmente é muito difícil, fica longe tudo, tem uma série de pessoas de todo tipo, então muitas coisas me afastaram do que eu planejava pra minha vida realmente.

> Egresso 5: O que eu tinha planejado era tentar recuperar tudo que eu tinha perdido né, confiança, dinheiro, e o que eu coloquei em prática em poucos tempos assim foi a confiança, pois apesar de tudo minha família confiava em mim em relação a dinheiro né, a conseguir as coisas materiais eu não tive muito tempo né. Tentei colocar em prática...

Para Landre (2001), é muito importante que o adicto internalize que é necessário

> aprender a refletir sobre suas atitudes e comportamentos, diante de situações que o cercam no trabalho, (...): na distinção entre planos e projetos, esperanças, expectativas e sonhos imaturos; deveres para consigo mesmo, com o grupo e com a sociedade como um todo (Landre, 2001, p. 351).

Para Gikovate (2004), estabelecer metas e persegui-las, com persistência e determinação, é o caminho.

Tempo de permanência sóbrio após sair da FE

O tempo apontado pelos egressos variou de três meses a dois anos e oito meses.

> Egresso 1: Depois que completei um ano, eu permaneci três meses sóbrio.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Egresso 2: (...) eu fiquei, dois anos e oito meses na sobriedade total, contando com a Fazenda, três anos, (...).

Egresso 3: Oito meses.

Egresso 4: Eu permaneci mais ou menos uns seis meses, seis meses sóbrio.

Egresso 5: Três meses.

Os que recaíram com apenas três meses (Egressos 1 e 3) foram os que afirmaram terem desistido logo de tentarem viver a experiência da FE fora dela, e os que permaneceram mais tempo sóbrios (6 a 8 meses e 2 anos e 8 meses) foram os que persistiram na tentativa de dar continuidade ao que apreenderam, e freqüentando os GEV.

Para Knapp (1993) e Kalina (1999), não se pode perder o foco de que a dependência química, por ser um transtorno crônico, traz em seu bojo os lapsos e recaídas. Mas, por isso mesmo, Álvarez (2007) afirma que a recaída é considerada como "parte do processo de reabilitação e não o final deste processo. Não significa que a pessoa tenha fracassado ou que não possa recuperar-se com o tempo" (Álvarez, 2007).

Motivos para a(s) recaída(s)

É interessante perceber que os entrevistados mostram ter entendimento de que recaíram porque facilitaram, ou seja, deixaram de tomar os cuidados necessários para evitar a recaída. Lá na FE, durante todo o tratamento, mas principalmente próximo ao término do período de tratamento, é sempre reforçado aos internos que a dependência química, por ser uma doença recidivante e crônica não tem cura, mas que eles aprenderam nesses doze meses que podem viver sem drogas. Além disso, eles foram preparados para retornar à família e à sociedade e para isso lhes foi dado o caminho, portanto, como ressalta Zanom (2008) "O referencial foi dado, a semente foi lançada (...)", mas é imprescindível que estejam sempre vigilantes, então, o "Orai e Vigiai" é para sempre.

Nos trechos abaixo eles confirmam o que dizem os autores sobre o desencadeamento das "fissuras":

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Egresso 1: Eu saí pra uma festa, chegou lá, eu comecei a dançar, tomei uma latinha. Uma coca com cerveja, o leão que dava dentro de mim acordou e já queria uma droga já, foi o suficiente para mim voltar pro fundo do poço mais rápido do que a primeira vez. (...) se eu tivesse levado minha família pra festa eu não teria bebido, foi uma latinha que eu tomei, já deu vontade de usar droga, nem mais fiquei na festa, tomei uma latinha, já fui comprar droga, já fui direto pra boca.

Egresso 2: (...) o motivo que me levou a recair foi exatamente uma renúncia que eu não soube fazer, mais uma das renúncias né, eu tava na igreja, tava participando de tudo, não tinha largado a mão de Deus, não tinha nada, doutora, eu tava fazendo tudo como a cartilha manda, tudinho, tudinho, foi simplesmente uma vontade que eu tive, e, eu não soube dizer mais um não,(...).

Egresso 3: O motivo pra recaída é a própria vontade que dá na gente, e a gente não consegue dizer não.

Egresso 4: (...) na realidade eu me deixei levar realmente por uma fraqueza eu não sei, eu sentia as vezes uma necessidade, e alguma coisa ficava martelando na minha cabeça, e, em vez de eu procurar a espiritualidade, procurar viver o que eu tinha aprendido dentro da Fazenda eu só me afastava e, cada vez mais e, esse afastamento eu acho que tenha me levado à recaída.

Egresso 5: A convivência né, com a bebida, eu voltei pra um local onde todas as pessoas me conheciam, todas as pessoas do meio adicto, do meio das drogas, então as vezes eu tava trabalhando lá e chegava alguém pra levar a droga pra mim e eu, por três meses eu consegui resistir a isso aí (...).

Kalina (2001) ressalta que a *cervejinha*, o *vinhozinho*, e etc., ou seja, a ingestão de bebidas, é a principal porta para a recaída. Leite (2001), explica que o uso do álcool, mesmo que o adicto não seja alcoólatra, “vai evocar as memórias do consumo da droga da qual era usuário” (Leite, 2001, p. 159), e naturalmente vai reativar a necessidade da droga e a conseqüente diminuição de sua resistência.

Egresso 1: Tava, mas aonde eu tava não era bem, era numa boate, numa danceteria, eu tava forte, bonito, pensando que eu era o dono da situação, pensando que eu me garantia, fui colocar uma latinha e acabou tudo naquele dia, o mundo desabou em cima de mim e eu voltei pro fundo do poço de novo.

Egresso 4: Aconteceu primeiro, eu comecei a beber né, a beber e tudo e achar que podia beber, a gente saiu prum forró, até o meu cunhado né, a gente foi pro forró, e nesse forró, pronto eu já tinha bebido no forró, e no outro dia eu saí de novo e depois comecei a sair até que apareceu a droga de novo tudo né, e foi mais ou menos assim.

Egresso 5: A convivência né, com a bebida, eu voltei pra um local onde todas as pessoas me conheciam, todas as pessoas do meio adicto, do meio das drogas, então as vezes eu tava trabalhando lá e chegava alguém pra levar a droga pra mim e eu, por três meses eu consegui

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> resistir a isso aí né dona I. Falava que não, que não queria mais, mas aí fui dando abertura pro álcool, pro cigarro e... o terceiro passo foi pras drogas.

Leite (2001) ainda alerta que o retorno ao convívio com os antigos colegas de consumo, assim como a freqüência aos bares, *haves,* e demais locais onde há a facilitação de drogas deve ser evitado, pois essas atividades servem como indutores aos desejos de consumir, às fissuras, e nessas ocasiões dificilmente ele conseguirá resistir ao apelo da droga e voltará a consumi-las, efetivando a recaída.

Sentimentos ao recair

Constatamos que os sentimentos demonstrados por todos são similares: depressão, culpa, remorso, vergonha, dentre outros. Eles próprios não entendem suas recaídas, e o quadro de depressão, de vazio existencial embutido de angústia, se não forem tratados de imediato, segundo Lanaro (2000), induzem a novas recaídas, ou seja, se estabelece um círculo que se não for detido vira uma "bola de neve".

> Egresso 1: Meu Deus do céu! Uma depressão que me levou pro fundo do poço. Quando eu vi que eu tava usando droga, comprei cocaína, depois quando eu acabei veio uma depressão em mim, uma depressão que... eu aprendi tudo, passei um ano na fazenda, minha mãe me ajudou, pagou a cesta, mandava pra mim providência, roupa, perfume, pasta, tudo, e eu fazer isso, aí até me matar eu queria mano, todo dia eu vendia tudo que eu tinha, tudo.

> Egresso 2: (...), meu sentimento mais forte foi de não poder ir na Fazenda da Esperança assim, de chegar, de simplesmente chegar lá e o pessoal me olhar como luz e tal, um sentimento, eu acho que mais forte que isso foi saber que a minha mãe ia chorar mais uma vez. (...) mas o sentimento mais cruel que eu tive, foi de não poder andar com a cabeça erguida entendeu? (...) tu não pode mais falar nada, porque tu ta errado, tu não pode falar assim mano não usa, poxa da um passo e tal, tem jeito. Tu recaiu, como tu vai falar tudo isso? A pior coisa que tem é tu não ser exemplo pra ninguém, tu ser mais um na sociedade, ser de novo o que você era entendeu? De novo tu na onda, de novo tu recaído, de novo tu não vai ter nada, de novo tu vai ser mais um, de novo não vou ser exemplo pra ninguém, de novo tua mãe vai chorar, de novo Deus vai ta triste comigo, de novo eu não vou poder entrar na igreja, porque a gente se sente envergonhado.

> Egresso 3: (...), com pensamento muito pesado, porque muitas pessoas apostaram na gente, pai, mãe, vários voluntários, o mundo inteiro conta que ali a gente tando ali vai sair recuperado pra vida inteira e acabar não é dessa forma, tudo dependente da gente. E quando eu fui a primeira vez eu fiquei muito deprimido, com vergonha das pessoas, não consegui olhar pras pessoas como eu olhava antigamente, não conseguia ir na Fazenda de forma alguma, uma coisa que dá na consciência por ter passado um ano na instituição, é vir uma cobrança internamente da gente, mas aí depois quando a gente consegue dar a volta por cima desse exame, é quando a gente consegue se levantar de novo e caminhar.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Egresso 4: De culpa né, de muita culpa, hoje assim, a gente.. (...)hoje eu acho que a droga não dá nenhum prazer na realidade, ela dá mais culpa, mas é... essa culpa que fica remoendo na nossa cabeça o tempo todo, eu fico muito... a depressão que vem após a droga, hoje ela é bem mais difícil, devido a questão da culpa né, de tudo isso que a minha família fez por mim, a alegria e tudo, hoje causar uma tristeza.

> Egresso 5: A decepção né, decepção, sentimento de que eu não tinha mais jeito mesmo né, mas ao mesmo tempo que vinha esse sentimento eu... eu sempre lutei, sempre lutei pela minha recuperação, isso aí eu acho...

Os outros sentimentos, os mais contraditórios possíveis, são entendíveis e originados de seu próprio ego que não admite sua fraqueza, sua fragilidade, sua dependência, e cobra-o de maneira implacável: como vai ser protagonista agora que recaiu? Como vai servir de exemplo? Além disso, são também fortes os sentimentos com relação à família: vão ser novamente responsáveis pela dor de seus entes queridos. Afinal, reconhecer sua vulnerabilidade e sua impotência perante às drogas seria reconhecer que ainda é manejado por elas, o que é intolerável para o seu ego narcisista (Kalina, 2001).

Neste momento, o adequado seria encararem (eles e suas famílias) a recaída como estado de transição, que faz parte do processo de mudança que estão vivenciando e que pode servir para a conscientização dos seus conflitos e como oportunidade de rever suas convicções em torno da abstinência. Cabe ressaltar que para alguns adictos a recaída é essencial para que possa aprender com a experiência e recomeçar com mais lucidez sua nova caminhada (Álvarez, 2007; Landre, 2001).

Ao serem indagados se lembraram da FE quando estavam recaídos, todos disseram que sim, o que confirma a leitura de Zanom (2008) “que a semente foi lançada”.

> Egresso 1: Lembrei de todos da fazenda que me ajudaram. Principalmente da Irmã Nilde, do padre Anderson.

> Egresso 2: Pensava, mas assim, (...), quando a gente recai a gente, a pessoa que já passou pela Fazenda, ela se envergonha de uma tal forma, (...) que tu não tem coragem de ir na Fazenda da Esperança, tu abaixa tua cabeça totalmente, lá tem uma espiritualidade tão grande, tem um Deus altíssimo que ta lá, quando a gente chega a gente sente isso na Fazenda da Esperança que a gente se envergonha totalmente, eu pensava na Fazenda, mas eu disse (...), eu não quero ir pra Fazenda, não porque eu não queria ir pra Fazenda, mas é porque a gente se envergonha de olhar nos olhos dos meninos e de não poder falar nada pros meninos, (...)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

> Egresso 3: (...) Pensei tanto que no Natal quando eu passei recaído, expulsei minha esposa de casa, pra ficar usando dentro de casa, e entre o período de Natal e o Ano Novo eu tomei a decisão de passar o Ano Novo na Fazenda, minha esposa um dia antes da virada do Ano Novo foi levar os filhos pro médico e eu sai fugido pra Fazenda, peguei duas mudas de roupa, um lençol, peguei um ônibus e me mandei pra lá, passei o Ano Novo na Fazenda.

> Egresso 4: Várias vezes, várias vezes. Eu acho que não tenha uma vez que eu tenha usado que eu não tenha me lembrado da Fazenda, inclusive as vezes quando eu tava usando eu ficava me lembrando das músicas que a gente cantava na Fazenda. Isso pra mim era muito difícil, eu ficava, nossa o que é que tá acontecendo? Então eu sempre lembrava da Fazenda, eu acredito, apesar de tudo, mas eu acredito muito na Fazenda, as músicas da Fazenda, as coisas de lá, em especial assim, quando eu tava usando eu ouvia as músicas da Fazenda.

> Egresso 5: Sempre me lembrei da Fazenda, pra mim a Fazenda foi aonde eu quis mesmo me livrar mesmo, eu já queria, mas as coisas que eu aprendi na Fazenda...

***I** - O que tu aprendesses na Fazenda nesse período, nas tuas recaídas, te ajudou muito a recomeçar a cada uma delas?*

> Egresso 5: A cada uma delas, sempre me ajudou, eu acho que se a Fazenda não tivesse existido na minha vida eu nunca ia recomeçar, nunca.

Tempo de recaída

O tempo de recaída deles variou de quatro a sete meses, com duas ressalvas: o Egresso 4, apesar de indicar quatro a cinco meses como período em que permaneceu recaído, informa que até hoje ainda bebe, mesmo sabendo que a bebida o leva às drogas ilícitas, foco de sua dependência:

> Egresso 4: Eu passei praticamente é... uns quatro meses, cinco meses, às vezes, até hoje mesmo eu ainda bebo, as vezes, e isso mesmo a minha família fica muito triste quando eu bebo. A bebida me leva às drogas.

O Egresso 5 tem intercalado períodos de recaída com períodos de sobriedade, conforme declara:

> Egresso 5: (...) eu nunca fiquei assim direto né, mas eu fiquei seis meses assim alternados né e depois disso eu passei dois anos, (...) sem usar nada, foi quando a minha mulher falou que ia embora, e, eu sabia que ela tava grávida e, eu falei que não, que eu não podia fazer isso, então eu tomei a decisão de não usar mais drogas, então eu consegui passar dois anos e quatro meses sem usar nada, foi quando teve uma outra recaída. Ai nessa outra recaída eu já tinha duas coisas que me davam força né: eu tinha a vontade que eu não queria e o meu filho né, que é o mais importante.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Os estudos de seguimento (recuperação e recaída) indicam que aproximadamente apenas um terço dos pacientes consegue a abstinência permanente com sua primeira tentativa séria na recuperação. Outro terço tem episódios breves de recaída, mas resulta, eventualmente, abstinência em longo prazo (Álvarez, 2007).

Sair das drogas novamente

> Egresso 1: Eu tinha vontade de mudar de vida. Vontade.

> Egresso 2: O que me fez recomeçar doutora foi assim... a gente não se agüenta mais se ver naquele estado, eu me olhava no espelho todo sequinho de novo, feio, raquítico, só pele e osso de novo, não eu pesava setenta e poucos quilos, setenta e quatro kilos e voltei pros 55, né possível, eu preciso recomeçar, eu cobrava,(...) Mas eu me cobrava muito, poxa mas eu preciso por causa da minha mãe, por causa de mim mesmo, eu tinha os meus planos, os meus terrenos, meus apartamentos, queria montar meu negócio, eu me cobrava em tudo (...)

> Egresso 3: Minha força de vontade, a força de crescer na vida, ter minhas coisas, e de poder ajudar as pessoas que estão no mesmo problema que eu, que eu passei né.

> Egresso 5: Como eu te falei já, quando eu fui pra Fazenda, eu não queria mais a droga na minha vida.

O que se apreende de suas respostas, é que eles realmente não queriam voltar para as drogas, apenas “facilitaram”, não conseguiram dizer “não” e sucumbiram, e como as recaídas são sempre mais intensas, levaram algum tempo para terem forças para se reerguerem. Apenas o Egresso 4 colocou como foco de sua saída o sofrimento da sua família e não sua vontade própria, o que é um pouco temerário e que responde ao fato de continuar fazendo uso de bebida alcoólica, se arriscando, pois sinaliza ainda não estar convicto de que ele realmente quer permanecer sóbrio.

> Egresso 4: Eu vejo o sofrimento da minha família né, (...) depois que eu sai da Fazenda parece que eu não conseguia me apaixonar por ninguém, gostar de outra pessoa, nisso eu me sentia mesmo bem infeliz o que estava acontecendo comigo né. E, nisso, hoje, de repente aparece uma pessoa que quer ficar comigo, me ajudar e tudo, então eu quero dar essa oportunidade não só pra mim, pra ela, mas a gente viver uma vida normal (...).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Ajuda para se reerguer

> Egresso 1: Ô padre eu to recaído, eu to no fundo do poço, mais uma vez eu queria que tu me deixasse ficar um mês na Fazenda.

Apesar do Egresso 1 falar só no padre sabemos pela entrevista da mãe que antes de chegar ao sacerdote ele pediu ajuda à ela, portanto ambos foram responsáveis pelo recomeço.

> Egresso 2: Eu busquei muita ajuda com Deus, eu acho que com todo o meu vacilo, com tudo, com tudo, com tudo eu sabia que Deus era misericordioso,(...) eu pedi que Ele me mostrasse um caminho já que eu tinha me envergonhado tanto na Fazenda da Esperança e me mostrasse o que eu era pra o que eu tinha voltado a ser e eu pedi assim Senhor me mostre um caminho que eu quero recomeçar, eu não agüento mais isso mais uma vez, já tá bom, eu já aprendi, levei de novo tapa, tudo veio com um propósito seu.(...) a gente sentou, minha mãe falou e aí, minha tia e aí, eu falei mãe umbora lá pro sítio, eu quero ir pro sítio, que eu preciso me isolar, eu to pedindo ajuda de novo que eu não quero ir pra Fazenda que eu tô com vergonha dos meninos e tudo, numa noite a gente tomou essa decisão, quando a gente acordou de manhã, a gente foi embora pro sítio só com as nossas malas, colocou nossa mochila e foi embora, deu certo.

No caso do Egresso 2, ele iniciou falando que buscou ajuda com Deus, mas além da espiritualidade, procurou a mãe, segundo seu próprio relato.

O Egresso 3 diz que buscou força nele mesmo, mas também cita um episódio com a filha que serviu de elemento propulsor para o seu recomeço e em respostas anteriores também admitiu ter ido buscar ajuda na própia FE.

> Egresso 3: Foi dentro de mim mesmo, porque posteriormente as pessoas que estão ao nosso redor, sempre querem o nosso bem, mas se a gente não tiver essa força de vontade de dentro, a gente não consegue, mas um fator assim principal que me cobra muito é quando a minha filha vinha me pedir dinheiro pra comprar alguma coisa, um real pra isso, um real pra aquilo, e, eu não tinha, porque tinha gastado com drogas, então isso foi um fator que veio me cobrar muito, coisa que quando eu saí da Fazenda, ela me pedia, eu não tinha, mas eu tava tranquilo porque eu não tinha mesmo, não tinha gastado com nada, e quando eu recaí não, quando ela me pedia, eu não tinha porque tinha comprado um cigarro, droga. Então isso foi um fator muito forte, hoje em dia não, é totalmente diferente, hoje em dia ela me pede quando eu não tenho, eu mesmo já me entendo, não tenho aquela cobrança dentro de mim, aí quando eu tenho eu vou e dou a ela, então esse foi um fator, a minha filha e o outro foi a minha própria vontade de estar bem não só comigo como com a sociedade e a minha família.

O Egresso 4 cita apenas a família:

> Egresso 4: Eu encontrei ajuda com a minha irmã, a X, com o Y, o meu cunhado, a minha irmã, a Z, que são as pessoas assim que mais me ajudam, principalmente a minha mãe,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

porque a minha mãe acredita muito me mim, então, eu não quero mais fazer essas pessoas sofrerem, e, eu busquei essa ajuda com eles e elas procuram me ajudar da maneira que elas podem, me acreditando, me dando uma oportunidade, então essas são as pessoas que me ajudam e a qual eu busco essa ajuda.

O Egresso 5 cita a FE e a família.

Egresso 5: Busquei na Fazenda, busquei ajuda com meu avô, né.

A relevância detectada é que todos revelaram querer recomeçar e conseguiram reconhecer que precisam de ajuda, o que já é um passo dado em direção à sobriedade. Mais uma vez fica patente a evidência de que o ano passado na FE não foi em vão e que os valores lá resgatados e assimilados, assim como a espiritualidade apreendida fez a diferença. Por outro ângulo, eles conseguiram também perceber a recaída como um lapso, um equívoco, uma oportunidade de aprender com o erro, de crescer como ser humano e se fortalecer na busca de novas habilidades e estratégias de enfrentamento às situações de risco (Marllat e Gordon, 1993).

Outras observações:

Egresso 1: Essa recaída me ensinou muito. Por um lado foi bom, por outro lado foi ruim, de eu ter recaído. Que a recaída ela me ensinou muito, eu fui muito afoito lá fora, eu não resisti à tentação e acabei quebrando a cara mais uma vez.

Egresso 2: Então o que eu posso acrescentar assim é que né, é sobre os adictos que eu conheço (...) que eles possam verdadeiramente dar esse passo, quando a gente é do mundo doutora, quando a gente vai falar de Deus pro cara, meu irmão ele não quer saber de Deus, ele não sabe muitas vezes, ele não conhece também, quando vem aquele crente pregar, vem lá naquela esquina, ele já fica naquela, po, vamos sair fora, eles dão um pedacinho de papel pra gente, as vezes ele não quer aquilo, as vezes ele só quer que a gente sente do lado dele e escute ele um pouquinho e ele não quer escutar nada, ele simplesmente quer ser escutado né, então o que eu tenho pra acrescentar assim que...(...). Exatamente. Aquela experiência da esquina de sentar ali e dizer mano eu tô aqui contigo, precisando eu vou ta aqui. O que eu tenho pra acrescentar é que Deus é maravilhoso né, falando um pouco de Deus assim, Ele sempre vai nos dar suporte se a gente tiver com ele né as coisas vão acontecer no tempo dele, na hora dele. (...) ELE me deu tudo no momento presente, tudo na hora DELE (...) então eu só tenho a agradecer a Deus por tudo, por tudo que aconteceu, por tudo que tá acontecendo, por tudo que a minha família passou de novo, pelo bem estar, pela saúde, por eu tá bem, porque eu sei se eu tiver bem, minha mãe vai tá bem, meu pai vai tá bem, minha família vai tá bem, os meninos da Fazenda que me amam vão tá bem, os que não me amam também, vão tá bem também, né doutora, mas é isso assim, precisando de alguma coisa eu vou tá aqui a disposição. (...)

Egresso 3: Pras pessoas que estão recaídos que levante a cabeça, as dificuldades vem mas se a gente tiver força de vontade e ficar próxima das pessoas que querem o nosso bem a gente consegue caminhar de novo, mas se a gente olhar aquelas pessoas que estão próximas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

da gente e que querem o nosso bem como nossos inimigos a gente vai permanecer recaído e não ter forças pra levantar.

Egresso 3: Para permanecer sóbrio primeiramente Deus, segundo a força de vontade e terceiro nunca deixar de frequentar os grupos de auto-ajuda, de frequentar a instituição que participou e de botar em prática o que a Fazenda nos ensinou, sempre ajudar os outros sem ver a quem.(...)

Egresso 4: Eu queria assim acrescentar que as vezes a culpa e a vergonha até, elas impedem muito de a pessoa se recuperar né, como é... se reerguer novamente, essa é a palavra, porque ela só faz afastar cada vez mais você do caminho, a culpa e a vergonha, então, eu acredito que a pessoa não tenha que ter nenhum desses dois sentimentos se ela quiser realmente voltar pra uma vida normal, de novo. Essa foi a maior dificuldade que eu tive porque esses sentimentos de culpa, a vergonha, esse transtorno próprio que eu criei isso só fez me afastar cada vez mais, em vez de eu assumir isso de uma maneira limpa e clara... (...) Justamente isso, a humildade que eu aprendi tanto lá na Fazenda, ser humilde e tudo, eu nunca fui uma pessoa arrogante, eu nunca fui uma pessoa... mas só que dentro acho de mim, esse sentimento de culpa, aquela coisa toda, me prendia a não buscar uma ajuda, sabe. Mesmo que as pessoas sabendo e tal, eu sempre negando, a negativa principalmente, não, não, né isso, vocês não querem acreditar em mim, e isso... eu não fui humilde, eu não fui assim corajoso né de assumir realmente que tava passando por uma dificuldade, mas hoje eu vejo.. até ainda agora mesmo eu tava conversando com o X, a gente conversando, pôxa, tudo é uma questão de humildade de chegar e falar, olha realmente tá se passando isso, eu não tô conseguindo, então, esquecer essa questão de vergonha... vergonha é tá de novo, entendeu? A vergonha não é pedir ajuda, a vergonha é continuar na mesma coisa. (...) É muito difícil, eu não sei as pessoas que nunca passaram por drogas né fisicamente, mas como a minha vida toda foi de droga né, desde os 10 anos até os 23 anos, então a minha toda foi isso, então hoje para mim viver uma vida diferente é bem complicado. Então como eu to falando agora né, a questão da humildade, de buscar uma ajuda, de falar não, tá se passando isso, foi isso que eu não fiz, isso foi o meu maior erro, então hoje eu busco ser bem mais claro, buscar mais ajuda.

Egresso 5: A consideração assim que eu vejo é que eu acho que poderia fazer algo assim pelas pessoas, já fiz um pouco, mas acho que poderia fazer mais, me inteirar mais, até em participar de algum grupo. É isso, agradecer. Agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de me libertar das drogas graças a Deus. Eu tenho isso na minha cabeça que eu vou viver bem ainda, eu vivo bem graças a Deus. E, isso vai chegar ao ponto que não vai ser nenhum problema pra mim, não tá sendo, não tá sendo. Mas a gente sempre tem aquele receio né, duma coisa que eu não sinto falta é de bebida, eu não sinto falta. Mas às vezes dona Izolda o meu problema é que eu sou meio estourado, eu as vezes, vou ver se tomo uma cerveja pra despertar, mas é aquela desculpa que eu já sei que tá errado. Mas eu queria só falar mais uma coisa, eu posso? É possível a gente viver sem drogas. A pessoa mais adicta que tem é possível, eu era uma pessoa muito fissurada assim pelas drogas, fazia qualquer coisa quando tava naquele momento de fissura, e hoje em dia graças a Deus eu não... eu vejo a diferença. Apesar de ter tido algumas recaídas, mas... Não é mais como antes. Com certeza não.

Essas colocações foram de suma importância por mostrarem os efeitos que a recaída teve para alguns, que pelo visto, estavam naquele grupo de adictos que precisavam passar pela recaída para aprenderem com ela. Para outros ficou o “encontro com Deus” proporcionado pela FE, que se manifestou durante todas as entrevistas e que culminou com a fala de todos quando saem de “si”, do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

protagonismo natural do seu perfil, para se preocuparem com os "outros", que ainda estão recaídos. Essa afirmação vem de encontro ao objetivo primeiro da Fazenda que é o de ensinar a amar através da vivência do Evangelho, onde se aprende a amar a DEUS e ao irmão gratuitamente. Como diz Santos (2010), "portanto, o amor recupera, o amor torna sóbrio, o amor dá o verdadeiro sentido à vida de um ES, dentro e fora da Fazenda".

Percebemos, nas suas falas, que quase todos voltaram a participar dos GEV e de praticar atos de solidariedade ao outro necessitado, o que significa que estão caminhando e lutando por uma vida nova.

5.3.
Familiar do egresso: recaída e sobriedade

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Passaremos a apresentar e discutir os resultados das entrevistas realizadas com os familiares dos egressos da FE de Manaus, buscando identificar o seu perfil e, sobretudo se existe alguma relação desse perfil com a(s) recaída(s) e a sobriedade do seu ente familiar. Assim observamos:

Internação espontânea ou imposta pela família

Dois familiares responderam que seu parente buscou ajuda e os outros três afirmaram que eles ofereceram ajuda e seus entes adictos aceitaram.

- ✓ Família 1: Foi ele que pediu ajuda. Ele pediu ajuda, chorou muito e pediu ajuda.
- ✓ Família 2: (...) eu perguntei se ele queria ir ai ele disse que queria, e foi por conta dele, foi como resolveu ficar.
- ✓ Família 3: O pai dele ofereceu ajuda e ele aceitou.
- ✓ Família 4: (...) já tínhamos tentado ajudar várias vezes ele, só que nunca dava certo, nunca dava certo, e dessa vez não, ele que pediu ajuda.
- ✓ Família 5-A: Nós conversamos com ele, levamos ele lá pra conhecer, e, lá mesmo ele decidiu ficar, fez a carta lá mesmo e deu entrada

Encontramos uma contradição entre a fala do *Egresso 4* com sua família, pois enquanto ela afirma que dessa vez foi ele que pediu ajuda, ele, quando

entrevistado disse o contrário: "não foi também eu que pedi né, eles que me ofereceram, como eu vi que seria bom pra mim eu resolvi aceitar" (Egresso 4).

Na verdade, o que se percebe nas respostas é que a família precisa insistir no oferecimento para conseguir convencê-los a aceitar o tratamento, o que se coaduna com as referências de Kalina (2001) sobre o adicto, quando ele diz que geralmente é a família que o leva ao tratamento, pois dificilmente ele busca ajuda.

Motivo da escolha da família pela FE

Os motivos declarados apresentaram similaridade na indicação: as famílias 1 e 4 conheceram pessoas que já haviam se recuperado na FE; as famílias 2, 3 e 5 souberam do trabalho através de voluntários que visitaram e atuavam na FE.

- ✓ Família 1: "(...) conheci pessoas que já tinham se recuperado. Quando ele me pediu ajuda aí foi quando eu procurei a Fazenda e levei ele".
- ✓ Família 2: "Foi através da dona Alice (...)".[13]
- ✓ Família 3: "O motivo não sei nem te dizer porque quem levou ele lá foi o padre...(...)".
- ✓ Família 4: "Olha na realidade foi através do Y, filho do Sr. X e da dona Z. (...)"
- ✓ Família 5-A: "Eu já tinha ouvido falar e meu irmão participava do movimento Folcolare que sempre iam lá, conheciam o pessoal de lá e nós levamos ele lá".

Reclamações do egresso durante a permanência na FE

Segundo o relato dos familiares, os problemas apresentados coincidem com a maior dificuldade identificada pelos adictos com relação a sua adaptação na FE, a *convivência*. Suas reclamações também coincidiram com o pedido de adaptação, em que ainda estão travando luta interna para vencer a abstinência, para se adaptar às normas da FE e para permanecer no tratamento. Com a irritabilidade aflorada e a ansiedade acirrada, ele aceita provocações, provoca, se envolve em confusões e/ou brigas.

- ✓ Família 3: Não ele reclamou só de um rapaz que implicou lá com ele, ele queria bater no rapaz, mas bateu na consciência dele, e ele se aquietou e foi rezar o terço e não quis mais brigar com ninguém.
- ✓ Família 5 – B: Teve um problema lá. Ele veio e aqui ele ainda dormiu uma noite aqui, ele veio com uma versão lá de um rapaz (...). Houve a agressão desse rapaz, ele defendeu o rapaz, então ele veio pra cá, ele falou com Dom Mário e no outro dia levou ele e ficou até o final.

[13] Alice é uma voluntária da FE.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Para ultrapassarem esta fase de adaptação eles contam com o desenvolvimento da espiritualidade, que é muito forte na FE, como também com o carisma de "viver em unidade", já praticando o amor ao outro e sua aceitação como é, mesmo sendo diferente. Os que conseguem permanecer geralmente não apresentam mais problemas e deixam de "ver" problemas, passando a vivenciar o tratamento, a resgatar sua dignidade e, conseqüentemente , a perseguir sua meta de recuperação.

Kalina (2001) chama esta fase de "desdrograr-se", em outras palavras "aprender a viver sem drogas", e se refere a esta fase como difícil, pela própria fragilidade do ego do adicto que carece de paciência, tolerância, não sabe esperar e não tolera conviver com frustrações e ansiedade. Na leitura do autor, ele quer se curar, mas sem aceitar limitações e/ou mudanças em suas atitudes queixando-se, inclusive, pelos cuidados recebidos, e completa: "Seu ideal de tratamento é que os deixem fazer o que querem", portanto, vão resistir a qualquer medida que os deixem vulneráveis e tentar burlá-la e até mesmo sabotá-la, se utilizando de estratégias altamente sofisticadas para isso. O autor alerta que muitos adictos conseguem envolver seus familiares nesse processo e esses, mesmo anteriormente alertados, sucumbem e se tornam cúmplices, dando guarida à manipulação de seus parentes.

- ✓ Família 2: No começo ele batia de frente com o padre Anderson queria até mudar o estilo da Fazenda, você sabe como ele é. Ele queria até mudar a Fazenda, ele reclamava de tudo, a ficha dele veio mesmo cair depois de seis meses quando ele tava lá.
- ✓ Família 4: (...) ele falava que a internação era muito difícil né, convivência entre eles lá era muito difícil, então tinha uns que brigavam, teve até uma vez que eles brigaram.

Atividades (visitas, reuniões, festas) que a família participa durante a internação

As respostas indicam que todas as famílias participaram das visitas, reuniões da FE e dos GEV, embora em proporções diferentes: uns foram a todas as atividades inerentes às famílias; outros só iam às visitas e não ao GEV; uns participaram apenas enquanto o seu parente estava internado; mas a grande maioria continuou participando.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

- ✓ Família 3: Sim, eu sempre participei, eu não ia muito pra Esperança Viva né que era lá no centro, era muito dificultoso pra mim porque eu trabalhava né, (...) aí pras visitas na Fazenda eu ia.
- ✓ Família 5-A: Sim, todo 1º domingo a gente ia lá.
- ✓ Família 5-A:Na Esperança Viva não, lá eu nunca fui não, (...).

A importância desse acompanhamento e dessa participação pela família é corroborada por vários autores que pesquisaram sobre o assunto, como: Orth (2005); Matos (2008), Seadi (2007) dentre outros. Para eles a influência existente entre a família e seus membros familiares é tão forte que no caso do adicto o envolvimento da família no seu processo de recuperação é imprescindível, por ser ela seu esteio e seu elo de ligação com o mundo.

Ao vivenciar esta experiência na FE, pudemos perceber o quanto significa para eles a participação da família. A expectativa das visitas é repleta de ansiedade; de tensão; de noite mal dormida; que se refletem na hora que se levantam; na forma como se vestem e se preparam; na alegria e alívio que demonstram com a chegada dos familiares; no nervosismo e medo que apresentam quando a família atrasa; e na decepção e frustração percebida no semblante deles quando a família não comparece. Por vezes essa ausência, principalmente na primeira visita, é sinônimo de desistência por parte deles. O não comparecimento da família nos GEV e nas visitas provoca neles interpretações do tipo: *deixaram-me aqui e não querem mais saber de mim; não me perdoaram; já me esqueceram;* dentre outros. Na cabeça deles, cheia de insegurança, incertezas e culpabilidade, não há espaço para pensarem outros motivos que podem ter impedido a participação de seus familiares.

Essa importância, obviamente, também se estende à família, posto que se ela não absorver as mudanças pelas quais seu ente familiar estar passando e não se preparar para recebê-lo de volta, não saberá como lidar com ele e certamente não conseguirá ajudá-lo.

- ✓ Família 2: (...) Eu nunca parei de participar porque eu me fortaleci, porque nessa recaída, se eu não tivesse me fortalecido nisso aí, na reunião, no grupo, eu não tinha sabido resolver não, mas como eu já tava há quatro anos caminhando, essa recaída eu soube lidar bem mesmo com ele.

Outro fator interessante percebido se refere ao entendimento de que o tratamento não se conclui com a saída do seu familiar da FE, mas que é de suma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

importância que continuem participando dos grupos de ajuda e perseverando na busca contínua de alternativas para conviver com o egresso que luta contra a doença e mantê-la sobre controle:

- ✓ Família 1: Até hoje eu participo, a minha caminhada nunca acaba, nunca, nem a minha e nem a dele. Eu continuo, vou pra todas as reuniões até hoje e vou sempre até para as visitas.
- ✓ Família 4: Vai fazer três anos que ele saiu da Fazenda e até hoje nós tamos frequentando, vamos todo primeiro domingo do mês, nós participamos da sopa que a Esperança Viva faz né. No terceiro domingo e nós vamos lá, nós estamos engajados... como a gente fala a gente não pretende mais sair. Eu penso assim... Eu falo pra ele, eu vou te ajudar até onde você quiser ajuda eu te ajudo, mas se um dia tu voltar a usar droga assim, não vai ser só tu pra gente te ajudar, agora tem vários pessoas, nosso trabalho é lá mesmo, então o que a gente puder ajudar...

A família e as cartas recebidas

Na experiência vivenciada na FE, cbservamos os efeitos provocados pelo recebimento das cartas, ou a falta delas nos internos. Nos dias marcados para a chegada das encomendas, a ansiedade deles era notória e quando o carro se aproximava da instituição, a pergunta era única: “tem carta para mim?” Se a resposta fosse positiva, o sorriso era imediato, mas a negação provocava uma reação imediata de frustração, de tristeza, que era difícil conter e não adiantava tentar contornar, pois nenhum argumento era bom o suficiente para reverter à situação. Para eles funcionava como se eles estivessem cumprindo a parte deles, de “desdrograr-se”, mas se esse esforço não estivesse sendo percebido pela família, perdia a razão de ser e de continuar.

Essas experiências impulsionavam a reforçar sempre para as famílias a importância de não deixarem as cartas sem resposta e o cuidado que deveriam ter também quanto ao seu conteúdo.

- ✓ Família 1: Toda semana a gente mandava carta pra ele, ia deixar carta pra ele lá na Glória, a gente inventava qualquer assunto pra escrever pra não deixar ele na mão.
- ✓ Família 2: (...) Uma vez ele escreveu uma carta, eu ri muito dele, dizendo pra mim assim: Mãe, me manda uma sandália Kenner, se tu não mandar eu vou me embora. É, chantagem, a senhora já conhece. Eu disse assim, fulano compra uma Havaiana e manda, uma havaiana branca pra dar trabalho pra ele lavar. Se você sair meu amigo, aqui em casa eu não lhe quero não, eu botei pesado mesmo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Os familiares 1 e 2 declararam ter respondido as cartas convictos de sua importância e outros (3,4,5) de forma eventual e sem demonstrar a percepção da relevância das mesmas.

- ✓ Família 3: Algumas, ele até reclamava que eu não respondia, porque eu não tinha tempo, ele ficava até com raiva.
- ✓ Família 4: (...) eu não respondi todas às vezes não, ele mandava mais do que eu mandava pra ele.
- ✓ Família 5-A: Sim, às vezes a gente ia deixar lá na cúria.

Na leitura de Landre (2004), a família tem parte fundamental na motivação para o tratamento e para a recuperação do seu adicto, tal a importância de um para o outro. Diamond & Josephson (2005) reforçam que este engajamento familiar contribui sobremaneira para a sua permanência e adesão ao tratamento.

Mudanças percebidas pela família durante o tratamento

Todas as famílias afirmaram a percepção de mudanças nos seus entes adictos durante o tratamento e para alguns desde a primeira visita.

- ✓ Família 1: Percebi, logo nas primeiras visitas eu percebi completamente a mudança, ele estava mais compreensivo, mais atencioso, mais amável, eu percebi logo a mudança.
- ✓ Família 3: Notei, demais. O amor que ele nunca mostrou pra mim, quando eu cheguei lá ele me abraçou demais, falava coisa assim que nunca tinha falado aqui fora, que me amava, que nunca mais ia me trair, coisas assim, coisas que ele nunca tinha feito aqui fora, foi dizer que me amava.

As mudanças percebidas pela família foram de cunho comportamental e originadas não apenas por estarem livres das drogas, mas principalmente pelo surgimento de um “homem novo”.

- ✓ Família 2: Muitas, principalmente depois dos seis meses, que como já disse, foi quando ele veio entender o que era a Fazenda e todas foram pra melhor. Ele passou a caminhar melhor, passou a fazer planos e é isso.
- ✓ Família 4: Bastante.(...) Mais carinhoso, mais carinhoso, ele queria saber de todo mundo, se importava com todo mundo, ele queria ver todo mundo, só que não podia ir todo mundo, mais carinhoso.
- ✓ Família 5-A: Ele tava muito alegre, assim, mais calmo né, gostava muito dos amigos, das amizades que ele fez lá...

Afinal, a pessoa que haviam deixado na FE, debilitada, apática, isolada socialmente, desprovida de amor próprio, sentimentos, solidariedade, valores, segundo os familiares, em nada se assemelhava a que estavam reencontrando, de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

"cara limpa", semblante sereno, fisicamente reconstituído, cheio de emoção, de sentimento positivo, de demonstração de carinho, atencioso, alegre, solidário e interagindo bem com eles. Essas considerações parecem marcar a diferença entre a FE e uma clínica de tratamento. Zanom (2008) aponta a de que a FE consegue compreender que o problema maior da vida dos adictos não é a droga, mas os diversos outros motivos presentes no cotidiano, para cujo enfrentamento recorrem às drogas. Daí sua proposta de lutar pelo resgate da dignidade humana esquecida pelo vício e fazer renascer um "homem novo", com base no amor concreto, voltado para Deus e para o outro, como diz Santos (2010), que completa "Os jovens entendem que o segredo da recuperação está na prática do amor, no fazer 'atos de amor'".

Últimas visitas familiares, o que a família ouvia do seu parente com relação a sua saída

Pelas respostas dos familiares se apreende que o foco dos projetos pós-tratamento dos seus parentes eram bem ecléticos: os egressos de 1 a 4 demonstravam receio de sair:

- ✓ Família 1: (...) ele ficava um pouco assim com medo de enfrentar o mundo aqui fora, ele dizia assim: mamãe eu quero ir mais eu tô com medo de ir.
- ✓ Família 4: (...) Ele falava isso que ele ia se doar por mais um ano pra Fazenda e foi o que ele fez né, ficou mais um ano e não queria sair, ele achava que ele não tava preparado, falou que queria ficar mais um pouco.

O egresso 2 se mostrava eufórico para sair e ajudar os outros:

- ✓ Família 2: É aquilo que eu tava te falando, ele falava muito que ia ajudar quando saísse, quando ele saiu mesmo que entrou no grupo do GEV com a dona Y, no ágape ele ajuda, ele é muito bom de ajudar os outros, isso aí pra ele é... ele foi assim uma experiência muito boa na nossa vida até pra ajudar a nós mesmo lá em casa, sabe? A gente vai aprendendo, a gente aprende com ele, ele aprende com a gente, e nisso a gente vai mesmo caminhando junto.

O egresso 3, embora tenha dito que saiu com vontade de beber, para a sua companheira fez planos de casamento e de aquisição de patrimônio familiar (casa, carro, etc.):

- ✓ Família 3: (...) O que ele falava pra mim é que a gente ia comprar uma casa, esta aqui que você tá vendo. (...) que a gente ia ter nosso carrinho mesmo velho, mas a gente ia ter, que ia se casar comigo, aí se passou 4, 6 anos e em 2009 é que a gente veio casar. Os planos se concretizaram. E, ainda estão se concretizando se Deus quiser.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

E o egresso 5 também tinha planos de trabalhar e recuperar financeiramente o que tinha perdido:

- ✓ Família 5 – B: Ele tava muito cheio de planos e muito alegre, saiu bem de lá. Sim, ele saiu pra vim trabalhar né, ele pegou um emprego, mas não era um bom emprego, porque ele trabalhava com bebida e acabou recaindo, por isso a recaída dele.

Como já indicado anteriormente ao analisar as respostas dos egressos para esse mesmo questionamento, apenas dois estabeleceram um projeto de vida na FE e o respeitaram fora de seu âmbito, e os demais não conseguiram superar as dificuldades inerentes a esse processo de reinserção e desistiram.

Para Landre (2001) este processo de reinserção social do adicto provoca nele reações como: insegurança, medo do desconhecido, ansiedade, euforia, etc., que se não forem trabalhadas por uma equipe de apoio, pela família, se constituem em impeditivos de sucesso de sua recuperação..

A família procurou algum tipo de ajuda para se preparar para o retorno de seu parente

Com exceção da Família 4, que deu uma interpretação equivocada à questão, e da família 5 que evidenciou não ter tido nenhum tipo de preparo, as demais informaram ter encontrado na própria FE através de sua equipe técnica, seus grupos de apoio, suas palestras, etc.

- ✓ Família 1: A gente tinha as entrevistas, tinha as palestras com as psicólogas e assistente social lá no Esperança Viva. Eu me preparei, eu agora sou uma outra pessoa até porque a gente já procura até ajudar os outros.
- ✓ Família 2: Procuramos, é por isso que ninguém se afastou do Esperança Viva, nós ficamos assim muito unidos. (...) nesse grupo do Esperança Viva, eu entrei até no cenáculo aqui no Dom Pedro, (...).
- ✓ Família 4: Ajuda foi na própria Fazenda mesmo, a gente tá participando, de a gente ir pro grupo, na própria Fazenda mesmo.

Como já dito anteriormente, o retorno ao convívio familiar é um momento crítico para o egresso devido, principalmente, à fragilização que o seu ego apresenta para lidar com enfrentamentos (KALINA e FICHTNER, 1999). Além disso, ele vai retornar para uma realidade à qual, por não conseguir enfrentar, o levou às drogas e após passar um ano vivenciando um outro tipo de vida

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

totalmente diferente, este retorno gera um confronto inevitável e para o qual vão precisar estar preparados: egresso e familiares.

É visível a diferença do acompanhamento do adicto no seu retorno para a casa, entre os participaram do GEV e atividades da FE e os que só participaram das visitas. Infelizmente ainda se identifica que essa participação nos GEV, em alguns casos, era restrita a apenas uma ou duas pessoas da família, quando o ideal e necessário seria a participação de todos, para que houvesse um alinhamento familiar.

Landre (2001) reforça essa necessidade quando disserta sobre a importância que tem a família para o adicto, que precisa se sentir apoiado nesse momento repleto de medo e insegurança para ele, além de se sentir pertencendo ao seu grupo familiar gerando a confiança e certeza de que vai ter ajuda nas dificuldades que precisará enfrentar nessa difícil fase de transição.

Expectativas da família para a saída do seu parente

Para as famílias, com exceção da família 2 – que afirma não ter esperado que seu parente viesse um santo -, percebe-se nas demais respostas que as expectativas criadas foram todas de que seus entes jamais retornariam para as drogas. É evidente também em suas respostas, que essas expectativas foram substituída pelo sentimento de frustração quando eles recaíram.

- ✓ Família 1: As expectativas eram muito boas, ele saiu forte, bem. Só que infelizmente, logo no começo ele recaiu, foi muito complicado, muito sofrido, parece que a recaída era maior...
- ✓ Família 2: (...) Eu não criei nenhuma expectativa, que ele vinha um santo, não, eu tratei ele normal, eu só esqueci que ele usou drogas, (...) eu confiei nele, ele recaiu, se recuperou de novo e, eu continuo confiando nele.
- ✓ Família 3: Expectativa tinha muitas né, tinha muitas mesmo.(...) eu sempre sonhei em ter uma casa com ele, em casar com ele, se realizou sim.
- ✓ Família 4: Era de muita mudança né, era de muita mudança e até o momento não foi geral, né, mas foi pouco né as mudanças nele, pouco mesmo.(...) Quando ele voltou ele voltou muito bom, muito bem mesmo, mas assim, a minha irmã fala assim.. (...) que ele queria tipo assim... correr atrás do que ele não teve, (...).
- ✓ Família 5 –B: Nós ficamos esperançosos que ele... É, mas aí houve essa recaída (...).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

As frustrações percebidas nos remetem novamente à importância e necessidade do preparo por parte da família, para saber lidar com seu adicto por ocasião da sua saída, principalmente para tentar ajudá-lo a permanecer sóbrio e evitar a recaída. Para isso, precisará do engajamento de todos os membros para unidos contribuírem com a recuperação do seu parente, acompanhando suas mudanças; procurando precisar se o ambiente familiar está favorecendo a sua reintegração com a família; entendendo que a doença do seu adicto não tem cura, portanto, os cuidados são contínuos; motivando-o a dar seguimento à vida que aprendeu na FE e se possível, acompanhando-o; ficando atento aos sinais de recaída para fortalecê-lo nesse momento de vulnerabilidade e desviar o foco para direções mais saudáveis.

O exposto acima corrobora a leitura feita por autores como Orth (2005), Costa (2000). Matos (2008), Tavares et all (2008), dentre outros, da impossibilidade de tratar o adicto, seja qual for o tipo de tratamento a que ele for submetido, sem a participação efetiva de seu círculo familiar, objetivando, inclusive, fornecer à família os instrumentos necessários para que saiba como lidar com o seu drogadicto, "auxiliando-a a resgatar relações familiares que sustentem o desenvolvimento de ações que promovam a saúde e por conseqüência, a qualidade de vida das mesmas" (Orth, 2005).

Na leitura da FE, oferecer somente a libertação das drogas seria muito pouco, como diz Santos (2010). Para ele, os pais esperam muito da FE, em razão, inclusive, de todo o sofrimento que passaram e os filhos, idem, entram na FE "construindo castelos no ar" achando que só passar pela FE já vai curá-los para sempre. Na maioria das vezes entram convencidos pela família, na qual motivam seu tratamento cujo foco é sempre voltado para a reconquista de pessoas, de coisas perdidas, etc. (Santos, 2010). Para ele, mais do que oferecer a libertação das drogas, a FE "precisa oferecer um caminho para chegar a Deus, capaz de não somente libertar de todos os vícios, mas de dar sentido para toda a vida, (...), dar força para enfrentar todos os desafios da vida, do mundo, da sociedade difícil em que vivemos hoje. (...) (Santos, 2010, p. 234).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Dificuldades sentidas pela família quando do retorno do seu parente

As dificuldades relatadas sob o foco dado por cada família: a família 1 reclamou do retorno dele para as velhas amizades:

- ✓ Família 1: Voltou pras mesmas amizades, e eu sempre conversando, chegava de noite eu chamava ele, conversava, mas ele voltou pras mesmas amizades, por isso que aconteceu o que aconteceu, voltou pras mesmas amizades.

A família 2 trata como dificuldade o que na verdade se constitui numa mudança comportamental dele que, pelo próprio relato dela, influiu positivamente na família toda:

- ✓ Família 2: As dificuldades foi assim, porque na fazenda tu sabe né tem um processo muito especial, tipo assim, comer na mesa, a oração, isso aí nós num tava fazendo, tava se perdendo, a gente se perde mesmo, isso aí ele começou a organizar tudo, aí foi diferente né, porque quando as minhas irmãs chegavam aqui pra almoçar, tinha todo mundo que sentar da mesa de blusa, (...), quantas vezes eu comia olhando pra televisão, (...), a mesa já não tinha sentido, acho até que a mesa já tinha aranha por cima porque ninguém sentava na mesa, mas quando ele voltou isso aí resgatou, foi resgatando tudo isso, porque as coisas pequenas que a gente acha e é grande né, é importante, hoje a gente senta pra discutir nossos assuntos, as coisas importantes, a gente senta na mesa para discutir nossos problemas, a gente senta, lê uma partilha, vai falando o que quer e aí pronto.

No caso da família 3, percebe-se que a dificuldade relatada não tinha origem nele, mas da sogra, cujo preconceito impedia de acreditar em sua recuperação:

- ✓ Família 3: Senti demais, demais mesmo, porque eu morava na casa da minha mãe e minha mãe não aceitava ele de jeito nenhum, porque ela dizia pra mim que pau que nasce torto nunca se endireita né, ela sempre falou isso pra mim, ela nunca aceitou ele. Ele ficou dormindo lá na casinha que eu morava que era da minha mãe, mas ela nunca aceitava, era todo dia com raiva de mim, até que ela foi vendo que ele tava mudado, ela foi, foi. Tai, hoje ela gosta dele como se fosse um filho.

A família 4 manifestou apenas medo e insegurança de uma recaída:

- ✓ Família 4: Eu, eu vou falar por mim... eu sentia um medo né dele voltar, dele voltar a usar drogas...É, insegurança, acho que não era nem dificuldades, era mais insegurança.

E a família 5 tinha como foco de sua preocupação a independência financeira de seu parente:

- ✓ Família 5 – B: Justamente arranjar uma atividade pra ele que desse pra ele ficar independente desse negócio, (...), tava ruim de arrumar trabalho e...

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

No que diz respeito aos egressos, as dificuldades sentidas pelas famílias foram basicamente o medo da recaída e a inserção no mercado de trabalho, ambas totalmente dentro do contexto e difíceis de lidar.

Quanto as dificuldade de inserção no mercado de trabalho, esta é real e tem sua origem primeiramente no preconceito da sociedade que não acredita na sua recuperação e termina por inibir suas chances. Por outro lado, ao se deixar dominar pelas drogas, o adicto abandona os estudos, o emprego, seus vínculos, etc., e passa a viver num submundo que não lhe permite acompanhar a evolução do mercado e, com isso, perde totalmente o alinhamento de suas competências, condição imprescindível para quem disputa uma vaga no mercado de trabalho. A desqualificação, promovida pela distância do mercado de trabalho termina por deixá-lo à margem desse mercado, gerando nele a insegurança, falta de perspectivas de futuro e sem pertencimento, ou como diz Escorel (1999) "(...) está sem lugar no mundo".

Para sobreviver ele aceita qualquer tipo de trabalho, geralmente no mercado informal e se submete a "uma existência limitada à sobrevivência singular e diária" (Escorel, 1999).

- ✓ Família 3: (...) Começou a trabalhar dirigindo Kombi, ai isso aí foi levando ele, ele trabalhava na zona leste, entrava em buraco que só tinha aquelas coisas ruins, isso que desencaminhou ele.
- ✓ Família 5-A: Só arrumava trabalho pesado.
- ✓ Família 5 –B: Ele arranjava trabalho de caminhão, mas ele não agüentava e aí ele também ele não tinha um emprego assim, era quando pegavam carga, pegavam ele pra fazer aqueles trabalhos e ele não tava se dando bem, então eu convidei ele pra gente começar a fazer vassoura. (...)

No caso do adicto, que precisa evitar as pressões e se abster de freqüentar os lugares facilitadores de repasse de drogas, para evitar a recaída, esses tipos de trabalho, se ele não tiver muito seguro e bem assistido, funcionará como porta aberta para a recaída.

O egresso conseguiu, tentou, colocar em prática algo que havia planejado para a sua nova vida

As respostas dos familiares coincidiram com a dos seus egressos para o mesmo item, com exceção da família 3 que se confundiu e entrou em contradição com a resposta já dada, onde ela afirma que os planos que ele fez, enquanto ainda

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

na instituição, se concretizaram: o casamento, a casa e o carro,o que não ocorreu. Assim, como já dito nas entrevistas com os egressos, dois deles (egressos 2 e 3) conseguiram colocar em prática seus planos, enquanto os outros três (1, 4 e 5) fizeram pequenas tentativas, mas desistiram em seguida. No caso do egresso 1, a mãe diz achar que sim, mas ela se refere não ao período anterior que é o foco da nossa pesquisa, mas à fase atual, pós recaída e pós nova passagem pela FE.

- ✓ Família 1: Agora eu acho que ele já... agora ele já não é mais aquele Egresso 1 velho. Já me ajuda bastante, quando ele trabalhou nas eleições me ajudou bastante, qualquer trabalho que ele faz me ajuda. Já não é mais aquele Egresso 1.
- ✓ Família 2: Tá colocando, tá colocando mesmo que eu até me espantei com ele. Essa recaída dele, parece que tava precisando de um eixo, de alguma coisa, sacudiu ele, e agora ele tá assim cheio de plano e tá colocando as coisas dele avante, (...), então os planos dele graças a Deus tá indo bem.
- ✓ Família 3: Ele não colocou muito em prática, porque no começo eu fiquei meio assim com o pé atrás com ele, mais aí foi assim melhorando, melhorando e eu fui caminhando junto com ele.
- ✓ Família 4: Ele ficou um ano né, ele conseguiu ficar um ano fora, ele fez isso conseguiu ficar um ano fora, ele pretende entrar numa faculdade que ele ainda não conseguiu até agora, é isso que ele pretende fazer, ir pra uma faculdade.
- ✓ Família 5-A: Eu acho que sim, ele tentou sim. Principalmente no começo eles se reuniam pra fazer oração do terço, estava mais ligado, depois a gente vai se afastando mesmo, mas de trabalho, ele tava interessado mesmo em conseguir, agora passou muitas coisas, pois só arranjava coisas ruins né.

Fazer planos, sonhar, é muito mais fácil que colocá-los em prática, pois para isso precisa perseguir seu objetivo/meta com persistência, disciplina, limites, paciência, calma, atitudes que não condizem com o perfil do adicto, que ao contrário, como diz Kalina (2001), é impaciente, gosta de viver sem limites, é ansioso, vive um presentismo absoluto se negando a pensar em futuro, e não persevera. Assim, se justifica a não concretização dos sonhos e planos efetuados quando ainda estavam internados.

Tempo de sobriedade depois de saída da FE

O tempo informado pelos familiares nem sempre coincidiu com o tempo declarado pelos egressos, mas isso se justifica devido a duração da recaída nem sempre ser a mesma em que a família percebe ou descobre essa situação.

A família 1 não tem precisão de tempo mas lembra que foi logo (três meses segundo o egresso 1):

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

- ✓ Família 1: Eu não tenho uma base assim, mas ele caiu logo, ele não demorou muito tempo assim não.

A família 2 fala em três anos e sete meses, mas o egresso 2 confirma 2 anos e 8 meses:

- ✓ Família 2: Ele passou 3 anos e 7 meses, essa recaída foi cruel porque eu não esperava, mas...

No caso da família 3 que indicou seis meses, diferiu do egresso 3 que informou 8 meses:

- ✓ Família 3: Ah, ele passou seis meses, aí depois veio à recaída.

A família 4 deu a mesma informação do egresso: seis meses, e a família 5 não fala em prazos e diz que só de vez em quando seu egresso recai, mas ele contabilizou três meses:

- ✓ Família 4: Olha,sinceramente, não sei te dizer realmente, uns seis meses, uns seis, sete meses mais ou menos.
- ✓ Família 5- A: Acho que é só de vez em quando que ele dá uma recaída, mas normalmente ele ficava sóbrio, quando ele tava muito perturbado com algum problema assim ele...

Como já dito na análise das entrevistas dos egressos, para diversos autores, a recaída faz parte do processo de recuperação e para muitos adictos se torna necessária. (Landre, 2001; Álvarez, 2007).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Percepção de sintomas de recaída

Todas as famílias disseram ter percebido os sintomas de recaída apresentados pelos seus egressos:

- ✓ Família 1: Sim, ele começou a trabalhar, logo, (...) e quando começou não querendo ir, eu percebi logo, ele abandonou o emprego, eu percebi logo.
- ✓ Família 2: Percebi, percebi e não quis acreditar de novo, entendeu, eu dizia não é ele. (...)
- ✓ Família 3: Na hora, na hora.
- ✓ Família 4: O primeiro sintoma assim que eu achava assim é a bebida, que ele começou a beber... ele começou a beber..
- ✓ Família 5-B: Deu pra perceber porque ele chegou tarde, sereno, mas ele escondia muito, ela saia do restaurante meia-noite, duas horas da madrugada, então ele vinha pra

casa,(...) e paravam pra tomar uma cerveja lá até que ele acabou tomando uma cerveja com ela e daí começou.

Aspectos facilitadores de recaída

A leitura dos familiares quanto aos motivos da recaída coincidem com as de autores como Kalina (2001) que refere a bebida como a causa mais comum para a recaída, independentemente de ser esta o foco do seu vício, vejamos:

- ✓ Família 4: O fato de ter começado a beber em festas.
- ✓ Família 5 –B: O meio que ele tava, com bebida.

No caso da família 1, apesar de ela não ter citado a bebida, na entrevista dele ele acusa veementemente a única latinha de cerveja que tomou como pivô de sua recaída, mas como a sua família, também faz referência ao local onde estava e com quem estava. Assim, sua família tem razão em imputar a recaída de seu egresso ao retorno às velhas amizades, pois como bem posto por Landre (2001), é muito importante que neste processo de reinserção social o adicto saiba mudar seu estilo de vida, ou seja, não retornar as velhas companhias; não freqüentar os mesmos lugares de antes e saber identificar as situações de riscos, que incluem lugares, pessoas, hábitos, etc., o que não foi feito pelos egressos das famílias abaixo:

- ✓ Família 1: Acho que foi mesmo as amizades que ele procurou, porque em casa eu fazia tudo, acho que foram as amizades. Ele falou que foi uma garota... eu não posso afirmar...Não tenho certeza.
- ✓ Família 2: (...) sabe qual foi o problema do Egresso 2, (...) foi problema de mulher, (...) aí ele se envolveu muito mesmo, se envolveu com uma mulher casada e esse foi o fim.
- ✓ Família 3: (...). Começou a trabalhar dirigindo Kombi, ai isso aí foi levando ele, ele trabalhava na zona leste, entrava em buraco que só tinha aquelas coisas ruins, isso que desencaminhou ele.

Atitude da família ante a constatação da recaída

As atitudes tomadas pelos familiares ao se depararem com a recaída dos seus entes adictos foram praticamente as mesmas: sofrimento, impulso de desistir, de abandoná-lo à própria sorte, mas principalmente conversar com ele, muita oração e ajuda para se reerguer:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

- ✓ Família 1: (...), a atitude do pai foi conversar, pois na primeira vez o pai foi contra, mas agora começou a entender. A atitude foi a gente conversar muito com ele, dando conselhos pra ele... E, se fortaleceu né.
- ✓ Família 2: (...) Mas meu primeiro impacto assim foi abandonar mesmo ele, eu digo assim, eu não vou mais sofrer, porque tu sabe a primeira vez o que eu passei, eu fiquei doente, tive um aneurisma, mas aí agora dessa vez eu disse não vou mais ficar doente por causa disso, eu não vou ficar mesmo, vou seguir.
- ✓ Família 3: Ai, eu chorei demais, eu disse que ia deixar ele (...). Mas aí eu pensei em separar, mas eu sempre ali rezando, (...)
- ✓ Família 4: Ai, eu fiquei muito arrasada, eu fiquei muito arrasada, (...) Pois é foi de decepção mesmo. (...) eu peguei ele e levei ele de volta pra casa dele né, (...) Várias vezes... a gente conversa muito, eu e meu marido somos o que conversamos mais com ele, puxamos mesmo a orelha dele...
- ✓ Família 5-B: Dar conselhos, mostrar o caminho, isso foi muito difícil.

A recaída é o temor de toda família e para o adicto é também um sofrimento, pois ele, que já se achava invulnerável, volta a se deparar com a sua fraqueza e se considera um fracassado por não ter conseguido resistir. Na família, funciona como um *replay* e ela não acredita que está vivendo tudo de novo e fica difícil o entendimento que talvez ele precise passar por isso para se reerguer mais fortalecido rumo a sua recuperação (Álvarez, 2007; Landre, 2001).

Gikovate (2004) reforça que é preciso muita paciência, tolerância e companheirismo para ajudar o adicto, pois como diz Tiba (2007) “apenas o início do uso de drogas depende da vontade do indivíduo porque depois do uso inicial, quem passa a ter o comando é a química dos neurotransmissores”.

A contribuição da família para a sobriedade

Essa contribuição elencada pelas famílias corresponde à paciência, tolerância e companheirismo difundidos por Gikovate (2001), assim como à compreensão sobre a recaída citada por Landre (2001) e outros. Como se pode intuir pelos depoimentos abaixo, nenhuma família deixou de perseverar na ajuda ao seu parente; de rezar; de continuar buscando ajuda e se fortalecer; de acompanhar, e, principalmente, nenhuma família desistiu.

- ✓ Família 1: Continuo participando das reuniões, da visita sou uma voluntária que não sou praticante, porque tem uma mãe doente, um filho deficiente, mas quando posso vou lá, vendo agenda, faço tudo assim pra ajudar.
- ✓ Família 2: A maior contribuição da minha família? Foi ter me acompanhado junto com ele, foi tá lá na Fazenda, carta, foi amor mesmo que a minha irmã teve, isso foi fundamental mesmo na vida dele. E, a minha neta, essa menina foi tudo assim na vida dele, (...) ela foi assim um eixo pra recuperação dele, (...)
- ✓ Família 3: Acho que é só procurando Jesus, só isso, indo pra igreja, acompanhando ele também, tudo isso.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

- ✓ Família 4: (...) eu falo pela minha família, entendeu? Eu acho que sim, tá cobrando, tá mostrando... (...) Eu sempre falo pra minha mãe, a gente não pode desistir nunca, a gente tem que estar em cima, tem sempre que estar atrás, correndo...
- ✓ Família 5-B: O que a gente pode fazer por ele a gente faz por ele, eu ajudo aqui quando ele tem um problema...

Outros aspectos

- ✓ Família 1: Acrescentar que a Fazenda da Esperança abriu as portas pra mim viver, por que... eu até me emociono... (...), devo tudo à Fazenda da Esperança, a Família da Esperança é tudo pra mim, é minha segunda família. (...) Eu nunca vou desistir continuo nessa minha caminhada, freqüento o grupo de orações (...) eu não vou parar não enquanto eu tiver viva (...) minha caminhada vai continuar se fortalecendo. Ele está lá ajudando esses dias, um dia desses saiu daqui dez e meia com um rapaz para levar pra lá, ele já está procurando ajudar outras pessoas. Do que depender pra Fazenda eu to aqui qualquer dia, qualquer hora, do que depender em termos de Fazenda da Esperança eu to aqui pra ajudar...
- ✓ Família 2: (...) O que eu acrescento assim pra nós mães né, é que a gente tem que acompanhar todos os grupos, todas as reuniões ficar acompanhando a Fazenda assim do começo mesmo e se entrosar mesmo, que tu sabe como lidar com o problema, se a gente se afastar... quantas mães que eu vejo o filho recair e elas estão sem chão. (...) qualquer coisa assim relacionada à Fazenda a senhora sabe que pode achar o apoio de nós assim quando a senhora precisar.
- ✓ Família 4: (...) a gente não pode desistir nunca né, desistir nunca mesmo, é como eu te falei se ele não quiser ajuda assim, a gente vai continuar oferecendo ajuda, a gente vai continuar oferecendo ajuda até quando a gente puder, a minha mãe mora hoje em Boa Vista, ela é engajada na Fazenda de Boa Vista, antigamente ela falava se ele recair ela não queria saber mais dele, só que hoje em dia ela pensa diferente.(...)

Nessas declarações espontâneas dos familiares, eles ressaltaram: sobre a importância da FE na vida deles (família 1); as palestras e a participação nas reuniões do GEV fizeram toda a diferença para eles (família 2); como a espiritualidade passou a fazer parte da fala deles (família 3); como um envolvimento maior com a FE mudou o pensamento da família 4; e, finalmente, como é difícil para a família dizer “não” e como terminam sucumbindo à pressão de seu adicto (família 5).

- ✓ Família 3: Eu queria acrescentar é que Deus sempre ajude a gente, dizer que eu amo muito ele também e que a gente possa construir mais e mais.
- ✓ Família 5-A: Tem uma coisa aí: no ano passado ele teve mais uma recaída, (...) e já apareceu aqui de madrugada querendo dinheiro, querendo dinheiro pra usar drogas. Ai foi um escarcéu, era o papai, era o meu irmão e eu tentando convencer, mas não tinha quem fizesse. Aí fiquei bem meia hora a gente tentando convencer ele, aí ah! quer saber de uma coisa, dei os 10,00 reais que ele queria ele foi embora e ele voltou mais tarde sereno, caiu aí e dormiu.

É importante ressaltar que novamente o amor prevalece em todas as falas dos familiares, mesmo que nas mais diversas formas: *amor pela FE* (famílias 1 e 2):

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

- ✓ Família 1: (...), devo tudo à Fazenda da Esperança, a Família da Esperança é tudo pra mim, é minha segunda família. (...)
- ✓ Família 2: (...) qualquer coisa assim relacionada à Fazenda a senhora sabe que pode achar o apoio de nós assim quando a senhora precisar.

Amor pelo seu ente familiar (famílias 3, 4 e 5):

- ✓ Família 3: Eu queria acrescentar é que Deus sempre ajude a gente, dizer que eu amo muito ele também e que a gente possa construir mais e mais.
- ✓ Família 4: eu digo pra ele eu vou te ajudar até quando eu puder, eu só não vou poder ir pro fundo do poço junto contigo, isso aí eu não vou fazer não, mas se você quiser minha ajuda, eu tô aqui pra lhe ajudar, (...) Se você não quiser tem um monte aí fora que quer ajuda...
- ✓ Família 5-A: Tem uma coisa aí: no ano passado ele teve mais uma recaída, (...) já apareceu aqui de madrugada querendo dinheiro, querendo dinheiro pra usar drogas. (...) Aí fiquei bem meia hora a gente tentando convencer ele, aí ah! quer saber de uma coisa, dei os 10,00 reais que ele queria ele foi embora e ele voltou mais tarde sereno, caiu aí e dormiu.

Amor pelo próximo (1, 2 e 4):

- ✓ Família 1: Do que depender pra Fazenda eu to aqui qualquer dia, qualquer hora, do que depender em termos de Fazenda da Esperança eu to aqui pra ajudar...
- ✓ Família 2: Olha, muito obrigada quando a senhora precisar, qualquer coisa assim relacionada à Fazenda a senhora sabe que pode achar o apoio de nós assim quando a senhora precisar.
- ✓ Família 4: (...) eu nunca faltei a nenhuma visita quando ele tava lá, até hoje, eu toda vida tô lá, eu, meu marido, minha filha, ela vai comigo mesmo, ela participa mesmo e eu falo pra ele, se quiser minha ajuda eu te ajudo, só não posso ir pro fundo do poço com você. Se você não quiser tem um monte aí fora que quer ajuda...

Esses exemplos vêm de encontro a celebre frase de Chiara Lubich, fundadora do Movimento Focolare, cujo carisma é adotado pela FE: “Amar é um bem. Saber amar é tudo”.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

6.
CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cerne da pesquisa que realizamos se constituiu na busca de uma compreensão dos motivos que provocaram em determinados egressos da Fazenda da Esperança de Manaus do período de 2005 a 2008, a(s) sua(s) recaída(s). O interesse pelo tema se originou da vontade de contribuir com os profissionais que atuam nela, contribuir também com o adicto e sua família na manutenção de sua sobriedade.

As indagações: Qual era o perfil desse adicto que buscava tratamento na FE? Se ele conseguiu permanecer por um ano em tratamento, longe das drogas, o que o fez recair? Onde estão as dificuldades? Qual a participação efetiva da família nesse processo de recaída/sobriedade? foram consideradas respondidas ao final do estudo.

A análise documental feita remeteu ao seguinte perfil dos 146 adictos que participaram do programa de recuperação da FE no período estudado: a grande maioria (76%) começou a usar drogas antes dos 20 anos e destes, 42% antes dos 15 anos, confirmando-se a leitura de Kalina (1999) e Freitas (2002). Quando procuraram à FE para tratamento 64% tinha entre 14 a 30 anos e destes, 29% tinham entre 21 a 25 anos. O motivo mais alegado para ingressar nas droga foi à influência de terceiros, o que se coaduna com a leitura de Freitas (2002) e Gikovate (2004). No concernente ao grau de escolaridade, 67% deixaram de concluir seus estudos nos três níveis: básico, médio e superior. O estado civil de 64% era solteiro, 48% informaram ter filhos e 83% afirmaram ter ocupação. Como drogas mais consumida apontaram o álcool (56%) que coincide com o resultado do II Levantamento sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil realizada em 2007 pelo SENAD & Universidade Federal de São Paulo, apenas no que se refere ao álcool, também apontado na referida pesquisa, como a droga de maior prevalência, junto com o tabaco. Para o nosso adicto, o tabaco/ cigarro ficou em 5º lugar na sua preferência, tendo a pasta base em 2º lugar com 50% de adeptos, a maconha em 3º com 38% usuários e o 4º lugar com a cocaína, consumida por 38% dos referidos adictos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

A análise apurada dos dados apreendidos junto aos cinco egressos entrevistados, mostrou que três deles tinham histórico de adicção na família, o que corrobora com o pensamento de Kaufman (1980) e Rezende (1997) quando afirmam ser comum encontrar outros membros com comportamentos adictos na família dos dependentes. Dois apresentaram conduta anti-social, um motivado pelo vício e o outro inerente ao temperamento forte e impulsivo que o levou a vários desentendimentos durante sua caminhada na FE e que fora desse ambiente, segundo ele próprio, tem lhe causado problemas e, inclusive, contribuiu com suas recaídas. Todos ingressaram nas drogas com menos de 20 anos, sendo três deles com menos de 15 anos e, desses, um com 10 anos. Para quatro deles a motivação foi a influência dos colegas, mas um desses começou a beber em casa, junto com os tios, e o quinto, buscou nas drogas refúgio para os conflitos familiares que assistia (o pai bebia e batia muito na mãe). Quanto ao uso, só um já iniciou usando cocaína, três começaram com maconha e um com bebida, mas posteriormente os quatro evoluíram para a pasta base, a preferência da maioria dos adictos que passaram pelo programa de recuperação. Dos cinco, apenas dois não tiveram problemas com a polícia e a justiça e quando entraram na Obra, três deles tinham mais de 10 anos de vício e dois mais de sete anos.

No item sobre os problemas que passaram a ter após o consumo de drogas, todos tiveram problemas familiares, o que é esperado devido sua mudança comportamental perante a família e a sociedade; um alega ter sido desprezado pelo pai e pela irmã e reconhece que ficou agressivo; três perderam estímulos para estudar, trabalhar, e isso se reflete no grau de escolaridade atual, onde apenas dois têm o ensino médio completo, contra três incompletos. A faixa de idade deles hoje varia entre 30 a 37 anos e apenas um com 27 anos, e os cinco informaram ter ocupação. O estado civil de três continua solteiro, um casou e o outro vive maritalmente. No item filhos, apenas um ainda não tem filhos e na composição familiar, dois solteiros moram com os pais e um com as irmãs, pois os pais são separados e a mãe mora em outro estado.

No item relacionamento com os pais percebe-se uma maior afinidade com a mãe, com exceção de um que foi criado pelos avós paternos e não tem muita afinidade com os dois. Já com os filhos o relacionamento declarado foi bom, com exceção de um cujos dois filhos na época da entrevista ainda não haviam nascido e estavam sendo esperados, um para janeiro e outro para fevereiro (2011).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Os resultados da pesquisa confirmam, através da fala dos egressos, a relevância que a família tem na vida deles, seja motivando-os a se recuperar, a se manter sóbrio e até a se reerguer da sua recaída. Ela continua sendo seu norte, seu esteio, sua referência maior, seu vínculo, sua unidade fundante de pertencimento, enfim, seu fator de humanização, de reflexão e de significados, portanto, sua participação em qualquer etapa do seu tratamento, do seu retorno pra casa, as sua reinserção, da sua recaída. Ela é fundamental e imprescindível.

As famílias entrevistadas mostraram ter acompanhado seus adictos durante seu período de internação, três delas ativamente, estando presentes em todas as atividades da FE, e duas participando mais da visita. O importante foi a percepção dos egressos que se sentiram literalmente apoiados durante todo o seu tratamento.

As famílias que participaram de todas as atividades oferecidas se sentiram mais preparadas, conforme seus depoimentos, para lidar com seus adictos por ocasião de suas saídas e por ocasião de suas recaídas. No entanto, percebe-se que essa participação se restringe quase sempre a duas pessoas no máximo quando o ideal seria o envolvimento e a participação de todos os membros significativos, tendo em vista que a família não é composta apenas dessas duas pessoas, mas daqueles que vivem juntos no mesmo espaço para o qual o adicto vai retornar, portanto, se todos não estiverem devidamente preparados e unidos para este acolhimento, certamente o confronto que o egresso enfrentará será mais difícil de superar.

Afinal, após passar doze meses vivenciando um tipo de vida baseada no amor recíproco, na unidade, no diálogo, na espiritualidade e no trabalho, ele retorna para uma realidade onde não vai encontrar o mesmo tipo de vida que deixou lá, até pela própria contingência do cotidiano que é inerente a cada membro do seu grupo familiar, cujas rotinas diferem umas das outras e impedem que se estabeleçam as ações que eram praticadas no programa, como: rezar; fazer as refeições e trabalhar juntos; ir para a igreja juntos; sentar semanalmente com toda a família para trocar experiências, falar de si, tomar decisões em unidade, etc..

O adicto ao concluir seu tratamento fica temeroso com o que vai precisar se defrontar frente à família e à sociedade (sem o subterfúgio das drogas); e às dificuldades de inserção no mercado do trabalho. Vai precisar aprender a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

desenvolver suas ações de espiritualidade, trabalho e convivência por sua iniciativa freqüentando novos ambientes e construindo novas amizades evitando tudo o que fazia parte do seu mundo de adicção. Enfim, as mudanças inerentes a esse confronto de realidades são muitas e difíceis de absorver, principalmente para quem já tem um perfil de vulnerabilidades emocionais, econômicas, sociais e culturais.

Ficou evidente perceber no estudo, as dificuldades vivenciadas pelos egressos entrevistados com relação ao retorno ao convívio familiar, principalmente quando tentaram dar seguimento à sua vida. Nessa perspectiva de dar vida ao "homem novo" que se construiu lá na Obra, o que se registrou de suas experiências é que alguns conseguiram algum sucesso alterando hábitos familiares, outros se sentiram frustrados por não conseguirem o envolvimento da família, e todos tentaram continuar participando dos GEV e das visitas na FE, mas só alguns persistiram por mais tempo, os demais aos poucos foram se acomodando e se deixando envolver pelo "homem velho".

A questão mais relevante para a recaída desses egressos foi a facilitação que eles mesmos assumiram depois quando deixaram de tomar as precauções imprescindíveis para a manutenção de sua sobriedade. Eles têm essa percepção, assim como seus familiares, Na fala deles aflorou a compreensão que se achavam invulneráveis aos apelos das drogas até à recaída. Mas é significativo, que nenhum dos egressos quis deliberadamente retornar ao uso de drogas.

Cabe ressaltar, que a recaída para eles, não começou apenas quando consumiram drogas, mas bem antes, quando desistiram de persistir na manutenção daquilo que retiveram da experiência vivida no programa de doze meses; quando deixaram de freqüentar os grupos de apoio; quando voltaram a se acompanhar dos seus antigos companheiros de uso, quando passaram a freqüentar os lugares onde há a facilitação de drogas; quando se envolveram em situações de risco que os deixaram pressionados; quando se sentiram poderosos e imunes às eventualidades, chegando a ingerir bebidas alcoólicas como se seu efeito não fosse lhes afetar sobremaneira. Todas as famílias declararam ter percebido esses sintomas, mas não souberam lidar com eles e evitar a recaída.

A família teve alguns descuidos como convidar seu adicto para trabalhar num local servindo bebida, em contato constante com um dos produtos do qual deveria manter se distante; ou convidá-lo e/ou acompanhá-la a lugares que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

freqüentava antes, enquanto consumidor de drogas e ainda lhe acompanhar na bebida, talvez por desconhecer que a ingestão de bebida funciona como facilitador e indutor da recaída, como ressaltam Kalina (2001) e Leite (2001). Isto mostra a importância de fortalecer o trabalho junto à família, para ela melhor conhecer as condições da drogadição e a necessária sobriedade buscada.

A recaída causou enormes sofrimentos a ambos (egresso e família), inclusive porque nenhum deles esperava passar de novo por tudo o que advém desse processo. Convém salientar, porém, que nenhuma família deixou de perseverar na luta para ajudar seu ente familiar e corresponderam à contribuição que Gikovate (2001) aponta como necessária por parte da família para ajudar seu adicto a se reerguer, que são a paciência, a tolerância e o companheirismo.

Outro entendimento trazido pela pesquisa foi a percepção de que a recaída, diferentemente do que era pensado antes, não elimina o "homem novo" que foi construído e/ou resgatado, pois de certa forma, como afirma Álvarez (2007), ela faz parte do processo de reabilitação do adicto, ou seja, não significa, em nenhum momento, que ela tenha fracassado e não possa se recuperar novamente. Como diz Kalina (1999), não se pode esquecer que dependência química é um transtorno crônico, portanto vai estar sempre sujeita à recaída. Isso não invalida os cuidados necessários para evitá-la, como a necessidade de freqüentar os GEV ou outros grupos de ajuda e/ou ou procurar ajuda profissional, tanto pelos pais como pelos adictos; de continuar freqüentando à FE ou outros espaços de apoio.

Outra questão de extrema relevância é a constatação de que a passagem do adicto pela Fazenda fez toda a diferença no soerguimento dele nesse processo de recaída, na sua visão de mundo e de seus familiares, assim como trouxe a espiritualidade de forma mais presente e efetiva para suas vidas. Essa diferença se consolida através dos trechos abaixo extraídos das entrevistas com egressos e familiares:

> *"A Fazenda me deu a minha vida de volta, se não fosse a Fazenda, hoje eu tava na cadeia ou tava no cemitério"*
>
> *"e a Fazenda me fez, me ensinou a voltar ao Egresso 1 de antigamente, um homem novo"*
>
> *"A Fazenda da Esperança, eu digo sempre que é minha segunda família, ela trouxe a maior experiência da minha vida que foi Deus"*
>
> *"A Fazenda da Esperança realmente como ela fala lá na entrada é um retorno à*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

vida, então isso foi um retorno realmente à vida"

"a Fazenda da Esperança abriu as portas pra mim viver, por que... eu até me emociono... (...), devo tudo à Fazenda da Esperança, a Família da Esperança é tudo pra mim, é minha segunda família"

Esta pesquisa não pretendeu avaliar os trabalhos desenvolvidos pela Obra.

O que podemos concluir, sem pretender generalizar, é que o grupo estudado, embora tenha vivido a situação da(s) recaída(s) conquistou uma capacidade de retorno à sobriedade, com sofrimento e equívocos.

Ressaltamos, de um lado a importância de ser trabalhado com os egressos e seus familiares as diferenças encontradas em um regime de rotina de recuperação e a realidade social que os envolve ao retornarem ao seu cotidiano, de forma a criarem novas possibilidades de encaminhamento para os óbices que se apresentarem no pós tratamento. De outro, há necessidade de enfatizar a continuação das ações de apoio, tipo: o GEV, a Família Esperança, a Esquina da Esperança, sem deixar de insistir na pertinência da formulação e implementação de políticas públicas voltadas para a questão de Dependência.

.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

7.
Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, R. **Aumenta em 250% a busca por tratamento contra drogas no Amazonas.** Disponível em: < http://www.pt.shvoong.com/medicine-and-health/>. Acesso em: 25 mai. 2009.

ÁLVAREZ, A. M. A. **Fatores de risco que favorecem a recaída no alcoolismo**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v56n3/a06v56n3.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2010.

ANNAN, K. **Falemos de Drogas**. Disponível em: <http://www.nossosaopaulo.com.br/.../ONU_TraficoDrogas>. Acesso em: 15 mai. 2009.

ARNT, R. **Viciados no Local de Trabalho**. Disponível em: < http://www.centroatl.pt >. Acesso em: 04 jun. 2009.

AVI, M. C. & SANTOS, M. A. Percepção do relacionamento familiar em mães de adolescentes usuários de drogas. In M. A. V. Luis & M. A. Santos (Orgs.), **Uso e abuso de álcool e drogas:** trabalhos apresentados no VI Encontro de Pesquisadores em Saúde Mental e V Encontro de Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica. Ribeirão Preto, SP: FIERP-EERP - USP/FAPESP, 2000, p. 115-125.

BAHLS, F. R. C., & INGBERMANN, Y. K. **Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência**. Estudos de Psicologia. Campinas: 2005, p. 395-402.

BARBOSA, A. **O percurso do toxicodependente para a cura**. <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0105.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2010.

BARRETO, S. F. **Entrevista à Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas** – ABEAD. Disponível em: < http://www.abead.com.br >. Acesso em: 04 jun. 2009.

BARROS, M. A. **Os profissionais do Programa Saúde da Família frente ao uso, abuso e dependência de drogas.** Disponível em: < http:// www.teses.usp.br/teses/.../tde-18072006-163801/>. Acesso em: 02 jul. 2009.

BARROS, R. P., HENRIQUES, R. & MENDONÇA, R. A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil. In: R. Henriques (org.). **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, Rio de Janeiro, 2000, p. 21-47.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

BASTOS, F. I.; BERTONI, N.; HACKER, M.. **Consumo de álcool e drogas:** principais achados de pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034...script=sci...>. Acesso em: 01 jul. 2009.

BAUMAN, Z. **Globalização:** as conseqüências humanas**.** Rio de Janeiro; Zahar Editora, 1999. p. 81.

BAUMKARTEN, S.; TATSCH, D. T.; MAURINA, L. R. C. O Abuso de Drogas como sinalizador de necessidades de mudanças nas famílias**.** In: XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 2007, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2007. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/.../1156_sessoes_resumo.htm>. Acesso em: 16 ago. 2009.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERGERET, J. A personalidade do toxicômano. In: BERGERET, J.; LEBLANC, J. (org.). **Toxicomanias, uma visão multidisciplinar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BLEFARI, A. de L. **A Família e a drogadição.** Disponível em: <http://www.sobresites.com/dependencia/.../Familia_e_a_Drogadiccao.pdf >. Acesso em: 12 jul.

BRASIL. Resolução Nº 3, de 27 de outubro de 2005. **Gabinete de Segurança Institucional,** Conselho Nacional Antidrogas, Brasília, DF, 2005.

BRETAS**,** R. & MUNIZ, L. R. **E o que eu tenho a ver com isso?** Disponível em: <http://www.portalmie.com/Canais/colunas/drogas >. Acesso em: 26 set. 2009.

BULACCIO, B. Família e a clínica da drogadição. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa. Brasília, v. p. 459 - 467, 1992. Suplemento.

CAMPOS, G. M. de; FERREIRA, R. F. **A importância da legitimação social na (re)construção da identidade de um alcoolista.** Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/**scielo**.php?script >. Acesso em: 01 jun. 2009.

CARBALLO, J. R. Viver e proclamar a esperança. In **Esperança**. Guaratinguetá/ SP, sem data de edição, p. 32.

CASADO, J. **Portas escancaradas**. Disponível em: < http://www.epoca.globo.com >. Acesso em: 01 jun. 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

CASTELÕES, L. **Brasileiros são mais dependentes em álcool, tabaco e maconha**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/especial/drogas/drogas01.htm >. Acesso em: 06 jun. 2009.

CASTRO, N. S. **Intervenção do Serviço Social junto à família do alcoolista**. Disponível em: <http://www. nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/alcoolista.pdf >. Acesso: em 26 set. 2009.

CAZENAVE, S. de O. S. Drogas: classificação e efeitos no organismo. In: SERRAT, S. M. (Org.). **Drogas e Álcool Prevenção e Tratamento.** Campinas, São Paulo: Editora Komedi, 2001. p.59-77.

CHAVEZ ALVAREZ, M. G. Narcotráfico: um novo ítem nas relações entre os EUA e a América Latina. In **Política e Estratégia** 7(1), p.40-52. São Paulo, Centro de Estudos Estratégicos, 1989 (mar-abr.).

CIRINO, O. & MEDEIROS, R. (Orgs.). **Álcool e outras drogas:** escolhas, impasses e saídas possíveis. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

COSTA, A. B. da. Exclusões Sociais. In: **Debates Sociais**. RJ. CBCISS n° 65/66, ano XLI, 2006, p. 47-56.

COSTA, A. C. L. L. A família e as drogas. In: Bucher, R. **Prevenção ao uso indevido de drogas**. Brasília: editora da Universidade de Brasília. 2v, 1989, p. 77-84.

COSTA, S. F. **O processo de reinserção social do dependente químico após completar o ciclo de tratamento em uma comunidade terapêutica.** Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v3n2_processo.htm>. Acesso em: 04 jun. 2009.

CUNHA, J. R. N. A Psicodinâmica Familiar e o Uso de Substâncias Psicoativas. In: **Interdisciplinaridade em Saúde Mental**. Org: Guimarães L. Campo Grande: UCDB, 2000.

DEMO, P. Politicidade da Pobreza In: **Pobreza da Pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 17-126.

DIAS, A. **Efeito colateral**. Disponível em: < http://www.vancesa.abril.com/edicoes >. Acesso em: 04 jun. 2009.

DIEGUEZ, C. **Receita para fugir do abismo**. Veja, nº 2, 90-91, 2000, 12 de janeiro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

DIMENSTEIN, M.; CRIVES, M. N. dos S. **Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um programa público.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104...script=sci...>. Acesso em: 01 jul. 2009.

DRUMMOND, M., & DRUMMOND Filho, H. **Drogas:** a busca de respostas. São Paulo: Loyola, 1998.

Editorial: O Carisma da esperança chegou ao coração da igreja. Guaratinguetá/ SP. Fazenda da Esperança: Retorno à Vida, 2010.

EINSTEIN ÁLCOOL E DROGAS. **A importância da família no tratamento.** Disponível em:<http://www.clinicasderecuperacao.com.br/.../importancia_da_familia_no_tratamento.html>. Acesso em: 10 jul. 2009.

ELGUES, G. B.; OLIVEIRA, R. G. **Estresse e estratégias de enfrentamento em familiares de dependentes químicos.** Disponível em: < http://www. guaiba.ulbra.tche.br>. Acesso: em 12 jan. 2010.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ESCOREL, Sarah. Exclusão Social: em busca de uma categoria In: **Vidas ao Léo**: Trajetórias de Exclusão Social. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. p. 15-81.

FACCIO, G. **Alcoolismo:** um caso de saúde pública. Uma revisão bibliográfica sobre a dependência de álcool no Brasil. Disponível em: < http://www. lume.ufrgs.br/handle/10183/15412>. Acesso: em 01 jul. 2009.

FEIJÓ, M. C.; ASSIS, S. G. **O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413...script=sci...>. Acesso em: 01 jul. 2009.

FENDER, S. A. A importância do envolvimento de familiares no tratamento de dependentes de drogas: uma experiência no PROAD. In: SILVEIRA, D. X. da e GORGULHO, M. (Org.). **Dependência**: compreensão e assistência às toxicomanias (uma experiência do PROAD). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 81-86.

FERNANDES, T. Um olho na rua e outro em casa. In: **Ciência Hoje** – Revista de divulgação científica da SBPC. Vol 37, 2005.

FLEMING, M. **Família e toxicodependência**. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

FORMIGA, N. S. **Traços de personalidade e dimensões disposicionais a drogadição**: a influência da busca de sensação, a intensidade e novidade no uso potencial de drogas em jovens. Disponível em: < http://www.psicologia.com.pt >. Acesso em: 03 abr. 2009.

FRANCO, M. **Dependência Química...** Um novo olhar! Disponível em: <http://www.renascersaude.com.br/arquivos/Dependencia%20quimica.pdf >. Acesso em: 26 set. 2009.

FREITAS, H. **Manaus torna-se pólo da cocaína rumo ao exterior**. Disponível em: <http://www.noticias.terra.com.br/brasil/interna/>. Acesso em: 25 mai. 2009.

FREITAS, L. A. P. **Adolescência, família e drogas:** a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

GIKOVATE, F. **Drogas:** opção de perdedor. São Paulo: Modela, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed., São Paulo, Ed. Atlas, 2006.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008. p. 110.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 53.

GOMES, M. A.**;** PEREIRA, M. L. D. **Família em situação de vulnerabilidade social:** uma questão de políticas públicas. Disponível em: < http://www.scielosp.org/pdf/csc/v10n2/a13v10n2.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2010.

GOMIDE, P. I. C. **Pais presentes, pais ausentes**. Petrópolis: Editora Vozes; 2004.

GUEDES, I. S. **A importância do envolvimento da família no tratamento do usuário de drogas.** Disponível em: < http://revista.newtonpaiva.br/seer/index.php/RevistaPsicologia/.../52>. Acesso em: 10 jan. 2010.

GUEIROS, D. A. Família e proteção social: questões atuais e limites da solidariedade familiar. In: **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 71. São Paulo, Cortez, 2002, v. 71, Ano XXIII.

GUERRA GLOBAL. **Revista Galileu Especial,** n 3. Disponível em: < http://www.antigrogas.com.br >. Acesso em: 15mai. 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

GUIMARÃES, A. B. P. et all. **Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas.** Disponível em: < http://www. *hcnet.usp.br/ipq/revista/vol36/n2/69.htm* >. Acesso em: 06 jul. 2009.

HERMETO, E. M. C. **A Família Contemporânea e uso de drogas ilícitas**. Disponível em: <http://www.artigonal.com/...familia.../a-familia-contemporanea-e-uso-de-drogas-ilicitas-116147.html>. Acesso em: 10 jan. 2010.

HERMIDA, A. P. P. **A influência do ambiente familiar e do grupo de amigos na dependência de drogas entre adolescentes.** Disponível em: < http://www. newpsi.bvs-psi.org.br/tcc >. Acesso em: 12 jan. 2010.

HORTA, R. L. **Mulheres e Drogas:** O que a família tem com isso? Argumentos do Discurso Contemporâneo. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=727>. Acesso em: 12 jan. 2010.

HUMMES, C. Deus, sim, os amou! In **Esperança**. Guaratinguetá/ SP, sem data de edição, p. 48.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 1983.

JORNAL A CRÍTICA – Manaus, AM, 18 e 19/11/2010 – Nota da redação - acritica.uol.com.br/ - Acesso em: 20/11/10

KALINA, E. **Clínica e terapêutica de adicções**. Porto Alegre: Artes Médicas; 2001.

KALINA, E. et al. **Drogadição Hoje**. Porto Alegre, RS: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

KALOUSTIAN, S. M. & FERRARI, M. 1994. Introdução, pp. 11-15. In Kaloustian, S. M. (org.). **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo-Brasília, Ed. Cortez-Unicef, 1994.

KAUFMANN, E. F. Family therapy in substance abuse treatment (psychoactive substance use disorders - not alcoholic). In **Treatment of Psychiatric Disorders**: A Task Force, American Psychiatric Association. Washington, 1989.

KLASVOGT, P.; STAPEL, H. **Onde a Esperança tem nome**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1999.

KNAPP, P., BERTOLOTE, J.M. et al. **Prevenção de recaída:** um manual para pessoas comproblemas pelo uso de álcool e das drogas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

KRUG, J. A. Exclusão Social e as Múltiplas Formas de Violência: as frentes de ação profissional. In: **Debates Sociais**. RJ. CBCISS, n° 63/64, ano XXXIX, 2004. p. 57-67.

LANARO, E. C. O embate: drogas x sistema nervoso. In: SERRAT, S. M. (Org.). **Drogas e Álcool Prevenção e Tratamento**. Campinas, São Paulo: Editora Komedi, 2001. p. 47-54.

LANDAU, J. **O Poder em Números**: O Método ARISE para Mobilizar Família e Redes para Engajar Abusadores de Substância no Tratamento. Disponível em: <http://www.linkinghumansystems.com/docs/Revista4.pdf >. Acesso em: 05 ago. 2009.

LANDRE, M. A prevenção da recaída In: SERRAT, S. M. (Org.). **Drogas e Álcool Prevenção e Tratamento.** Campinas, São Paulo: Editora Komedi, 2001. p. 342.

LARANJEIRA, R. 2004. Prefácio. In PINSKY, I. & BESSA, M. A. (2004). **Adolescência e drogas**, p. 9-10. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Legalização de drogas no Brasil:** em busca da racionalidade perdida. Disponível em: <http://www. abead.com.br/politica/ >. Acesso em: 05 ago. 2009.

LIMA, R. B. **A terapia do amor proposta por João Paulo II, para o crescimento moral das pessoas em dificuldades**: uma resposta à recuperação de usuários de drogas no Brasil. Roma: Pontifícia Universidade Lateranense, Academia Afonsina, 2009.

LINS, T. A. C. **Drogas:** sintoma individual ou familiar? Disponível em: <http://www.tjpe.jus.br/vepa_arq/.../artigo%20Thaís%20-%20VEPA.doc >. Acesso em: 09 nov. 2009.

LOURENÇO, R. A. A família do dependente químico In: SERRAT, S. M. (Org.). **Drogas e Álcool Prevenção e Tratamento.** Campinas, São Paulo: Editora Komedi, 2001. p. 172.

_____. Aspectos psicológicos da dependência química In*:* SERRAT, S. M. (Org.). **Drogas e Álcool Prevenção e Tratamento.** Campinas, São Paulo: Editora Komedi, 2001. p.145-147.

MACHADO, L. O. **Movimento de dinheiro e tráfico de drogas na Amazônia**. Disponível em: <http://www.unesco.org/most/ds22por.htm>. Acesso em: 25 mai. 2009.

MAGELA, G. Dêem testemunhos da verdade! In **Esperança**. Guaratinguetá/ SP, sem data de edição, p. 36.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

MARLATT, G. A. & GORDON, J. R. **Prevenção de recaída** – estratégias de manutenção no tratamento de comportamentos adictivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MATOS, M. T. S.; PINTO, F. J. M.; JORGE, M. S. B. **Grupo de orientação familiar em dependência química:** uma avaliação sob a percepção dos familiares participantes. Disponível em: <http:// www.saude.ba.gov.br/rbsp/.../Revista_Vol_32_n_1_2008_Net.pdf >. Acesso em: 13 jul. 2009.

MAZUCA, K. P. P.; SARDINHA, L. S. **Dependência do álcool:** a importância da família no tratamento e na prevenção da recaída. Disponível em: <http//www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/.../1/artigo3.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2009.

MEIRELLES, S. **A Importância da Família para a Estrutura Social**. Disponível em: <http://www.institutoviraser.com.br>. Acesso em: 03 set. 2008.

MEIRELLES, S. **Dependência Química**. Disponível em: < http://www.institutoviraser.com.br>. Acesso em: 03 set. 2008.

MICHEL, O. R. **Alcoolismo e drogas de abuso:** problemas ocupacionais e sociais: a realidade do trabalhador brasileiro. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

MIDIO, A. F. **Glossário de toxicologia**. São Paulo: Roca, 1992.

MIERMONT, J. **Dicionário de Terapias Familiares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MINAYO, M. C. de S. (Org). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994. p. 21-22

_____. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-29.

_____. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINUCHIN, S. & FISHMAN, H. C. **Técnicas de Terapia Famíliar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1990.

MOLIVI, P. R. da S. **Álcool e Drogas no Trabalho**. Disponível em: <http://www.catho.com.br >. Acesso: em 01 jun. 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

MONCOVO, M. C. R. **Criando os filhos sozinha**: a perspectiva feminina da família monoparental. Disponível em: <http//www2dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610333_8_pretextual.pdf>. Acesso em: 05 out. 2010.

MORAIS, J. F. R. Drogadição: um mega-problema atual. In*:* SERRAT, S. M. (Org.). **Drogas e Álcool Prevenção e Tratamento.** Campinas, São Paulo: Editora Komedi, 2001. p. 18-19.

MOURA, R. S. P. de. Toxicomania – a sociedade no tribunal. In MORAIS, R. (Org.). **Construção social da enfermidade**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

NEHER, C. **Socorro, meu Deus!** O pesadelo das drogas**.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

NOVAES, A. R. **Tráfico de drogas e lavagem de dinheiro**: um estudo sobre a atuação das redes... Disponível em: <http://acd.ufrj.br/fronteiras/pesquisa/droga>. Acesso em: 11 nov. 2010.

NURCO, D. N., & LERNER, M. (1996). **Vulnerability to narcotic addiction**: family structure and functioning. Journal of Drug Issues, 26, 1996, p. 1007-1025.

OFICINA CIÊNCIA VIVA. Disponível em: < http://www.oficina.cienciaviva.pt/~pw020/g/crack.htm>. Acesso em: 22 nov. 2009.

OLIVENSTEIN, C. Toxicomania, exclusão e marginalidade. In BAPTISTA, M. & INEM,C. **Toxicomania**: uma abordagem multidisciplinar. Rio de Janeiro: NEPAD/UERJ: Sette Letras, 1997.

ORTH, A. P. S. **A dependência química e o funcionamento familiar à luz do pensamento sistêmico.** Disponível em: < http// www.labsfac.ufsc.br/documentos/dissertacaoAnaides.pdf >. Acesso em: 11 jul. 2009.

OSORIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PENSO**,** M. A. **Drogadição:** articulações entre a compreensão sistêmica e as possibilidade de tratamento do dependente químico. Disponível em: <http://www.cefetpb.edu.br/redeviva/arquivos/artigos/artigo_1.pdf >. Acesso em: 26 set. 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

PETRINI, J. C. **A Família fora de foco.** Disponível em: <http://www.dominiofeminino.com.br/.../antropologia_familia.htm>. Acesso em: 15 jul. 2009.

PINSKY, I.; BESSA, M. A. (Orgs.). **Adolescência e drogas.** São Paulo: Contexto, 2009.

PIRES, S., MATOS, A. et all. **Retratos da vida das famílias multiproblemáticas**. In: Revista Serviço Social & Sociedade, n. 80. São Paulo, Cortez, 2004.

POSSA, T.; DURMAN, S. **Processo de ressocialização de usuários de substâncias lícitas e ilícitas.** Disponível em: < http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script...>. Acesso em: 01 jul. 2009.

POSTER, M. **Teoria Crítica da Família**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. **Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família:** um estudo bibliográfico. Disponível em: < http:// www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413>. Acesso em: 06 jul. 2009.

PROCÓPIO, A. **O Brasil no mundo das drogas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 71.

RECIO, J. L. (1999). Familia e escuela: **agencias preventivas en colaboración**. Adicciones, 11(3), 1999, p. 201-207.

REHFELDT, K. H. G. **Álcool e Trabalho**: prevenção e administração do alcoolismo na empresa. São Paulo: EPU, 1989.

REIS, T. R. **O uso abusivo de álcool e outras drogas na sociedade brasileira e seus rebatimentos no âmbito da família**: breves considerações. Disponível em: <http://www.assistentesocial.com.br/agora3/reis.doc >. Acesso em: 10 jan. 2010.

REZENDE, M. M.**Curto-circuito Familiar e Drogas**. (2ª ed.). Taubaté: Universitária, 1997.

RIGOTTO S., GÓMES W. **Contextos de Abstinência e de recaída na recuperação da dependência química.** Disponível em: <http://www.adroga.casadia.org/recuperacao/abstinencia_e_recaida.htm >. Acesso em: 10 jun. 2010.

ROCHA, M. L. A. **A recaída do uso de drogas**. Disponível em: <http://www.ufmbb.org/.../index.php?...recaida>. Acesso em: 11 mai. 2010.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

RUTTER, M. **Resilience**: some conceptual considerations. Journal of Adolescent Health, n. 14, p. 626-631, 1993.

RYLKO, S. Acolhidos no coração da igreja. In **Esperança**. Guaratinguetá/ SP, sem data de edição, p. 19.

SANTOS, C. A. **Já aconteceu...e se espalhou!**: a história, o carisma e a espiritualidade da Fazenda da Esperança. Guaratinguetá, São Paulo: Fazenda da Esperança, 2009, p. 215.

_____. O carisma da esperança. In **Esperança**. Guaratinguetá/ SP, sem data de edição, p. 3.

_____; BRUSCHKE. **Da esquina para o mundo**: o que são as Fazendas da Esperança. Guaratinguetá, São Paulo, Editora Cidade Nova, 2007.

SANTOS, MA. In: Luis MAV, organizador. **Uso e Abuso de Álcool e Drogas**. Ribeirão Preto: FAPESP; 2000. [prefácio].

SARTI, C. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Ed. Autores Associados, Campinas, 1996.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. **A implicação da família no uso abusivo de drogas:** uma revisão crítica**.** Disponível em: < http://apps.einstein.br/alcooledrogas/novosite/index.htm>. Acesso em: 10 jul. 2009.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. **A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas:** uma revisão da literatura**.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n3/02.pdf >. Acesso em: 10 jul. 2009.

SCHWERZ, C. I. **A família como rede de apoio ao dependente químico:** desafios e possibilidades no âmbito da saúde pública. Disponível em: <http://www.biblioteca.universia.net/ficha.do?id=28657660 >. Acesso em: 12 jul. 2009.

SEADI, S. M. S. **A terapia multifamilar e a dependência química.** Disponível em: <http://www.tede.pucrs.br >. Acesso em: 13 jul. 2009.

SEIBEL, S. D. & Toscano, A. J. **Dependência de Drogas**. São Paulo: Atheneu, 2004.

SERRAT, S. M. (Org.). **Drogas e Álcool Prevenção e Tratamento.** Campinas, São Paulo: Editora Komedi, 2001. p. 13-149.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

SESI**. Levantamento sobre uso de drogas entre trabalhadores da indústria**. Disponível em: <http://www.obid.senad. gov. br >. Acesso em: 15 mai. 2009.

SIELSKI, F. **Filhos que usam drogas** – Um guia para os pais. Curitiba: Editora Adrenalina, 1999.

SINGLY, F. O nascimento do indivíduo individualizado e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C. et al. **Família e individualização.** Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 13-9.

SOARES, R. ; ROGAR, S. Uma droga brutal. **Revista Veja**, São Paulo, nº 44, Ano 42, Edição 2137, p. 66-67, nov. 2009.

SOUZA, A. M. N. **A Família e seu espaço**: uma proposta de terapia familiar. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1997.

SOUZA, M. F.**;** MELO, L. L. D.; MAGALHÃES, P. A. **Ex-Dependentes Químicos:** o difícil retorno ao convívio social**.** Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/12856/1/ex-dependentes-quimicos-o-dificil-retorno- >. Acesso em: 15 mai. 2009.

STEIMAN, R. **Tendências atuais de abordagem do narcotráfico**. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br>. Acesso em: 02 ago. 2009.

STERNSCHUSS, A. A Ausência do Pai. In J. Bergert. J. Leblanc. **Toxicomanias, Uma Visão Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1996.

SZYMANSKI, H. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. In: **Serviço Social & Sociedade**: São Paulo: Cortez, 2002, v. 71, Ano XXIII, p. 9-25.

TAUB, A.; ANDREOLI, P. B. A. (Orgs.). **Guia para família:** Cuidando da pessoa com problemas relacionados com álcool e outras drogas. São Paulo: Editora Atheneu, 2004.

TAVARES, A. V. et al. **A dependência química e o papel da família na reabilitação e ressocialização de jovens dependentes:** um estudo sobre a atuação do GREA. Disponível em: <http:// www.gpopai.usp.br/repositorio/document/?down=416>. Acesso em: 18 jun. 2009.

TEIXEIRA, G. **Drogas** – guia para pais e professores. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2007.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

TERUYA, M. T. **A família na historiografia brasileira:** bases e perspectivas teóricas. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br >. Acesso em: 01 jun. 2009.

THEOPHILO, R. **Drogadição:** as ilusões da droga. Disponível em: <http://www.adroga.casadia.org/.../drogadicao_Ilusoes_droga.htm >. Acesso em: 09 nov. 2009.

THOMAZ, H.; ROIG, P. M. **Reaprendendo com a drogadição.** São Paulo: Empório do Livro, 1998.

TIBA, I. **Juventude & Drogas:** anjos caídos. São Paulo: Integrare Editora, 2007.

_____.**123 Respostas sobre drogas**. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

TOSCANO Jr., A. Adolescência e drogas. In S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs.), **Dependência de drogas**, p. 283-302. São Paulo: Atheneu, 2001.

_____. Um breve histórico sobre o uso de drogas. In S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs.), **Dependência de drogas**, p. 7-23. São Paulo: Atheneu, 2001.

VIANA, P. S. Grupos de Apoio – os Alcoólicos Anônimos. In SERRAT, S. M. (Org.). **Drogas e Álcool Prevenção e Tratamento.** Campinas, São Paulo: Editora Komedi, 2001. p.205.

VICENTE, C. M. O direito à convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção do vínculo, p. 47-59. In: S.M. Kaloustian (org.). **Família brasileira,a base de tudo**. Ed. Cortez-Unicef, São Paulo-Brasília, 1994.

WIKIPÉDIA – **A Enciclopédia Livre.** Disponível em: <http://www.wikipedia.org/wuki/Crack >. Acesso em: 23 nov. 2009.

YAZBEK, M. C. "Pobreza e Exclusão Social: Expressão da Questão Social no Brasil". In: **Temporalis** 3. Brasília, ABEPSS, jan-jun. de 2001.

ZACHARIAS, D. **Drogas:** o árduo caminho da volta: coragem para mudar! Rio de Janeiro: Brasport, 2009.

ZALUAR, A. (Org.). **Drogas e cidadania**: repressão ou redução de riscos. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Drogas:** um panorama no Brasil e no mundo. Disponível em: <http://www.drogas.org.br>. Acesso em: 14 nov. 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

ZANOM, E. A. A **Fazenda da Esperança e a recuperação de toxicodependentes à luz da Doutrina Social de Igreja**. Disponível em: < http://www.fazenda.org.br >. Acesso em: 12 out. 2010.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

8.
Anexos

8.1.
Anexo 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social
Pesquisa: Egressos da Unidade Masculina da Fazenda da Esperança de Manaus: recaídas por quê?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Maria Izolda de Oliveira Barreto, vou desenvolver uma pesquisa para minha Dissertação de Mestrado em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - MINTER, junto ao egresso da Fazenda da Esperança e seu ente familiar. Convido-o(a) a participar, mas você não é obrigado(a) a isso. Você tem o direito de não participar desta pesquisa. A sua recusa não será motivo de nenhuma restrição futura de acesso aos serviços prestados na Fazenda da Esperança e, caso consinta em participar, a qualquer momento poderá desistir e se retirar sem nenhum constrangimento.

A pesquisa tem como objetivo: compreender os motivos que induzem o egresso da Fazenda da Esperança de Manaus a retornar ao uso abusivo de drogas.

Essas informações serão obtidas através de uma entrevista, realizada em sala reservada e os seus dados pessoais serão mantidos totalmente sob sigilo. A entrevista constará de perguntas a respeito de seu tratamento na Fazenda da Esperança, de seu retorno à família e de sua(s) recaída(s) e terá a duração de cerca 01:00 (uma) hora. As entrevistas serão gravadas para melhorar a qualidade dos dados. A gravação da entrevista é imprescindível para sua participação neste projeto. As entrevistas serão transcritas. Seu nome não será gravado nem será usado na transcrição da entrevista. Não usaremos nenhum tipo de informação que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

possa levar à sua identificação. Você pode desistir de participar a qualquer momento e a entrevista será desgravada na hora.

Esta pesquisa não oferece qualquer risco para sua relação social, familiar, profissional e de segurança nem para a sua saúde. Mas como benefício, poderá contribuir para a ampliação do conhecimento na área da drogadição que se refere à manutenção da sobriedade; e para o aperfeiçoamento da prática profissional do assistente social que atua nessa área com a equipe técnica da Fazenda da Esperança, com a família do adicto e com o próprio adicto.

Como responsável pela coleta de dados, estarei disponível para esclarecer suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, no telefone (92) 3654-5023 e através do e-mail izoldabarreto@hotmail.com. Se você preferir, também pode contatar minha orientadora Professora Ilda Lopes Rodrigues da Silva do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio através do telefone (021)3527-1290 ou e-mail: ilda@puc-rio.br

Entendidos os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e concordando em participar, você e a pesquisadora deverão assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, sendo que uma ficará consigo e a outra com a pesquisadora.

_____ _____

(Participante) (Pesquisadora)

Manaus, ____de_____de **2010.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

8.2.
Anexo 2- Roteiro de Entrevista

DADOS DO PRONTUÁRIO

Dados Sócio-Demográficos:

Nome:

Sexo:

Endereço:

Idade:

Ocupação:

Grau de escolaridade:

Estado Civil: Solteiro ( ) Casado ( ) Separado ( ) Outros ( )

Se separado, motivo da separação:

Tem Filhos: ( ) sim ( ) não – Quantos: ____

Composição familiar:

Relacionamento com o pai:

Relacionamento com a mãe:

Relacionamento com os filhos:

Outros dados:

Adição de Substância Psicoativa na família:

Conduta anti-social:

Início do uso:

Motivo(s):

Evolução do Uso, Abuso e Dependência:

Relacionamento com a justiça:

Há quanto tempo você usava drogas ao ingressar na FE?

Que problemas passou a ter, após o consumo de drogas?

Data da Entrada na FE: _____/ _____/ _____

Data da Saída da FE: _____/ _____/ _____

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

Roteiro da Entrevista

. Como você e/ou sua família souberam do trabalho desenvolvido pela FE.

. Dificuldades para se adaptar à FE. Se sim, quais foram as dificuldades e se não, o que facilitou a adaptação.

. As atividades da FE mais importantes.

. Contribuições para permanência na FE por 12 meses.

. Durante a internação, apoio da família.

. A FE trouxe algo de positivo à sua vida. Se sim, descreva.

. Ao sair da FE, você se sentia pronto para recomeçar uma nova vida longe das drogas.

. Retorno ao convívio familiar – sentimentos e percepções.

. Pontos considerados mais fortes na família para colaborar com o egresso.

. Adaptação fora da FE.

. Rotina do egresso no período de sobriedade.

. A prática do planejado para a nova vida.

. Tempo de permanência sóbrio após sair da FE.

. Motivos para a recaída.

. Sentimento ao recair.

. Tempo de recaída.

. O que o fez querer sair das drogas novamente.

. Onde você buscou ajuda para se reerguer (família, padre, etc).

. Você gostaria de colocar mais alguma coisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE FAMILIAR

Tópicos da entrevista para identificar o representante familiar

Nome:

Idade:

Parentesco com o egresso:

Roteiro

. O seu parente buscou ajuda para sair das drogas ou sua internação foi imposta pela família.

. Motivo da escolha da família pela FE.

. Reclamações do egresso durante o tratamento. Se sim, o que ele reclamou.

. Atividades (visitas, reuniões, festas) que a famílias participou durante a internação e a freqüência.

. A família respondeu as cartas recebidas.

. Mudanças percebidas pela família durante o tratamento. Se sim, quais.

. Nas últimas visitas familiares, o que a família ouvia do seu parente com relação a sua saída.

. A família procurou algum tipo de ajuda para se preparar para o retorno de seu parente.

. Expectativas da família para a saída do seu parente.

. Dificuldades sentidas pela família quando do retorno do seu parente.

. Seu familiar conseguiu, ou pelo menos tentou colocar em prática algo que havia planejado para a sua nova vida.

. Tempo de sobriedade após saída da FE.

. Percepção de sintomas de recaída.

. Aspectos facilitadores de recaída.

. Atitude da família ante a constatação da recaída.

. A contribuição da família para a sobriedade.

. O que gostaria de acrescentar.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

8.3.
Anexo 3- Pedido de Autorização de Pesquisa

Manaus, 04 de outubro de 2010.

AO
Pe. ANDERSON JOAQUIM DE CARVALHO FONTES
Coordenador da Unidade Masculina da Fazenda da Esperança
Manaus - AM

Senhor Coordenador,

Como é do seu conhecimento, preciso desenvolver uma pesquisa para minha Dissertação de Mestrado em Serviço Social da Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro - MINTER, junto ao egresso da Fazenda da Esperança e seu ente familiar.

Esclarecemos que essa pesquisa tem como objetivo: compreender os motivos que induzem o egresso da Fazenda da Esperança de Manaus a retomar ao uso abusivo de drogas e caracterizar essas causas.

A pesquisa, depois de concluída, poderá contribuir para a ampliação do conhecimento na área da drogadição que se refere à manutenção da sobriedade; e para o aperfeiçoamento da prática profissional do assistente social que atua nessa área; com a equipe técnica da Fazenda da Esperança, com a família do adicto e com o próprio adicto, considerando que se as causas da recaída forem detectadas, se terá como intervir sobre ela e evitar que ocorram na mesma proporção.

Para o desenvolvimento da pesquisa, faz-se necessário traçar o perfil sócio-demográfico dos egressos que completaram os doze meses de tratamento nessa unidade masculina da Fazenda da Esperança de Manaus no período de 2005 a 2008.

Em vista do exposto solicito de Vossa Reverendíssima acesso a documentação desses egressos (prontuário, fichas, carta), assim como autorização para consulta e posterior utilização dos dados pesquisados na citada dissertação. Naturalmente, afirmo que não usarei nenhum tipo de informação que possa levar à identificação dos egressos, isentando-os, assim como à Fazenda, de qualquer tipo de risco para a sua vida de um modo geral, me comprometo a manter o mais absoluto sigilo sobre os dados pesquisados.

Na oportunidade, informo que estarei disponível para esclarecer suas dúvidas no telefone (92) 3654-5023 e através do e-mail . Além disso, também minha orientadora, Professora Ilda Lopes Rodrigues da Silva do Departamento de Serviço Social da PUC- Rio poderá ser contatada através do telefone (021)3527-1290 ou e-mail: ilda@puc-rio.br.

O. S. N. S. G. Fazenda da Esperança

48.555.775/0029-50
OBRA SOCIAL N. S. DA GLÓRIA
FAZENDA ESPERANÇA
BR 174 S/Nº - KM 14 Ramal Claudio Mesquita Km-8
Manaus AM

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

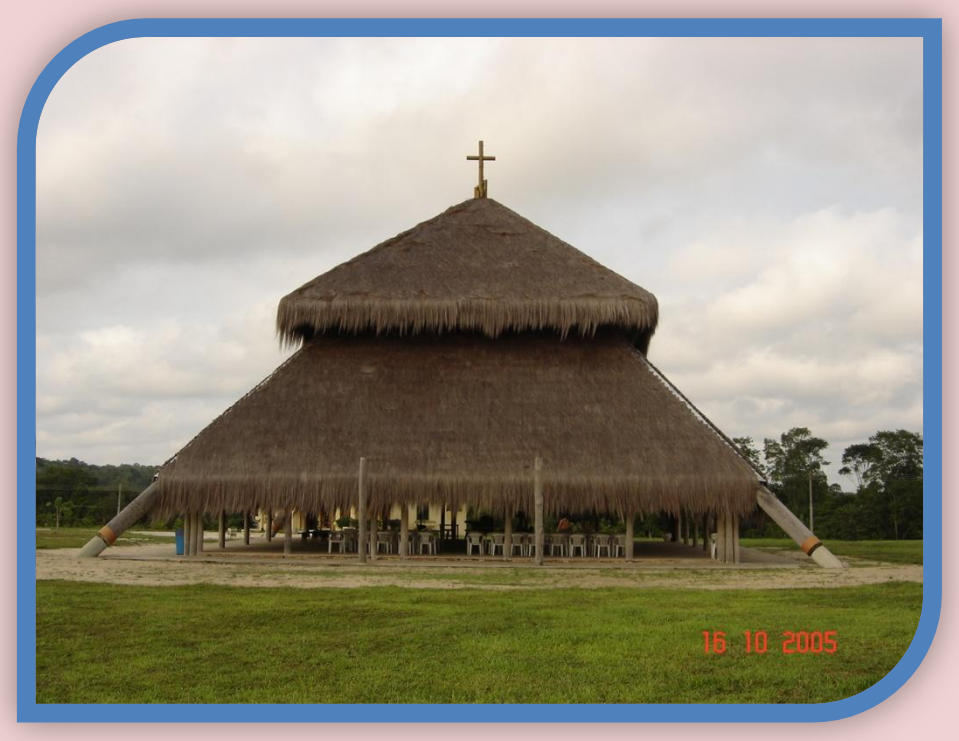
Registro Fotográfico

CONCURSO DE NATAL NA FE DE MANAUS

VISITA DO PAPA BENTO XVI NA FE EM GUARATINGUETÁ/ SP

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

FIGURA 4: ENCENAÇÃO DA VIA-SACRA NA FE DE MANAUS



IGREJA DA UNIDADE MASCULINA DA FE DE MANAUS

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA

PRAÇA E UMA DAS CASAS DA UNIDADE MASCULINA DA FE DE MANAUS

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0821847/CA